

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA– UESB  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MEMÓRIA: LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**LUCAS OLIVEIRA**

**OS JORNAIS, O CORPO E A MEMÓRIA DO INTEGRALISMO  
NA BAHIA: A CAPITAL E O INTERIOR DO ESTADO (1927-1945)**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA  
SETEMBRO DE 2023**

**LUCAS OLIVEIRA**

**OS JORNAIS, O CORPO E A MEMÓRIA DO INTEGRALISMO NA  
BAHIA: A CAPITAL E O INTERIOR DO ESTADO (1927-1945)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Linha de Pesquisa: Memória Cultura e Educação

Projeto Temático: Memória, Cidade e Cultura

Orientador: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta

**VITÓRIA DA CONQUISTA –BA  
SETEMBRO DE 2023**

O48j

Oliveira, Lucas.

Os jornais, o corpo e a memória do integralismo na Bahia: a capital e o interior do estado (1927 – 1945). / Lucas Oliveira, 2023.

159f.

Orientador (a): Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, Vitória da Conquista, 2023.

Inclui referência F. 152 – 156.

1. Integralismo. 2. Cultura Corporal. 3. Jornais. I. Marta, Felipe Eduardo Ferreira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. III. T.

CDD: 320.98142

*Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*  
UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: Newspapers, the body, and the memory of integralism in Bahia: the capital and the hinterland of the state (1927-1945)"

Palavras-chaves em Inglês: Integralism; Corporal Culture; Newspaper

Área de concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade

Banca Examinadora: Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta (presidente), Prof. Dr. José Alves Dias (titular), Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Júnior (titular)

Data da Defesa: 11 de setembro de 2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

## FOLHA DE APROVAÇÃO

LUCAS OLIVEIRA

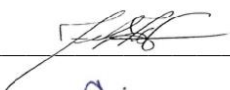
### OS JORNAIS, O CORPO E A MEMÓRIA DO INTEGRALISMO NA BAHIA: A CAPITAL E O INTERIOR DO ESTADO (1927-1945)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade – PPGMLS, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade

Local e Data da defesa: Vitória da Conquista/BA, 11 de setembro de 2023.

#### Banca Examinadora:


Prof. Dr. Felipe Eduardo Ferreira Marta –  
Presidente  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. José Alves Dias  
Instituição: UESB

Ass.: 

Prof. Dr. Coriolano Pereira da Rocha Júnior  
Instituição: UFBA

Ass.: 

gov.br Documento assinado digitalmente  
CORIOLANO PEREIRA DA ROCHA JUNIOR  
Data: 12/09/2023 09:00:50-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha mãe, Maria Ivonete Oliveira, mulher forte, de grande coração e resiliência, que me apoiou em cada momento e com carinho compreendeu minhas ausências. Ao meu avô-pai, Juvenal Alves Oliveira (*in memoriam*), homem do campo, minha primeira e maior referência de conhecimento, sabedoria e eloquência; por sua influência pude me apaixonar pela literatura, música e poesia. Somam-se dez anos de sua passagem e sua ausência física ainda ressoa profundamente. A minha irmã, Taniele, que nos presenteou com Maria Cecília, ainda tão pequena, porém, me trouxe folego novo para enxergar a beleza e o milagre que é vida.

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB que por meio da concessão da bolsa possibilitou que esta pesquisa fosse elaborada, sendo de grande importância desde os primeiros passos, seja com advento da pandemia, demonstrando ímpar a necessidade de apoio à atividade científica, e em todo meu processo de pesquisa e desenvolvimento acadêmico, meu muito obrigado! Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS) ao qual pude aprender de forma profícua no decorrer desta jornada, além de me possibilitar conhecer colegas e professores maravilhosos.

Sagro e agradeço a Deus por me permitir chegar até aqui, não me desamparar, ainda que eu por vezes não pudesse enxergar ou agradecer da forma mais acertada. Agradeço a minha mãe Maria Ivonete Oliveira por seu amor e por sempre me possibilitar sonhar mais alto. Agradeço aos poucos, contudo, valorosos amigos que sempre acreditaram e me incentivaram nos meus momentos de desânimo e incerteza frente a trajetória, não citarei nomes, pois quem esteve comigo neste processo se reconhecerá aqui. Agradeço especialmente a Melina. Mel, sou muito grato por todo apoio empregado nesses últimos meses, pela parceria, amizade, por me animar, e me suportar (em ambos sentidos do verbo transitivo direto). Agradeço também a minha prima Tainá Oliveira, pelo auxílio e por me receber sempre da melhor forma em Salvador.

Assim, agradeço do mesmo modo, aos Acervos em que pude pesquisar e onde fui muito bem recebido, como: o Museu Histórico de Jequié — João Carlos Borges, em nome de Júlio Lucas e Antônio Varjão; ao Centro de Documentação e Memória Regional (CEDOC) — Ilhéus, na pessoa de Stela Dalva e Tiago Casaes; Ao Arquivo Público do Estado da Bahia — Fundação Pedro Calmon, em nome de Marcelo pela atenção e disponibilidade para com o manejo dos microfilmes; ao Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista, na pessoa de Jailson Ribeiro e demais colaboradores que me acolheram de forma calorosa. Na mesma medida, o meu agradecimento a Indyhara Ventim, por compartilharmos os pesares do processo, e que através destes, fui direcionado a fontes valiosas no arquivo pessoal do Professor Ruy Medeiros. Semelhantemente, aqui fica o meu agradecimento ao professor Ruy Medeiros por me receber tão bem e me possibilitar enveredar em seus arquivos.

Meu agradecimento ao Professor Dr. Temístocles Silva, Tom, ao qual posso chamar amigo. Minha gratidão por todo apoio desde a graduação, por acreditar e me incentivar no

campo da pesquisa, enxergando que eu poderia alçar voos mais altos. Ao meu orientador o Professor Dr. Felipe Marta, por ter aceitado tal tarefa, pela paciência, e por ter me proporcionado uma experiência acadêmica ímpar, especialmente na disciplina Tirocínio Docente. À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB por ser minha casa desde a graduação, e ser essa grande base de produção de capital intelectual, social e cultural para o cenário baiano e nacional.

Gratidão!

“Sentiu-se esquecido, não com o esquecimento remediável do coração, mas com outro esquecimento mais cruel e irrevogável que conhecia muito bem, porque foi o esquecimento da morte.”

(Gabriel García Márquez, Cem Anos de Solidão)



## RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar a presença da Ação Integralista Brasileira no estado da Bahia, que foi o terceiro maior bastião dessa ideologia em nível nacional. O foco da análise está voltado para o impacto da ideologia integralista nas cidades de Vitória da Conquista, Jequié, Ilhéus e Itabuna, onde o partido exerceu uma influência considerável, superando até mesmo a capital do estado. A pesquisa abrange desde a inserção, o espraiamento do movimento, os conflitos locais, os embates com o PCB/ANL no sul do estado, bem como a vigilância por parte do governo estadual. Na Bahia, a AIB contou com o apoio de parte da imprensa, destacando-se o jornal "O Imparcial", um dos mais importantes da capital na época, que desempenhou um papel significativo na promoção e na propaganda entre os anos de 1932 e 1937. O caminho da Ação Integralista na capital e no interior do estado fica demarcado pelo apoio da juventude, pela disseminação da ideologia até os distritos, pelo coronelismo e pelo entusiasmo dos militantes, com efeito, pintam o cenário: ataques a bomba em núcleos, conflitos nas ruas, assassinatos e prisões. Outro elemento importante da atuação da AIB no estado são os núcleos educacionais. No seu projeto ideológico de transformação social da nação, Plínio Salgado, por meio da esfera educacional, procurou estabelecer a "Sociedade Integral e o Homem Integral". Nas cidades analisadas, o movimento visou através de seus núcleos escolares, não apenas a alfabetização, mas sobretudo a disseminação da ideologia, o fomento de um patriotismo exacerbado, a educação do corpo e a promoção da eugenia. Para isso, a Educação Física, a ginástica, os esportes e as atividades recreativas e de lazer, com o auxílio da imprensa, desempenharam um papel na promoção e na tentativa de concretização desse ideal para a AIB no estado. Outro elemento identificado nesse processo foi a incorporação da capoeira pelo movimento integralista, destaca-se a presença de Mestre Bimba em seus eventos, o que representa uma inserção e promoção curiosa do movimento no solo baiano. Destarte, este estudo oferece uma breve compreensão do Integralismo na Bahia, destacando sua influência em diferentes regiões do estado, sua relação com a política local, a mídia e a educação. A análise das fontes através do campo da memória, das produções acadêmicas, contribui para uma visão mais abrangente desse movimento político, suas motivações e marcas ainda não analisadas na história da Bahia. As discussões não se encerram neste estudo, havendo questões que carecem de análises, demonstrando a vivacidade do tema e a necessidade de estudos subsequentes.

**Palavras-chave:** Integralismo; Cultura Corporal; Jornais.

## ABSTRACT

This dissertation aims to analyze the presence of the Brazilian Integralist Action (Ação Integralista Brasileira) in the state of Bahia, which was the third-largest stronghold of this ideology at the national level. The focus of the analysis is on the impact of the integralist ideology in the cities of Vitória da Conquista, Jequié, Ilhéus, and Itabuna, where the party exerted a considerable influence, even surpassing the state capital. The research covers the insertion, spread of the movement, local conflicts, clashes with the Brazilian Communist Party (PCB) and the National Liberation Alliance (ANL) in the southern part of the state, as well as surveillance by the state government. In Bahia, the AIB received support from part of the press, with the newspaper "O Imparcial," one of the most important in the capital at the time, playing a significant role in promotion and propaganda between 1932 and 1937. The path of Integralist Action in the capital and the interior of the state is marked by youth support, the dissemination of the ideology to districts, the influence of local political bosses (coronelismo), and the enthusiasm of activists, painting a scene of bomb attacks on hubs, street conflicts, assassinations, and arrests. Another important element of AIB's activities in the state was its educational centers. In its ideological project for the social transformation of the nation, Plínio Salgado, through the educational sphere, sought to establish the "Integral Society and the Integral Man." In the analyzed cities, the movement aimed, through its school hubs, not only at literacy but, above all, at the dissemination of the ideology, fostering an exaggerated patriotism, physical education, and eugenics promotion. For this purpose, physical education, gymnastics, sports, and recreational and leisure activities, with the assistance of the press, played a role in promoting and attempting to realize this ideal for AIB in the state. Another element identified in this process was the incorporation of capoeira by the integralist movement, with the presence of Mestre Bimba at its events, representing an interesting insertion and promotion of the movement in Bahia. Therefore, this study offers a brief understanding of Integralism in Bahia, highlighting its influence in different regions of the state, its relationship with local politics, the media, and education. The analysis of sources through the field of memory and academic productions contributes to a more comprehensive view of this political movement, its motivations, and marks that have not yet been analyzed in the history of Bahia. The discussions do not end with this study, as there are questions that require further analysis, demonstrating the vitality of the subject and the need for subsequent studies.

**Keywords:** Integralism; Corporal Culture; Newspaper.

## LISTA DE SIGLAS

AIB	Ação Integralista Brasileira
ANL	Aliança Nacional Libertadora
AN	Arquivo Nacional
AMVC	Arquivo Municipal de Vitória da Conquista
APEB	Arquivo Público do Estado da Bahia
BPEB	Biblioteca Pública do Estado da Bahia
CMVC	Câmara Municipal de Vitória da Conquista
CPDOC/FGV	Centro de Pesquisa e Documentação em História/Fundação Getúlio Vargas
FLN	Frente de Libertação Nacional
IEED	Instituto de Educação Euclides Dantas
LCT	Legião Cearense do Trabalho
MRUESB	Museu Regional da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PRP	Partido da Representação Popular
UESB	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
SEP	Sociedade de Estudos Políticos
LASP	Liga de Ação Social e Política
LSN	Lei de Segurança Nacional
PCB	Partido Comunista do Brasil
PSD	Partido Social Democrático
SN	Secretariado Nacional
TSN	Tribunal de Segurança Nacional

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1 – Fachada e lateral do “Bar e Pastelaria Fascista” em 1930. Jequié-BA.....</b>	<b>84</b>
<b>Figura 2 – Jovens Integralistas do Núcleo Municipal da AIB. Jequié-BA.....</b>	<b>88</b>
<b>Figura 3 – Juvenal de Oliveira, Advogado, político e Militante Integralista.....</b>	<b>120</b>
<b>Figura 4 – Jornal <i>A ETC</i>, Medicamento Lipolysin - Corpo belo.....</b>	<b>126</b>
<b>Figura 5 – Integralistas da 1ª e 2ª Escola Esportiva em forma, Salvador -BA.....</b>	<b>136</b>
<b>Figura 6 – Estudantes em forma frente ao Núcleo Escolar Integralista Stª Inês.....</b>	<b>140</b>
<b>Figura 7 – Núcleo Escolar "Caetano Spinelli", em Jequié – BA.....</b>	<b>142</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2 “INTEGRALISMO: DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA” .....</b>	<b>23</b>
2.1 Salvador e o Integralismo .....	29
2.3 O Jornal, o Integralismo e Sua Bibliografia: Memória e Esquecimento.....	37
<b>3 INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA E O INTEGRALISMO .....</b>	<b>47</b>
3.1 Ilhéus e Itabuna: “A formação da burguesia cacauzeira” .....	47
3.1.2 “Os Verdes e os Vermelhos nas Terras do Cacau”: O Integralismo, o Comunismo e o Antifascismo em Ilhéus e Itabuna .....	52
3.2 Jequié, a colônia italiana e os sigmas .....	79
3.3 Vitória da Conquista e Sua Política	100
3.3.1 O jornal e a política: O Combate, Avante e o A Luta .....	103
3.3.2 Conquista e os Camisas Verdes .....	106
<b>4 INTEGRALISMO E A EDUCAÇÃO DO CORPO .....</b>	<b>124</b>
4.1 O Integralismo, a Educação e Discurso do “Homem integral” .....	124
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>149</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>152</b>
<b>OBRAS INTEGRALISTAS .....</b>	<b>157</b>
<b>FONTES .....</b>	<b>158</b>
<b>JORNAIS CONSULTADOS .....</b>	<b>159</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O caminho de interesse pelo assunto advém do processo de graduação, onde por meio do desenvolvimento de pesquisas que buscavam compreender as relações entre a memória, o esporte, a política, a cidade e a cultura corporal na primeira metade do século XX no estado da Bahia. Assim, nasceu o trabalho “Futebol Sim, mas não só: a presença das lutas em periódicos da cidade de Salvador (1912 – 1935)” (OLIVEIRA et al., 2021). No estudo citado, um elemento surgiu – o “Integralismo” – em meio à problemática de pesquisa e trouxe à tona uma série questionamentos. A partir de então, busquei entender o porquê desse movimento gozar de frequência e grande espaço cedido nas colunas d’**O Imparcial**, jornal analisado. A relação do periódico com a Ação Integralista Brasileira (AIB) endereçaram-me ao trabalho de Lais Monica Ferreira (2009) **Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937**, e, a partir de então, movem-se as linhas que se seguem.

Por meio das inquietações geradas inicialmente, já era possível localizar que o movimento contou com grande aceitação por parte da classe média baiana e não ficou restrito a capital, espreado-se para o interior do estado, fazendo parte do cotidiano e adquirindo matizes que poderão ser observadas mais à frente. No seu processo de inserção e disseminação, as tensões estiveram presentes. Perpassando por prisões, fechamento de escolas, bem como a existência de dualidades, sendo perseguições ou apoio de figuras políticas importantes, apoio de literatos ou sua oposição ferrenha. Outro traço foi a eleição de elementos inscritas em suas fileiras: nomeação de vereadores e prefeitos integralistas. A sua relação com o catolicismo também foi ponderada, bem como seu processo de adaptação às questões regionais pelo movimento. Com efeito, são elementos que geraram enorme curiosidade e merecem atenção e nos legaram a outros trabalhos que identificaram esse fenômeno no estado.

Alguns trabalhos nos permitiram apontamentos sobre o integralismo no interior, como é o caso da pesquisa de Jacira Cristina Santos Primo (2006; 2013)<sup>1</sup>; o estudo de Álvaro Neto (2016) **Os Camisas-Verdes na região cacauêira**<sup>2</sup>: qual versa sobre atuação integralista no sul

---

<sup>1</sup> Jacira Primo (2006) com sua tese de dissertação **Tempos Vermelhos: a Aliança Nacionalista Libertadora e a política brasileira (1934-1937)**, e seu trabalho derivado de tese de doutoramento, intitulado **Nas Fileiras do Sigma: os integralistas e a política brasileira na década de 30**, busca analisar as ondas repressivas por que passou a AIB na Bahia. Tenta compreender as possibilidades existentes no contexto político da década de 1930 e 1940 e de que forma o integralismo veio a se tornar uma alternativa de poder ao governo Vargas. O estudo também analisa a experiência dos camisas verdes que se mantiveram nas fileiras do sigma, resistindo e enfrentando a repressão desencadeada contra eles.

<sup>2</sup> O estudo também contextualiza a fundação da Ação Integralista Brasileira na Bahia, destacando a circulação de suas ideias no meio estudantil, os embates travados com grupos de esquerda e a aproximação com o pensamento católico. Além disso, analisa a produção intelectual de Eulálio Motta, em especial os textos que publicou no jornal jacobinense **O Lidador**, a fim de compreender a atividade doutrinária desenvolvida com vistas à arregimentação

da Bahia (1934 – 1938) analisa parte da trajetória política e intelectual de Eulálio de Miranda Motta e tem como foco a militância integralista do poeta na região de Mundo Novo, Bahia, entre os anos de 1932 e 1947; Ou o estudo de Amélia Saback Alves Neta (2012), intitulado **Os verdes às portas do sertão**<sup>3</sup>: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945), investiga o movimento integralista no interior da Bahia, particularmente nas cidades de Serrinha e Alagoinhas, entre 1932 e 1945.

Outros estudos como o trabalho de Marcelo Lins (2007) intitulado **Os vermelhos nas terras do cacau**: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)<sup>4</sup>, ainda que o objeto do seu estudo tenha sido discutir a presença comunista no sul da Bahia e da Aliança Nacional Libertadora (ANL), antagonista da Ação Integralista Brasileira – no eixo Ilhéus-Itabuna, nos auxiliou a compreender também as relações do movimento com as cidades; bem como, a dissertação de mestrado intitulada **As forças secretas da revolução**: antisemitismo verde-oliva na Bahia (1933-1937) de David Costa Rehem (2011); Fernando Santana de Oliveira Santos (2018), **Intelectual de(a) Ação: a militância integralista** de Eulálio de Miranda Motta no interior da Bahia (Mundo Novo, 1932-1947); e mais recentemente, a dissertação de mestrado de André Silva Carvalho (2020) intitulada **A Caravana Integralista em Tucano. Poder local e integralismo no sertão baiano (1930-1949)**<sup>5</sup>. Tais estudos mostram não somente a relevância do tema, assim como os campos que podem ser explorados acerca da temática no interior do estado.

Desse modo, após a análise bibliográfica, e ao identificar as principais cidades da década de 1930 onde se constituíram os principais núcleos da Ação Integralista Brasileira no interior

---

de novas fileiras e à propagação do projeto político integralista. São assim ressaltados o teor anticomunista, o discurso religioso e a concepção de Estado impresso na produção jornalística e literária do mundonovense. Por fim, investiga-se a participação de Motta no jogo político local e a tentativa de projeção em âmbito estadual, percorrendo o funcionamento do movimento integralista em diferentes momentos: no período de existência legal, durante o período de proscrição e após o retorno à cena política sob a legenda do Partido de Representação Popular (NETO, 2016).

<sup>3</sup> Relaciona o programa doutrinário e a ação política dos integralistas nesses municípios e examina como a doutrina foi assimilada e levada à prática pelos adeptos do sigma. O jornal **O Serrinhense** (1935-1936) e as cartas trocadas entre lideranças locais e de outras regiões do país serviram de suporte documental. Analisa também o conjunto de textos de comunistas congregados no PCB produzidos entre 1938 e 1945 para combater o integralismo, por eles associado ao nazifascismo. A revista **Seiva** (1938-1943), as crônicas do escritor Jorge Amado (1942-1944) e o jornal **O Momento** foram os meios através dos quais os “pecebistas” baianos atacaram os integralistas e produziram uma memória daqueles anos de confrontos políticos e ideológicos.

<sup>4</sup> Esse trabalho foi de suma importância para o presente estudo por nos permitir compreender de que forma o antagonismo entre os “verdes” e os “vermelhos” se deu, e nos permitiu descrever de que forma o integralismo encontrou lugar nas cidades. Outro ponto importante abordado no trabalho é o contexto socioeconômico regional. No capítulo II, é traçado um panorama da AIB e de que forma essa rivalidade se constituiu como uma das ferrenhas do interior do estado, com os ataques diretos de agressão física, bombas em sedes integralistas atribuídas aos comunistas e suas principais implicações para a realidade do sul da Bahia.

<sup>5</sup> Este trabalho constrói sua narrativa a fim de explorar o integralismo no sertão baiano usando a cidade de Tucano-BA entre 1930 e 1940 como recorte histórico.

do estado da Bahia, observou-se uma lacuna sobre as cidades de Jequié, Vitória da Conquista, Itabuna e Ilhéus. A cidade de Jequié com numerosa presença da colônia italiana, com jovens politicamente ativos, elegeu vereadores e obteve o maior número de núcleos escolares integralistas. Mas como se deu esse processo? Haveria uma aproximação de ideologias, sendo o integralismo o representante do fascismo italiano na cidade? E Conquista, cidade que contou com apoio de literatos, porém com pouca expressão política no município. A que se deve o contraste com o município vizinho?

Como ocorre o processo de inserção nas cidades do sul baiano, com a força dos coronéis e de jovens militantes? Itabuna Ilhéus, maiores produtora de cacau à época. Sendo esta última condecorada com o título de “cidade Integralista” por Plínio Salgado em 1935, isso em decorrência do fato de seu núcleo ser o mais forte da região e dispor de mais de 1.000 inscritos em suas fileiras (SAMPAIO, 1985). Tais cidades tiveram núcleos fortes e impactaram politicamente a região, bem como todo o estado, principalmente no âmbito da educação, ponto caro a esta pesquisa. Cabe informar que as notas jornalísticas a respeito do movimento se relacionavam aos aspectos educacionais não só por meio da abertura de instituições de ensino e sua formação ideológica, mas também por meio da “educação do corpo” do militante integralista. Elemento que não foi pontuado por nenhum trabalho que versou sobre o movimento no estado. Nesse sentido, a abertura tanto na capital como no interior de instituições de ensino lega mais do que os aspectos relacionados à alfabetização, mas sobretudo sobre os aspectos de ordem, doutrinação, e os elementos da educação corporal, que dão margem para analisar não somente a promoção do movimento, como possivelmente o uso do esporte e do lazer por parte da Ação Integralista Brasileira (AIB).

Destarte, esta pesquisa se propõe analisar os jornais, o corpo e a memória da AIB no estado da Bahia, sendo este, o terceiro maior contingente da ideologia a nível nacional. Tem enfoque no impacto da ideologia integralista nas cidades do interior acima mencionadas. Tal análise perpassa desde a inserção e espraiamento, as querelas, embates locais e os conflitos com partidos de fora do estado (PCB/ANL), bem como, a vigilância do governo estadual. A Ação Integralista Brasileira na Bahia contou com o auxílio da imprensa, tendo no jornal no **O Imparcial** (um dos grandes e mais importantes da capital à época), apoio e intensa propaganda entre anos de 1934 e 1937, de modo semelhante, identificou-se o apoio da Revista *Etc*, fonte pouco explorada. Tais elementos somam-se ao projeto ideológico de transformação social da Nação de Plínio Salgado, que através do âmbito educacional tentaria constituir a “Sociedade integral e o Homem integral”. Na capital e cidades analisadas, a atuação do movimento buscou através de seus núcleos escolares, a ideologização, o patriotismo, a educação do corpo, e a



eugenia. Para isto, a Educação Física, os esportes e o lazer, com o auxílio da imprensa, atuaram no sentido da promoção e na tentativa do alcance desse ideal para a AIB no estado.

Assim, cabe-nos delinear a linha temporal, justificativa e os procedimentos teórico-metodológicos para compreensão do caminhar da pesquisa. A baliza temporal compreende o final dos anos 1920 (1927) tendo como base o início das análises dos periódicos e 1945, como ponto crítico, sendo este, o fim do Estado Novo e as movimentações de retorno de Plínio Salgado ao Brasil. Contudo, detém atenção os anos 1932 a 1937, entendendo que tal delimitação se deve ao próprio objeto de estudo. Levando em consideração que 1932 é o ano de fundação da Ação Integralista Brasileira e a sua extinção em 1937, devido à ação do governo de Getúlio Vargas por meio da qual ficaram proscritos todos os partidos políticos. Para compreensão do movimento, estudos vêm sendo produzidos em maior número desde os anos de 1970 e, no Capítulo 1, é feita uma revisão dessa produção.

No que se refere a justificativa, uma das encontradas como pontuada acima refere-se as cidades do interior do estado. Por se tratarem de cidades, pouco, ou não analisadas enxergou-se a necessidade de traçar o caminhar da AIB, visto o número de fontes encontradas, adeptos e incursões feitas pelo movimento no estado. Outra justificativa, deve-se a encaminhamento das fontes, assim como, o alinhamento da linha de pesquisa do Programa de Pós-Graduação: Linguagem, Memória e Sociedade (PPGMLS), e por último, o alinhamento às questões relativas à educação/ensino e ao corpo, concernentes a área de pesquisa e a formação acadêmica inicial do pesquisador.

Isto posto, para a compreensão de “corpo” e “educação do corpo” ao qual estaremos abordando neste estudo, corroborando com Regina Duarte Simões (2009), considero aqui a educação do corpo todas as questões relativas à saúde física, bem-estar e estética do corpo, desde práticas de higiene, exercícios físicos e medicina preventiva até o cuidado dos alimentos, tratamentos e produtos cosméticos que melhoram o aspecto físico, assim como orientações durante a gestação. Tais aspectos foram abordados por meio do movimento integralista nos anos 1930 e estiveram presentes nos jornais e revistas analisados, tanto na capital quanto no interior do estado.

Outrossim, para a compreensão do tipo de fonte escolhida para esta pesquisa cabe-nos pontuar que a palavra escrita, veiculada em jornal ou revista, tornou-se uma das ferramentas mais importantes de propagação da ideologia integralista em todo território nacional. Quanto a este aspecto, o uso desta fonte como meio para o desenvolvimento desta pesquisa é de suma importância. Heloisa de Farias Cruz (2000) pontua que os jornais e revistas projetavam sobre a

cidade as demandas de diferentes grupos sociais e davam visibilidade a um processo acelerado de ocupação dos espaços públicos.

A imprensa, constituindo-se enquanto um dos espaços de gestação e manifestação de novas significações e projetos sociais, apresenta-se como suporte documental fundamental. A autora diz que o próprio movimento de expansão da imprensa periódica, e o seu fazer-se, mostra-se como umas das facetas culturais mais importantes do processo de formação/transformação da vida urbana (CRUZ, 2000). Deste modo, o conceito de periodismo, adotado neste trabalho no que tange à comunicação impressa periódica,

[...] nos propõe pensar a imprensa como prática social constitutiva e instituinte dos modos de viver e pensar a cidade. Com o uso proposital da noção de periodismo, busca captar o movimento de fazer imprensa como experiência e prática cultural de sujeitos sociais, surpreendendo as redes sociais de comunicação que aí se constituem. No diálogo crítico com as experiências e motivações dos diferentes grupos produtores daquelas publicações, indaga sobre os sentidos do fazer imprensa, apontando para disputas em meio as quais esses personagens e suas publicações se moviam naquele tempo. (CRUZ, 2000, p. 11).

Aqui, mais do que simplesmente investigar a imprensa como dimensão derivada ou paralela dos contextos sociais, ou fonte de informação, empenha-se em compreender o periodismo como dimensão articulada do processo de constituição do espaço político, urbano e de afirmação dos grupos, construção de lugares, sociabilidades e práticas corporais e culturais da cidade. Em vista disso, cabe-nos o delinear de forma mais detalhada o caminho de pesquisa, os procedimentos metodológicos e os materiais utilizados para dar suporte a este estudo. Uma vez realizada intensa investigação para o levantamento de fontes primárias, selecionou-se para este estudo os seguintes materiais: jornais, revistas, atas municipais, cartas, panfletos políticos e documento integralistas.

No que se refere aos jornais, os periódicos do interior do estado da Bahia consultados foram: o **Diário da tarde** da cidade de Ilhéus, analisando-os nos anos de 1935-1937; **O correio de Ilhéus**, no ano de 1930; e o jornal **O Intransigente**, no ano de 1937. O acesso a esses jornais se deu por meio do Centro de Documentação e Memória Regional da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEDOC/UESC) e foram consultadas mais de 400 edições, sendo fotografadas 246 matérias para este estudo. Outros jornais consultados foram o jornal **A Tribuna**, da cidade de Jequié, e o **Jornal Jequié**, da cidade homônima. As edições jornalísticas estavam alocadas no Museu Histórico de Jequié, e não foi possível analisar um número considerável de edições dos jornais descritos, isso devido ao museu passar por reformas no período da pesquisa e por

algumas edições não demonstrarem bom estado de conservação. Ainda assim, analisou-se o material disponível, sendo notas esparsas entre os anos de 1930-1960. Foram fotografadas 21 edições dos jornais.

Outro periódico do interior analisado foi o jornal **O Combate** de Vitória da Conquista. Analisou-se as edições entre os anos 1929 e 1945 por meio do Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista e através do Acervo pessoal do Prof. Dr. Ruy Hermann Araújo Medeiros<sup>6</sup>. Os jornais variavam quanto ao seu estado de conservação, entretanto nos permitiram uma análise satisfatória. Outras edições jornalísticas raras de Vitória da Conquista, obtidas por meio do Acervo, foram os periódicos: **A Luta** nos anos de 1936-1937 (72 edições fotografadas); **Avante** no período de 1931-1933 (7 edições); **O Estado Novo**, no período de 1939-1942 (6 edições). Sendo possível localizar ao total cerca de 563 edições dos jornais.

Outra fonte de muito valor foi um compilado de documentos de Juvenal de Oliveira, integralista atuante na cidade e amigo de Plínio Salgado. Este material foi disponibilizado pelo professor Ruy Medeiros, e, através desse documento, foi possível analisar cartas entre Plínio Salgado e Juvenal de Oliveira, documento de associação ao PRP, fotos e panfletos partidários. O compilado de documentos contém também arquivos pessoais e abrange os anos de 1923 a 1975. Destarte, no que se refere às fontes jornalísticas do interior, somaram-se 864 edições jornalísticas analisadas. Deste montante, selecionou-se 342 edições para a produção deste estudo e mais 58 páginas do compilado de documentos acerca do integralista Juvenal de Oliveira, bem como páginas da Ata da câmara Municipal de Vitória da Conquista.

No que se refere às fontes da capital do estado da Bahia, analisou-se o periódico **O Imparcial** nos anos de 1935 a 1938. O acesso a esse periódico se deu por meio do acervo da Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital) no ano de 1935; e os anos 1936-138 através do acervo microfilmado do Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) unidade da Fundação Pedro Calmon (FPC). No que tange ao jornal **O Imparcial**, este merece atenção por ser considerado

---

<sup>6</sup> Advogado, professor, pesquisador e doutor pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Ruy Hermann Araújo Medeiros, preso político durante o regime ditatorial que vigorou no Brasil entre 1964 e 1985. Foi preso e torturado graças à sua participação em movimentos de resistência ao regime. A primeira prisão ocorreu em 1968, quando protestava em defesa da liberdade dos líderes estudantis presos pelos militares por causa da realização do Congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE), em Ibiúna. Em 1973, de volta a Vitória da Conquista, já tendo concluído o curso de direito pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Salvador e se iniciado na advocacia, é convidado pelo então prefeito Jadiel Matos para assumir a função de Procurador-Geral do Município (então denominado de Consultoria Jurídica). No entanto, ficou pouco tempo no cargo. Em maio de 1973, foi novamente preso. Mais uma vez, por suas vinculações com o Partido Comunista. Militares fortemente armados o abordaram na Travessa Adriano Bernardes, o jogaram dentro de um fusca e o conduziram até próximo do Distrito de Inhobim. Posteriormente transferido para Salvador, Ruy foi torturado e violentamente espancado. É atualmente professor de Teoria da Constituição e Direito Constitucional. O prof. Dr. Ruy Medeiros representa, para o movimento estudantil, a coragem: a necessidade de não ter medo. (texto disponibilizado pelo portal do Centro Acadêmico Ruy Medeiros – CARM-UESB).

pelo Monitor integralista (1937, p. 10) um braço da doutrina integralista na Bahia e dispor de considerável número de ocorrências por meio da hemeroteca digital no que se refere aos seguintes descritores: “Integralismo” (44 ocorrências); “Plínio Salgado” (30); “Integralis” (7); “Physica” (36) e totalizando 140 edições no ano mencionado.

Outro aporte da capital foi a revista *A Etc*, intitulava-se **Revista de Cultura e Mundanidades** da qual foram analisadas as publicações entre os anos de 1929-1936, somando 165 edições no período mencionado. Destas edições, filtrou-se as notas por meio do acervo da Biblioteca Nacional (Hemeroteca Digital) por meio dos seguintes os descritores: “integralismo” (30 ocorrências); “Integralis” (7) “Salgado” (21). Apesar de a revista não constar como órgão integralista, esta mostrou-se afeita ao movimento devido ao considerável número de notas durante o período analisado e ao largo espaço cedido ao movimento, seja em textos de lideranças nacionais, como Plínio Salgado, Gustavo Barroso e Miguel Reale, como também de integrantes e ex-lideranças da AIB-BA, a exemplo de Nicanor de Carvalho<sup>7</sup>, Lourenço Ferreira Reis<sup>8</sup>, Oldegar Vieira<sup>9</sup> e Carlos Fiuza de Castro<sup>10</sup>. Ademais, outro local de pesquisa foi o Arquivo Público e Histórico de Rio Claro (APHRC) — Biblioteca Plínio Salgado, por meio do catálogo *on-line* foi possível localizar fotos e trabalhos sobre a temática.

Entendendo a variedade das fontes impressas e suas possibilidades de análise e seleção, as notas jornalísticas foram escolhidas conforme as indicações de Tania Regina Luca (2005) atentando-se para as características de ordem material, organização interna de conteúdo e suas transcrições. Caracterizou-se também a que público se destinava, e suas fontes de receita. Desenvolveu-se aqui semelhantemente, uma caracterização dos grupos responsáveis pelas publicações, os proprietários e seus colaboradores.

Desta maneira, a divisão desta dissertação fica organizada em seções e subseções numa tentativa de tecer um fio de ligação que faça sentido para o leitor. A segunda seção é intitulada “**Integralismo: Deus, Pátria e Família**”, nela são explicitados os fundamentos do pensamento ideológico de Plínio Salgado e do lema integralista. Serão abordados os seguintes aspectos na subseção **2.1 Salvador e o Integralismo**, qual demarca o contexto urbano, político e social da capital do estado, e o percurso feito pela AIB na capital do estado da Bahia bem como suas relações com a imprensa. Em seguida em **O Jornal, o Integralismo e sua Bibliografia: Memória e esquecimento**, subseção 2.1.1, pontua os principais estudos acerca do tema, bem

---

<sup>7</sup> Advogado, escritor e integralista da AIB-BA.

<sup>8</sup> Escritor e Integralista da AIB-BA.

<sup>9</sup> Advogado, escritor, membro da Academia de Letras da Bahia e integralista da AIB-BA

<sup>10</sup> Advogado, escritor e integralista da AIB-BA.

como, caracteriza as distintas fases dessa produção acadêmica, versa sobre a constituição do integralismo e a sua relação dialógica com o jornal. Nessa seção são utilizados os pressupostos dos estudos do campo da memória para analisar e compreender o jornal; este, veículo de imprensa de extrema importância para o movimento integralista no seu processo de massificação de sua ideologia.

Na seção 3, **O Interior do estado e o Integralismo**, expõe-se de que maneira o movimento atuou no interior do estado baiano, adquirindo matizes diferentes em cada cidade. A subseção 3.1, que tem por título **Ilhéus e Itabuna: a formação da burguesia cacauera** alude a respeito de como a formação econômica influenciou a conformação política das cidades. A seguir, em 3.1.1 **“Os Verdes e os Vermelhos nas Terras do Cacau”**: **O Integralismo, o Comunismo e o Antifascismo em Ilhéus e Itabuna**, concentra esforços em analisar e elencar as particularidades de um dos núcleos integralistas mais atuantes do interior do estado da Bahia, bem como acerca de suas disputas políticas com o Partido Comunista Brasileiro (PCB) e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), disputas que ultrapassaram o campo do discurso, resultando em ataques à bomba em sedes integralistas, e de ambos os lados, agressões em vias públicas e prisões.

Intitulada **Jequié, a colônia italiana e os sigmas**, a subseção 3.1.1.1 retrata de que maneira se deu a inserção da colônia italiana e demais imigrantes ali presentes, e de que modo tal ocorrência poderia ter influenciado na aderência ao movimento integralista na cidade de Jequié. A existência do “Bar fascista” como ponto de encontro entre a ideologia de Plínio Salgado, a colônia italiana, demais estrangeiros e o fascismo, são passíveis de análise de mimetismo ideológico. Outro elemento desta subseção refere-se ao âmbito educacional, sendo a abertura de escolas integralistas desenvolvida em Jequié uma das mais expressivas, contando com sete núcleos escolares dispersos entre a sede e distritos, onde matricularam-se cerca de 300 alunos. Personagens de relevo social, políticos que circunscreveram seu nome junto ao movimento político e a inexistência de vestígios sobre o passado integralista são pontuadas. Para isso, postula-se a partir dos pressupostos da memória, possíveis relações de esquecimento, apagamento, silêncio, bem como, a conservação das fontes para a manutenção da memória social e individual do integralismo. E, por fim, fala-se sobre a visita de Plínio Salgado a cidade em 1949, na qual, mesmo após ao fim da AIB, o político consegue lotar o teatro da cidade com cerca de mil ouvintes.

A subseção 3.1.1.1.1 tem por título **Vitória da Conquista e sua política**, demarca brevemente a formação política da cidade de Vitória da Conquista e suas possíveis implicações quanto a aderência da ideologia. Na subseção 3.2, **O jornal e a política: O Combate, Avante**

e o **A Luta**, elenca de que maneira a opinião da mídia jornalística teve impacto no cenário político local e quais eram seus principais atores. Em 3.2.1, **Conquista e os Camisas Verdes** aborda a presença do integralismo na cidade de Vitória da Conquista. A cidade abriga o integralismo, no entanto, o movimento não consegue força política como aconteceu nas cidades vizinhas analisadas; isto, devido à força constituída pelo coronelismo e pelos partidos maior expressão dentro do estado.

É interessante perceber a relação do movimento com a imprensa local, a educação integralista, o apoio de professores, literatos, e personagens políticos importantes que flertaram ou simpatizaram com o movimento ainda que por um breve período. Após fim da AIB, a cidade de Vitória da Conquista ainda abriga remanescentes ideológicos do integralismo que atuam até a constituição do Partido de Representação Popular (PRP) na cidade, pós Estado Novo. A ligação de Plínio Salgado com alguns poucos partidários baianos é importante pois demonstra a força ideológica e a fidelidade constituída nos anos 1930, ainda que, sem a mesma força e expressão. Com efeito, tais remanescentes na região servem de auxílio ao PRP, na ocasião da visita de Plínio Salgado à Bahia no ano 1949 ao qual passa por diversas cidades onde a fidelidade e o ardor militante ao Chefe ainda são vistos. A cidade de Vitória da Conquista abriga um personagem importante, o advogado e militante Juvenal de Oliveira, eleito vereador pelo partido, ao qual detém forte amizade com Plínio Salgado e se mantém fiel ao “credo verde” até o fim de sua vida.

Na quarta seção, **Integralismo e a Educação do Corpo**, os elementos são explorados em **O Integralismo, a Educação e Discurso do “Homem integral”**, onde perpassa pela análise do que viria ser esse “homem integral” e a “sociedade integral” na visão do Movimento Integralista, bem como, as relações com os movimentos higiênicos e eugênicos. Investiga as ações educacionais por parte da AIB nas cidades analisadas neste estudo. Tal caminho construído escoa pela percepção de ideologização do ensino integralista, e dos elementos constitutivos, como: patriotismo exacerbado, eugenia e a utilização dos aspectos da Educação Física e da educação corporal, para a constituição de uma “Educação Integral” e do “Homem integral”.

Nesse sentido, investiga-se a promoção de eventos esportivos e de recreação/lazer<sup>11</sup> na capital como ferramenta de arregimentação ao movimento, indicando um possível uso político

---

<sup>11</sup> Levando em conta a geração de saberes acerca da recreação e do lazer no Brasil, observam-se a variedade e discordâncias no âmbito conceitual. Aqui, para de não tecer anacronismos não se elencará quais categorias do lazer foram utilizadas pelo movimento. Contudo, compreende-se que a utilização do lazer pelo movimento integralista poderia aproximar de uma visão reguladora e de controle do tempo livre dos militantes integralistas como a

do esporte. Ademais, pontua-se a inserção do Mestre Bimba em ações de promoção da capoeira nos círculos integralistas, sendo no mínimo curioso e passível de análise de qual a intencionalidade e objetivos em sua inserção ainda que parcial com o Movimento integralista. A utilização de ferramentas de educação para o corpo e pelo corpo por meio de propagandas em jornais e revista integralistas é pontuada. Destarte, o número de núcleos escolares é expressivo sobretudo no interior, e atuam nos processos de educação integralista e alfabetização local contando com o apoio de políticos e professores locais. É possível identificar a repercussão e impacto dos núcleos escolares por meio dos jornais, desde sua abertura até seu fechamento com o recrudescimento da perseguição ao partido nos anos de 1936-37. Por fim, são apresentadas as conclusões da dissertação.

---

proposta por Marcuse (1971) sendo o lazer uma forma de “alienação, uma ilusão de autossatisfação das necessidades do indivíduo, porquanto estas necessidades são criadas (...) conforme o interesse de seus donos”.

## 2 “INTEGRALISMO: DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA”

A Ação Integralista Brasileira foi criada oficialmente em 7 de outubro de 1932 por meio daquele que ficou conhecido como o Manifesto de Outubro. Com forte apelo autóctone, com o Manifesto, o movimento inicia sua jornada de disseminação ideológica por todo o Brasil. No documento, Plínio Salgado expressa que seu movimento era um movimento de ideias e seria “destinado a realizar no Brasil novo estado, nova Ordem Social, de acordado com as realidades nacionais” (SALGADO, 1932). Contudo, em sua abordagem ideológica observa-se grande sua grande pulsão autoritária, seu nacionalismo exacerbado, e adoção de preceitos que eugênicos para a formação da sua sociedade ideal. Assim sendo, pesquisadores das ciências humanas, em seus diversos campos, da sociologia à história, da literatura à filosofia, buscam desde o último século, compreender gênese do movimento, sua ideologia, suas peculiaridades e como seu fundador, Plínio Salgado, com o auxílio de outros ideólogos tais como Miguel Reale<sup>12</sup> e Gustavo Barroso<sup>13</sup>, pretendia mudar os rumos da nação através de suas ideias e seu projeto político ideológico.

Segundo Héliog Trindade (1979), os anos de 1920 são de extrema importância para compreensão do itinerário político-ideológico de Plínio Salgado, e o ano chave seria 1922. Nesse ano, o Brasil viveu uma transformação significativa, com quatro eventos históricos que contribuíram para redefinir a sociedade brasileira. A Semana da Arte Moderna, em fevereiro, desencadeou uma revolução estética, com artistas inovadores que se rebelaram contra o estilo acadêmico dominante experimentando novas técnicas e materiais. Em março, a fundação do Partido Comunista Brasileiro marcou uma nova etapa na organização política da classe operária. Ligada à revista **A Ordem**, de orientação católica, a criação do Centro D. Vital marca um período de renovação espiritual no Brasil. E, por fim, a revolução política: na qual a primeira etapa da revolução política tenentista foi um momento chave na história brasileira. A revolta na Fortaleza de Copacabana foi um dos principais símbolos desta revolução que mudou o cenário político do país e levou a novas formas de governo.

A década de 1930 carrega mudanças no cenário político, econômico e social e, para Thomas E. Skidmore (1982), dois fatores são preponderantes para demarcar esses acontecimentos. Primeiro, a revolução de 30, por meio da qual finda a estrutura republicana e,

---

<sup>12</sup> Miguel Reale foi um filósofo do direito, jurista, ensaísta, poeta, memorialista e professor universitário brasileiro. É criador da teoria tridimensional do direito, e um dos principais líderes e ideólogos da Ação Integralista Brasileira.

<sup>13</sup> Foi um advogado, professor, cronista e romancista brasileiro, é um dos ideólogos e líderes da AIB. Gustavo Adolfo Luiz Guilherme Dodt da Cunha Barroso é considerado o mais antisemita entre os ideólogos integralista. (CARNEIRO, 1994).



por conseguinte, a existência de uma concordância disseminada antes de sua consolidação no que se refere à necessidade de uma revisão básica no sistema político. Na visão do autor, a magnitude desse descontentamento com sistema vigente abriu margem para os 7 anos de completa ebulição de improvisos que incluem: uma Nova Constituição, uma revolta regionalista em São Paulo, um movimento de frente popular, uma tentativa de golpe comunista e a insurreição de um movimento fascista e início do Estado Novo.

A nível mundial, o desemprego, o alto custo de vida, a ascensão da burguesia industrial e as exigências por partes dos trabalhadores demarcaram, pelas vias de poder, a aproximação de ideias totalizadoras e de dominação social. Os regimes fascistas, nazistas e stalinista, não necessariamente identificados entre si, intercambiaram febrilmente fórmulas e experiências que pretenderam resolver questões sociais por meio de mecanismos de congelamento dos focos de tensão da história (LENHARO, 1986). No cenário nacional, ocorriam as transformações citadas anteriormente e, em consonância aos processos de mudanças urbanas e o desenvolvimento da industrialização que modificaram o arranjo social com a crescente da classe média e do operariado (SCHMIDT et al., 2008), intensificaram os processos de inquietações sociais.

De acordo com Trindade (1979), a mutação ideológica no Brasil pós-guerra foi marcada pelo renascimento do nacionalismo e pela tentativa de estabelecimento de um pensamento autônomo. O contexto europeu fascista atuou de forma decisiva para definir a natureza da ideologia integralista. O “sociologismo”, marcado pela influência positivista e o evolucionismo, substituiu o “filosofismo” dos tempos do império. E é em meio a esse cenário que Plínio Salgado interpõe suas ideias e funda a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Inicialmente a AIB constituía-se como uma seção da Sociedade de Estudos Políticos (SEP). Em sua criação, o líder do movimento expressa sua pretensão com a AIB sendo a de “formar a consciência popular afim de tratar os problemas brasileiros” (SALGADO, 1959, p. 146) e teria por tarefa uma obra educativa de larga amplitude, uma revolução. Já a Sociedade se destinaria a polarizar valores mentais e morais e orientar uma campanha de revolução e salvação nacional (SALGADO, 1959, p. 142). Ao consolidar suas ideias com o Manifesto, ficaram inscritas as finalidades e o seu desejo de causar “uma profunda revolução cultural e espiritual capaz de erguer mais alto a mentalidade da juventude” (SALGADO, 1932). No documento que Salgado entende como “a primeira manifestação política da doutrina integralista”, ele o divide em dez tópicos<sup>14</sup> e, em sua primeira página, inscreve o lema de sua

---

<sup>14</sup> A doutrina Integralista impressa no Manifesto de Outubro de 1932 é compreendida por Plínio Salgado como “o primeiro passo duma marcha Histórica para um Brasil mais forte” e diz que o documento se prende aos primórdios da nacionalidade, faz alusão a reis portugueses e baseia-se no serviço de Deus e da Nação. Ele o divide em dez

doutrina: “DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA”.<sup>15</sup> Lema que rege suas ações e posicionamentos durante a promoção de sua doutrina nos anos de 1930 e que ainda o segue após fortificado seu catolicismo no pós-guerra.

Corroborando com Leandro Pereira Gonçalves (2013, p. 40), entende-se aqui que Plínio Salgado, num sentido de construir um caminho – verdadeiro ou não, porém no mínimo com floreios – para as bases de seu pensamento nacionalista cristão e que sustentassem suas escolhas intelectuais e morais, aborda seus aspectos familiares como sustentáculo inicial para suas ideias conservadoras de cunho radical<sup>16</sup>. Plínio Salgado, vindo de uma família conservadora do interior<sup>17</sup>, sua mãe Ana Francisca Rennó Cortez, professora, além de ensinar-lhe as primeiras letras o “estimulava a lutar por Deus e Pela Pátria” e seu pai, Francisco das Chagas Esteves Salgado, um coronel “Profundamente nacionalista, costumava reunir os filhos à noite, e narrando-lhes as façanhas de Osório e Caxias”<sup>18</sup>. Esses elementos, somados ao seu fascínio pelo posto de líder ou chefe<sup>19</sup>, estiveram associados à sua sede pelo poder no seu caminho político.

Parte de sua sombra política, a vontade de liderança, patriotismo e nacionalismo são elementos incorporados e tomados de seu pai, como demarcado por Gonçalves (2013). Plínio Salgado relata que o coronel Francisco Salgado tinha como uma de suas referências Duque de Caxias e o Marechal Floriano Peixoto. Plínio Salgado, em carta ao povo amazonense, cita que tais lideranças serviram de parâmetros para o desenvolvimento do integralismo: “A lição de

---

capítulos sendo: ”I – Concepção do Universo e do Homem”; “II – Como Entendemos a Nação Brasileira”; “III – O Princípio de Autoridade”; “IV – O Nosso Nacionalismo”; “V- Nós, os Partidos Políticos e o Governo”; “VI – “O que Pensamos das Conspirações e da Politicagem de Grupos e facções”; “VII – A Questão Social, Como a Considera a Ação Integralista Brasileira”; “VIII – A Família e a Nação”; “IX – O Município, Centro das Famílias Célula da Nação” E por fim o “X – O Estado Integralista” (SALGADO, 1932).

<sup>15</sup> Salgado ao imprimir esse lema durante seu processo de doutrinação ideológica, faz-se semelhante a movimento salazarismo com o “Deus, pátria, autoridade e família”.

<sup>16</sup> Compreende-se aqui como “conservadorismo radical” o conglomerado de ideias e ações com forte apelo religioso (GONÇALVES, 2012; VIANNA, 2000, p. 13-21).

<sup>17</sup> São Bento do Sapucaí-SP. Na época de seu nascimento em 22 de janeiro de 1895, a cidade natal de Plínio Salgado pertencia ao estado de Minas Gerais, mas posteriormente passou a ser território paulista (SALGADO, 1964).

<sup>18</sup> Manuel Luís Osório é considerado um dos heróis da história do Brasil. Foi o comandante militar durante a Guerra do Paraguai e foi responsável pela vitória naquele conflito. Foi também um grande defensor do regime monárquico brasileiro e um importante nome na política imperial. Seu legado inclui a fama de ser visto como um homem de honra e bravura, e como um líder militar que representava os ideais de patriotismo e serviço à nação.

<sup>19</sup> O integralismo, ao instituir sua hierarquia, Plínio Salgado por plebiscito é soerguido ao posto “Chefe Nacional” e explica na coletânea **Enciclopédia do Integralismo** os motivos para ocupar tal lugar. Por meio dos estatutos integralistas, seu poder é centralizado e, ao fazer os juramentos de fidelidade, os integralistas assumem o compromisso com o líder e o movimento. A imagem constituída por Plínio Salgado como “Chefe” único e soberano do movimento é apontada também por diversos autores (TRINDADE, 1979; CARNEIRO, 2007; GONÇALVES, 2013). Outro elemento que se faz importante é o carisma do chefe fascista e suas qualidades de oratória, pois, mesmo após a sua morte, no século XXI se ouvem sussurros do movimento e adeptos ao neointegralismo, os ditos herdeiros do integralismo antigo (NETO, 2012; GONÇALVES, 2020). Ademais, utilizar-se-á a nomenclatura “Chefe” ao se referir a Plínio Salgado neste trabalho por ser usual na literatura referir-se a ele de tal maneira, apenas por isso.

Florian Peixoto está viva e presente no coração dos integralistas [...] ensinou aos brasileiros, pela voz do Marechal de Ferro o segredo da honra dos povos e do prestígio das nacionalidades” (SALGADO, 1935, p. 104-105). Com o objetivo de exaltar a imagem de Luís Alves de Lima e Silva, Duque de Caxias, que se tornara patrono do exército brasileiro em 1962, Plínio Salgado lança em 1936 um livreto intitulado **Homenagem a Caxias e ao Exército do Brasil** (GONÇALVES, 2013, p. 41).

Ao englobar recursos que atuam no sentido de conferir legitimidade ao seu pensamento, Plínio Salgado buscou, ainda, valorizar a sua origem ao redor de elementos contidos na árvore genealógica de sua família, sendo essa formada por bandeirantes, portugueses e indígenas. Este último, um dos elementos mais emblemáticos, ao qual faz referência por meio dos símbolos indígenas; do tupi-guarani, tomou o grito “Anauê!”<sup>20</sup> para representar o movimento integralista em todo seu percurso político legal. O seu discurso, ao longo de sua trajetória, é marcadamente dotado de tautologia. Como aponta Leonardo Ayres Padilha (2007) ao analisar as obras de José Chasin (1999) e a biografia do Chefe Integralista escrita por sua filha Patrícia Salgado, os elementos são utilizados a fim de conferir legitimidade e força.

Mais tarde Plínio Salgado em seu livro de 1937, **A Doutrina do Sigma**, enfatiza novamente as chaves necessárias para a compreensão de sua ideologia, dizendo que o integralismo objetiva a reforma do Estado por meio de uma cultura filosófica e jurídica, sendo necessário ao integralista “O culto de Deus, da Pátria e da Família” (SALGADO, 1937, p. 174-176). A unidade nacional, o princípio da ordem e da autoridade são também elementos chave de seu discurso político-ideológico. Assim, Salgado pontua que a campanha do integralismo não é meramente política, mas sobretudo cultural, moral, educacional e social.

Antes da AIB vir a se tornar um partido político em 1935, Salgado militava em prol do antipartidarismo por entender que tais instituições eram divisoras. Entretanto, expressa-se contraditoriamente, com um sistema hierarquizado criado dentro da AIB, Plínio Salgado é soerguido a posto de “Chefe Nacional”, e cria sua rede hierárquica, compreendendo os seus subordinados e os demais integralistas como “Os Soldados de Deus e da Pátria”. Desta forma, o integralista seria o “homem-novo do Brasil que iria construir uma grande Nação”. Para isso,

---

<sup>20</sup> Conforme inscrito nos “Protocolos e Rituais”, no Capítulo I, artigo III. In: Enciclopédia do Integralismo, vol. XI, p. 87-88 — A Saudação “Anauê”: De acordo com o Art. 54, o “Anauê” é um vocábulo Tupi que servia de saudação e de grito de guerra aos indígenas, é uma palavra afetiva que quer dizer “você é meu parente”. Assim sendo, o integralismo considerando-se uma grande família o adota, servindo este em ocasiões para exaltar, afirmar, consagrar e manifestar alegria. Cabe aqui também explicar sob o seu uso, no Art. 55 escreve-se que o brado de Anauê só será dado em lugares públicos quando houver mais de 30 pessoas, e provocado pela maior autoridade em graduação e/ou delegado ficando reservado o brado de três anauês somente ao chefe nacional, ou para homenageá-lo em reuniões. Para outras autoridades era vedado o uso de um ou dois anauês, seguindo-se do braço erguido.

a via pela qual se chegaria a este fim seria a educação. O integralismo de Plínio Salgado não se considerava apenas um partido político, e sim um movimento cultural. Seu movimento/partido vangloriava-se de ter um pensamento diferente e dizia não estar interessado na conquista imediata e efêmera do poder, diferentemente de outros partidos, que, em sua visão, só almejavam o poder pelo poder (CAVALARI, 1999, p. 41).

Observa-se em Plínio Salgado, o seu desejo diferenciar a sua expressão política, ainda que em todos os aspectos se assemelhasse aos demais políticos. Em seu livro **A quarta humanidade** de 1934, ao tentar diferenciar o seu movimento, diz que o integralismo brasileiro não é como o integralismo francês, que não passaria de um “nacionalismo integral” (SALGADO, 1934, p. 89), ou ainda o lusitano, que resgatava o pensamento da corrente gaulesa reatando o espírito medieval ao processo social moderno. Para ele, o integralismo brasileiro é um movimento de cultura que tem como visão dois pontos:

- 1) Uma revisão geral das filosofias dominantes até o começo deste século, e conseqüentemente, as ciências sociais, econômicas e políticas; 2) A criação de um pensamento novo baseado na síntese dos conhecimentos que nos legou, parceladamente, o século passado. (SALGADO, 1934, p. 89).

O líder ideológico do integralismo afirmava que tinha como objetivo primordial construir uma nova nação e que a revolução espiritual que seu movimento tanto almeja levaria tempo para acontecer e que os frutos dela só seriam colhidos pelas futuras gerações; assim sendo, paralela a ela o integralismo faria a revolução cultural. Por esse motivo, teriam duas revoluções, sendo uma revolução subjetiva e outra objetiva (SALGADO, 1934, p. 18-19). Corroborando com Rosa Maria Cavalari (1999), é necessário compreender o que Salgado considerava como cultura para traçar os delineamentos do seu processo de educação e ideologização. Ainda que o termo não apareça explicitado, é possível inferir que o que seria identificado com cultura, na visão de Plínio Salgado, seria o domínio de saberes ligados à filosofia, ciência, literatura e a arte e aqueles que o possuíam ficariam encarregados de sua transmissão. Salgado almejava mais do que simplesmente alfabetizar as massas brasileiras, ele acreditava que ao integralismo cabia o papel de elevar o nível cultural das massas. E assim, por meio de tal elevação, constituir o “Estado Integral” (SALGADO, 1934).

Para caracterização do povo brasileiro, Plínio Salgado em sua concepção dizia que caráter do povo brasileiro seria dotado de uma série de vícios como: preguiça, insinceridade, desconfiança, incapacidade de esperar soluções definitivas, egoísmo, submissão absoluta ao poder mais próximo, incapacidade de conceber ideias gerais e indisciplina; e, para ele, tais

vícios dificultavam a evolução do brasileiro. Assim, para ele, tais elementos não eram advindos da falta de caráter dos brasileiros, contudo da sua falta de educação, em que pese o fato de que, para ele, tais defeitos eram evidentes pela falta de maturidade, denominando assim o brasileiro como um “povo-criança” (SALGADO, 1935).

Assim sendo, Plínio Salgado (1953), ao inferir imaturidade nas massas populares, dizia que, mesmo o brasileiro sendo um grande povo, este estaria apenas à espera de seus interpretes, capazes de transformá-lo energicamente, levando-o à realização de seus superiores destinos. Denominava, assim, o processo de educação integralista como o ponto norteador para alcançar estes destinos superiores. É necessário salientar a quem cabia esse processo educacional dentro do integralismo. Para ele a condução dessa massa imatura deveria ser feita pelas “elites intelectuais”, e que só por elas “podemos impor unidade moral, unidade econômica e unidade política” (SALGADO, 1953, p. 148).

Observa-se que Plínio Salgado tinha uma visão de “povo criança”, que deveria ser educado e guiado ao referir-se ao Brasil, e que pretensiosamente por meio de suas convenções atuaria como “salvador do povo brasileiro”. Para esse propósito, aplicava sua ideia de unidade ao qual permeava a educação partindo de uma ideia de “Educação integral”, sendo esta, uma “educação integral para o homem integral”, e assim, alcançando como obra final a formação utópica do “Estado Integral”. Em sua concepção e expressão do movimento, era preciso:

[...] evitar a unilateralidade dos sistemas educacionais predominantemente esportivos, científicos, etc. A educação integral não se pode despreocupar de nenhuma de suas facetas; deve ser física, científica, artística, econômica, social, política e religiosa. (PAUPERIO; MOREIRA, 1935).

O movimento buscava compreender a educação do homem integralista nos seus mais variados campos, sendo o campo social, científico, espiritual e físico indissociáveis. Caro a este estudo, “os processos educacionais” são compreendidos como base elementar para o integralismo alcançar a tão sonhada revolução. Plínio Salgado, por denominar a massa popular como imatura, compreende que necessitaria da educação para lidar com os problemas existentes. Para, então, após esse processo de educação, construir “um modelo de estado Integral”, sendo esse centralizado. Esse estado integral pautava-se no seu nacionalismo forte a fim de recusar qualquer cosmopolitismo.

O seu projeto político alcança várias regiões do país e a região nordeste é inclusa na agenda de Plínio Salgado. Com suas alianças estabelecidas desde o início da década de 1930 na Bahia, a capital Salvador passa a ser uma força ímpar para a dispersão do movimento

integralista. Os primeiros lugares onde a sua força é demonstrada é justamente o meio educacional, as faculdades de Medicina e de Direito da Bahia tornam-se celeiros de suas ideias e congregam uma juventude que ansiava pela possibilidade do novo. Assim, a Ação Integralista Brasileira marca sua propagação e ação como poderá ser observado a seguir.

## 2.1 Salvador e o integralismo

O contexto urbano, social e político baiano nos anos 1930, este um estado essencialmente rural, em que 38% da sua população, se ocupava da agricultura, pecuária e silvicultura. Em sua capital, Salvador, concentrava-se considerável capital bancário e portuário, estima-se que sua população era de cerca de 370 mil pessoas, sendo em 1936, a quarta capital do país em número de habitantes, atrás apenas do Rio de Janeiro, São Paulo e Recife. O estado, tinha controle sobre o transporte do excedente das áreas rurais do interior, onde principalmente se cultivava cacau, fumo e produtos de subsistência que abasteciam os diversos pequenos mercados das inúmeras cidades. Como resultado, a Bahia e sua capital possuíam uma oligarquia poderosa, que havia sido afastada do poder desde a Revolução de 1930. Contudo, o tenente Juracy Magalhães, primeiro interventor do período, ao se aproximar de vários grupos das oligarquias baianas estava restaurando o domínio oligárquico (FONTES, 1982; SILVA, 2000; SENNA JUNIOR, 2022).

A crise do sistema oligárquico brasileiro nos anos 30 foi o ponto de inflexão para as mudanças no cenário político. Na Bahia, um vasto processo de implementação de partidos políticos, arranjos e interesses em conflito por parte das lideranças locais fizeram o processo de acomodação política baiana no mínimo turbulenta. Consuelo Sampaio (1985), no seu livro **Poder e representação**, ao se referir a esse período, demarca a insurreição dos partidos de representação popular que surgem em grande número. O Partido Democrático e o Partido Republicano, marcado pela rearticulação de suas forças oligárquicas tradicionais. Os novos partidos políticos como o Partido Social Democrático (PSD), criado pelo interventor Juracy Magalhães. Em oposição ao governo do estado é criada a Liga de Ação Social e Política (LASP). Em menor expressão, inserem-se frentes e partidos de fora do estado, a Aliança Nacional Libertadora (ANL) e a Ação Integralista Brasileira (AIB).

Nas palavras de Sampaio (1985), por volta dos anos de 1932 e 1935 o meio acadêmico baiano almejava mudanças no plano econômico e social, e a opção ofertada para os jovens intelectuais era o fascismo “verde” ou comunismo “vermelho”. Marca-se em 13 de julho 1933 o ano de entrada e organização do núcleo da Ação Integralista na capital baiana. Sob a égide do

lema “Deus, Pátria e Família”, a esfera jovem e conservadora abraça o movimento e institui suas lideranças locais. A chefia passou inicialmente por dois triunviratos compostos pelos senhores Messias Tavares<sup>21</sup>, João Alves dos Santos<sup>22</sup> e José Cesimbra<sup>23</sup>, e posteriormente por Caldas Coni<sup>24</sup>, Augusto Alexandre Machado<sup>25</sup> e Messias Tavares.

Mais à frente, a chefia passa por mudanças novamente onde Milcíades Ponciano Jaqueira<sup>26</sup>, então chefe do núcleo provincial, cede lugar em abril de 1935 para o engenheiro Joaquim de Araújo Lima.<sup>27</sup> Tinham o meio universitário (Faculdades de Medicina e Direito, Associação Universitária da Bahia (AUB)) como um dos vetores de sua expansão, e, como é fácil observar, boa parte dos que vieram a ser chefes locais possuíam formação universitária, a exceção dos comerciários João Alves dos Santos e José Cesimbra (FERREIRA, 2009).

Assim como relatado por Ferreira (2009), tendo em visita a capital da Bahia o “Chefe” Plínio Salgado serviu-se do meio universitário para a promoção do seu movimento. Como relata o jornal **O Imparcial** em 25 de agosto de 1933 (p. 1), disse Plínio Salgado na Faculdade de Medicina ser esta “a hora culminante da luta decisiva em defesa da Pátria!”. Ao intimar a juventude, diz que a ela “cabe a maior parcela de responsabilidade” e assim pontua para a juventude baiana que “Cruzar os braços, agora, é desertar!”. Salgado ainda discursou e realizou conferências na Associação Universitária da Bahia (AUB) a fim de propagar a sua doutrina e demonstrar que essa luta se daria ao lado do integralismo. Ainda em novembro do mesmo ano, Gustavo Barroso, um dos pensadores e braços do movimento, visitou a AUB e realizou conferências no Clube Comercial e na Associação dos Empregados do Comércio no intuito de reforçar tal apelo, e esses encontros contribuíram para fomentar no estado a expansão da AIB. Durante os cinco anos de atuação da Ação Integralista Brasileira no estado, as instituições de ensino ginasiais, como Salesiano e Ginásio Ypiranga, e as de ensino superior, a exemplo das Faculdades de Medicina e de Direito, foram redutos integralistas formando seus núcleos jovens de promoção da doutrina (SAMPAIO, 1985; FERREIRA, 2009).

Entendendo a Ação Integralista Brasileira como um movimento majoritariamente jovem, esta tornou-se um caminho para a juventude de classe média universitária baiana adentrar o âmbito político e influenciar a sua classe estudantil, entretanto teria que disputar espaço e contar com o antagonismo do comunismo, socialismo, liberalismo, entre outras

---

<sup>21</sup> Bacharel em direito (SAMPAIO, 1992, p. 115-116).

<sup>22</sup> Comerciário e eleito vereador da capital (SAMPAIO, 1992, p. 115-116).

<sup>23</sup> Presidente da União Caixeiral (SAMPAIO, 1992, p. 115-116).

<sup>24</sup> Médico e professor de agronomia (SAMPAIO, 1992, p. 115-116).

<sup>25</sup> Professor da Faculdade de Direito e outras instituições de ensino.

<sup>26</sup> Advogado.

<sup>27</sup> Engenheiro e assume a chefia provincial em 1935 (SAMPAIO, 1992, p. 115-116).

correntes (FERREIRA, 2009). Também disputavam com a força já constituída pelos partidos locais, como o Partido Social Democrático (PSD) e a Liga de Ação Social pela Política (LASP). Compreender esse trânsito de ideias políticas é importante para situar qual local o integralismo ocupou.

Assim sendo, um desses possíveis caminhos instituiu-se em março de 1935, a Aliança Nacional Libertadora (ANL)<sup>28</sup>, criada como uma frente ampla que englobava membros dos diversos setores sociais: democratas, socialistas, intelectuais, proletários, militares e profissionais liberais. A aglutinação de membros tão distintos se dá principalmente pela defesa do regime democrático, o fim do pagamento da dívida externa, a nacionalização das empresas estrangeiras, a realização da reforma agrária e a expressa oposição ao fascismo, nazifascismo e o antiintegralismo (SAMPAIO, 1985, SENNA JUNIOR, 2007). Cabe ressaltar que de acordo com Marly Vianna (2003) os únicos partidos existentes na ocasião (pré 1945), que se encaixavam numa definição de partido político — sendo, um programa ideológico mais uma estrutura organizativa e de âmbito nacional — eram o Partido Comunista do Brasil (PCB), fundado em março de 1922, e a Ação Integralista Brasileira (AIB), fundada em outubro de 1932.

Como observado nos jornais e apontado por Sampaio (1985), a ANL na Bahia teve o meio acadêmico e o proletariado como seus principais aderentes. No cine Jandaia, em 30 de maio de 1935, instalou-se a sua Diretoria Regional sob o comando de Edgard Mata<sup>29</sup> e com a participação de Joaquim Seixas do Vale Cabral, Secretário Geral; Álvaro Sanches<sup>30</sup>, Orlando Gomes<sup>31</sup>, Edgard Melo<sup>32</sup>, Emanuel Mata, entre outros. Aponta-se que, até junho do ano de sua criação, a ANL teria reunido cerca de 400 mil adeptos, segundo seus dirigentes. Consuelo Sampaio cita o trabalho de Robert Lavigne, **The Vargas Regime**, para situar números diferentes, estes sugerindo que o número de adeptos da ANL seria entre 70 e 100 mil. Ainda de acordo com o mesmo autor, ao relatar o número de adeptos da Bahia, infere-se que foi insignificante e pontua que, em suas 16 cédulas municipais, apenas 86 indivíduos faziam parte, e que, desse total, 95% eram representantes das classes trabalhadoras: carpinteiro, doqueiros, telegrafistas e pedreiros.

---

<sup>28</sup> A ANL, fora criada no Rio de Janeiro e espalhou-se rapidamente conquistando milhares de adeptos em vários estados brasileiros, a exemplo do Rio Grande do Sul, São Paulo, Espírito Santo e Bahia. O movimento teve como uma das suas lideranças mais importantes a pessoa de Luiz Carlos Prestes.

<sup>29</sup> Advogado do Sindicato dos estivadores.

<sup>30</sup> Deputado estadual.

<sup>31</sup> Bacharel em Direito.

<sup>32</sup> Líder sindical.



Sobre o chão que encontrou para buscar forças na Bahia, o campo universitário, os dois principais centros acadêmicos da Bahia – Faculdade de Medicina<sup>33</sup> e de Direito – ficaram divididos em sua constituição política, aliancistas ou integralistas, havendo embates desde a fundação de seus núcleos universitários. Acerca do integralismo, o seu núcleo da Faculdade de Medicina foi fundado em 1935 e foi tumultuosa a sessão, havendo confronto entre os militantes. A nota intitulada “A Marcha do Integralismo” (1935, p. 8) relata que, após o discurso principal feito por Nicanor de Carvalho<sup>34</sup>, o orador foi interrompido por murmurações contrárias que se transformou em tumulto contra a doutrina do sigma. Já os integralistas da Faculdade de Direito formaram no dia 24 de maio de 1935 o seu núcleo universitário da Ação Integralista, e como relata a nota com uma situação inusitada:

### **Expansão Integralista**

Fundaram o seu núcleo, hontem os “camisas-verdes” da Faculdade de Direito

O núcleo foi fundado diante da Escola, uma vez que aos camisas verdes foi vedado o recinto. [...] Os integralistas se conformaram, dentro da ordem, mas fundaram seu núcleo diante da Faculdade. Como se ele estivesse funcionando dentro da Escola. Estavam presentes numerosos universitários e elementos de outras classes filiados ao Integralismo.

O chefe universitário, acad. de Medicina, Benjamin Mendonça, iniciou a sessão, explicando o motivo da fundação ao ar livre, do núcleo já que não o não pudera fazer no interior da Faculdade de Direito. [...] A sessão terminou com o Hymno Nacional cantado com entusiasmo por todos os acadêmicos presente e os três “anauês” do estylo, em fidelidade ao Chefe nacional do Integralismo, Plínio Salgado. (O Imparcial, n. 01341, p. 3, 13 mai. 1935).

<sup>33</sup> A faculdade de Medicina tornou-se um dos pontos de discussão de ideias políticas nos anos de 1930, em 1932 acontece o episódio que ficou conhecido como “22 de agosto”, onde cerca de 514 estudantes e 7 professores foram presos por ordem do interventor Juracy Magalhães. O engajamento da classe universitária devia-se a campanha pela reconstitucionalização do país, os movimentos em solo baiano atuavam no sentido de conferir apoio a mobilização que ocorria em São Paulo em julho daquele ano. Tal organização não agradou o então interventor da Bahia que ordenou a repressão armada contra a classe. (SAMPAIO, 1992, p. 105; p. 157).

<sup>34</sup> Advogado, escritor e militante integralista na capital do estado. Atuou com vigor no meio acadêmico e produziu uma série de textos e poemas em louvor a doutrina integralista. Um dos espaços onde seus escritos encontraram lugar foi a revista *ETC*: “A Borboleta” — o texto faz alusão a Plínio Salgado e utiliza como metáfora a borboleta (*Etc*, n. 00261, p. 6, 14 jun. 1935); “O Anauê dos Vaqueiros” — o escrito faz recordação a festa dos vaqueiros em Monte Santo-Ba. Além da exaltação ao vaqueiro nordestino e relembra o Movimento integralista (*Etc*, p. 9. n. 00266, 3 ago. 1935); “Razões e Conceito do Nacionalismo” (*Etc*, n. 00274, p. 7, 30 out. 1935). Seus textos eram alocados na coluna denominada “Variações”, por meio do descritor “Nicanor” foi possível encontrar 21 ocorrências, entre poemas e textos entre os anos de 1931 a 1936. No acervo literário de **O Imparcial**, pesquisa desenvolvida por Adeílato Manoel Pinho (2008), foi possível localizar três escritos de Nicanor de Carvalho, sendo: Poema: “Trovas” (n. 1255, p. 5, 24 fev. 1935); Soneto: “Maio” (n. 2093, p. 4, 28 jun. 1937); Resenha do livro de Guerreiro Ramos: **O drama de ser dois**. (, p. 5, 8 fev. 1938).

As motivações para a ação são desconhecidas, podendo ser uma denúncia dos aliancistas. Segundo a nota, para a não concessão do auditório de conferências o diretor da instituição Dr. Filinto Bastos alegou “exigência do regulamento”, não podendo ser verificado se de fato haveria alguma motivação política para o ato. Ainda assim, o núcleo fora criado no pátio da faculdade, ao ar livre. De acordo com Sampaio (1999), outro embate entre integralistas e aliancistas universitários ocorreu na ocasião da realização do I Congresso da Juventude Proletária, Estudantil e Popular da Bahia, organizado pela ANL e que contou com o apoio do Partido Comunista do Brasil (PCB) recebendo instruções do Rio. Tratou-se no congresso de temas que abrangiam vários problemas brasileiros, com ênfase à degradação do sistema educacional e ao combate ao integralismo. A sessão de 3 de junho de 1935 corria tranquilamente até que manifestantes integralistas presentes no auditório se puseram a bradar após um dos oradores tecer críticas ao integralismo:

**Terminou mal...**

O que foi a sessão de horem, do 1º Congresso da Juventude Proletária,  
Estudantil e Popular da Bahia

[...] O pensamento do orador estava encaracolado, não havia meio de faze-lo desenrolar... Foi o que um aliancista que estava próximo a mesa interpretando o pensamento do orador, mais ou menos nestas palavras.

— “Diga logo que é a camisa verde!”

*A sala inteira se poz de pé: mais de dois terços da sala eram camisas verdes”* [sic] [...] *Os integralistas braços levantados em saudação, deram fortes “anauês” ao Chefe Nacional Plínio Salgado, ao Integralismo, á camisa verde do “sigma”.* Não se podia continuar porque ninguém mais se pode ter no seu lugar. As cadeiras foram arrastadas pelo salão e sendo algumas atiradas e quebradas no entrechoques.

Eram taes os gritos de protesto e de revolta, que ninguém se podia fazer ouvir. Foi quando interviu a voz do Chefe Provincial, convidando os integralistas a se retirarem do recinto que eles fizeram sob grandes aclamações a Plínio Salgado e ao integralismo.

Do choque havido na sessão sahiram alguns feridos que foram medicados pela assistência. Foram eles: Joaquim Custódio da Silva, branco, solteiro, 32 anos de idade, investigado. Ferimento contuso na região supra orbita direita por instrumento contundente. Antonio Veiga, advogado, 25 annos, solteiro, *contusão na parede do thorax.* Foi socorrido um terceiro que apresentava uma contusão no globo ocular direito. (O Imparcial, n. 01351, p. 9, 4 jun. 1935, grifo nosso).

No local reuniam-se cerca de dois mil participantes, tendo como membros da comissão organizadora os estudantes de direito Edson Carneiro e Aidano do Couto Ferraz, ambos ligados ao PCB. Teve fim o confronto com um número considerável de feridos demonstrando a gravidade na ocasião após a intervenção de Joaquim Araújo, chefe provincial da AIB.

Construía-se um clima de embates acalorados entre as instâncias políticas na Bahia. Ademais, o núcleo da Aliança Nacional Libertadora de Ilhéus ainda enviara uma congratulação a ANL de Salvador pela realização do evento e sua devida instalação (SAMPAIO, 1992; LINS, 2007). Segundo Sampaio (1992), os confrontos entre as duas frentes se fizeram com certa frequência entre os anos de 1935 e 1937 também em outras cidades, como Belo horizonte<sup>35</sup>, São Paulo<sup>36</sup> e Petrópolis<sup>37</sup>. Na Bahia, como observa-se, as disputas demarcaram um ambiente hostil tanto na capital<sup>38</sup> como no interior<sup>39</sup>.

Cabendo salientar que o processo de expansão da AIB se deu de forma mais expressiva no interior do estado, abarcando as regiões distritais e os municípios mais populosos à época, como Ilhéus, Itabuna, Jequié, Santa Inês, Rio Novo (Atual Ipiaú), Lençóis, Feira de Santana, Conquista (atual Vitória da Conquista), Serrinha, Alagoinhas. Já a expansão integralista na capital, como Sampaio (1992) e Ferreira (2009) nos informam, fundou diversos núcleos em bairros de Salvador, como Rio Vermelho, Nazaré, Largo da Saúde, Liberdade, Penha, Brotas, Paripe, entre outros.

Contudo, o meio mais acalorado foi o meio universitário. Outras ocorrências podem ser pontuadas tal qual ressalta Lais Mônica R. Ferreira (2009). Tratam-se de fatos como uma representação emitida pelo núcleo integralista da Faculdade de Direito em agosto de 1936 em protesto às campanhas anti-integralistas feitas na instituição, bem como, um mês antes, um manifesto feito pela Frente Universitária Democrática no qual emitia ações violentas contra a AIB-BA, o que levou 586 estudantes camisas verdes a escreverem uma declaração em nota n' *O Imparcial* (n. 173701, p. 1, jul. 1936) demonstrando indignação e repúdio; por fim, os autores do manifesto foram acusados de comunistas. A nota replicada pelo jornal **A Offensiva** (*A Offensiva*, n. 00225, p. 2, 7 jul. 1936), órgão oficial do movimento, descreve desta maneira o ocorrido:

**Em nome dos 586 estudantes da Bahia. O departamento Universitário Integralista repelle o Manifesto da Frente “Universitária” Democrática**

O departamento Provincial Universitário da AIB, congregando 586 estudantes das nossas escolas Superiores e Gymnasios, vem repellar aquela espécie de “manifesto”, assinado por um pequeno grupo de indivíduos, em nome de um

<sup>35</sup> Em conferência na Faculdade de Medicina, Gustavo Barroso fora interrompido pelo tumulto (SAMPAIO, 1999).

<sup>36</sup> Em São Paulo, um comício integralista é impedido por membros da ANL (SAMPAIO, 1999).

<sup>37</sup> Em Petrópolis foi um pouco mais grave, o confronto entre aliancistas e integralistas culminou na morte de um operário (SAMPAIO, 1999).

<sup>38</sup> Onde ocorreu um “Atentado contra ‘O Imparcial’” (*O Imparcial*, n. 01546, p. 1, 18 dez. 1935): uma bomba foi atirada contra a sede do periódico.

<sup>39</sup> Atentado a bomba no Cine Victória em Ilhéus, atentado atribuição aos comunistas. (*O Imparcial*, n. 1417, p. 1, 10 ago. 1935).

suposto “Frente Universitária Democrática da Bahia”.

Obedecendo às directrizes doutrinarias do Integralismo, que não comportam campanhas demagógicas, agressivas e estéreis, nós, universitários e gymnasianos integralistas queremos não responder a esse que é um triste documento de insensatez, mas, dirigir algumas palavras necessárias aos brasileiros da Bahia. Revelação de ignorância, ausência de escrúpulo moral, vasado numa linguagem crapulosa, impropria de moços que se dizem universitários, esse deplorável arrazoando, sem nexos e sem grammatica, sem algum merecimento pode ter é o de identificar os seus signatários como bolchevistas que são. Utilizando a tactica, já muito conhecida, da grosseira simulação de uma irrisória “defesa da democracia”, mascaram-se eles com esse disfarce, porque lhes falta a coragem para dizerem alto qual a ideologia que professam. Mas, o que principalmente visamos não desmascarar esses pobres instrumentos de conhecidos agentes comunistas [...]. (A Offensiva, p. 2, 16 jul. 1936).

Acerca da nota, é possível observar a posição do jornal d’**O Imparcial**, sendo esta, nada imparcial, a qual já atuava como porta voz integralista no estado, encaminha a nota para o correio principal integralista, o jornal **A Offensiva** a qual república a nota. Identificou-se que a imprensa na Bahia atuava com considerável força e servia como elemento de expressão e intermediação do discurso político com o meio universitário e a classe média, demarcando assim as disputas no estado. A este respeito, nos informa Wellington A. dos Santos (1985) e André Curvelo (1987) que a imprensa baiana contava com quatro periódicos de grande circulação que souberam passar pelo processo de modernização da imprensa, que envolveu o aumento do maquinário de impressão e o uso de novas tecnologias isso durante as duas primeiras décadas do século XX. Os quatro periódicos eram: o **A Tarde**, **O Diário de Notícias**, **Diário da Bahia** e **O Imparcial**, os quais, impulsionados pela fase industrialização e a urbanização de Salvador, cobriam o cotidiano da cidade, fornecendo assim informações nacionais e internacionais aos leitores e também do interior do estado. Entretanto, apenas o **A Tarde e O Imparcial** surgem de fato como “empresas jornalísticas modernas”.

Apointa Lais Mônica Ferreira (2009) que os confrontos eleitorais no estado desencadearam vários atos contra a imprensa, e no que se refere aos periódicos da capital, gerando suspensões, prisões de jornalistas, agressões físicas, censura de notícias e empastelamentos (FERREIRA, 2009). O jornal **O Imparcial** foi um dos veículos afetados, recebeu ataques e, no ano de 1931, tem sua circulação suspensa por determinação policial, bem como a prisão do seu diretor Mario Monteiro. Suspensões ocorreram novamente nos anos de 1933 e 1934, e em julho de 1933 o periódico sofre um empastelamento, tendo como um dos

principais suspeitos o então interventor Arthur Neiva<sup>40</sup>, a hipótese fora descartada pela Associação Baiana de Imprensa (ABI) que, após análise do caso, solidarizaram-se aos profissionais do periódico (SAMPAIO, 1992).

Sobre o jornal **O Imparcial**, periódico investigado, foi fundado em 1918 por Lemos Britto, anos depois foi substituído por Homero Pires (período da Segunda Campanha Civilista, em que apoiou a campanha de Ruy Barbosa ao Pleito Nacional) como uma sociedade anônima, e parte de seu capital advinha de acionistas da publicidade. Durante os anos de 1920, passou crise financeira chegando a interromper sua circulação no ano de 1928, voltando somente no ano seguinte. Em 1933, o político e empresário Álvaro Martins Catharino adquiriu o diário, transferindo-o para a Companhia Editora e Gráfica da Bahia. Finalmente, em 1934, Victor Hugo Aranha foi nomeado diretor do jornal, sendo esse um dos líderes da Ação Integralista na região e que por meio do periódico impulsionou a campanha integralista.

A relação da imprensa baiana com o integralismo variou consideravelmente, o **Diário de Notícias** demonstrou afeição ao movimento até os anos de 1936, combatendo-o fortemente após tal data. O **A Tarde** manteve uma relação austera, denunciando em suas páginas as ações repressivas do governo de Juracy Magalhães contra a AIB; e o **Diário de Notícias** teve posicionamento semelhante e agiu com discrição com relação ao movimento (CURVELO, 1987; FERREIRA, 2009, p. 42). Em outra margem andou o jornal **O Imparcial**, que se assumiu enquanto órgão de mídia integralista no estado.

A ligação editorial do jornal **O Imparcial** com o Movimento foi motivou-se, segundo Lais Ferreira (2009), por dois fatores principais: a rejeição ao comunismo e o antijuracismo, visto que Álvaro Martins Catharino, tornou-se deputado estadual por meio da Concentração Autonomista, assim, esta aliança permitiu ao jornal exercer um forte apoio ao movimento. Mais tarde, a propaganda do integralismo na Bahia foi impulsionada pela chefia provincial de Victor Hugo Aranha em 1937. Por meio destes enlaces, **O Imparcial** foi considerado um braço da ideologia de Plínio Salgado, sendo amplamente utilizado para o controle e divulgação ideológica na Bahia em seu período de apoio ao sigma. É necessário compreender que o periódico possui duas fases distintas, uma pró-integralista (1933-1937), a investigada neste estudo, e uma anti-integralistas durante a década de 40 (CAVALARI, 1999; FERREIRA, 2009).

---

<sup>40</sup> Arthur Neiva, foi um médico sanitarista, cientista e político. Atuou como interventor da Bahia por um curto período, sendo substituído por Juracy Magalhães. No curto período em que atuou, tentou desenvolver serviços sanitários, bem como atuou na criação do Instituto do Cacau.

Rosa Maria Cavalari (1999), enfatiza que o integralismo tinha na palavra impressa seu lugar de destaque, seja no livro ou no jornal. Assim, seus teóricos, por meio dos livros, desempenhavam a função de formação e transmissão da doutrina, enquanto que por meio dos jornais criava-se a sua rede de atualização e popularização do ideal integralista e do seu “corpus teórico”. Logo, este veículo tornou-se essencial para o movimento no seu processo de dispersão e doutrinação. Analisar esse elemento torna-se primordial para a compreensão do movimento integralista.

Na sessão a seguir, serão feitos enlances com os pressupostos do campo da memória a fim de compreender os discursos utilizados pelo Movimento por meio da sua rede de imprensa, bem como, os mecanismos de controle e ideologização. É possível observar de que maneira os discursos estavam alinhados, seja pela escrita ou por meio das reuniões e bandeiras movimentadas por algumas partes do país.

### **2.3 O jornal, o integralismo e sua bibliografia: memória e esquecimento**

A compreensão deste que é tido como “o primeiro partido de massa do Brasil” como aponta Rosa Maria F. Cavalari (1999), agrega estudos acadêmicos que foram produzidos desde a vigência do movimento. Alguns destes estudos mostram-se como um ponto de partida para compreender suas bases, sendo elas fascistas ou não, brasileiros ou mimetismos europeus. O estudo já consagrado de Hélió Trindade (1974) **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30<sup>41</sup> é tido como uma das obras mais importantes no que se refere ao início das discussões sobre o integralismo. Trindade analisa as raízes da Ação Integralista Brasileira, as bases ideológicas de Plínio Salgado e também a identificação da natureza do movimento. O autor divide seu trabalho em três partes para explicar esses pontos. A primeira, “Emergência do Chefe”, tem como ponta pé inicial a seção “A sociedade em transição da década de 20”, identificando quais caminhos e mudanças ocorreram até se chegar ao movimento; o autor entende os acontecimentos de 1922 e 1929 como preponderantes neste sentido. No capítulo 2, o enfoque é voltado para “A formação política de Salgado”, que encontra lugar exatamente nas transformações ocorridas nos anos 20. A segunda parte trata da: “Gênese da ideologia”; o desafio da revolução de 1930; “A ascensão das ideias autoritárias em 1930 e o nascimento do integralismo”. Na terceira parte, “Natureza do Movimento”, trata-se de elementos do movimento, como “Os militantes”, “A organização” e a “A ideologia”.

---

<sup>41</sup> Trindade compreende que o movimento não consiste em um mimetismo do fascismo europeu.

Outro trabalho é o de José Chasin (1978) **O Integralismo** de Plínio Salgado: forma de regressividade de no capitalismo hiper-tardio, que segue numa outra margem. O autor compreende que não há uma influência do fascismo europeu na conformação do movimento integralista, sendo este resultado das experiências políticas de Plínio Salgado, logo, suas bases são advindas de uma raiz brasileira. Assim sendo, para o autor só existiria fascismo no Brasil caso o integralismo alcançasse um estágio superior.

Merece atenção a pesquisa de Gilberto Vasconcelos (1979) intitulada **Ideologia Curupira**: análise do discurso integralista. Este é outro trabalho que lê as bases do movimento. Depreende o autor que elas partem do modernismo, nas correntes “verde-amarela” e “Anta”, e que as influências fascistas seriam um dos pontos norteadores do movimento de Plínio Salgado, ponto esse divergente de Chasin e que também é criticado a posteriori por Trindade em “História Geral da Civilização”. O trabalho de Vasconcelos busca aporte teórico no discurso marxista, na história política e em obras literárias.

Rosa Maria Cavalari por meio do seu livro **Integralismo: Ideologia e organização de um partido de massa no Brasil (1932-1937)**, publicado em 1999, traça um panorama do movimento integralista: parte da sua fundação em “A revolução do espírito”, exemplifica o papel da mídia em “O Impresso integralista: o livro e o jornal” e finda com “Os símbolos e ritos integralistas”. A autora, antes de iniciar os capítulos, pontua obras citadas anteriormente e as analisa. Ao identificar o integralismo como o primeiro partido de massa do Brasil, retrata a pouca atenção dada a este movimento. Pontua ainda o papel da mulher integralista e analisa também a retórica utilizada para a arregimentação de novos integrantes e a manutenção de sua legião. Nos escritos integralistas, analisa a produção de Plínio Salgado e de seus pensadores. As suas fontes consistentes nos presenteiam com um trabalho muito coeso e bem articulado sobre a temática.

Outro estudo relevante e que tenta traçar um panorama de produção bibliográfica do movimento até aqui é o trabalho de Rodrigo de Oliveira (2010) “A evolução dos estudos sobre o Integralismo”<sup>42</sup>. Nele, o autor propõe uma divisão na produção de trabalhos acadêmicos, sendo ela feita por fases, constituindo em três: “1ª fase” – a AIB como movimento de massas organizada nacionalmente; “2ª fase” – estudos regionais sobre o integralismo; “3ª fase” – novas

---

<sup>42</sup> O trabalho de Oliveira, além de elaborar divisões acerca dos estudos do integralismo, os coloca numa ordem cronológica possibilitando uma visão histórica acerca da produção sobre o movimento. O autor salienta que a proposição em fases é colocada a fim de possibilitar uma divisão e uma evolução das pesquisas sobre o tema: “É arbitrária, pois parte de uma divisão feita a partir de semelhanças presentes nesses trabalhos, ao mesmo tempo, não é uma separação fechada, existem trabalhos que poderiam ser enquadrados em mais de uma fase, devido às suas características”.

abordagens sobre o integralismo. Desta maneira, os trabalhos de José Chasin (1978), Hélió Trindade (1979) e Gilberto Vasconcelos (1979), apresentados anteriormente, integrariam a 1ª fase dos estudos sobre o integralismo, segundo a proposição do autor.

Os estudos regionais acerca do integralismo compunham uma lacuna então existente, e os mais estudos amplos citados anteriormente não pretenderam dar um panorama de como o movimento se espalhou especificamente por todo país. Seguindo assim o raciocínio de Oliveira (2010), os trabalhos de René Gertz (1977) e Josênio Parente (1986), demonstrando a existência de diferenças na inserção do movimento para além dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, propõem uma análise fora desse eixo. René Gertz (1977), ainda que sem essa pretensão inicial, inaugura com a dissertação **Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul** o quadro de pesquisas que integram a 2ª fase dos estudos sobre o integralismo regionalmente. Um ponto interessante a ressaltar sobre o trabalho do autor refere-se à discussão sobre o integralismo para além do centro urbano: Gertz pôde observar que as regiões coloniais sofreram influência do movimento e o abraçaram mostrando até então uma face diferente da encontrada nos centros de difusão.

No que se refere ao nordeste, mais especificamente o estado do Ceará, o trabalho intitulado **Anauê – Os camisas verdes no poder**, de Josênio Parente (1986) revela um elemento distintivo na inserção da AIB no estado. Tal elemento se caracteriza pela sua incorporação da junto ao movimento operário por meio da Legião Cearense do Trabalho (LCT), e o movimento também gozou de relação com a Igreja católica. Sendo assim, a AIB no estado mostrou-se completamente fora do espectro de dispersão do movimento pelo país (como demonstram trabalhos citados anteriormente), obtendo, também, a maior frente eleitoral do movimento elegendo Jeovah Motta<sup>43</sup> deputado federal em 1933, e em 1934 elegendo Carlito Benevides e Ubirajara Índio como deputados estaduais. Este resultado foi possível devido ao apoio da Liga Eleitoral Católica (LEC), que se fez participativa, ainda que indiretamente, da mesma forma que, em 1935, na eleição do governador do estado e de dois senadores que eram membros da liga.

Complementando o quadro de obras regionais acerca do integralismo, demonstrando como o integralismo se desenvolveu no estado do Maranhão, João Ricardo de Castro Caldeira (1999), por meio do estudo **Integralismo e Política regional: a ação integralista no Maranhão**,

---

<sup>43</sup> Jeovah Motta nasceu em Maranguape-CE, militar e figura política importante no estado. Amigo e aliado do tenente Severino Sombra e do padre Hélder Câmara, desenvolve as bases do integralismo no estado incorporando-o à Legião Cearense do Trabalho. Colaborou com o semanário **A Offensiva** e foi eleito deputado em 1935, e em 1937, por indicação de Plínio Salgado, assume chefia dos integralistas em São Paulo, entretanto, em 7 de junho do mesmo ano, renuncia à AIB e o seu mandato parlamentar.



ilustra um fato que estará presente em demais trabalhos que estudam o movimento regionalmente: o fato que “o movimento adquire características próprias a partir do seu lugar de inserção”. O autor, em seu trabalho, discorre cronologicamente sobre a AIB e sua oposição ao comunismo e à ANL em três capítulos; ele data a evolução local do movimento, passando pelo ápice no estado e findando com o seu fechamento.

Uma seara de trabalhos é produzida a partir dos anos de 1990, como relembra Rodrigo Oliveira (2010), no Rio Grande do Sul, mais especificamente. Os estudos sobre o movimento integralista deixam o prisma generalista e passam a investigá-lo sob outros olhares, demonstrando assim a amplitude do tema. Vão desde trabalhos que analisam a atuação do movimento integralista nos municípios, nas colônias, e buscam as lideranças locais da AIB e suas trajetórias, até os estudos que fogem do âmbito político e passam a analisar o movimento pelo viés da nova história cultural.

A partir deste momento, as discussões e análises do movimento enveredaram por outras vias. Oliveira relembra que surgem discussões até então marginais, como: gênero e o integralismo; os símbolos e ritos; o combate aos inimigos do integralismo; o integralismo e a educação; a atuação da AIB e, posteriormente, o Partido de Representação Popular no pós-guerra. Estes são alguns exemplos de temas que integram a 3ª fase dos estudos (OLIVEIRA, 2010). No cenário baiano, o trabalho de Lais Monica Reis Ferreira (2009) intitulado **Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937** integra essa fase e propõe uma análise profícua em torno das ações de assistencialismo por parte da AIB na capital e as questões de gênero inseridas neste processo. As reflexões foram tecidas por meio da problemática de inserção e atuação da AIB na capital do estado.

Pensando a partir do delineamento proposto por Oliveira (2010), o presente estudo integra a terceira fase ao explorar temas mais marginais e ainda não investigados ou pouco explorados na Bahia, como as ações educacionais na capital e no interior e ações de “educação corporal”, bem como o uso dos esportes e aproximação do movimento por meio dos símbolos regionais. Ademais, cabe-nos compreender o movimento e a figura de Plínio Salgado, parte de sua vida pregressa, bem como a produção integralista para a construção de uma memória da AIB.

Postular o integralismo enquanto fenômeno político-social brasileiro é entender que o movimento impactou um determinado nicho da sociedade na década de 1930, e que as formas adotadas de intervenção na vida pública social, controle, ideologização do ensino, mídias e propagandas adotadas para sua dispersão e criação de seus núcleos nos permitem analisá-las pelas vias da memória coletiva. Do mesmo modo, as experiências e vivências dos indivíduos

inseridos nesse processo, como pontua Ecléa Bosi (2003) carece de serem examinadas matizando os laços que unem memória e ideologia, assim, não se pode negar nem a memória coletiva e pessoal.

No centro dos questionamentos, aqui, estão inscritas as relações da história, memória, esquecimento e sociedade. Analisamos dessas perspectivas a partir do pensamento de Maurice Halbwachs (1990) em **A Memória coletiva**, onde o autor compreende que, para as lembranças, há duas maneiras de se organizar: dentro de uma pessoa e dentro de uma sociedade. Para Halbwachs, os processos de lembranças não atuam somente por meio do espectro da memória individual, havendo assim, em sua concepção, duas espécies de memórias, sendo uma individual e uma outra, a memória coletiva.

Para o autor, as relações sociais atuam no trabalho de reconstrução da memória, daí a categoria de “memória coletiva”; é por ela que Halbwachs diz que as memórias dos sujeitos não são apenas suas na medida que nenhuma lembrança pode coexistir longe das conformações dos grupos. Para ele, voluntariamente, cada memória individual “é um ponto de vista sobre a memória coletiva” e que este ponto de vista muda conforme o lugar que cada indivíduo ocupa, da mesma forma que, o tal lugar muda conforme as relações que o indivíduo mantém com outros meios. Entretanto, em sua visão, a memória coletiva, apesar de envolver as memórias individuais, não se confunde com elas (HALBWACHS, 1990, p. 33-36). Halbwachs compreende que a memória coletiva atua como ressonador, não estando as memórias individuais excluídas das representações sociais. Destarte, se reconstrução de memória é trabalho, pontua Henri Bergson (1999) “não há percepção que não esteja impregnada de memória” e influenciada pela vivência obtida do social.

Nesse sentido, outro pensamento para ajudar na análise é o de Jacques Le Goff (1990) em **História e Memória**. Partimos de suas compreensões sobre as diferenças nas abordagens de história e memória, as quais, apesar de similares em alguma medida, são completamente diferentes no seu fazer historiográfico. Entendendo a memória na sua forma científica, a história, Jacques Le Goff (1990) afirma que se aplicam dois tipos de materiais para sua construção: os documentos e os monumentos. Para o autor, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu no passado e sim uma seleção efetuada pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade (LE GOFF, 1990, p. 485). No que se refere a noção de documento, Le Goff pontua o seguinte:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que

o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, dos quais continua a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é coisa que fica, que dura [...]. O documento é monumento. (LE GOFF, 1990, p. 497).

A AIB compreendia a força da produção de documento e a força que a palavra impressa desempenhava na sociedade na primeira metade do século XX, assim sendo, a imprensa compunha lugar de destaque para o movimento. Os jornais, livros, e folhetos eram de suma importância na intermediação das ideias integralistas. É por meio dos escritos que a doutrina integralista chegava ao militante. Cavalari (1999, p. 79) pontua que, em seu processo de doutrinação, o livro e o jornal desenvolviam trabalhos diferentes: o livro tinha como função veicular as ideias da alta cúpula do movimento enquanto o jornal as popularizava. Portanto, o jornal, mais do que desempenhar a função doutrinadora, era responsável também por uniformizar os ideais integralistas a um maior número de pessoas. A autora ressalta que tal uniformização era colocada também aos jornais do interior, fazendo a doutrina integralista chegar até os lugares mais distantes do país e, ainda assim, organizada a fim de reproduzir o discurso ora posto em jornais maiores. Se olharmos pela perspectiva da memória e da impressão do discurso, Maurice Halbwachs diz que:

A arte do orador, [sic] consiste talvez em dar aqueles que ouvem/leem a ilusão e de que as convicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmos, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz. De maneira ou de outra, cada grupo social empenha-se em manter uma semelhante persuasão junto a seus membros. (HALBWACHS, 1990, p. 31).

Assim sendo, compreende-se a mecânica do movimento em articular seus discursos nas mais diversas formas. É válido lembrar que, ao elencarmos Maurice Halbwachs à discussão, partimos do ponto em que compreendemos a memória enquanto elemento vivo na constituição do fazer historiográfico. Na visão crítica do autor sobre conceitos da história, ele a define da seguinte maneira: “ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo e onde é possível encontrar um grande número dessas correntes antigas que haviam desaparecido somente na aparência.” (HALBWACHS, 1990, p. 67).

Com efeito, para a AIB garantir uma rede integralista de escrita organizada e unificada é que se cria a **Sigma – Jornais Reunidos**, a Secretaria Nacional de Imprensa (SNI) e as Comissões de Imprensa. Essas instâncias permitiam que o movimento estabelecesse uma padronização em sua forma de doutrinação, sendo esse um dos objetivos da AIB. Acerca da

**Sigma – Jornais Reunidos**, rede essa constituída por cerca de 88 jornais, era de onde a palavra integralista era lançada com fins de publicidade, unificação nacional do pensamento integralista e orientação doutrinária (CAVALARI, 1999, p. 84).

Tais elementos atuam substancialmente no espraiamento da ideologia de Plínio Salgado e de seus ideólogos. Em razão disto, se faz necessário compreender a sua formação ideológica: de onde parte o pensamento Plíniano? Analisá-lo creio que seja um dos pontos de partida para compreensão do surgimento desse movimento que abarca uma série de questões como: o seu ultranacionalismo para construção de um Estado integral; o pensamento autoritário e conservador; a experimentação de ideias fascistas; o antiliberalismo econômico, e o anticomunismo (TRINDADE, 1979). Para isso, é necessário voltar aos anos 1920, é nesse período que ele gesta suas ideias, adquire experiência política e jornalística, e, com a escrita, entra em contato com o modernismo, assim como reforça seu nacionalismo autoritário e reacende a sua via católica tradicionalista. Para isso, a leitura de autores tanto nacionais quanto internacionais, como Alberto Torres, Farias Brito, Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Jackson Figueredo, Bergson, Spencer, entre outros, é de suma importância construção de seu nacionalismo e espiritualismo (BATISTA, 2006).

A Semana de Arte Moderna de 22 mostrou-se como um elemento importante de renovação no período, e, por meio dela, artistas e intelectuais se posicionaram contra o que consideravam ultrapassado artisticamente e lançaram as bases do modernismo brasileiro, bem como postularam críticas acerca da realidade do país. O clima gerado na década em questão propunha uma aproximação dos intelectuais das mais variadas ideologias, e é nesse contexto que Plínio Salgado se insere. Aos efeitos da Semana de 22, juntamente às proposições da corrente Verde-amarela e do grupo Anta (CAMPOS, 1945)<sup>44</sup>, soma-se o seu arcabouço teórico, reforçando-os ainda mais a fim de erigir o seu projeto na próxima década. Em consonância com autores como José Chasin, Héglio Trindade, e Gilberto Vasconcelos, postula-se aqui o modernismo como um dos primeiros passos de Salgado, sendo os anos de 1922 a 1927 como essenciais nessa fase “pré-integralista” (CHASIN, 1978; TRINDADE, 1979; VASCONCELLOS, 1979).

---

<sup>44</sup> O Movimento Verde-Amarelo foi fundado por Menotti del Picchia e Plínio Salgado, ambos deputados à época, e contou com a participação do jornalista Cassiano Ricardo. O movimento vem em contraposição ao Movimento Antropofágico, criado por Oswald de Andrade, que entendia que as influências estrangeiras poderiam compor o cenário artístico nacional, desde que reestruturadas para a nossa cultura. Ambos sugeriram dos efeitos da Semana de 22. O movimento verde-amarelista propunha, entretanto, como símbolos da nacionalidade o índio tupi e a anta e defendia a valorização de elementos oriundos totalmente da realidade nacional. Devido às transformações feitas, passa a chamar-se Movimento da Anta. (CAMPOS, 1945, p. 130).

No que se refere à formação da ideologia integralista, Héglio Trindade (1974), diz que a tradição do pensamento autoritário brasileiro contribuiu para a formação da doutrina integralista e que este movimento fascista brasileiro não se apresenta como uma mera mimetização do fascismo europeu, ainda que a influência da referência externa do movimento tenha sido crucial para a sua criação. Características como o poder do chefe, a sua forma de hierarquia organizada, os rituais e os alguns símbolos não poderiam ser explicados sem sua referência (TRINDADE, 1974, p. 278).

As feições ideológicas integralista que transpassaram as páginas dos livros de Plínio Salgado e ganham corpo nas ruas e casas de famílias de classe média brasileira da década de 1930 encontram lugar também no meio universitário. Jovens de uma classe média insatisfeita sentem-se impelidos a apoiarem a propagação de tais ideias, aliados ao combate do comunismo. Dito isso, no dia 6 de maio, a sua dita revolução já vinha sendo construída por meio de suas publicações no periódico **A Razão** e de reuniões no salão do periódico com intelectuais paulistas. Na ocasião, articulou com lideranças políticas de outros estados, como Olibiano Melo de Minas Gerais, João Alves dos Santos da Bahia, o tenente Severino Sombra da Legião Cearense do Trabalho (LCT), do Ceará, Altamirando Nunes Pereira e Petrônio Rodrigues Chaves do Rio de Janeiro e Leaes Sobrinho do Rio Grande do Sul (CAVALARI, 1999).

Após o jornal sofrer empastelamento e com o estouro da Revolução Paulista, Salgado decide adiar sua publicação, que se materializaria mais à frente com a publicação do **Manifesto** em 7 de outubro. No documento que se constituiu como a base do movimento ficaram inscritas as finalidades do movimento, que seriam: “uma profunda revolução cultural e espiritual capaz de erguer mais alto a mentalidade da juventude”. No livro **A Doutrina do Sigma**, Salgado (1937) enfatiza mais uma vez as chaves necessárias para a compreensão de sua ideologia dizendo que o integralismo objetiva a reforma do Estado por meio de uma cultura filosófica e jurídica; assim sendo, o seu lema é colocado, e os pontos são: “O culto de Deus, da Pátria e da Família”. A unidade nacional e o princípio da ordem e da autoridade são também elementos-chave. Também pontua que a campanha do integralismo é cultural, moral, educacional e social.

Como pontuado, o modelo ideológico de Plínio Salgado fica marcado por afirmar exaustivamente princípios como um modelo de Estado integral, sendo esse centralizado, que se pautava no seu nacionalismo forte a fim de recusar o cosmopolitismo. Antes da AIB vir a se tornar um partido político em 1935, Salgado militava prol do antipartidarismo por entender que tais instituições eram divisoras. As ideias de cunho fascistas ganham forma por meio do integralismo brasileiro e conseguem adesão para além dos grandes centros urbanos, como é caso identificado neste trabalho.

Cabe pontuar como eram entendidos os grandes e pequenos núcleos urbanos no estado da Bahia. De acordo com Milton Santos (1957) as cidades do interior analisadas neste estudo compõem a chamada Região Cacaueira<sup>45</sup>, e não somente uma Zona Cacaueira<sup>46</sup>, sendo esta região, um espectro de maior abrangência ligada íntima e funcionalmente. Compreende-se aqui por grandes centros urbanos brasileiros, as cidades emergentes e em ascensão industrial, a exemplo, de São Paulo e Rio de Janeiro. Uma grande parcela da população no período não vivia nestes grandes centros, e como pontuado a respeito do estado da Bahia, este era basicamente rural com lampejos de modernidade que afetavam a capital e parte do interior, produtora e exportadora de insumos.

O líder ideológico do integralismo afirmava que tinha como objetivo primordial construir uma nova Nação, que a revolução espiritual que seu movimento tanto almeja levaria tempo para acontecer e que os frutos dela só seriam colhidos pelas futuras gerações. Assim sendo, paralela a ela, o integralismo fazia a revolução cultural. Por esse motivo, teriam duas revoluções, sendo uma revolução subjetiva e outra objetiva (SALGADO, 1937. p. 18-19). Corroborando com Cavalari (1999, p. 42), é necessário compreender o que Salgado considerava como cultura para traçar os delineamentos do seu processo de educação e ideologização.

Ainda que o termo não apareça explicitado, é possível inferir que o que seria identificado com cultura na visão de Plínio Salgado seriam o domínio de saberes ligados à filosofia, ciência, literatura e a arte, sendo que aqueles que o possuíssem ficariam encarregados de sua transmissão. No que se refere à transmissão direta para as massas, a Ação Integralista Brasileira possuía jornais próprios que tratavam exclusivamente do movimento, como também havia uma rede de outros jornais em vários estados que abraçaram a ideologia. Segundo o Monitor Integralista (1937, p. 7), este, o principal veículo informativo do Integralismo, a rede era constituída de oito diários de grande circulação, a saber: **A Offensiva** do Rio de Janeiro; **A Ação** de São Paulo; **O Imparcial** da Bahia; **Diário do Nordeste** de Recife; **A Província** de Maceió; **A Razão** de Fortaleza; **Acção** de São Luiz do Maranhão; e **Correio da Noite** de Porto Alegre. Com periódicos de grande ou considerável circulação, o movimento conseguia adentrar

---

<sup>45</sup> De acordo com Santos (1957) depois do processo de monocultura, juntamente com o processo de abertura de estradas às custas das necessidades e dos capitais e das trocas comerciais cada vez mais intensas. Esta região era compreendida por três faixas paralelas, em que as atividades econômicas se associavam e as condições de solo e clima. Assim, formada geograficamente três zonas de passagem, sendo: Jequié, Ilhéus-Itabuna e Conquista. A faixa litorânea de domínio da atividade extrativa (piaçava, dendê, Côco), segue-se a faixa cacaueira (Ilhéus/Itabuna/Ipiaú); a faixa de policultura, pecuária, Jequié, Conquista.

<sup>46</sup> Refere-se a porção do território baiano a qual detinha a maior produção de cacau, estendendo-se desde as proximidades do Recôncavo até o extremo sul da Bahia (SANTOS, 1957).

as camadas médias da sociedade de forma discreta, a princípio, pulverizando assim o seu conteúdo ideológico.

O efeito desse trabalho de disseminação ideológica, que se constituiu não somente pela rede jornalista, mas sobretudo pelas excussões de formações – a chegada das “Bandeiras”, constituindo-se como método efetivo de arregimentação –, é sentido no estado da Bahia, onde o movimento alcança os lugares mais distantes da capital. No interior do estado, formam-se militantes apaixonados, e a malha da política local tem que enfrentar um renovo por vezes barulhento e afrontoso.

Nas linhas que se seguem, serão pontuadas as realidades e nuances da atuação da Ação Integralista Brasileira no interior baiano. As cidades de Ilhéus e Itabuna, na década de 1930, enveredam em disputas que vão além da construção do império do cacau, à época, um dos frutos mais importantes e que movia a economia local e nacional. Entretanto, outro elemento moveu as bases das cidades do sul baiano. Ao receberem de fora do estado o integralismo e o comunismo, correntes políticas antagonistas, que rivalizaram com partidos locais, elegeram políticos e conquistaram uma legião de seguidores apaixonados. Os embates entre as duas frentes geram prisões, ataques a bomba, conflitos entre militantes e a polícia local, passeatas acaloradas e a certeza de que o cenário baiano dos anos 30 foi efervescente até nos lugares mais distantes da capital conforme veremos a seguir.

### 3 O INTERIOR DO ESTADO DA BAHIA E O INTEGRALISMO

#### 3.1 Ilhéus e Itabuna: “a formação da burguesia cacauera”

Como um movimento marcadamente urbano, como a Ação Integralista Brasileira conseguiu adeptos no interior da Bahia? A que se deve a inserção do movimento comunista nessas terras? Para chegarmos a uma compreensão de que estrutura esses movimentos encontraram em Ilhéus e Itabuna, faz-se necessário uma identificação das cidades do interior do estado para uma melhor leitura dos fatos. A compreensão da sua população, de seu desenvolvimento político, econômico, social e sua instrução educacional são elementos caros a este fim.

Autores como Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (1979), Gustavo Aryocara O. Falcon (1983), e Marcelo da Silva Lins (2007) se debruçaram, ainda que em perspectivas distintas, para descortinar as nuances das cidades de Itabuna e Ilhéus. Aqui, atendo-se a elementos a partir dos anos de 1920, relata Antônio Fernando Guerreiro de Freitas (1979) que é a partir dessa década que ocorre, em sua compreensão, o que nomeou de formação da “burguesia cacauera”. O trabalho de Guerreiro de Freitas impera no esforço de acompanhar a evolução das classes dominantes e tem como ponto principal identificar as origens da burguesia do cacau e sua atuação política. Tal conformação social é de suma importância, pois é por meio dela que se é possível determinar o padrão de vida da sociedade local, bem como as ações políticas expressas pelos detentores de capital.

A formação da “burguesia cacauera” como exemplificada também em Marcelo Lins (2007, p. 41), se deu por meio da aproximação de dois grupos, “sendo uma ‘elite’ de fazendeiros produtores, e um grupo de comerciantes exportadores”, esses posteriormente transformam-se em proprietários de terras e produtores, consecutivamente. Essa conexão se deu pelo jogo de interesses mútuos no qual classes ainda que “distintas e até antagônicas passaram a formar um grupo misto” resultando na “constituição de uma só classe”. A este respeito, tanto Gustavo Falcon (1983) quanto Marcelo Lins (2007) corroboram no sentido de concordarem que tal processo ocorreu, entretanto entendem que há contradições no processo, não podendo homogeneizar o discurso de classe.

Como pontua Lins (2007), com o intuito de unificar a região cacauera, a burguesia cacauera estabeleceu uma tentativa de homogeneidade que pautava o foco na monocultura cacauera. Por meio dessa concepção, pregava que todos os problemas, como a política e questões relacionadas ao seu progresso, deveriam ser de interesse de todos os envolvidos, tais



como fazendeiros, comerciantes, assalariados e contratistas. A cidade de Ilhéus também experimentou importantes melhorias ao que tange à infraestrutura e aos transportes. A inauguração da estrada de ferro em 1913, a abertura de estradas vicinais, e as melhorias do porto na década seguinte possibilitaram que o escoamento da produção de cacau pudesse ser executado diretamente, sem a necessidade de envio para a capital do estado. As melhorias na infraestrutura portuária facilitaram o comércio e a conexão entre cidades, oferecendo acesso a um maior leque de produtos, tanto nacionais como internacionais.

Guerreiro de Freitas (1979) aponta que o Rio de Janeiro se estabeleceu como um destino de encanto para os moradores da região, especialmente para aqueles de maior status social. A elite local passou a exaltar elementos originários do Sudeste e até mesmo o estrangeiro, diferenciando-os da cultura predominantemente baiana. Essa nova tendência foi refletida na busca por experiências comerciais e educacionais na capital fluminense, apresentando-se, assim, como mais um elemento de diferenciação e de status social. Durante os anos 1920, mudanças estruturais da cidade, como implementação da iluminação pública, alargamento de vias, saneamento básico, telefone e transportes públicos, eram alguns dos elementos que traduziam o sentimento de orgulho do ilheense.

A sua vizinha Itabuna se tornou cidade em 1910. Entre os anos 1920 e 1940, já contava com uma população urbana superior à de Ilhéus, alcançando 20.265 habitantes, enquanto Ilhéus registrava 15.807. Contribuíram para o crescimento de Itabuna a sua posição geográfica e a abertura de novas estradas, tornando-a o centro comercial para povoados cacaeiros – que vieram a se tornar cidades mais tarde – a exemplo de Macuco (atual Buerarema), Itaúna (atual Itapé), Palestina (atual Ibicaraí), Pirangy (atual Itajuípe) e Itapuhy (atual Itororó) (GUERREIRO DE FREITAS, 1979; LINS, 2007).

No tocante ao âmbito educacional, ainda segundo Guerreiro de Freitas (1978), antes da reforma educacional de 1925, quando se estadualizou o ensino público elementar na Bahia, os municípios de Ilhéus e Itabuna não assumiam a responsabilidade educacional. Como argumento, alegavam não ter condições para tal, ainda que desde 1910 os municípios mantivessem as maiores arrecadações no interior do estado (FREITAS, 1978, p. 105). Somente no decorrer de 1930 e em anos posteriores que os processos de atenção às ações educacionais nos municípios se intensificam.

É entre os anos de 1918 e 1930 que se aceleram os movimentos de classe<sup>47</sup> em decorrência das agremiações, sociedades e cooperativas. Nesse sentido, o movimento operário

---

<sup>47</sup> Segundo Lins (2007), no que se refere à organização de classe, a primeira que se tem notícia foi fundada em Itabuna e foi denominada “União das Classes”. Essa união, ainda que não se possa precisar por quanto tempo

de Itabuna e Ilhéus foi intensificado com a fundação da União dos Estivadores e dos Carregadores de Ilhéus (1918), criou-se o Monte Pio dos Artistas (1919), a Associação dos Empregados no Comércio de Ilhéus (1920), a Sociedade União Protetora dos Artistas e Operários de Ilhéus (1922) e o Centro Operário Itabunense (1935). A ação de estabelecimentos de ensino, como colégios e ginásios, bem como a abertura dos Institutos de Escola Técnicas do Comercio, o Instituto Geográfico e Histórico de Ilhéus e a Academia de Letras de Itabuna foram importantes a esse propósito. Fruto do desenvolvimento das relações sociais no interior do estado, a inauguração da primeira instituição ginásial de Ilhéus se deu em 1935 e foi considerada uma conquista para o município (GUERREIRO DE FREITAS, 1979, p. 109; LINS, 2007, p. 58).

Nos anos 1930, Ilhéus e Itabuna experimentaram um crescimento na participação política para além dos coronéis e das velhas oligarquias. A classe média e o operariado começaram a ter maior influência, possibilitando o trânsito de discussões e embates políticos. Na eleição presidencial de 1930, com o apoio de Washington Luís, as oligarquias baianas tinham como seu representante o governador baiano Vital Soares, proprietário de fazendas de cacau no sul do estado e candidato a vice-presidente, ao lado de Júlio Prestes, candidato ao pleito. O núcleo da Aliança Liberal em Ilhéus foi estabelecido como parte da campanha eleitoral de Getúlio Vargas em 1930. O núcleo contava com Eusínio Lavigne como presidente, bem como outros membros importantes, como o Coronel Avelino Fernandes, Joaquim Lopes Filho, Renato Leite da Silveira e o Coronel Adonias Aguiar, pai do escritor Adonias Filho. Adonias Filho acabaria por se juntar ao núcleo integralista de Ilhéus mais tarde (LINS, 2007).

Dr. Eusínio Gaston Lavigne<sup>48</sup> é uma figura de destaque no contexto político local e impactou a realidade de Ilhéus após a revolução de 1930 nos diferentes campos, com relevo para a educação. Esta importância é demonstrada em 1931, seu primeiro ano de governo, no qual ele, por meio do **Diário da Tarde**, expressa sua preocupação com o ensino:

O problema máximo de qualquer governo é a EDUCAÇÃO. Efetivamente é. Educar é melhorar, progredir, higienizar. [...] As raças só progridem obedecendo a este laxioma latino *Mens sano in corpore sano*, que por sua vez se inspirou na obra dos gregos, que é a arte da beleza física e moral. [...] Motivo porque todos os governos municipais precisam, antes de tudo, de realizar essa obra de higienização social. (Diário da Tarde, Ilhéus, p. 1, 22 ago. 1931).

---

permaneceu em ação, congregava funileiros, carpinteiros, pedreiros, comerciários, e teve os marceneiros Flaviano Domingos Moreira e Manuel Vidal como principais líderes. Anos mais tarde, estes estariam à frente da fundação do Monte Pio dos Artistas (1919).

<sup>48</sup> Foi um político, advogado, escritor, jornalista e jurista ilheense. Foi intendente/prefeito nos anos de 1930 a 1937 e publicou inúmeros livros e artigos sobre a história de Ilhéus.

Em sua preocupação com o ensino, nota-se a adoção de elementos higienistas em sua concepção. A este quesito, Phillipe de Carvalho (2012) diz que o projeto educacional da prefeitura de Ilhéus tinha como objetivo principal a higienização social da população e que o projeto visava criar estratégias educacionais destinadas à intervenção na vida das pessoas a fim de ajudar a incorporá-las às normas sociais, transmitindo os valores necessários para o progresso econômico e humano da nação. Assim, o uso da linguagem médico-social por meio da educação era tido como um antídoto para a população empobrecida.

No âmbito do agropecuário, foi um pioneiro para a história da região cacauceira, tendo sido um dos fundadores do jornal **Diário da Tarde** e, por meio dele, movia oposição ao situacionismo municipal, como também lutou para a criação do Instituto de Cacau da Bahia (IBC) e do Porto do Malhado. Eusínio Lavigne, após a revolução de 1930, assume intendência municipal de Ilhéus de 1930 a 1934 e é eleito prefeito até 1937 (GUERREIRO FREITAS, 1979; FALCON, 1989; HEINE, 2000; LINS, 2007).

A década de 1930 foi um período decisivo para a região, onde houve uma consolidação da concentração econômica, bem como a recuperação da economia a partir de novas bases graças à intervenção estatal. Por isso, destaca-se a importância da Lei de Usura de 1933 que estabeleceu limites à taxa de juros e, principalmente, da Lei do Reajustamento Econômico de 1934, que reduziu em 50% os débitos dos produtores rurais. Eusínio Lavigne desenvolveu uma forte liderança baseada na conciliação e no cooperativismo e, com sucesso, liderou projetos importantes que estiveram alinhados aos anseios de Vargas, como é o caso do ICB em 1931.

O ICB foi essencial para ajudar as vítimas da crise econômica que assolou a região e esse processo seguiu como uma das ações afirmativas do governo de Getúlio Vargas no que tange o setor agrícola, a qual se baseou na criação de institutos federais<sup>49</sup> ou estaduais (DINIZ, ano; LINS, 2007). Cabe ressaltar que, apesar do governo nacional se desenvolver por meio do seu discurso um processo de centralização do poder, alguns coronéis, mesmo após 1930, ainda exerceram um grande poder, muitos deles se mantiveram no cargo usando astutas práticas, como clientelismo, manipulação e fraude eleitoral (LINS, 2007).

Nesse sentido, durante seu mandato, Eusínio Lavigne buscou representar uma posição moderada, de centro político. O Partido Social Democrático (PSD), partido do governador Juracy Magalhães, ao qual Lavigne esteve vinculado, defendia uma frente comum contra os

---

<sup>49</sup> Outros institutos governamentais foram criados em apoio aos principais produtos do estado, a exemplo do Instituto do Fumo e o Instituto da Pecuária, esses ligados ao Instituto Central de Fomento Econômico. (SAMPAIO, 1992, p. 85).

extremos de direita e esquerda. Quando se acirraram os embates entre os integralistas e membros da Aliança Nacional Libertadora em 1935, Lavigne declarou, por meio do jornal **Diário da Tarde**, periódico braço do PSD em Ilhéus: “Nem punhos fechados nem mãos ao alto. Conservemos o leal aperto de mão brasileiro” (A Época, Itabuna, 15 jul. 1937) reafirmando assim sua posição (LINS, 2007). Contudo, o periódico **Diário da Tarde** se manteve noticiando os feitos da Ação Integralista Brasileira no sul do estado.

Como ressalta Consuelo Sampaio (1992), a volta do sistema de representação popular fez surgir uma seara de partidos políticos na Bahia a partir da convocação das eleições de 3 de maio de 1933, desencadeando uma mobilização política intensa tanto na capital como no interior. Nesse sentido, o Partido Democrático e o Partido Republicano reorganizaram-se por meio das articulações das forças oligárquicas tradicionais e de suas agremiações. Os novos partidos, como o Partido Social Democrático (PSD) liderado de Juracy Magalhães, e sua oposição a Liga de Ação Social e Política (LASP) engendraram os principais embates governistas no estado. De fora do estado vieram a Ação Integralista Brasileira (AIB) e Aliança Nacional Libertadora (ANL).

A Liga de Ação Social e Política (LASP) foi formada em 1934 pelos denominados “Autonomistas”, e era liderada pelo político baiano Otávio Mangabeira. Segundo Lins (2007), em Itabuna, o Coronel Henrique Alves era representante do grupo e tinha como principal órgão de imprensa o periódico **O Intransigente**, que tinha como propósito a defesa dos interesses da elite local e estadual, atuando como uma forte oposição ao governo federal, especialmente ao Partido Comunista do Brasil. O bacharel Reynaldo Sepúlveda atuava como diretor e como gerente, Ottoni José da Silva. O jornal fornecia amplo espaço às tendências políticas conservadoras, possibilitando assim um grande espaço para o Integralismo, permitindo inclusive “a ter uma coluna com artigos de um alemão chamado Ernesto Muller, que defendia as ações do governo alemão liderado por Adolf Hitler”.

No que se refere aos partidos e frentes vindas de fora, a Ação Integralista Brasileira/BA e Aliança Nacional Libertadora/BA, estes disputaram a participação dos jovens na política do estado. Como citado anteriormente, na capital, as faculdades de medicina e direito eram o celeiro, visto que, os jovens mais abastados do interior se deslocavam para capital para estudar e, ao retornarem, o trânsito das ideias chegava ao interior. Na capital do estado, a AIB desenvolve menor impacto, no que se refere as instancias de fora do meio estudantil, entretanto, no interior ganha considerável força, a exemplo das cidades a serem tratadas neste estudo: Vitória da Conquista, Jequié, Itabuna e Ilhéus, esta última considerada a frente de maior força da Ação Integralista no estado da Bahia.

Na sessão a seguir, serão abordadas a conformação dos núcleos da Ação integralista de Ilhéus e Itabuna que contaram com a oposição da ANL/PCB, identificados como “os rostos do comunismo” no sul do estado. As ações por parte dos dois grupos, ultrapassaram o âmbito do discurso e enveredaram para conflitos de violência generalizada. Os embates entre integralistas e anti-integralistas em Ilhéus e Itabuna geraram atentados a bomba às sedes dos sigmas, violência em praça pública, confrontos com a polícia local e, com efeito, prisões de ambos os lados. Com seu núcleo forte, a cidade de Ilhéus reuniu quase mil militantes numa Parada Integralista, e recebe a condecoração de Plínio Salgado de “cidade Integralista”. Para além dos conflitos citados, merece atenção o alinhamento da AIB com instituições de influência e poder local. O alinhamento de uma elite intelectual e de lideranças do movimento operário na constituição da AIB/Ilhéus são pontos que merecem atenção, assim como subsídio ideológico integralista que, atuante com pensamento conservador, leva ao auxílio da igreja católica.

### 3.1.2 “Os verdes e os vermelhos nas terras do cacau”<sup>50</sup>: o integralismo, o comunismo e o antifascismo em Ilhéus e Itabuna

Uma parcela da população das cidades de Ilhéus e Itabuna já acompanhava os movimentos feitos pela Ação Integralista Brasileira de Plínio Salgado por meio dos jornais desde os anos de 1933, como apontam as notas do **Diário da Tarde**<sup>51</sup>. E no mesmo ano, o prenúncio da inserção do movimento na cidade de Ilhéus foi dado pelo jornal citado apontando a vinda de um dos líderes do movimento para a cidade, Gustavo Barroso, acompanhado de acadêmicos de Salvador, dentre eles, alguns ilheenses que estudavam na capital.

Como relata o periódico **Diário da Tarde** (9 de novembro de 1933), a comunicação com os entusiastas locais estava sendo feita por meio de circulares da AIB endereçadas à Associação dos Empregados no Comércio de Ilhéus (AECI)<sup>52</sup>, e a vinda a cidade de Ilhéus tinha o claro intuito de propagar a ideologia integralista na cidade e fundar um de seus núcleos. Era

<sup>50</sup> Título faz referência a nota do **Diário da Tarde** (Ilhéus, 4 jun. 1935). O título da nota foi replicado em mais algumas edições antes dos ocorridos à bomba na cidade.

<sup>51</sup> A nota em questão intitulada “O fascio no Brasil” relata o desfile da AIB realizado no Rio de Janeiro no dia 18 de abril e dia que: “A Ação Integralista, fundada por Plínio Salgado, adotando o modelo fascista fará desfilar no sábado pelas ruas da Paulicéa o primeiro grupo militarizado, trajando camisa verde oliva [...]” (Diário da Tarde, Ilhéus. 19 abr. 1933); outras notas são encontradas no **Diário da Tarde**, Ilhéus. 6 de novembro de 1933 e **Diário da Tarde**, Ilhéus. 9 de novembro de 1933.

<sup>52</sup> A Associação dos Empregados no Comércio de Ilhéus foi fundada em 1920 e durante os anos 1920 e 1930 desenvolveu ações educacionais no município visando a alfabetização dos associados e havia uma tentativa de ofertar instrução gratuita aos mais pobres. Dário Passos, presidente entre 1925-1926, afirmava que a educação era uma das prioridades da organização. As aulas disponibilizadas aconteciam no período noturno, e eram aulas de aritmética e língua portuguesa. Carvalho (2012) pontua que Nelson Shaun atuou como professor das aulas noturnas.

comum, no seio do movimento, a dispersão de seus líderes a fim de semear as ideias do sigma, indo até distante dos grandes centros. Em caravanas pelo Brasil, os líderes da Ação Integralista, levavam a bandeira<sup>53</sup> do movimento, realizando propaganda por meio de conferências e tinham o intuito de formar os já apresentados à doutrina, e aos novos, arregimentar ao seu movimento. Conforme notícia do **Diário da Tarde**, a cidade de Ilhéus seria um dos destinos da caravana:

### **Brasil Integral**

A caravana do sr. Barroso vem a Ilhéus

Baia 16 (Diatarde) Está anunciada a partida, do Rio, nestes dias, para a capital de uma caravana chefiada pelo sr. Gustavo Barroso, presidente da Academia Brasileira de Letras, que também visitará Ilhéus, realizando a propaganda, por meio de conferências, do ideal político do Brasil Integral. (Diário da Tarde, Ilhéus. 17 nov. 1933).

Havia uma espera por parte de alguns entusiastas, como apresenta-se na nota acima. As questões disciplinares propostas pelo movimento também já figuram o periódico no ano de 1933 (Diário da Tarde, Ilhéus, 4 dez. 1933), bem como as críticas ao movimento. A nota de 18 de janeiro de 1934 do **Diário da Tarde**, com o título “O que é o Integralismo”, de Numas da Silva<sup>54</sup>, traça um panorama geral do movimento e aponta os erros de concepção, sua aversão aos partidos e o mimetismo político brasileiro, no entanto elogia seu sistema de ideias. Assim, o autor relata que “a crítica se trata de uma crítica sensata, superior e desapaixonada sobre o movimento”:

### **“O que é o Integralismo”**

O integralismo está despertando acentuado interesse á curiosidade nacional. [...] Não se trata, como aparenta, de uma idéia original pesando a “realidade brasileira”. Segue o clássico expediente e não desmente nem foge á nossa tradição: compila, importa, transplanta dos organismos combatidos [...] tudo que os figurinos sociológicos, políticos e econômicos divulgam, sem uma análise consciente e sabia. Desta vez, porem, preferiu se *Mussolini e Hitler a Jorge V e Rosevelt. Isto quer dizer que o “Integralismo” é um composto de Fascismo e Nacionalismo sem mesmo prescindir das milicias. [...] O Integralismo fomenta, nos seus adeptos, os mesmos sentimentos condenáveis, despertando-lhes no espirito a ideia de que só ele é a salvação publica, porque somente em suas fileiras, estão os super-homens do brasil — os infalíveis, os são os honestos e os virtuosos. Mera basofia!. (Diário da Tarde, Ilhéus, 18 jan. 1934, grifo nosso).*

<sup>53</sup> “A bandeira”, era entendida como uma espécie de caravana afim de levar a “palavra do chefe” aos lugares mais distantes.

<sup>54</sup> Escritor.

A crítica toca em pontos fundamentais sobre a ideologia integralista e, ao tecer elogios, descreve que um dos pontos positivos do movimento seriam as suas ideias de unificação povo brasileiro e que tais ideias trabalham “no engrandecimento e na felicidade do todo — pelo trabalho, pela inteligência, pela moral, pela disciplina e pela fé”, elementos constantes no discurso de Plínio. Vale ainda ressaltar, aqui, um dos pontos abordados em sua crítica no qual o autor ressalta o caráter mimético do movimento: “O povo brasileiro não perdeu a sua incapacidade mental, e a mania de imitação que a praticamos com a maior naturalidade do mundo”, esse refere-se à importação das ideias fascistas italianas para o Brasil.

Este é um ponto levantado por Trindade (1979, p. 278) que, apesar de não pretender afirmá-lo, entende que o integralismo não tenha sido exclusivamente fruto de um mimetismo ideológico, no entanto foi influenciado diretamente pelo fascismo europeu, que contribuiu de forma decisiva para a configuração da doutrina do integralismo brasileiro. Além disso, para o autor, também foram fundamentais na formação da doutrina desse movimento a tradição do pensamento político autoritário brasileiro. Pensamento esse presente em parte da “burguesia cacauera” e que espelhava na espera do estabelecimento do movimento na cidade. A vinda de Gustavo Barroso tão esperada no ano de 1933, não ocorreu, porém o desejo de alguns ilheenses permaneceu, e a formação do núcleo integralista de Ilhéus estava em andamento (Diário da Tarde, 6 de fevereiro<sup>55</sup>; 27 de fevereiro de 1934; 6 de março, 1934).

Apesar de João da Silva Campos (1987, p. 246) relatar que a abertura do núcleo da Ação Integralista de Ilhéus acontecera em janeiro, esta, porém, se deu somente em 28 de fevereiro de 1934 após a vinda de Aristóbulo Soriano de Melo<sup>56</sup>, mensageiro oficial de Plínio Salgado, que “trazendo aos companheiros de Ilhéus o ‘Anauê’ dos companheiros do norte e do Sul” realizou uma palestra doutrinária na sede provisória do núcleo integralista local a fim de auxiliar nesse processo. A nota do **Diário da Tarde**, 27 de fevereiro de 1934 relata a sua vinda:

### **Movimento Integralista**

O integralismo é um movimento de inteligência, do qual se pode sinceramente discordar, mas em que não se deve deixar de reconhecer certos pontos dignos de interesse e apreciação. Em Ilhéus há um Núcleo Integralista em formação, que já conta em seu seio, com vários elementos. [...] Será amanhã a noite realizada, na sede provisória do núcleo, uma reunião ordinária onde serão

<sup>55</sup> A nota de 6 de fevereiro do Diário da Tarde “Será fundado brevemente um núcleo em Ilhéus” relata que, no dia 31 de janeiro, na residência de João Baptista Souza, foi presidida por João Adonias Aguiar a reunião que determinou as deliberações sobre os próximos passos para a fundação do núcleo integralista local.

<sup>56</sup> Aristóbulo Soriano de Melo, era militar e integrante da cúpula integralista, sendo um dos mensageiros de Plínio Salgado.

tomadas deliberações a respeito da sua instalação definitiva. (Diário da Tarde, Ilhéus, 27 fev. 1934).

Com o núcleo local formado foram definidas lideranças provisórias, o triunvirato: como presidente, Pedro Ribeiro Filho; como secretário, Camillo Lellis da Matta; e como tesoureiro, Euler Almeida<sup>57</sup>, ficando também estabelecidas outras direções e nomeando outros militantes<sup>58</sup> que auxiliaram no processo (Diário da Tarde em nota do dia 5 de julho de 1934). Sobre as lideranças integralistas, Pedro Ribeiro Filho<sup>59</sup> era ferroviário e atuou nos anos 1920 como uma das lideranças movimento operário de Ilhéus<sup>60</sup>, foi integrante da Aliança Liberal, e uma das primeiras lideranças da Sociedade Beneficente dos Funcionários da Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista (SFEFIC); no decorrer dos anos 1930, atuou como chefe da Ação Integralista de Ilhéus. Como vereador, foi eleito presidente da câmara de 1960 (CARVALHO, 2015). Outra liderança, o Dr. Camillo Lellis da Matta era médico, professor e, assim como Pedro Ribeiro, foi atuante no associativismo operário de Ilhéus da década de 1920. Após o seu período como adepto do sigma, voltou a atuar na formação de novas organizações pós-1930 (LINS, 2006; CARVALHO, 2015).

Pontuar a presença do movimento operário na construção de líderes políticos locais, bem como a sua concorrência entre os movimentos, é trazer à tona um questionamento à época: alinhar-se a direita ou a esquerda? A atuação da igreja católica e a disputa de influência junto ao movimento operário em Ilhéus e Itabuna são atos que se assemelha ao abordado por Josênio C. Parente (1986) na instauração e manutenção do Integralismo no Ceará. No final dos anos 1920 e início dos anos 1930, o estado cearense concorre pela disputa da tutela do movimento operário, e como relembra Josênio Parente, essa polarização não era local, “fazia parte estrutural da crise do capitalismo mundial” e que, a nível nacional, estava acontecendo com maior intensidade nas regiões de maior desenvolvimento econômico, o sul e centro-sul. O processo de construção da AIB do Ceará nasce dentro da Legião Cearense do Trabalho (LCT), essa percussora também da AIB nacional. A LCT buscou, por meio do operariado, recrutar entre a

---

<sup>57</sup> Militante integralista, artista e cineasta amador. Fundou da “Sociedade de Cinematografia de Amadora de Ilhéus”.

<sup>58</sup> Outros nomes foram elencados pelo jornal **Diário da Tarde**, sendo os organizadores da milícia Admar Pimentel Dias e João Baptista de Souza. Para o Departamento de Propaganda, Petronio Gomes, Antonio Rodrigues, João Albuquerque Mello Junior, Caetano Azevedo, Josias U. Soares, Amilton Almeida, Bento Cesário dos Santos, Alvaro Nery Ferreira e Waldomiro Sant’Anna. (Diário da Tarde, Ilhéus, 5 jul. 1934).

<sup>59</sup> O político também é homenageado cedendo seu nome a uma das ruas de Ilhéus (CEP 45654-262).

<sup>60</sup> O movimento operário atuava com associações como a União Protetora dos Artistas e Operários em Ilhéus (UPAOI), a Sociedade União Operária dos Estivadores em Ilhéus (SUOEI), a Sociedade Monte Pio dos Artistas de Itabuna (SMPAI), Sociedade Beneficente dos Funcionários da Estrada de Ferro Ilhéus-Conquista (SFEFIC) e a Associação dos Empregados no Comércio de Itabuna (AECI) que aglutinavam o operariado do sul da Bahia até 1935. (CARVALHO, 2015).



classes médias, os profissionais liberais e, sobretudo, médicos e advogado a demarcação dos núcleos religiosos, bem como a presença militar. Um dos pontos que interligavam essa união era o conservadorismo, a fé católica e o combate ao socialismo.

Nota-se que ocorreu semelhantemente no eixo Ilhéus-Itabuna, onde o recrutamento das lideranças e de milicianos teve por base o movimento operário, a classe média, professores, médicos e advogados e a intelectualidade jovem, a fim de atuar no engrandecimento do movimento. Pedro Ribeiro, Camillo da Matta e outros nomes como Adonias Aguiar Filho<sup>61</sup>, escritor, intelectual e filho do coronel Adonias Aguiar<sup>62</sup>, podem ser citados como exemplo. Ademais, segundo Marcelo Lins (2007), tendo como principais lideranças integralistas na região elementos oriundos das camadas mais abastadas, sendo ou fazendeiros de cacau ou negociantes do “fruto do ouro”, outro ponto que poderia ter reforçado o alinhamento dessa classe burguesa local seria o medo ocasionado pelo avanço da organização de “movimentos extremistas”, reforçando inserção de novos adeptos com o discurso anticomunista.

Noutra marguem, contudo com o mesmo sentido, a ANL e o PCB atuam no estado por meio da articulação dos discursos anti-integralistas e antifascistas. Cabe identificar e diferenciar as duas instancias. A ANL era encarada como frente, e detinha ramificações de diversos setores da sociedade, desde o funcionalismo público até os estudantes e intelectuais, passando pelos diferentes segmentos da classe trabalhadora, entretanto, a repressão atingiu indiscriminadamente todos os grupos. De acordo com Sena Junior (2022) por meio da acusação genérica de "comunistas", expressão máxima da ideologia anticomunista que apenas começava a se desenvolver no Brasil, milhares de pessoas foram presas, acusadas de conspirar contra a segurança nacional. Já o Partido Comunista do Brasil (PCB<sup>63</sup>), era o mais visado, além de uma base de militantes que formava a ANL, possuía além de anarquistas, socialistas, sindicalistas, trotskistas, tenentistas, constitucionalistas — identificados com o movimento de 1932), perrepistas e, enfim, todos aqueles que se opuseram ao governo, tornando-se alvos do aparato repressivo do Estado.

Na cidade de Ilhéus, uma das primeiras expressões dos “vermelhos” surge no mesmo período de inserção da AIB, apresentando-se como outra via política na cidade. Assim, em

---

<sup>61</sup> Atuou no movimento integralista e escrevia artigos para os jornais locais defendendo o movimento e o fascismo. Após a década de 1930 ficaria conhecido como romancista (LINS, 2007, p. 64).

<sup>62</sup> Coronel e proprietário de terras em Ilhéus, foi influente na cidade durante os anos 1920 e 1930, atuou alinhado a Eusínio Lavigne na campanha de 1930 para Getúlio Vargas (LINS, 2007).

<sup>63</sup> Pontua-se aqui as nomenclaturas, de 1922-1961, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), é o partido histórico, esse reconhecido pela Internacional Comunista (IC) e utilizava a nomenclatura de Partido Comunista do Brasil sofrendo posteriormente mutação para Partido Comunista Brasileiro (1961-1992) afim de enfatizar o caráter nacional do partido.

Ilhéus, na madrugada que demarcava o 16º aniversário da Revolução proletária da Rússia, uma “exposição de bandeiras” vermelhas foi levada ao alarde e entendida como uma demonstração de força comunista na cidade:

**“O comunismo em Ilhéus”**

De como uma exposição de bandeiras passou a ser uma manifestação de  
força

Há tempos a cidade foi surpreendida, ao despertar certa manhã, com a notícia de terem espalhados em varios pontos da <urbs> bandeiras vermelhas com legendas comunistas. Foi precisamente na data comemorativa do 16 aniversário da revolução proletária da Russia. [...]

Segundo a referida notícia tem-se a impressão de que o que houve em Ilhéus foi uma verdadeira manifestação de força comunista, com responsáveis conhecidos e praticada em face do publico e das autoridades, tendo a policia sido obrigada a intervir energicamente. Ao passo que tudo não passou da simples exibição de bandeiras simbólicas e em pequeno numero, espalhadas [...]. (Diário da Tarde, Ilhéus, 16 fev. 1934).

O caso foi publicado algum tempo depois no jornal **Estado da Baía**; e o periódico **Diário da Tarde** em sua crítica denota exagero por parte de tal periódico. Comenta ainda que, apesar do intuito do periódico da capital de combater as tendências extremistas, apenas deu “vulto exagerado ao acontecimento” sendo possível que o corrido poderia ter sido feito por somente um simpatizante ao comunismo. É necessário pontuar que o desenvolvimento do Partido Comunista do Brasil na Bahia se deu de forma lenta, se comparado a outros estados, a exemplo de São Paulo e Rio de Janeiro.

De acordo com José Raimundo Fontes (1982) e Marcelo Lins (2007), o partido não dispunha de grande inserção devido às suas “enormes debilidades organizativas” junto aos movimentos sindicais e movimentos sociais. Entretanto, é partir de 1933 que se observam ações crescentes como “pichações, panfletagem, e arregimentação de operários nos locais de trabalho”, somando-se a isso a intensa proliferação dos núcleos da AIB no estado. A luta anti-integralistas ganha força e passa a ser mostrada especialmente no início de 1935, ano em que é fundada oficialmente a frente Aliança Nacional Libertadora (p. 125).

Observa-se que, antes da datar a formação dos núcleos do PCB e da ANL, foi fundada na cidade de Ilhéus uma “Liga contra Guerra e o Fascismo” (Diário da Tarde, Ilhéus, 26 jul. 1934) cujo propósito, segundo os fundadores, era “combater, pela tribuna e pela imprensa, o espirito guerreiro e militarista e ao mesmo tempo todos regimes autócratas, que sobrepõem a vontade individual aos interesses das massas”. A liga foi oficialmente fundada em 1 de agosto

(Diário da Tarde, Ilhéus, 1 ago. 1934; 2 ago. 1934) e a data fora estrategicamente escolhida por ocasião do 20º aniversário da conflagração europeia.

Num ritmo bem diferente, corriam as ações da Ação Integralista de Ilhéus. Reuniões, comícios e passeatas já eram correntes antes mesmo do auge do movimento, nos anos de 1935. O núcleo local dos camisas verdes esteve em movimento e no dia 7 de setembro de 1934 realizou-se uma passeata integralista em comemoração data da Independência comanda pelo chefe municipal Pedro Ribeiro Filho, acompanhado do acadêmico João Marcellino da Silva<sup>64</sup> “que proferiu ardoroso discurso atacando diversos sistemas políticos alheios aos princípios do sr. Plínio Salgado, encerrando a sua oração com os <anauês> do estilo”. Ao final do discurso o orador foi aplaudido pelos seus companheiros” (Diário da Tarde, Ilhéus, 10 set. 1934, p. 1). Os discursos mais inflamados contra as correntes contrárias a AIB seriam proferidos no ano seguinte, contudo os militantes de Ilhéus e Itabuna já demonstrava certa obediência aos desígnios do chefe integralista. No mês seguinte, com maior número de milicianos, um desfile integralista foi realizado na cidade de Ilhéus contando com a participação de 150 camisas verdes:

#### **Um desfile Integralista na cidade**

O núcleo Integralista de Ilhéus realizou ontem a tarde uma parada dos seus milicianos pelas principais ruas na cidade, sob o comando do bandeirante Pedro Ribeiro Filho, chefe municipal.

Cerca de 150 <camisas verdes> desfilaram garbosamente, partindo para a sede do Núcleo, a Praça do Unhão, e voltando depois a mesma sede, onde se dissolveu a bandeira integralista, após os anauês do estilo [...]. (Diário da Tarde, Ilhéus, 5 de novembro de 1934).

É interessante observar a forma apolínea ao qual era expressa qualquer ação, ainda que mínima por parte do Movimento, isto, seja na capital ou no interior. Este era um mecanismo utilizado afim de conferir autoridade e dar relevância. No que se refere ao núcleo, este já dispunha de um número considerável de integralistas, isso se considerarmos o número de habitantes de Ilhéus e seu pouco tempo de permanência na cidade. Com relação à passeata, a nota relata que esta ocorreu sem qualquer ocorrência, ainda assim, a polícia esteve presente em nome do tenente Isaias Reis a fim de evitar qualquer tentativa de atentado à ordem pública. Ainda no mês de novembro outra passeata foi realizada, dessa vez a passeata foi pelos bairros operários e contou com a visita de Agripino Grieco, escritor e simpatizante do movimento.

---

<sup>64</sup> Acadêmico de Direito e militante integralista.

O núcleo de Ilhéus, que já se mostrava atuante politicamente, ganharia força. No ano de 1934, algumas reuniões ainda aconteceram (O Diário da Tarde, Ilhéus, 13 dez. 1934; 27 dez. 1934; 29 dez. 1934; 31 dez. 1934). Nesse sentido, usando os mecanismos para maximizar a divulgação do movimento integralista e fortalecer a imprensa regional, noticiou-se a organização de seu jornal que se nominaria **A Bandeira**, tendo a pretensão de ser publicado quinzenalmente “Para fazer a propaganda das doutrinas do sr. Plínio Salgado”.

O periódico teria a direção dos integralistas Octaviano Barros<sup>65</sup> e direção comercial de Mario Rollemberg Martins Soares<sup>66</sup> (O Diário da Tarde, Ilhéus, 6 dez. 1934). Cabe nas linhas seguintes a abertura de dois diálogos, um sobre a constituição do periódico, sua padronização e a importância para o movimento e, mais à frente, outro sobre Mario Rollemberg, figura ímpar que, a partir do ano de 1935, está envolvido em uma série de ocorrências, como uma agressão em praça pública e uma tentativa frustrada de mudança de direção política.

No que se refere à imprensa, a iniciativa de constituição de um periódico integralista é importante a partir da compreensão de que o livro e o jornal detinham um papel fundamental no processo de propagação e doutrinação da AIB. Segundo Maria Rosa Feiteiro Cavalari (1999), a palavra impressa atuava na intermediação do *corpus* teórico do Movimento, sendo postulado no livro um material mais denso produzido por seus teóricos, já o jornal cumpria a função de popularizar o pensamento integralista. Em função disso, ainda que os jornais fossem editados onde se centravam os dirigentes do movimento, Rio e São Paulo, “Os jornais do interior, aquele que chegavam até o militante mais distante, eram organizados de modo a reproduzir os jornais maiores”, havendo assim um processo de doutrinação uniforme. Para garantir as publicações obtivessem um padrão de conteúdo e forma, a AIB cria a **Sigma – Jornais Reunidos**<sup>67</sup>, a Secretária Nacional de Imprensa (SNI) e as Comissões de Imprensa.

Maria Rosa F. Cavalari (1999) pontua que, estabelecidas essas ferramentas de controle, ainda existiam duas dentro da AIB, sendo uma “ação orientadora” — por meio da qual todo jornal teria que enviar obrigatoriamente à SNI um exemplar ao chefe nacional — e outra ferramenta era o “Código de Ética”, que, por meio das ideias de Plínio Salgado, expressa que “toda imprensa não deveria ser plural ou livre e sim doutrinária”. Outra estratégia era direcionada às chefias provinciais e núcleos municipais, nos quais deveriam ser criadas “Comissões de Imprensa” encarregadas de censurar e selecionar as matérias de caráter

<sup>65</sup> Escritor e Militante Integralista.

<sup>66</sup> Comerciante e Militante Integralista.

<sup>67</sup> Como pontua Cavalari (1999), tratou-se de um consórcio jornalístico criado em 1935, composto de 88 jornais que circulavam em todo território nacional. Era devidamente autorizado pela Chefia Nacional e subordinado a SNI.

doutrinária para a publicação, mantendo assim a padronização. A este último, cabe também salientar haver certo rigor e padronização aos quesitos gráficos e o uso corrente de estratégias de persuasão. Como relembra a autora, os recursos eram desde o “uso de colunas iguais em diferentes jornais, o uso constante de lembretes em forma de destaque”, desse modo, em todos os jornais existia colunas referentes ao Movimento, ainda que recebessem nomes diferentes.

Na pesquisa em questão, notou-se o padrão das chamadas apontados por Cavalari (1999), a autora elenca alguns títulos que eram correntes na imprensa integralista, quais sejam: “Movimento Integralista”, “Expansão Integralista”, “Integralismo nos Municípios”, “Núcleos Integralistas”, “Movimento Integralista na Zona Oeste”, “Estruturação do Movimento Integralista”, entre outros semelhantes. No que se refere aos jornais pesquisados, no caso **d’O Imparcial** de Salvador, órgão do oficial do movimento no estado, usavam-se os títulos: “Movimento Integralista”, “A Marcha do Integralismo”, “Hora da Arte Integralista”, variando de acordo com conteúdo da matéria. No caso da revista a *ETC*, foram encontradas algumas notas de apoio ao movimento, e, ainda que não fosse órgão do movimento, por tratar-se de um impresso diferente, não foi identificado um padrão semelhante, isso devido à variedade de seu conteúdo: poesias, contos e crônicas, salvo algumas notícias que pontuavam o seguinte título: “O Integralismo em Marcha”.

Nos jornais do interior do estado, o padrão foi igualmente encontrado, o periódico **O Intransigente** de Itabuna, ainda que não fosse órgão oficial, propagou notas sobre o movimento e usava os seguintes títulos: “Os Camisas-verdes”, “Movimento Integralista” como chamadas para as notas; n’O Combate de Vitória da Conquista, igualmente; e seguiu o mesmo padrão dos anteriores o **Diário da Tarde** de Ilhéus. Acerca da constituição e/ou implementação do periódico **A Bandeira**, infelizmente não foi possível localizá-lo ou obter mais informações sobre a sua efetivação.

A respeito do instituído diretor comercial de imprensa em 1934, Mario Rolemberg Martins Soares, este era comerciário, filiou-se ao integralismo no mesmo ano e, como relembra Marcelo Lins (2007), se autointitulava “comandante da milícia em Ilhéus”. No dia 19 de janeiro de 1935, o **Diário da Tarde** noticiou o secretariado instituído pelo chefe municipal Pedro Ribeiro Filho, em que nomeou Mario Rollenberg Martins Soares para secretário do departamento Municipal de Organização Política, Mario Monteiro Almeida para a Secretaria de Estudos e para o Departamento de Propaganda, Amilton Amorim de Almeida e Armindo Martins para o Departamento de Doutrina (*Diário da Tarde*, Ilhéus, 19 jan. 1935).

Apesar de instituídas as direções no início do ano, poucos dias depois, houve rumores de cisão no movimento, dividindo assim quem deveria assumir a chefia do núcleo ilheense.

Contudo, alegou Pedro Ribeiro, por meio do espaço garantido no periódico, na coluna “Movimento Integralista”, que não tinha havido cisão e que já tinha solicitado demissão de seu posto, alegando imensa responsabilidade e revelando seu desejo de defender a causa do sigma em outra posição, mas com a mesma dedicação (Diário da Tarde, Ilhéus, 25 jan. 1935). Cabe ressaltar a postura do jornal **Diário da Tarde** com relação às atividades integralistas na cidade de Ilhéus, que, em suas palavras, as havia tratado com “serena expectativa”, entretanto o ocorrido no dia 27 de janeiro fez mudar a postura adotada pelo periódico.

A situação em questão levou ao envolvimento da polícia local, e a crítica realizada referia-se à postura adotada na oratória integralista na condução do seu mecanismo de doutrinação, que foi denominada como violenta, como relata a nota de 28 de janeiro. Na nota é explicitado que “a técnica de violência é nitidamente comunista” e que “se ora os integralistas utilizam da mesma técnica já não podem acusar tanto os revolucionários de esquerda”. A atuação dos camisas verdes culminou num enfrentamento dos militantes com os policiais; como saldo, um soldado foi ferido por navalha no rosto e um integralista foi conduzido à delegacia e preso, o que gerou a não aceitação dos seus companheiros que tentaram violentamente o tirar das mãos das autoridades, levando à prisão integralistas e não integralistas, como descreve a nota:

**A tecnica da Violencia na oratória Integralista  
Comentários á margem da atuação dos “camisas verdes” nesta cidade**

[...] Depois de um improvisado comício na porta do Cine teatro de Ilhéus os integralistas se dissolveram. Nessa ocasião, ao passar pela Rua Araújo Pinho, foi preso um miliciano que era acusado de haver tomado parte ante-ontem da á noite numa desordem verificada na Conquista, em que saiu ferido um soldado do destacamento policial. Efetuada a prisão, em que segundo algumas pessoas a policia usou de violência, companheiros do miliciano resolveram impedir que o fosse conduzido á cadeia, verificando-se na Praça Seabra a aglomeração de <camisas-verdes> que originou a lamentável precipitação dos policiais, que puxaram os sabres, enquanto integralistas mais exaltados, a que se juntaram alguns populares, pretendiam arrancar o preso a viva força das mãos dos soldados, que reagiram, sendo, nesta ocasião, um policial atingido no rosto por uma navalhada. [...]

Já esse tempo o preso, devido á intervenção conciliatória do sr. Pedro Ribeiro, chefe municipal integralista, e do próprio secretário desta folha ia seguir acompanhado por estes para a delegacia de policia. (Diário da Tarde, Ilhéus, 28 jan. 1935).

Pontua o periódico que, após o ferimento do policial, “estabeleceu-se o pânico na Praça Seabra”, a postura de violência policial aumentou contornando a situação e levando à delegacia “o grupo de integralistas e pessoas outras”. Da ocorrência ainda, a polícia apreendeu

“armamentos e munições, correndo a notícia de que iam arma-se de fusis”. Em conclusão, na nota ficou acentuada a postura do delegado Isaias Reis que atuou de forma serena com o ocorrido e resolveu instaurar uma apuração na qual seriam verificadas as responsabilidades entre os milicianos e a precipitação dos seus policiais; o delegado ainda resolveu determinar sérias providências para evitar a reprodução de incidentes semelhantes. Por parte dos integralistas, foi informado que o chefe integralista local tomaria as devidas providências para controlar os seus companheiros, ficando marcada uma sessão dos camisas verdes para tomar medidas de ordem e a eliminação dos elementos exaltados. A reunião ocorreu e, em nota do dia 8 de fevereiro (Diário da Tarde, Ilhéus, 8 fev. 1935) ficou definida em cerimônia a queima de fichas de três camisas verdes que foram expulsos do núcleo.

É importante salientar que nomes distintos da sociedade ilheense fizeram parte do movimento, um deles é Adonias Aguiar Filho, filho do Coronel Adonias Aguiar e que atuou em defesa dos verdes na terra do cacau. Em sua militância integralista, escreveu artigos em que defendia o fascismo (Diário da Tarde, 3 jan. 1935; 31 jan. 1935; 1 fev. 1935). Mais tarde, de acordo Lins (2007), Adonias Filho ficaria conhecido como escritor e romancista. O primeiro ano de atuação dos integralistas ilheenses com o núcleo devidamente estruturado iniciara demonstrando que as disputas da política local não se resumiriam apenas ao campo da palavra. Assim sendo, com intuito de demonstrar o “Pleno desenvolvimento das atividades do sigma” e contornar a imagem de violência deixada é que o núcleo local programou o “Desfile de Soldados do Sigma” a ser realizado no dia 17 de fevereiro de 1935, na Praça João Pessoa. A concentração integralista contaria com a participação dos integralistas da região sul da Bahia, em especial nas cidades de Ilhéus, Itabuna e seus distritos. Para o desfile, ficou esperada a presença de autoridades integralistas da capital. O desfile dispôs de dois importantes incentivos para sua realização. De acordo com a nota do jornal o **Diário da Tarde**:

A superintendencia da estrada de ferro fará correr amanhã dois trens extraordinário, de Itabuna e Água Preta, à Ilhéus, partindo às 8 horas e voltando as 17 horas. Os referidos trens destinam-se à condução de integralistas e passeantes. (Diário da Tarde, Ilhéus, 16 fev. 1935).

Esperava-se um grande número de milicianos presentes na praça, entre 600 e 1.000 (Diário da Tarde, Ilhéus, 8 fev. de 1935; 16 fev. 1935), e, além de possibilitar aos integralistas linhas extas de trem, a nota ainda informa que as passagens estariam “sendo vendidas por preços especiais”. Um elemento a ser analisado aqui diz respeito à classe social que compunha as lideranças inseridas movimento na região. De acordo com Marcelo Lins (2007), as chefias

integralistas da região sul da Bahia incluíam muitos dos principais membros da elite local, como fazendeiros de cacau, negociantes, grandes agricultores. Nesse sentido, supõe-se que estes líderes usavam sua influência e posição social, bem como seu poderio econômico para impulsionar a causa do integralista.

Na ocasião do desfile do domingo, dia 17 de fevereiro, centenas de militantes “verdes” devidamente uniformizados marcharam. As tropas foram revistadas pelos líderes do movimento, pelo chefe provincial da Bahia Melchiades Ponciano Jaqueira, Romulo Mercuri, comandante estadual de milícia e pelos chefes municipais, Pedro Ribeiro Filho (Ilhéus), Dr. Nelson Oliveira (Itabuna) e Orlando Barreto (Água Preta). Os integralistas, portando as bandeiras nacionais e bandeiras do movimento, realizaram uma cerimônia de juramento à bandeira. Com precisão acerca dos integralistas presentes, João da Silva Campos (1981) diz que número total de legionários do sigma fora de 826, dos quais 409 eram da cidade de Ilhéus, 287 de Itabuna e 130 de Água Preta, sendo “Esta concentração a primeira que se fez no sul da Bahia, e a mais numerosa que já se registrara no Estado” (CAMPOS, 1981, p. 253). Tais feitos logrados resultam na horaria concedida pelo chefe do Movimento, Plínio Salgado, que confere a Ilhéus o título de “cidade Integralista” como será visto mais à frente.

Antes que a cidade fosse condecorada com tal título, as ações violentas por parte dos integralistas vinham sendo denunciadas, e se, talvez, a passeata tivesse o intuito de melhorar a imagem já adquirida de “grupo violento”, a nota de 21 de fevereiro do periódico pontua a mais uma vez a postura de excessos no que concerne ao discurso empregado. Dessa vez, os discursos estiveram presentes na parada integralista e as críticas dos integralistas foram feitas ao **Diário da Tarde** por jornalistas, levando a comentários na reunião do sigma. As ações dos camisas verdes, segundo a classe jornalística, iam de encontro ao credo de Plínio Salgado:

Deixamos aqui duas ponderações incisivas e oportunas. Primeiro temos a mais plena compenetração da ética jornalística e as nossas apreciações são sempre orientadas por um critério superior de isenção e serenidade. Segundo, já firmamos a nossa posição em face do integralismo, considerando-o um movimento digno de atenção e interesse, embora alguns dos seus arautos, pelo menos em nosso meio, tenham contribuído nos seus excessos oratórios, por vezes até agressivos, para ciar um ambiente de prevenção entre os próprios simpatizantes do credo do sr. Plínio Salgado, no que tem, digamos de passagem, contrariando até mesmo os orientadores dos <camisas-verdes> [...]. (Diário da Tarde, Ilhéus, 21 fev. 1935).

A nota ainda anexa um agradecimento do chefe provincial que visitou a redação do jornal e deixou ao povo ilheense agradecimento pela recepção que ele e sua delegação recebera. Corroborando com Lins (2009), como relatado anteriormente, boa parte das lideranças locais



eram fazendeiros de cacau ou negociantes. Em decorrência disto, carregavam ainda os velhos hábitos coronelistas, ao que o autor relata que, “por várias vezes, encontramos notícias de tentativas de impor, pelo uso da força, a aceitação de suas crenças e convicções políticas, exercendo o poder de maneira arbitrária”. Assim, “os ‘milicianos’ integralistas que se arvoravam em autoridades” e os episódios de choques e desentendimentos entre a polícia de Ilhéus e Itabuna e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), se fez corrente. Ainda segundo o mesmo autor, compreende-se que a grande adesão dos fazendeiros e da burguesia local ao movimento integralista na região foi reforçada, em certa medida, pelo medo, isso decorrente das notícias sobre a organização dos trabalhadores e de “movimentos extremistas”, utilizando assim com veemência o discurso anticomunista para propagação ideológica. Em contrapartida, o autor relembra que a ANL e o PCB validam-se a partir da mesma estratégia, só que por meio da luta anti-integralista e do combate ao sistema vigente.

Nas páginas do **Diário da Tarde**, ainda reverberava acerca do desfile e sobre o número de integralistas presentes, bem como acentuava-se o discurso integralista face a “ameaça comunista” na região. Na reunião do último dia do mês de março de 1935, “O chefe municipal e demais oradores atacaram com mais ou menos veemência a democracia-liberal e o comunismo”, contudo a reunião contou com um caso cômico, ou no mínimo inusitado. Após o término da reunião, “Um assistente se conservava de braços erguidos, em atitude de saudação romana e logo em seguida caiu em transe”. De acordo com o periódico, o jovem fora “Atuado por um espírito” e assim a sessão integralista “converteu-se em sessão espírita, baixando no recinto um irmão da província do além”. O caso inusitado fora um dos vários casos que envolvera o integralismo e os camisas verdes no município (Diário da Tarde, Ilhéus, 22 fev. 1935; 1 mar. 1935).

Destarte, a atuação dos sigmas, a força e comprometimento na arregimentação no sul da Bahia, em especial na cidade de Ilhéus, mostrou-se digna de louvor pela AIB nacional. Chegando ao conhecimento o seu líder, Plínio Salgado, qual confere à cidade o título de “cidade Integralista” em decorrência das demonstrações públicas de força política do movimento na Bahia. A nota do dia 11 de março relata:

#### **Cidade Integralista**

O título conferido a Ilhéus pelo chefe dos camisas-verdes

[...] O chefe nacional resolveu como uma das resoluções preliminares do certamen, atribuir a Ilhéus o título de “Cidade Integralista”.

Esta cidade é a primeira do nordeste que recebe este título, justificando-se a resolução tomada nesse sentido, pelo sr. Plínio Salgado, em virtude de ter sido efetuada aqui com grande mobilização de camisas verdes, a primeira

concentração regional do sul do estado e a mais numerosa que se realizou na Bahia. (Diário da Tarde, Ilhéus, 11 mar. 1935).

A notícia publicada no **Diário da Tarde** foi acolhida por meio do chefe municipal do núcleo que recebera um telegrama do chefe provincial da Bahia, participando do II Congresso Integralista em Petrópolis. O título foi comemorado pelos milicianos locais, assim “Os verdes na terra do cacau” continuavam a levar a bandeira e a demonstrar sua influência e, em seguida, fundaram também um subnúcleo integralista em Pontal, arrabalde de Ilhéus (Diário da Tarde, Ilhéus, 19 mar. 1935). A AIB tem sido amplamente vista como um movimento basicamente urbano, principalmente nos estudos que se referem às cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

No entanto, a presença do Movimento no interior baiano apresenta-se como um espectro diferente, demonstrando que a AIB conseguira alcançar áreas mais distantes, distante até das cidades satélites e dos grandes centros da época. Esse fato foi identificado também em outros estados, como é o caso do estudo de Gertz (1977) no Rio Grande do Sul e de Josênio Parente (1986) no Ceará. De acordo com Oliveira (2004), essa peculiaridade carece de estudos e reforça ainda mais a importância de abordar os efeitos da AIB no interior da Bahia.

O integralismo em 1935 não somente conseguiu se instalar nas cidades de Ilhéus e Itabuna, mas também nas cidades, distritos, vilas e arraiais das redondezas. Fundaram-se núcleos em Itaúna (atual Itapé), e em Itapuhy (atual Itororó). Tais localidades eram distritos de Itabuna e, por intermédio do chefe integralista Ruy Pimentel Neves (estudante de direito da Faculdade de Direito da Bahia), funda núcleos integralistas locais. Como aponta Angelina Garcez e Antônio Guerreiro de Freitas (1979), assim como Marcelo Lins (2007), o comprometimento e coesão na formação de núcleos até nos lugares mais distantes foram fatores que demonstram que a ideologização extrapolou os limites regionais, isso devido também ao intercâmbio entre a Faculdade de Direito da Bahia, a qual mantinham estudantes advindos da região cacauera os quais possibilitaram tal conexão.

Após se instalarem, os integralistas de Itapuhy estiveram envolvidos em casos que foram levados à polícia. Como relatado por Marcelo Lins (2007), a postura dos integralistas locais era “inconveniente e desrespeitosa”, alguns integralistas chegando a agir como autoridades, fazendo policiamento e andando armados. Num dos enfrentamentos, um civil foi “esbofeteado em plena rua”, o caso foi levado à delegacia, ficando a cargo do delegado especial Salomão Rhem reestabelecer a ordem nos distritos. As queixas também partiram dos integralistas por acharem-se perseguidos e serem espancados e presos à força pela policial local. Como pontua o autor, constando os excessos de ambas as partes, foi instalado um inquérito no qual solicitou-

se ao delegado o afastamento do sargento e dos policiais que estavam atuando, não sendo atendida a solicitação. Porém sendo garantida que não haveria perseguição aos integralistas. Na visão do subdelegado, os integralistas não eram as vítimas no caso.

Após retornarem de Itabuna, um grupo de integralistas descontentes e armados, tentando “invadir casas” do arraial e levaram pânico às famílias locais — a ação dos sigmas tinha à frente o chefe local João Sabino Netto. De acordo Lins (2007), não foram encontradas referências que indicassem a presença de militantes da ANL ou do PCB nos embates, indicando assim que essa era a postura dos militantes integralistas no sul do estado baiano. Outras movimentações marcaram a região, como é o caso do subnúcleo integralista de Pontal, que apresentava considerável força, chegando o seu chefe dr. Gustavo Fonseca a assumir a chefia do núcleo principal em Ilhéus. A mudança do posto já havia sido anunciada pelo então chefe Pedro Ribeiro, porém somente em 4 de junho de 1935 ocorrera a mudança (Diário da Tarde, Ilhéus, 3 jun. 1935; 5 jun. 1935). A mudança na chefia integralista municipal de Ilhéus ocorre próximo à instalação do núcleo local da Aliança Nacional Libertadora (ANL). Nesse mesmo período, Juracy Magalhães, em carta a Getúlio Vargas, consterna sua preocupação acerca do comunismo.

Apesar da presença do PCB e da ANL não serem vistas até o momento com extrema preocupação por parte do governo do estado e de não enxergar com otimismo o panorama criado pelo comunismo a nível nacional, o então governador da Bahia diz que “O comunismo progride”, contudo manifesta seu temor diante o crescimento da AIB, pois, em sua visão, a população, “Vendo o governo sem dar providencias, procuram no integralismo um meio de resistir a bolchevização do país”.<sup>68</sup> Enxergava o governador que medidas mais rígidas deveriam ser tomadas a fim de combater os extremismos. De acordo com Marcelo Lins (2007), a preocupação do governador do estado reflete também a posição de lideranças do PSD nas cidades de Ilhéus e Itabuna que, ao notar o quão organizado estavam os núcleos integralistas, demonstraram certo temor.

Nesse sentido, no que se refere aos opositores do integralismo, e de caráter antifascista, mais especificamente, a atuação do PCB/ANL em Ilhéus e Itabuna, notou-se que, apesar de um dos pontos fundamentais serem as lutas anti-integralistas, durante um período o PCB não gozava de boa relação com a ANL e atuou no fortalecimento de sua política por outros meios. Assim, o partido adotou mecanismos de agrupamento e divulgação para construir sua rede; panfletos, manifestos e circulares internas foram importantes para a organização do PCB, seja

---

<sup>68</sup> Carta de Juraci Montenegro Magalhães a Getúlio Vargas. GV c 1935.06.27.

no meio sindical, entre camponeses, nos Comitês de luta, chegando até ao arranjo de guerrilhas rurais. Os primeiros movimentos dos partidos são encontrados a partir do primeiro semestre de 1935, entretanto fizeram-se raras as referências a enlances do PCB com ANL. Tal ligação viria a ser importante, pois o movimento era legalizado e facilitaria assim a militância e atuação dos “vermelhos” na região (FONTES, 1997; LINS, 2007).

Acerca da ANL e sua constituição dos seus núcleos, realizou-se sessão de abertura no dia 30 de maio de 1935; a sessão feita no Cine Jandaia, na capital do estado, contou com considerável público e “esteve repleta de pessoas de todas as camadas sociais”. Na sessão de abertura, falaram os oradores Dr. Edgard Matta<sup>69</sup>, presidente, o eng. Vale Cabral<sup>70</sup>, e o doutorando Fernando Marques dos Reis, entre outros (Diário da Tarde, Ilhéus, 3 jun. 1935). A abertura do núcleo da ANL coincidiria também com a realização do I Congresso Regional da Juventude Popular, Estudantil e Proletária da Bahia, realizado em Salvador e que contou com cerca de duas mil pessoas. Como era de se esperar, os integralistas universitários interviram e “Apesar de ter havido ligeiro incidente entre integralistas e elementos da ANL a sessão correu animadíssima.” (Diário da Tarde, Ilhéus, 3 jun. 1935).

No dia 4 de junho, o núcleo da ANL de Ilhéus enviou um telegrama parabenizando a realização do congresso na capital. O telegrama é importante, pois identifica os aliados da corrente vermelha na cidade. As saudações foram enviadas por Dr. Genaro Sampaio, Fausto Penalva, Tercilio França, Mário Tourinho, Moacyr Hughes, Carlos Reis, Sosthenes Miranda, Vicente Tourinho, Carlos Bispo, José Oliveira, Horácio Faria (Diário da Tarde, Ilhéus, 4 jun. 1935). Como dito e identificado pelo **Diário da Tarde**, parte dos integrantes da ANL eram pessoas com certa influencia no círculo social, sendo professores, doutores e/ou advogados, característica essa da frente.

Como pontuado por Lins (2007), as relações entre o PCB e a ANL não eram tão amistosas, passando somente o PCB a integrar esse processo quando, em meados de junho/julho, um debate interno foi gerado e gradativamente o PCB passa a concentrar as atividades na ANL. Outro fator preponderante teria sido a ilegalidade da ANL após 11 de julho, período após o qual parte das lideranças se afastam e outras principais lideranças aliadas diretamente ao PCB permanecem. Ainda estremecidas, as relações foram pautadas em desencontros, isso devido à falta de unidade política e às distâncias causadas pela ilegalidade, fazendo o processo de acompanhamento das posições partidárias a nível nacional dificultosa.

---

<sup>69</sup> Advogado e presidente da ANL em 1935 e advogado do Sindicato dos Estivadores. (SAMPAIO, 1985).

<sup>70</sup> Engenheiro e secretário geral do Sindicato dos Estivadores. (SAMPAIO, 1985).

Em Ilhéus e Itabuna, alguns articuladores do credo vermelho já podiam ser encontrados desde a década de 1920; destaca-se a figura do professor Nelson Schaun, identificado com seu principal articulador, o qual esteve presente na fundação da União Protetora dos Artistas e Operários de Ilhéus em meados de 1922 e integrou a fundação de outras associações, além de possibilitar o acesso à educação por meio de cursos gratuitos de alfabetização e capacitação intelectual. Nelson Schaun, em 1927, ainda participou ativamente da greve dos ferroviários da The State of Western Railway Company, greve que impactou todo o estado da Bahia. Pontuando-se como a primeira greve com capacidade de apoio e mobilização social, a greve contou participação dos trabalhadores da ferrovia Ilhéus-Conquista. O professor foi preso em 1931, autuado como comunista pela sua participação na organização da mobilização pública que contou com cerca de mil trabalhadores de várias profissões. As ações no sul da Bahia acerca do comunismo e seu desenvolvimento passam a adquirir uma nova dimensão a partir de 1934 quando recrudescem dois elementos: a luta anti-integralista e a organização dos assalariados rurais e camponeses (LINS, 2007).

Entre os anos de 1934 e 1935, o movimento de militantes entre a capital do estado e o sul da Bahia passa atuar como estimulador das atividades de organização das massas rurais. Marcelo Lins (2007) identifica, a partir do cruzamento das listas de indivíduos presos e fichados como comunistas entre Salvador e o eixo Ilhéus/Itabuna, o nome de três indivíduos<sup>71</sup> que, com a realização do êxodo, atuaram a fim de contribuir com a organização do partido no sul do estado. Outras instituições foram criadas nesse período e ajudaram no fortalecimento da corrente comunista, a exemplo do Sindicato dos Empregados Agrícolas de Ilhéus e a União Sindical de Ilhéus em 1934, que tinham a orientação comunista/aliancista. Em 1935 cria-se a União Sindical de Ilhéus, seguindo os influxos da criação a nível nacional e da capital do estado. Cria-se o Sindicato dos Alfaiates no mesmo ano. Realizada a criação de tais movimentos sindicais em Ilhéus, o PCB passa a atuar no sentido de alinhar-se aos elementos ditos “democráticos e antifascistas”, contribuindo assim para tal aproximação dos partidos a tais instâncias. Por consequência é que se constitui o Comitê Local do Litoral Sul do PCB da Região da Bahia, tendo a intenção de coordenação das ações partidárias na região (LINS, 2007).

Como mencionado anteriormente, um militante integralista esteve entre as duas ideologias e causou tumulto nas páginas do **Diário da Tarde**. A atuação de Mario Rollemberg

---

<sup>71</sup> O nome dos comunistas identificados por Lins (2007) são: Adir Leite, comerciário, que passou a atuar em Pirangy (distrito de Ilhéus); José Fortunato (Alagoinhas), identificado como um dos únicos comunistas que participou da direção provisória da ANL em Ilhéus e que atuou também juntamente a União Sindical de Ilhéus; e Samuel Genez, de origem russa e chega a Ilhéus por volta de 1935 para atuar juntamente à direção partidária, assumia o pseudônimo de Zulmiro. (LINS, 2007, p. 132).

rendeu conflitos e notas que pautaram desde sua inserção no movimento integralista à sua tentativa de mudança de lado. Logo após a sua inserção no movimento e de assumir o cargo de secretário em abril, Mario Rollenberg agrediu João Baldoíno ao tentar convencê-lo a adentrar na AIB. O dirigente do Sindicato dos Carregadores não aceitou a investida, e, assim, Mario Rolemberg o agrediu com uso de um chicote diversas vezes na cabeça. O caso foi parar na delegacia, chegando Mario Rolemberg a alegar “ser vítima de atentado, obra de extremismo.” Como aborda Marcelo Lins, outra motivação para tal atentado se deu pela não veiculação de Mario Rolemberg ao Sindicato dos Carregadores, o qual exigia somente a contratação de comerciantes sindicalizados e Rolemberg, por ser integralista, desrespeitava tal aspecto (LINS, 2007, p. 148).

Os integralistas, tinham no Vitória Palace seu local para as reuniões dos sigmas de Ilhéus e, em nota do dia 21 de junho, relata o juramento de novos adeptos ao sigma e a queima da ficha de um integralista que deixa o partido e filia-se a ANL (Diário da Tarde, Ilhéus, 21 jun. 1935). Tal integralista seria Mario Rollenberg Martins Soares, que tentou deixar o integralismo e revelou os motivos pelo quais havia tomado tal decisão de ingressar na Aliança Nacional Libertadora. Ele explicou como ele adentrou o integralismo, sendo após diminuir e ridicularizar o movimento vestindo uma criança com a camisa verde e fazendo declarações contrárias. Tais atitudes chamaram a atenção e, assim, o recomendaram ao integralismo. Fichado pelos chefes, ele “aceitou de plano preconcebido” da sua entrada no movimento.

Ao adentrar a AIB, Rollenberg disse: “trataram logo os chefes de me darem cargos e posições de relevo e responsabilidades” e que tais ações serviriam de incentivo para trabalhar em prol da causa integralista. O comerciante então assume a secretária de Organização Política e, em seu relato, pontua que havia sido escolhido pelo comandante da Legião da Milícia Nacional para o alto posto de “Comandante da Milícia Integralista de Ilhéus”. Em nota de 4 de julho de 1935, após anunciar sua saída da AIB, Mário Rollenberg relata quais eram os propósitos do integralismo, e até onde se chega “o rigor e a dureza do regime ditatorial, de força e intolerância que o integralismo propaga e tencionava fundar no Brasil”. Posto isso, escreve o militante, que atuou da maneira como preconizavam os chefes, demarcando assim sua postura dentro da AIB:

[...] tudo fiz eu, absolutamente estribado na doutrina e nas normas do juramento da cartilha integralista. “PRENDI, REPREENDI, EXPULSEI,” só não fiz fuzilar os milicianos. E isto não fiz porque o regime não estava ainda vitorioso.” (Diário da Tarde, Ilhéus, 4 jul. 1935).

Ao adentrar o movimento, e gozar de prestígio dentro dele, Mario Rollemberg diz que, em que pese a escolha da chefia municipal, ele fora consultado sobre quem deveria assumir. O seu plano ao adentrar a Ação Integralista era prescrutar o que essa ideologia era para as massas, assim ele se tornou “Instrumento do Integralismo” para dizer ao povo do modo mais eloquente o que é o Integralismo, sendo este “regime de força, de opressão e terror!”. O militante de postura contraditória, ao tentar se desvincular da AIB, diz como via a Aliança Nacional Libertadora e que ela não é um partido político: “É um movimento, uma organização ampla e profunda de massas para a libertação real” e que “O mesmo não se dá com o integralismo, que é além de tudo, um partido político”. O militante, na nota, relata sobre como funcionava os votos dentro do movimento sendo “os camisas verdes obrigados a votar somente de acordo com as ordens e imposições dos chefes”. Mario Rollemberg, no tocante à questão familiar, um dos pontos chaves do lema integralista, infere que:

A família que o integralismo defende, é essa família faltosa, rica, mundana, do alto cenário, a família burguesa, em suma. Porém, a família, propriamente dita, família consciente e verdadeira, isso não porque o integralismo não mira absolutamente, dar direito a família do operariado. O Integralismo quer a continuação do atual regime, de exportação de privilégios e de erros profundos. (Diário da Tarde, Ilhéus, 4 jul. 1935).

Ao afirmar que o integralismo defende a burguesia e a manutenção do capitalismo, diz que a ANL é exatamente o oposto, sendo este “um movimento profundo de massas do Brasil” que atuaria “pela libertação do Brasil das garras do imperialismo estrangeiro e do latifundiarismo canceroso.” Em 24 de julho, o comerciante e militante Mario Rollemberg agride novamente outra pessoa, desta vez Francisco Rondelli, a chicotadas em via pública. A agressão, segundo a notícia do **Diário da Tarde**, foi motivada pela saída de Rollemberg da AIB e ingresso na ANL. Francisco Rondelli, descontente com o depoimento publicado por Rollemberg, passou a distribuir boletins pela cidade “em linguagem profundamente ofensiva” de forma anônima, no entanto, após investigação do sr. Rollemberg, descobriu-se que a distribuição estava sendo feita abertamente por Rondelli. Após as agressões, revoltado com o fato, Francisco Rondelli assumira a autoria dos boletins. Ambos foram à delegacia e prestaram depoimento ao delegado Isaias Reis (Diário da Tarde, Ilhéus, 24 jul. 1935).

Destarte, como relata Marcelo Lins (2007), Mario Rolemberg, em ocasião da passagem da “Caravana do Rio” pela cidade de Ilhéus, procura membros da direção Nacional da ANL com intuito de intermediarem sua inclusão no partido. A atitude se deu por haver resistência dos membros da Aliança local em decorrência do seu passado integralista e de seus

desentendimentos com sindicais. O dirigente nacional da ANL, João Cabanas, por meio de correspondências, tenta resolver a situação pedindo ao comerciante que “fizesse ante as diretorias desses sindicatos uma confissão de erros passados estabelecendo com essa declaração uma amizade mais perfeita entre todos que desejam, lutar pela Aliança em Ilhéus”.

Contudo, a reconciliação não se concretizou. Mais tarde, ao fim do ano de 1935, via da intensificação das perseguições ao PCB/ANL, Mario Rolemberg entra em contato com a polícia a fim de auxiliar nos processos investigativos e entrega as correspondências. Numa das cartas, encerrou manifestando apoio ao governo, ressaltando o empenho em eliminar as correntes extremistas, tanto de direita quanto de esquerda. Todavia, no mesmo período o comerciário não havia deixado de fato o integralismo, liderando ainda “milícias integralistas” que tinham como intuito o combate ao comunismo (LINS, 2007).

Observa-se a dualidade do militante, e de que maneira eram tratadas as questões políticas no sul baiano, Rollemberg tenta surfar entre as disputas, demonstrando que a cidade ainda que pequena detinha forte teor político controlador. O sentido dúbio, de oposição, foi empregado nas colunas jornalísticas locais e por vezes incentivando as querelas locais, bem como propunha o debate entre qual corrente detinha poder, ou qual era mais periculosa e necessária de combate, seja de pela via municipal ou estadual.

As ações de combate aos vermelhos datam desde o primeiro semestre, quando em 4 de julho o governo mandara fechar sedes da ANL no Rio. Em publicação do dia 19 de julho do **Diário da Tarde**, intitulada “Entre o Verde e o Vermelho”, é anunciado que governo viria a agir também contra o integralismo. As ações contra os sigmas e o fechamento de seus núcleos já haviam se iniciado em outros estados, a exemplos dos núcleos do Rio Grande do Sul e do Paraná (Diário da Tarde, 20 jul. 1935; 23 jul. 1935). Em 29 de julho é anunciada em Ilhéus a criação de uma “Frente Única Popular de Luta Contra o Integralismo”. Criada no dia 27 de julho de 1935, a Frente Única diz que, em torno do combate ao integralismo, adere a qualquer organização idêntica, sendo grêmio, partido, centro, liga, cujo o elemento norteador “seja o combate a doutrina de Plínio Salgado”. Quanto aos pontos que se afirmavam contra o movimento, dividiam-se em cinco, a saber:

- 1- O Integralismo é o mesmo que o fascismo da Itália, com Mussolini e da Alemanha com Hitler;
- 2- Os chefes integralistas estão vendidos aos imperialistas estrangeiros e nacionais;
- 3- O integralismo diz defender Deus, Pátria e Família, mas em verdade, é contra Deus;
- 4- O homem ao entrar no Integralismo perde a sua consciência e perde sua liberdade;
- 5- O Integralismo nada tem de Integral, bastando ver o disse-não-disse em favor das adaptações ou não de Getúlio Vargas. (Diário da Tarde, Ilhéus, 29 jul. 1935).



Devido à grande polarização política na cidade de Ilhéus, os confrontos foram intensos, e um atentado à bomba contra a sede do núcleo integralista ocorreu na noite do dia 8 de agosto, e em seguida foi investigada a sua autoria. Na noite em que se realizava mais uma das reuniões do núcleo integralista, uma bomba fora lançada sobre o telhado do Cine Vitória onde se reuniam cerca de 500 pessoas, dentre elas, senhoras e crianças (Diário da Tarde, Ilhéus, 16 ago. 1935) Várias pessoas foram chamadas para depor e prestar esclarecimentos, no entanto o processo foi arquivado. De acordo com o **Diário da Tarde**, a autoria do evento inicialmente foi atribuída a remanescentes da ANL (Diário da Tarde, Ilhéus, 17 ago. 1935). Os grupos enfrentaram-se gerando repercussão nos meios de informação, e o jornal integralista da capital, **O Imparcial**, noticiou:

#### Um atentado comunista em Ilhéus

A cidade ontem foi abalada, por um acontecimento inédito e imprevisto, que poderia ter tido consequências mais graves do que as verificadas.

Seriam mais ou menos, 21 horas, quando, pelo telhado do “Cinema Victória”, onde se achava em sessão o núcleo integralista local, foi atirada uma grande bomba de dynamite, cuja explosão causou sensíveis desastres materiais. No momento encontravam-se reunidos na sala de sessões cerca de 800 pessoas, inclusive mulheres e crianças. O estampido provocou, naturalmente pânico e [...], registando-se atropelos.

Passado o primeiro momento, verificou-se estarem feridos um homem e uma mulher, nenhum dos dois apresentando gravidade.

Imediatamente compareceu ao local o delegado de Polícia, tenente Salomão Rehen, que ordenou as providências mais promptas que o caso exigia. Depois de serenados os ânimos e a pedido do delegado, os camisas-verdes suspenderam a sessão, entoando antes o hymno nacional.

Toda a cidade attribue o facto a manejos da corrente comunista.

A autoridade policial ordenou que se procedesse a uma vistoria no predio do “Cinema Victoria” e proibiu, na actual emergencia” quaesquer reuniões de caracter politico-partidario, inclusive comicios. (O Imparcial, n. 1417, p. 1, 10 ago. 1935).

O ocorrido, mesmo antes das investigações policiais serem concluídas, foi creditado aos comunistas, isso em decorrência dos enfrentamentos entre os dois partidos nas cidades. É necessário lembrar que qualquer expressão de oposição aos integralistas era tratada como comunista, ainda que assim não o fosse. Em nota publicada na mesma edição d’**O Imparcial**, um questionamento foi feito: “Alliancista o prefeito de Ilhéus?”. O prefeito Eusínio Lavigne foi acusado de ser aliancista e ser conivente com “os excessos dos comunistas”, pontuando assim o periódico: **Os agitadores são protegidos, abertamente, pelo prefeito Ensinio Lavigne, que vae levando Ilhéus á decadencia, por abandono completo, apesar de grandes rendas, em**

função disto, acreditava uma parcela da imprensa que a cidade estaria por atravessar “penosa situação moral, política e administrativa” e que tal situação se devia à conivência do prefeito com os ideias comunistas, tendo assim também o apoio policial e que esse, além da livre propaganda do vermelhos, culminaram na bomba lançada à sede integralista.

A ligação do prefeito com membros do PCB/ANL era irreal, visto que esse era filiado ao PSD e, como foi relatado por Marcelo Lins (2007), o atentado fora organizado pelos membros do PCB. Após investigação, foram identificados André Bento da Silva<sup>72</sup>, Euclides Tavares<sup>73</sup> e Bernadinho Moura os responsáveis pelo atentado à sede integralista. Os militantes comunistas planejaram o ataque o qual, como demonstrado, foi repercutido em vários jornais locais e jornais da capital, como **O Imparcial** (10 ago. 1935), e do Rio de Janeiro por meio do **A Offensiva**, periódico integralista. O ato contra a sede integralista continuou sendo investigado e, na reunião de 21 agosto, quando anunciada a criação de uma Escola Integralista na cidade de Ilhéus, repercutia ainda sobre o dia de 8 de agosto (Diário da Tarde, Ilhéus, 21 ago. 1935).

Dois dias antes, o delegado Salomão do Nascimento Rhen escreve para o periódico informando sobre as investigações do atentado e cita o nome do professor Nelson Schaun, afirmando que este havia sido apontado por algumas testemunhas como uma espécie de mentor anti-integralista, e cujo o nome estaria envolvido no rumoroso caso. Somaram-se a investigação boletins distribuídos em Ilhéus, mimeógrafos impressos de caráter comunista, incitando ações violentas e subversivas a fim de provar a existência de elementos extremistas na cidade (Diário da Tarde, Ilhéus, 19 set. 1935) A Ação integralista de Ilhéus sofreu mais um atentado no mesmo ano. Desta vez, o alvo foi o subnúcleo de Pontal e o jornal **Diário da Tarde** relata como se deu o atentado:

#### **O Atentado da Meia-Noite**

Os “camisas verdes” sofrem nova provocações de inimigos desconhecidos

[...] Cerca de meia noite, ouviu-se no arrabalde fronteiro violento estampido, averiguando-se, fora lançada uma bomba sobre o telhado do edifício em que ali se realizavam as reuniões dos camisas verdes. E que no momento felizmente achava-se vazio. Hontem em companhia do capitão Salomão Nascimento Rhen, delegado de ordem social a quem foi comunicado imediatamente o fato, estivermos na sede integralista do bairro fronteiro. O explosivo, de confecção grosseira, havia praticado um rombo no teto da casa e fragmentos se achavam pelo chão. A porta principal do núcleo havia sido pregado um cartaz, tendo escrito com letras vermelhas e azues as seguintes

<sup>72</sup> Um dos primeiros filiados ao PCB na região, como informa Lins (2009, p. 161). Morador de Itabuna e funcionário do Instituto de Cacau da Bahia (ICB).

<sup>73</sup> Funcionário da ICB.

palavras de insólito desafio: *“Proletários descarados e ricos miseráveis: Este vosso covil será destruído para o bem dos brasileiros de brio. O duelo está declarado. Preparai-vos”*. (Diário da Tarde, Ilhéus, 21 set. 1935, grifo nosso).

As ameaças deixadas afligiram os integralistas, e o delegado declarou ao jornal **Diário da Tarde** que havia encarado como afronta ao seu poder tais ameaças. Logo após, colheu evidências para anexar ao processo do primeiro atentado de 8 de agosto. Como abordado por Lins (2007), os atentados faziam parte de uma das várias ações anti-integralistas que se noticiaram em Ilhéus e Itabuna. Em decorrência do atentado, foi proibido o uso de camisas verdes, reuniões integralistas sem licença prévia da polícia local, como também a realização de comícios de qualquer agremiação política. Contudo, mesmo com os núcleos integralistas e da ANL também impedidos, as suas ações ainda eram vistas. No mesmo mês de setembro, um manifesto intitulado “Ao povo da Bahia no dia da Pátria” veio a público e tal panfleto refletiu a mudança de pensamento da ANL, propondo luta armada emergencial. Sua divulgação se fez tanto na capital como no interior. E do lado da AIB após o ocorrido, as delegações dos chefes dos camisas verdes de Ilhéus e Itabuna se movimentaram em novembro para participarem do Congresso Integralista da Bahia ocorrido em Salvador (Diário da Tarde, Ilhéus, 11 nov. 1935).

Segundo o mesmo autor, a partir do segundo semestre acirram-se as manifestações e movimentos anti-integralistas no sul baiano. Tal movimentação se deu por meio de comitês e sindicatos que ainda que não encontrasse braços comunistas ou entre seus dirigentes estivessem de alguma forma sobre a influência do PCB e/ou da ANL. Ações de panfletagem e desentendimentos tiveram início no começo do ano em questão, quando empresas locais se negavam a contratar quem não fosse integralista. Como aponta o autor, as denúncias foram levadas ao Ministério do Trabalho, pois geravam revolta dos sindicalizados e não adeptos do sigma (Diário da Tarde, 3 jan. 1935). Tais ações de controle, em certa medida, demonstram a força política que a Ação Integralista alcançou na cidade, atuando até mesmo como reguladora das questões de trabalho.

No mês de novembro, quando da realização do Congresso Integralista da Bahia, os anti-integralistas da região organizaram-se a fim de boicotar o evento por meio de protestos, panfletos, chegando a enviar um telegrama ao Governador do Estado, e demais entidades, bem como à imprensa local e da capital, assinalando o descontentamento. Assim também, assembleias do Sindicato de Empregados Agrícolas (SEA) foram realizadas contando com

vários líderes sindicais.<sup>74</sup> Tais iniciativas anti-integralistas foram importantes porque atuaram como mecanismo de unidade entre os sindicatos e estabeleceram laços entre os comunistas. Um exemplo disso foi a União Sindical da Bahia, que promoveu uma intensa campanha contra o evento integralista. Se na capital do estado houve paralisação de bares, restaurante e hotéis. em Ilhéus a partida dos partidários do sigma de Ilhéus para a capital para participarem do Congresso Integralista foi atrapalhada nesse mesmo sentido. O embarque foi alvo de ações contrárias, várias manifestações, protestos e a recusa dos trabalhadores em carregar as bagagens dos integralistas que iriam embarcar. Tal movimento foi feito pelo Sindicato dos Condutores de Bagagens, que atendeu à solicitação da União Sindical de Ilhéus (LINS, 2007, p. 166-167).

No mesmo mês em que aconteceu o Congresso Integralista, o governador Juracy Magalhães esteve visitando as cidades de Ilhéus e Itabuna e, além de avaliar a situação distrital, fez declarações reiterando suas convicções liberais e atacando os “impulsos dos extremismos, da esquerda e da direita (Diário da Tarde, 8 nov. 1935) Em contrapartida, foram realizadas campanhas de sindicalização com panfletagem entre os distritos e municípios da região, tendo como objetivo reduzir o impacto que a ideologia integralista vinha causando (LINS, 2007).

Com efeito disso, logo após o retorno dos integralistas do Congresso na capital, registram-se dissidentes do partido que, por meio de notas nos jornais locais, anunciam o desligamento da AIB, podendo esse ser um indicio de mudança ideológica ou enfrentamento da realidade do Movimento, esse demasiadamente ritualizado e militarizado. Como notado pelo autor supracitado, alguns dessas notas poderiam ser apresentadas como manifestos, a exemplo da texto emitido pelo ex-integralista José Fernandes Santos que diz que ingressou no integralismo “supondo encontrar nessa doutrina o ‘remédio’ para os grandes males que tanto afligem os trabalhadores explorados e que ao adentrar no movimento ludibriado pelo palavreado difícil” foi engando sobre a verdadeira face do movimento, o qual viria a ser uma arma do fascismo que luta contra os trabalhadores que lutam por um pedaço de terra (Diário da Tarde, 14 nov. 1935).

---

<sup>74</sup> Nelson Schaun (União Sindical); Honório Santos (União Estivadores); João Alves dos Santos (Sindicato Operários Construção Civil de Ilhéus); André Campos (Sindicato Docas); Archilao Moitinho (Sindicato Ofício Vários de Água Preta); Priamo Almeida (Sindicato Profissional Ofício Vários de Itabuna); Inácio Lourenço (Sindicato Condutores Carroças Ilhéus); Caetano Azevedo (Sindicato Panificador); Denásio Soares Silva (Pequenos Ocupantes Terras Urbanas Ilhéus); Enéas Machado (Aliança dos Artistas e operários de Pirangy); Nemézio Nobre (União Sindical da Bahia); Gerson Alves (Sindicato Barbeiros Ilhéus); Joaquim Vasconcelos (Administrador Municipal de Água Preta). Lagarta Verde (Sindicato Empregados Agrícolas). Ilhéus. Pitangy, 1º de novembro de 1935. Processo 171 do TSN. AN. Apud. Lins (2007).

Nesse sentido, entre os meses de setembro e novembro, ocorrem algumas movimentações dos comunistas de Ilhéus a fim de construir sua rede de relacionamentos. Um dos projetos existentes dentro do Partido Comunista concernentes à revolução era a constituição de uma força militar. Para isso, o relacionamento com o Exército e as Forças Armadas se fazia importante. A direção do nacional do PC, a fim de estabelecer tais conexões e desenvolver aquilo que chamavam de “terceira onda revolucionária”, cria o Comitê Revolucionário a fim de atingir esse propósito e identificar militares envolvidos em conspirações. Na mesma alínea, para possibilitar conexões com escalões mais inferiores da força militar, cria também o Comitê Antimilitar comumente reconhecido como “Antimil”. Como informa Marcelo Lins (2007), desde a sua criação até 1935, o projeto foi frutífero, conseguindo estabelecer contato no meio militar em várias regiões do país e criar várias células.

No que se refere ao sul da Bahia, tal atividade fica a cargo de Gildath Amorim, alfaiate e inscrito anteriormente na ANL e que atuaria juntamente ao PC para o cumprimento de tal serviço. Gildath Amorim tenta aproximação frente aos soldados do Batalhão da Polícia Militar de Ilhéus e, para isso, frequenta os mesmos lugares, oferecendo serviços de alfaiataria e militando em prol da ANL, sem deixar de direcionar críticas ao Integralismo e ao governo de Getúlio Vargas. Com efeito positivo, constrói conexões com o soldado Carlos da Motta Coelho e com os cabos Brasilino Pereira Nunes e Elias Alves de Souza Moraes. Estes estabelecem relações com o professor Nelson Schaun, um dos mais antigos comunistas da região e, juntamente com Gildath Amorim, transmitiu aos militares as concepções partidárias e os fundamentos do socialismo (LINS, 2007, p. 180).

A entrada do PCB junto à força militar rendeu algumas incursões com apoio dos militares citados. Dentro da iniciativa, discutiu-se a possibilidade de tomar as armas e munição do batalhão, assim como a tentativa de persuasão de novos adeptos para a causa. O que não foi frutífero, visto que um dos militares que Mota Coelho tentou persuadir era militante integralista; esse, o cabo Euclides Campos, após o convite feito pelo colega, gerenciou vigia juntamente com os soldados Mario Campos e Pedro Bennes sobre quais ações poderiam ser desenvolvidas pelo soldado Carlos Coelho e os cabos Elias Alves de Souza Moraes e Brasilino Pereira Nunes, os comunistas dentro do batalhão. Tal emaranhado culminou em agressão: Euclides sacou uma faca e tentou apunhalar o cabo Brasilino Pereira. O caso foi levado ao alto escalão, sendo os envolvidos detidos em 22 de novembro de 1935. Como informa Marcelo Lins (2007), após abrir um Inquérito Policial Militar (IPM), os envolvidos foram ouvidos e colheram-se os depoimentos. De acordo com relatos de Euclides Gomes, não somente os soldados do batalhão

estavam envolvidos, como apontou os nomes de outros comunistas ilheenses: o professor Nelson Schaun, Afonso Pinto e o alfaiate Gildath Amorim.

Os processos de perseguição aos comunistas e aliancistas se intensificam a partir de novembro e de acordo com o mesmo autor foram presos os soldados Brasilino Nunes, Carlos Motta Coelho e Elias Morais, sendo este último um dos autores juntamente com Horácio Pessoa de Albuquerque pelo ataque a bomba de agosto à sede integralista. Depois de indiciado e julgados outros nomes que já eram suspeitos foram revelados e incriminados, como é o caso de Nelson Schaun, André Bento da Silva e Euclides Tavares Santos.

De acordo com Lins (2007, p.199), desde o fim de 1935 e os anos de 1936-37, a perseguição aos comunistas e aliancistas fora intensificada, tornando também os que integravam movimentos sindicais suspeitos ou alvo de investigação, todos eram colocados na mesma posição, estrangeiros como: alemães, poloneses, romenos e russos que por temerem risco a suas vidas publicaram notas em jornais. (A *Época*, Itabuna, 14 de dezembro de 1935) Com o avanço da perseguição aos comunistas do sul baiano, alguns foram refugiar-se no Posto indígena Paraguaçu, que já sofria tensões, onde organizaram-se com camponeses e desde então estiveram envolvidos em revoluções desde o final de 1935. Um desses a se refugiarem foi Gildath Amorim, que procurado pela polícia, e antes de sua chegada ao Posto foi perseguido e ferido por Mario Rolemberg Martin Soares que comandava uma “brigada integralista”. No posto também se refugiaram comunistas da capital, como é o caso de Samuel Genz que esteve envolvido no ataque a contra a sede da AIB em Salvador em novembro 1935.

Era o que a AIB precisava para aumentar sua influência no ano de 1936, entretanto, não foi dessa forma até o primeiro semestre de 1936. Dada a intensidade das rugas entre as frentes, não só os periódicos locais noticiavam. O jornal **A Offensiva**, periódico integralista do Rio de Janeiro noticia o cenário político baiano e analisa o contraste de extremos por parte das autoridades em Ilhéus, que, segundo eles, enquanto tratam a ferro e fogo os integralistas, enquanto “riem comunistas”. A nota estende-se por duas páginas e segue apontando a proibição do uso de camisa verde e de símbolos do sigma:

### **O Integralismo na Bahia**

“De ordem do senhor Tenente delegado de policia deste termo, fica expressamente prohibido o uso de camisas integralistas, distintivos, etc. AOS TRANSGRESSORES SERÃO APPLICADAS AS PENALIDADES DA LEI. Pontal, 18 de julho de 1936 — Rybens Patury, sub-delegado de policia”.  
[...]

Aos transgressores integralistas, porque aos outros — rubros, de dynamite na mão á mão — a lei não vae incomodar, continuando livremente nas cidades, nas villas, nos arraiaes, nas caatingas!

O integralista do estado suporta o escarneo, revestindo-se de toda a coragem. E' um forte, para dizermos como o estylista dos "sertões". (A Offensiva, n. 00227, p. 1-2, 9 jul. 1936).

Após o golpe do Estado Novo, um processo que viria se repetir em várias cidades da Bahia acontece em Ilhéus e Itabuna. O tenente-coronel Augusto Maynard chegou as cidades com um contingente armado, onde fecha as saídas da cidade e depõe os prefeitos de Ilhéus e Itabuna. Assumindo o integralista Raimundo do Amaral Pacheco, a interventoria de Ilhéus e José Nunes de Aquino, em Itabuna. Na mesma data, o Tenente Arsênio Alves de Souza assumiu o cargo de deputado regional, este havia sido preso por envolvimento na chamada "Intentona Verde" e de acordo Marcelo Lins (2007) declarou em sua posse: "É a luta contra o comunismo, a manutenção da ordem e a posse de novos prefeitos e autoridades."

Poucos dias após a intervenção do município, no dia 19 de novembro foi realizada uma marcha cívica envolvendo escolas locais, o batalhão Tiro de Guerra e a Ação Integralista Brasileira como parte da programação oficial com manifestantes da cidade e adjacências por ocasião da celebração do Dia da Bandeira. Camisas verdes desfilarão, contudo não durou muito o poderio integralista. Por decreto de 2 de dezembro de 1937, Getúlio Vargas dissolve todos os partidos políticos, e proíbe distintivos, uniformes, bandeiras partidárias e considera qualquer atividade desse tipo como crime a ser julgado pelos tribunais de segurança. Assim, os prefeitos integralistas recém-empossados, ficaram somente até o início de 1938. (LINS, 2007, p. 233).

A presença da ideologia integralista no eixo Ilhéus/Itabuna foi marcante e ainda susteve fieis militantes até a década de 1950, não mais com as insígnias e as camisas verdes, contudo, rearticulados no Partido de Representação Popular (PRP), mas sem deixar de lado a seu perfil "de partido dogmático". Se grande parte da presença da AIB nas cidades se deu mediante conflitos, estes estiveram presentes mesmo após os anos gloriosos de 1930. Plínio Salgado esteve em Itabuna para promoção de sua campanha presidencial de 1954, e no decorrer do comício no cinema Cine-Itabuna, os vermelhos atuaram afim de dispersar a concentração integralista. Em entrevista cedida por Dilermano Pinto em 1999, Marcelo Lins (2007) informa como sucedeu a intervenção:

Vários comunistas moradores de bairros periféricos, ou da zona rural e por isso desconhecidos da maioria da população, entraram no referido cinema se misturaram a platéia com os bolsos cheios de ampolas de ácido, e esperaram o cinema completar a lotação para discretamente esvaziar os bolsos colocando-as no chão e deixando o lugar. Sem perceber as pessoas presentes

foram pisando e quebrando as frágeis ampolas e na medida em que o cheiro do lugar foi ficando insuportável às pessoas foram se levando, o ar foi ficando lacrimogêneo, e o pânico tomou conta causando grande confusão, esvaziando completamente o cinema. Os partidários do candidato foram obrigados a improvisar o comício na praça que ficava em frente ao cinema e todos os oradores acusaram os comunistas da cidade do ocorrido. (p.234).

Tal ocorrido demonstra a força expressiva que AIB e o PCB alcançaram no sul baiano e que mesmo após duas décadas ainda resistia a força ideológica em seus militantes. Observar-se-á a seguir, de que maneira se deu a inserção da AIB na cidade de Jequié e em nos distritos. O Movimento na cidade conta com o apoio da colônia italiana, do Bar Fascista, e de uma juventude militante para sua dispersão. Um elemento que merece atenção se deve a massiva abertura de escolas integralistas, que atuam não somente na alfabetização, mas no processo de incursão ideológica na sede e distritos. Através do campo da memória, outros elementos carecem ser analisados, no que se refere a conservação das fontes e da memória parte de alguns militantes, sendo árdua a tarefa de identificação e análise, demonstrando o descanso com o passado em geral. A visita de Plínio Salgado a cidade em 1949 demarca ainda a existência de remanescentes de sua ideologia.

### 3.2 Jequié, a colônia italiana e os sigmas

Para que possamos chegar até os anos 1930 e a inserção da Ação Integralista Brasileira na cidade de Jequié, cabe retroceder até a segunda metade de 1800, na qual foram para o interior baiano imigrantes italianos em busca de ascensão social, e entender como a cidade fora erigida. A localidade hoje entendida como a cidade de Jequié<sup>75</sup> foi pertencente ao município de Maracás de 1860 a 1897, bem como a bacia do rio das Contas. Do fim do século XIX para primeira década do século XX, o comércio local em Jequié se expandiu substancialmente, criando novas áreas urbanas e povoados na região.

Esta expansão ocorreu tanto pelo vale do rio das Contas<sup>76</sup> quanto pelo curso do Jequiezinho, atingindo locais como Água Vermelha e Água Branca. Por meio da Lei nº 779 de

---

<sup>75</sup> De acordo com o historiador Émerson Pinto de Araújo (1997), discute-se a origem do topônimo “Jequié”, no entanto acredita-se que a versão mais acertada é que o nome advém do Tupi “Yaquié”, que significa onça ou cachorro. Porém há outros possíveis significados, como “Yequi”, um cesto afunilado usado como armadilha para peixes. Sendo a penúltima possibilidade, segundo o autor, a versão mais acertada.

<sup>76</sup> Há uma dúvida que paira ao se referir ao rio que corta a cidade e desagua no litoral baiano. É comum ouvir, ou ler-se “rio de contas” (assim como a cidade baiana) ao invés de “rio das Contas”. Assim, Araújo (1997) interpela sobre alguns significados e possíveis causas para o nome do rio, entretanto a explicação mais plausível na qual acredita é que, “nas proximidades do rio Jussiape, durante a mineração, em épocas prefixadas, se encontravam mineradores e cobradores do quinto de ouro e para acertar contas, daí a denominação de Rio **das** Contas, e não Rio **de** Contas como querem muitos” (ARAÚJO, 1997, p. 19). Aqui aceitar-se-á a seguinte proposição. Ademais,



13 de 1910 é concedido à vila de Jequié foro de cidade, subindo o seu número predial de 206 em 1894 para 466 naquele ano. Este crescimento na localidade deve-se à chegada dos imigrantes italianos num período que demarca a incursão de imigrantes de várias nacionalidades em terras brasileiras, assim como aconteceu em vários períodos históricos importantes. Com o fim do tráfico negreiro em 1850, acompanhado da promulgação de leis que impulsionaram a chegada de trabalhadores brancos e livres, bem como o ciclo de revoluções que assolam a Europa a partir de 1848, os estrangeiros veem no Brasil a possibilidade de tentar a vida. Segundo Giuseppe Federico Benedini e Matteo Arquilla (2015), a emigração italiana é considerada o maior êxodo da história moderna com números de mais de 20 milhões de pessoas que deixam a Itália em direção a outros países entre os anos de 1869 e 1970. Para o Brasil registram-se entre os anos de 1884 e 1933 cerca de 1.401.335 emigrantes italianos, sendo o país no qual vive até os dias atuais a maior comunidade de descendentes de várias regiões da península itálica.

No caso específico de Jequié, de acordo com Êmerson Pinto de Araújo (1997), parte dos cidadãos italianos que vieram estabelecer-se primeiro no interior baiano veio da Itália Meridional, de Trecchina, comuna italiana circundada de morros, assim como a cidade baiana. Marcadamente, os emigrantes vindos da região meridional buscavam climas mais tropicais, em oposição aos oriundos de localidades mais próximas aos Alpes que buscavam as regiões mais frias. Os pioneiros da imigração italiana que se estabeleceram em Jequié foram João Rotondano em 1866, Giuseppe (José) Rotondano dois anos após, em 1868; um ano depois, veio Giuseppe (José) Niella (1869). Eles vinham de uma emigração não bem-sucedida a Portugal, contudo, acostumado a intempéries, decidiram, apesar dos desconfortos da viagem e das longas distâncias, partirem rumo ao interior a fim de mascatear; e obtiveram bons retornos. Por volta de 1878 visitam fazendas e vilas, como Areia (Ubaíra), Pé de Serra, Maracás e Jaguaquara, onde alguns dos seus estabeleceram-se visando lucro. Nesse mesmo ano, visitam Jequié, entroncamento de várias estradas, bem como um rio em seu curso vislumbra que a localidade poderia prosperar.

No ano de 1882, os “Josés” instalam a firma Rotondano & Niella na praça Luís Viana. De acordo com Êmerson Araújo (1997), é por meio dos italianos que “o comércio nasceu e cresceu”, sendo a firma uma grande impulsionadora do comércio em toda região, pois atuou como casa de empréstimo de capital e financiamento em tempos que as agências bancárias não tinham sede na localidade. A firma tinha uma sede chamada de “Casa Grande” e, nos anos

---

a saber sobre a origem da cidade e seu nome, o mesmo autor traça um caminho detalhado sobre a cidade do interior baiano.

seguintes, diversificou o campo de atividades, atuando com a pecuária e a agricultura. O incentivo e financiamento do plantio de fumo, cacau, café, algodão, óleo de copaíba, entre outros produtos, estiveram presentes no trato da firma comercial. Outros italianos, ao observarem a instalação bem-sucedida dos seus conterrâneos, chegaram às mesmas localidades. De acordo com o autor, estima-se que, em dez anos, o número de italianos ultrapassava a casa dos 150; e alguns sobrenomes passaram a serem conhecidos e reconhecidos pela comunidade local, como, por exemplo: Grillo, Marota, Pignatare, Caricchio, Limongi, Lomanto, Schettini, Leone, Adrea, Grissi, Orrico, Giudice, Maimone, Bartilotti, Errico, Liguori, Penza, Larocca, Colavolpe, Ferraro, Lamberti, Dattoli, Innocencio, Lacrose, entre outros (ARAÚJO, 1997).

No início dos anos de 1900, a influência se manteve; reflexo disso são os esforços da firma Rotondano & Niella que atuaram na escolha do padroeiro da cidade (Santo Antônio), a instituição da feira livre, bem como na criação do primeiro serviço de correios. A firma também não mediu esforços no auxílio à reconstrução da cidade após os estragos causados pela enchente de 1914. Apesar das benfeitorias, o município vivia em dependência do sistema de crédito dos peninsulares, em alguns casos contraindo empréstimos para realização de obras públicas. Tal dependência do sistema criado pelos italianos veio a enfraquecer após a inauguração da agência do Banco do Brasil em 1º de setembro de 1923 e, como relembra Araújo (1997), paradoxalmente, contou com a contribuição de outra firma italiana a Grillo Lamberti & Cia. Atendendo à solicitação, o governo italiano chegou a instalar um vice-consulado em Jequié a fim de oferecer suporte aos seus conterrâneos; Vicente (Vicenzo) Grillo e Vicente (Vicenzo) Leoni foram nomeados cónsules (ARAÚJO, 1997).

Segundo Maria Luiza Landim (2012), tal ação servia como estratégia de controle, assim “os imigrantes italianos manobravam a sociedade de uma forma geral, as ações sociais, culturais e políticas que lhes rendiam prestígio e poder” (LANDIM, 2012). Por conseguinte, a intencionalidade consistia em preservar os direitos adquiridos na ocupação das terras, bem como influenciar os habitantes da cidade com ideologias fascistas. Nos anos 1920 até os anos de 1930, a cidade manteve ainda a influência dos peninsulares ali estabelecidos, porém buscou formas de abraçar o progresso; o orçamento municipal dobrou, a agência do Banco do Brasil passou por reformas, e a estrada de ferro de 62km e meio de trecho ligando Jequié a Jaguaquara demarcaram o crescimento da cidade interiorana.

Para a construção da estrada, contou com auxílio de mãos estrangeiras<sup>77</sup>: espanhóis, italianos, franceses, portugueses, alemães e argentinos, sendo engenheiros, técnicos e auxiliares que trabalharam no empreendimento que atuaria no processo de escoamento da produção agrícola do cacau, bem como empenhados no processo de prolongamento da via férrea em direção a Vitória da Conquista até outubro de 1930 (ARAÚJO, 1997). Outro elemento que esteve presente no decorrer da década de 1920 foram as disputas entre jagunços e coronéis, enfrentamentos esses vivenciados em parte do nordeste e que em Jequié esteve representado por conflitos entre os jagunços de Tranquilino e de Silvino.

A partir dos 1930, essa influência italiana decaiu um pouco e sua hegemonia comercial é sentida pela abertura de outras agências bancárias e a chegada dos trilhos da estrada de ferro de Nazaré. Tais elementos podem ter sido preponderantes para a aproximação dos emigrantes da ideologia de Plínio Salgado, que surgiria nos anos seguintes. Apesar de terem diminuído sua influência nos círculos de poder, algumas ações dos italianos e de seus descendentes demarcam a década de 1930 (ARAÚJO, 1999). Segundo Maria Luzia Landim (2012), durante a gestão de Virgílio de Paula Tourinho, que ocorreu entre 1934 e 1937, a cidade de Jequié passou por um período intenso de obras públicas. Uma das principais mudanças foi a realocação da feira, que deixou a Praça Ruy Barbosa e passou a ser realizada na Praça da Bandeira, onde antes havia um mangueiro. Além disso, as ruas do centro da cidade foram calçadas, o que contribuiu significativamente para a melhoria das condições de tráfego e do ambiente urbano. É em meio a esse contexto que chega a bandeira da Ação Integralista na cidade de Jequié.

O núcleo integralista da cidade de Jequié foi criado em 1935, e como chefe local do mesmo ano foram identificadas três lideranças, a saber: Fernando Humberto de Souza (*O Imparcial*, 21 mai. 1935), e também o Dr. Ramiro Evragio Soeiro<sup>78</sup>, que mais tarde viria ser prefeito do município de Encruzilhada (Macarani) (*O Combate*, p. 1, 30 mar. 1943), e Firmo Nunes de Moraes<sup>79</sup>. Dada a escassez de dados, não pôde ser precisado como foi feita a troca de chefia nem por quanto tempo permaneceu cada um no posto de chefe municipal. Nesse sentido, no que se refere à data de instalação do núcleo municipal local, indica o jornal **O Combate** que esta ocorrera antes do núcleo da cidade de Conquista, como relata o periódico: **o Núcleo será oficializado, dentro em breve vindo aqui para este objetivo uma bandeira de Jequié** (*O Combate*, p. 4, 16 jun. 1935). Assim, a bandeira integralista chegou à cidade de Jequié um

---

<sup>77</sup> Araújo (1997) destaca alguns nomes de estrangeiros que atuaram nesse processo, sendo eles: André Saffrey e Emile Toumillon (franceses); Apolinário Peleteiro, Ramon Martinez, José Iglesias, Manuel e Raul Crespo (espanhóis); Hipólito Matarazzi (argentino).

<sup>78</sup> Médico, farmacêutico e político baiano e descendente de portugueses.

<sup>79</sup> Professor e militante integralista.

pouco antes de chegar em sua cidade vizinha, Conquista. Não podendo demarcar com precisão a data de criação, estima-se pela nota do periódico que tenha sido entre os meses de maio e junho de 1935.

Uma parcela do município de Jequié logo abraçou a ideologia de Plínio Salgado, constituindo-se num dos mais atuantes do interior baiano, estabelecendo considerável número de escolas, elegendo dois vereadores logo no ano seguinte de sua fundação e envolvendo-se em conflitos sob grande vigilância do poder estadual. Como abordado anteriormente o governador do estado da Bahia no período, Juracy Magalhães, atuou massivamente no combate ao integralismo e a massiva inserção do integralismo no interior. Em sua visão, apesar de Getúlio Vargas encarar a AIB como um partido de pequena expressão, o político analisava a rápida ascensão do movimento no seu círculo, a exemplo das cidades de Rio Novo (Ipiaú), em que o Movimento “atuava de maneira muito agressiva”, e do núcleo de Jequié, que era forte, pois “Vivia nesta cidade uma expressiva corrente de descendentes de italianos” (MAGALHÃES, 1982, p. 97).

Nesse ínterim, Araújo (1997) e Landim (2012) descrevem que, desde o final do século XIX e início do século XX, milhares de famílias italianas se estabeleceram na região, trazendo consigo sua cultura, influenciando a economia, e impactando cidades como Itiruçu (Colônia Bateia), Poções, Ilhéus, Ipiaú, Jaguaquara e Jequié. Sendo as duas últimas apontadas como as cidades que mais receberam emigrantes italianos no estado da Bahia. Ao inserir a colônia italiana como elemento de uma possível causa para aderência dos peninsulares e seus descendentes ao integralismo, o político levanta a questão sobre uma possível associação entre a ideologia fascista europeia e o integralismo.

Destarte, Rubem Nogueira (1997), ex-líder integralista desacredita de tal pressuposto, por entender que a cidade vizinha Jaguaquara detinha mais italianos, entretanto “o movimento não crescerá tanto por lá”. Contudo, apesar de haver um contingente de emigrantes italianos na cidade de Jaguaquara, de acordo com a literatura que aborda a presença italiana na Bahia (AZEVEDO, 1989; ANDRADE, 1992; BENEDINI, 2010; FELIX, 2013), o maior número de italianos que se dirigiram à cidade de Jaguaquara e adjacências data-se logo após a Segunda Guerra, em 1950, e não nas três primeiras décadas do século. Nesse sentido, ao abordar as possíveis conexões entre as colônias, o fascismo europeu e o fascismo brasileiro, cabe aqui trazer luz aos estudos de Fábio Bertonha (2010).

Em sua visão, em termos latino-americanos, o Brasil apresentaria a forma mais organizada da ideologia, sendo a AIB o maior partido fascista surgido fora da Europa, apesar de haver enorme discussão na historiografia brasileira sobre o caráter ou classificação “fascista”

para o movimento brasileiro. Como abordado anteriormente na revisão bibliográfica do movimento, o ponto de vista hegemônico e entendido também por este estudo, é o caráter fascista do movimento, haja vista as características do movimento, seja por suas bases sociais, literárias, seja pelas relações ideológicas nacionais e internacionais, não somente mimetismos, como é amplamente entendido. De acordo com Bertonha (2011) se faz importante ressaltar que:

Apesar dos vínculos dos integralistas com o fascismo internacional (menos com o nazismo, e mais com o fascismo italiano e os movimentos fascistas e de direita de Portugal e Espanha) e da influência ideológica do fascismo de Mussolini e também dos movimentos fascistas portugueses, ele não foi de forma alguma algo mimético, importado e sem significado na realidade nacional. Pelo contrário, ele atraiu filhos de imigrantes (especialmente italianos e alemães), negros, parte das classes médias urbanas, intelectuais e também alguns operários. O número exato dos seus militantes é desconhecido, mas se aproximava das centenas de milhares de adeptos, o que indica a sua inserção no cenário nacional. (BERTONHA, 2011, p. 119-120).

Sobre a realidade de Jequié e cidades adjacentes como Rio Novo (Ipiaú), notou-se a inserção de militantes das colônias europeias, ocupando cargos de chefia ou secretária, sendo descendentes de italianos, alemães e portugueses, porém podendo não ser esse o fator preponderante para inserção do maior contingente em suas fileiras integralistas. Nesse sentido, ao nos referirmos de modo geral à expansão e força alcançada pelo movimento no interior baiano, segundo Consuelo Sampaio (1985), a evolução pôde ser demonstrada pelos dados das eleições entre os anos de 1934 e 1936. Se nas eleições de outubro de 1934 para a Assembleia Estadual Constituinte a AIB obteve somente 302 votos, o cenário muda a partir do ano seguinte. Em dezembro de 1935, como observou-se no capítulo anterior, a realidade foi bem diferente se olharmos isoladamente os municípios de Ilhéus e Itabuna, que superaram com números na casa do milhar. A autora relata, ainda, a realidade de Tucano, cidade também do interior, localizada no nordeste da Bahia, na qual, em 1936, “mais de mil moradores envergaram a camisa verde”. Semelhantemente, Rio Novo (Ipiaú) chegou a registrar cerca de três mil integralistas. O esforço na arregimentação e efetividade viera à tona nas eleições de janeiro de 1936, em que vereadores do sigma se elegeram nos municípios de Jequié, Poções, Ipiaú, Mundo Novo, Itabuna e Maragogipe com números expressivos (SAMPAIO, 1985, p. 117). Somando-se a isso, Sampaio (1992) ressalta que os integralistas se mostraram fortes concorrentes do PSD “governista e das velhas oligarquias que controlavam os currais eleitorais” e passaram a representar uma certa ameaça.

Compreender essa aproximação dos baianos do interior ao integralismo num curto período ressalta a efetividade de seus mecanismos de promoção da ideologia verde, sendo que

o meio jornalístico, a visitação das “bandeiras” e, principalmente, a criação de seus núcleos para além das sedes, atuam como fatores importantes para a sua ampliação e inserção dos jovens de uma pequena burguesia. Nota-se que a expansão integralista no interior ficou marcada não só pela eleição de seus correligionários, como também por meio do alastramento dos seus núcleos escolares. Em Jequié, o movimento adquiriu rápida aderência em seus círculos, abarcando uma juventude heterogênea.

Como pontuado, a existência da colônia italiana poderia ter atuado como facilitador à assimilação da ideologia. Um elemento interessante colhido no Museu Histórico de Jequié, e relatado igualmente pelo historiador Émerson Pinto de Araújo (1997) no livro **Capítulos da história de Jequié**, foi a existência do Bar e Pastelaria Fascista (Figura 1) fundado em 1905. O empreendimento de propriedade do senhor Michele Ferraro (lê-se “Miquele”) ou Miguel, como era popularmente conhecido, era um ponto de encontro da juventude local. Depreende-se que, possivelmente, o local servia como ponto de encontro para simpatizantes do movimento fascista europeu, bem como poderia ter se tornado ponto de encontro de integralistas. Miguel Ferraro era italiano e um dos simpatizantes da ideologia fascista na cidade, bem como do integralismo.

Sobre o empreendimento, esse situava-se numa zona nobre na cidade, entre a Avenida Alves Pereira (frente) e a Rua João Mangabeira (lateral). O “Bar Fascista” teve seu pleno funcionamento até a década de 1930, sendo que o local era frequentado por jovens da sociedade jequiense e não somente simpatizantes, isto em decorrência de sua localização e serviços oferecidos. O “Fascista”, como era chamado, possuía salão de jogos bem equipado e barbearia. O empreendimento esteve em atividade até o ano de 1942, quando fechado por ordem do governo brasileiro durante o período da Segunda Guerra Mundial (ARAÚJO, 1997).

**Figura 1 – Fachada e lateral do “Bar e Pastelaria Fascista” em 1930 - Jequié-BA<sup>80</sup>**



**Fonte: Museu Histórico de Jequié (Imagem melhorada digitalmente).**

Ainda sobre um dos pontos de encontro da juventude local, uma importante descrição de Aduino Cidreira, radialista e um dos militantes integralistas identificados na pesquisa, em texto do livro **Cem anos de Poesia e Prosa** de Dermival Rios (1997), nos fala sobre o Bar Fascista e nos possibilita uma visão sobre que dimensão o empreendimento teve para a população jequieense até o seu fechamento:

Caiu afinal, cedendo às exigências do progresso [...]. O Bar Fascista, onde as quintas-feiras [sic] à tarde reunia-se a juventude para um chá animado onde não faltavam chopp e tertúlias literárias com números de canto, música e declamação. Um pianista permanente alegrava o ambiente do Bar Fascista, já que não tínhamos então o conforto do rádio, tevê e energia. (CIDREIRA apud RIOS, 1997, p. 13).

O local onde erigiu-se o empreendimento passou pelas mãos de alguns emigrantes italianos<sup>81</sup> até chegar às mãos de Miguel Ferraro. É interessante observar, diante do exposto, que alguns nomes e sobrenomes de italianos sofrem alterações com o passar dos anos, a

<sup>80</sup> No local atualmente funciona a loja de variedades domésticas Le Biscuit, rede varejista brasileira.

<sup>81</sup> De acordo com Rios (1997) e exposto também em Almeida (2011). Aduino Cidreira nos dá alguns dados sobre o prédio “que por mais de 60 anos era esquina da Rua João Mangabeira com a Avenida Alves Pereira”. Como descrito o prédio passou por várias mudanças até torna-se o “Bar fascista”. Foi construído por Salvador Colavolpe, havia sido uma padaria, passou a ser loja “A Indiana”, comandada por Nicolau Giudice; em seguida foi um armazém de compras de propriedade da firma italiana Maimone & Cia., em seguida passou a ser a loja “Ameritália”, de Grisi & Cia., cujo chefe era Ângelo Grisi, ao qual “era mais poeta que comerciante”, e em seguida torna-se “Bar e Pastelaria Fascista” (CIDREIRA apud RIOS, 1994, p. 13).

exemplo dos primeiros peninsulares que chegaram: Giuseppe Rotondano e Giuseppe Niella que aderiram ao “José”, ou Michele Ferraro que adotou “Miguel”. Um dos possíveis indícios para tal atitude é que ela funcionaria como forma de aproximação e pertencimento à nova realidade, bem como deve-se à dificuldade local de pronúncia e escrita de nomes e sobrenomes estrangeiros (BENEDINNI, 2013). Como relatado anteriormente, para além do desejo de inserção na realidade local, a ideologia fascista é um dos elementos que os imigrantes, alemães, italianos, portugueses ou filhos de emigrantes, integram nesse processo de participação social, contudo compreende-se que não foram todas as coletividades que estiveram dominadas pela ideologia fascista (BERTONHA, 2011).

Sobretudo, cabe ressaltar que a presença de imigrantes europeus foi pontuada pela literatura (GERTZ, 1987; FALCÃO, 2000; BERTONHA, 2011) como um dos pontos de encontro entre a ideologia fascista e nazista europeia e a AIB de Plínio Salgado na região Sul do Brasil. A implementação dos núcleos no estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, como pontua René Gertz (1978), inicia-se em 1934 em diversos lugares, no entanto, com grande aceitação nos municípios de colonização estrangeira. No ano descrito, a imprensa integralista publica uma lista de integralistas no Rio Grande do Sul em que constavam que, do total de 161 chefes de núcleos locais, 81 eram alemães. Segundo o autor, o primeiro núcleo no interior do estado de Santa Catarina foi criado num município de colonização alemã; município esse que, nas eleições que o integralismo se inseriu, obteve o mais alto percentual de votos nas zonas coloniais. Em consonância, a inscrição de italianos, portugueses e demais emigrantes europeus ou filho de emigrantes foi identificada na realidade de Jequié, que contou com um dos chefes municipais, Dr. Ramiro Evragio Soeiro, de descendência portuguesa, e a Chefia Municipal de Rio Novo (Ipiaú) que teve por chefe Durval Hohlenwerguer Filho, descendente de alemães.

No que se refere à Santa Catarina, pontua Gertz que não há margem para dúvida que um dos elementos que caracterizam essa alta inserção, e que é a ideia mais difundida, é a de que o integralismo “servia de disfarce para o nazismo”, elemento que os integralistas procuravam desmentir explicando que o alto número de inscritos teuto-brasileiros seriam outros, como: “estarem fatos de servirem de massa de manobra” para os partidos tradicionais e serem legados ao esquecimento após as eleições; no futuro, a sua inserção no “Estado Integral” e a sua representação por classes profissionais, onde os teuto-brasileiros em sua grande parte eram pequenos agricultores. Outro elemento seriam os traços de caráter da população, sendo a ordem e o trabalho e o “idealismo pátrio”, feições adquiridas desde a infância e que eram pregadas pela ideologia integralista.



De acordo estatísticas da AIB, o Sul era o terceiro maior contingente integralista do país ficando atrás somente de São Paulo e Bahia. Outrossim, elementos semelhantes estiveram presentes na realidade dos colonos em Jequié, contudo não pela via do nazismo advindo da sua maioria ser italiana: o integralismo atuaria como uma aproximação ao fascismo. Sobre os demais elementos, aponta Emerson Araújo (1997) que o caráter de “ordem e trabalho” fazia parte do perfil dos peninsulares que chegaram à cidade, parte disso mostrou-se com a efetivação de comércios e sua expansão agropecuária:

[...] não foi por acaso que José Rotondano e seus patrícios, ao aportarem no Brasil escolheram a Bahia para movimentação dos seus negócios, uma vez que não dispunham de capital suficiente para enfrentar a concorrência do sul do país. Assim, José Rotondano adquiria mercadorias em Salvador e saía pelo interior do estado da Bahia comercializando, e visitando alguns italianos nos municípios de Areia, Maracás, Pé de Serra e Jaguaquara. (ARAÚJO, 1997, p. 97).

Como citado, os primeiros italianos chegam por volta da segunda metade do século XIX, e outros, ao notarem o sucesso dos seus, chegam no início do novo século XX, já não mais com intuito de mascatear; sobretudo foram motivados principalmente pelas oportunidades que o trabalho e a agricultura poderiam oferecer. Com a efetivação e consolidação desse propósito, o poderio dos colonos peninsulares durante as duas primeiras décadas foi hegemônico, entretanto, viu a sua força arrefecer com a chegada dos anos 1930. As formas de dependência municipal e influência sobre a política local foi diminuída, podendo esse também ser um dos motivos que levou à aproximação de alguns elementos da ideologia de Plínio Salgado. Pontua-se, aqui, que as aproximações feitas à região do Sul têm caráter exploratório e têm como finalidade encontrar possíveis semelhanças, ademais, compreende-se que as realidades e diferenças das cidades do Sul brasileiro e das cidades do estado da Bahia são grandes. Como relata Gilberto Calil (2001) e Pedro Fagundes (2011), o integralismo, ainda que com uma ideologia fechada e um ordenamento rigoroso, ao se espriar para o interior de cada região, utilizou-se de mecanismos e arranjos culturais para aproximar-se da realidade de cada estado em que esteve presente.

Feitas a pontuações, Luiz Felipe Falcão (2000), ao discorrer sobre a realidade do Sul, indica que o perfil dos integralistas catarinenses incluiu três grupos principais. Sendo o primeiro grupo formado por funcionários públicos militares ou civis, profissionais liberais e aqueles que provinham de famílias conhecidas com estabilidade financeira, estando entre a meia idade e a velhice. O segundo grupo era formado por pequenos proprietários e funcionários públicos, muitos deles descendentes de imigrantes alemães e italianos, e jovens que tinham entre 20 e 30

anos e estavam desiludidos com o rumo dos acontecimentos políticos no país após 1930, sentindo um medo crescente do avanço comunista e influenciados pelos fascismos europeus.

O terceiro perfil de integralistas era composto principalmente por pequenos proprietários urbanos e rurais, descendentes de imigrantes alemães, italianos e poloneses. Por se tratarem de cidades pequenas, havia uma forte relação comercial entre campo e cidade, além das organizações comunitárias, como igreja, escola, sociedades de atiradores e os salões de baile. Para o autor, tais meios atuam “reforçando a sensação de uma comunidade de interesses, pautada numa identidade de origem, num estilo de vida semelhante, e em aspirações e sonhos coincidentes” (FALCÃO, 2000). Pontua-se, aqui, que a esse propósito servia também o Fascista, bar que não servia apenas como ponto de encontro de militantes, mas também como um elemento que reforça o sentimento de comunidade entre os patrícios jequienses.

Salvaguardadas as proporções culturais e regionais, identificou-se em Jequié e cidades circunvizinhas que os integralistas inscritos nas fileiras do sigma no interior se adequavam ao segundo grupo caracterizado por Falcão (2000), sendo esses jovens de classe média ou emergente, emigrantes ou filhos de emigrantes europeus e/ou simpatizantes da ideologia de Salgado. Basicamente, o perfil nacional do jovem integralista não diferiu muito, qual seja: de classe média, na faixa etária entre 20 e 30 anos, com alguma formação acadêmica, carregando um patriotismo exacerbado, ideais de disciplina, gozavam de seriedade, dedicados e motivados por uma visão de desenvolvimento social. Na Figura 2, é possível observar jovens integralistas do Nucleo Municipal de Jequié:

**Figura 2 – Jovens integralistas do Núcleo Municipal da AIB Jequié-BA.**



**Fonte: A Offensiva (n. 00260, p. 14, 16 ago. 1936).**

Como descrito na Figura 2, os jovens integralistas levavam a palavra do sigma às vilas e distritos de Jequié e cidades vizinhas e buscavam, por meio da ideologia integralista, conscientizar as pessoas sobre os problemas da época. Eles também defendiam com afinco uma educação de qualidade, bem como uma vida saudável e moralmente adequada por meio do seu lema “Deus, Pátria e Família”. Acreditavam que era possível alcançar esses ideais através de uma reorganização da vida da sociedade brasileira e que através dos esforços políticos tais elementos podiam se tornar realidade. Dessa maneira, a palavra do sigma era espalhada aos recônditos de Jequié. A este quesito, crê-se que seu processo de inserção fora facilitado não só pela presença do prefeito Virgílio de Paula Tourinho, descendente de italianos; e ainda que ele não fosse ligado ao partido, a agremiação tinha, de certa maneira, por aproximação de sua comunidade, facilitadas a inserção e permanência da ideologia até certo ponto. Não à toa, em seu período de governabilidade, a cidade Jequié constituiu-se como uma das cidades com mais núcleos escolares integralistas na região, abarcando sede, vilas e distritos.

Como pontua o historiador e principal referência da história local, Émerson Araújo (1997), os correligionários de Plínio Salgado não encontraram dificuldade para a arregimentação de um número elevado de camisas verdes; e tal tarefa foi facilitada pela colônia italiana, bem como pela existência do Bar Fascista, à época “o melhor estabelecimento comercial do gênero” (ARAÚJO, 1997). Segundo o autor, não obstante a colônia italiana ser numerosa, e devido à cidade de ter recebido em seu processo de formação “pessoas oriundas de pontos diferentes do Estado, criou-se, desde cedo, um clima de tolerância” entre os residentes. Entretanto, com o acirramento das disputas políticas “a intransigência e sectarismo” geraram áreas de atrito. Conflitos com disparos de armas de fogo nas proximidades de Monte Branco e o assassinato de um jovem militante integralista pareceu quebrar tal clima.

Em nota do dia 14 de janeiro de 1936, período próximo às eleições municipais, o ambiente de tensão e furor pela política local resultou na morte do militante do sigma Manoel Romualdo. Como relatado anteriormente na Figura 2, os integralistas viriam a sofrer perseguições do governo estadual e, de acordo com o jornal **O Imparcial**, a morte do militante teria sido decorrente de tais perseguições. O Jovem Manoel Romualdo era filiado ao núcleo do distrito de Tesouras (atual cidade de Ibirataia), território à época pertencente a Jequié. A nota a seguir relata o ocorrido:

#### **Assassinado um Integralista em Jequié**

Jequié, 11 (O IMPARCIAL) As perseguições aos integralistas neste município vão aumentando á medida que se aproxima o dia das eleições. Fechados o Núcleo, as escolas mantidas pelos partidários do Sigma, vivem estes sob terríveis ameaças.

Ainda hoje foi assassinado em plena matta o integralista Manoel Romualdo, filiado ao Nucleo do Districto de Thesouras. O delegado Boulanger Meireles está procedendo a diligencias para a captura dos criminosos. Esperamos que recaia justiça implacável sobre os facínoras. (O Imparcial, 14 jan. 1936).

Em aberto quem teria cometido o crime, no processo de pesquisa não foi possível encontrar quais os autores, e se haveria outra motivação que não a política. O combate ao integralismo partiu de diferentes frentes no estado, constituindo-se o governador Juracy Magalhães, como um dos opositores e combatentes mais aguerridos ao Integralismo, sendo o seu ápice o ano de 1936. Sobre as motivações para tal combate, destaca Nogueira (1997) e Ferreira (2009) que uma das possíveis causas seria o temor pela crescente da AIB no estado, podendo assim o partido de fora do estado vir a rivalizar com grandes partidos, em que pese o fato de que tal crescimento incomodava chefes políticos do interior, e que por sua aproximação política, teria levado ao chefe do Executivo baiano a se impor contra os militantes do sigma.

Quatro dias após a morte do militante integralista em Jequié, a nota d'**O Imparcial** relata que os integralistas dos municípios de Jequié, Rio Novo (Ipiaú), Poções, Vila do Conde (Conde), Maragogipe, Ilhéus, Itabuna, Conquista (Vitória da Conquista), São Felipe, entre outros, “foram impedidos de votar”, causando revolta nos milicianos (*O Imparcial*, p. 1, 18 jan. 1936). Com o resultado das eleições municipais daquele ano, a cidade de Jequié conseguiu eleger dois vereadores por meio da legenda “Integralismo”, sendo eles Jasson Valverde de Magalhães<sup>82</sup>, jovem militante do sigma, oriundo da família Valverde que mantinha empreendimentos na cidade que iam desde a fabricação e venda de calçados, denominada Valverde & Valverde, até o ramo agropecuário por meio da a Valverde & Magalhães.

Outro vereador eleito foi o jovem Domingos Rodrigues Graça<sup>83</sup>, entretanto ambos renunciaram. A atitude foi vista pelos integralistas como verdadeira atitude de desapego em prol dos “interesses supremos do Movimento do Sigma”, nas palavras do **A Offensiva**, jornal oficial do AIB no Rio de Janeiro. Tais atitudes são “exemplos dignificantes” como relatou a nota. Assim, o periódico elenca os nomes de outros integralistas jequieenses: Firmo Moraes, Elisario Andrade<sup>84</sup>, Homero Ribeiro<sup>85</sup>, Waldomiro Santos, Oswaldo Galvão<sup>86</sup>, Altamirando Coqueiro, Vital Pereira Olinda<sup>87</sup> e Renato Menezes, todavia renunciaram deixando assim aos suplentes o encargo de assumir as duas vagas:

### Exemplos Dignificantes

Assim como no município de Barra Mansa, o vereador integralista Felix Gomes acaba de renunciar afim de que seu lugar seja ocupado pelo seu companheiro dr. Alvaro Sardinha, advogado de renome e governador da 2º Região. Ao mesmo tempo em Jequié, na Bahia, os vereadores Jasson Valverde e Domingos Graça eleitos e os suplentes Firmo Moraes, Elisario Andrade, Homero Ribeiro, Waldomiro Santos, Oswaldo Galvão e Altamirando Coqueiro, Vital Olindo e Renato Menezes “Também renunciaram para que, em ordem emanada da Chefia Municipal tivessem assento na câmara daquele município os camisas-verdes Aauto Cidreira e José Ramos de Almeida. Essa prova de disciplina integralista e da sinceridade e de desambição dos candidatos integralistas cujo único desejo é bem servirem a causa do sigma. Que partido político poderia agir dessa maneira?”. (*A Offensiva*, n. 00264, p. 2, 21 ago. 1936).

<sup>82</sup> O sobrenome foi identificado igualmente no ramo de agricultora, não podendo identificar a qual tronco familiar pertencia o militante (Lambert, n. A00092, 1940).

<sup>83</sup> Jovem militante integralista, com poucas informações a respeito.

<sup>84</sup> Fazendeiro e Militante integralista (Lambert, n. A00092, 1936).

<sup>85</sup> Militante integralista e do ramo da agropecuária (Lambert, n. A00092, p. 470, 1936)

<sup>86</sup> Militante e integrante da Associação dos Empregados do Comércio de Jequié (*Vida Domestica*, Rio de Janeiro, n. 00142, jan. 1930).

<sup>87</sup> Identificado como Chefe Distrital do Baixão, distrito de Jequié por meio da relação da APEB – Fundo Polícia Política do Estado da Bahia (Dossiê/Processo), 1936 a 1964.

A atitude havia sido tomada igualmente em Barra Mansa-RJ, e foi elogiada pela imprensa local, como descreveu o **A Offensiva** (n. 00264, p. 2, 21 ago. 1936; n. 0027230 ago. 1936). O núcleo integralista carioca, um dos maiores núcleos da província fluminense, elegeu quatro vereadores com as urnas próxima as mil votantes. Já o núcleo de Jequié mostrou-se forte também ao eleger dois vereadores. Compreendendo que acordo com o Anuário Estatístico da Bahia (1935) (BAHIA, 1935) a cidade tinha população total de 57.579 mil habitantes, sendo o número de votantes 1.709, ou talvez 2.361 como como informa a Diretoria Geral de Estatística em 1932 em nota publicada pelo jornal **Diário de Notícias** (22 out. 1932), espelha como expressiva a eleição de dois candidatos da AIB no município. A cidade dispunha de núcleos integralistas na sua sede, e subnúcleos nos distritos de Rio Branco, Aiquara (hoje cidade), Jitaúna (idem), Itagi (idem) e Itaibó. Os vereadores eleitos foram Jasson Valverde e Domingos Graça, no entanto cederam o posto para os suplentes Aduino Cidreira e José Ramos de Almeida (A Offensiva, n. 00272, p. 13, 30 ago. 1936).

Sobre os escolhidos para o posto, foi possível localizar pouco sobre José Ramos de Almeida, sendo este estudante e militante integralista local, carecendo de mais informações a respeito. Sobre Aduino Cidreira, foi jornalista, radialista e atuou ativamente nos círculos políticos da cidade. Nos informa Judson Almeida (2011) que o radialista nasceu em Camamu e chegou a Jequié em 1930. Apaixonado pelo jornalismo colaborou com quase todos os jornais da cidade, e na década de 1960 ajudou a reestruturar a Rádio Bahiana. Em entrevista colhida pelo autor, o radialista foi definido por um colega de profissão como “Anarquista por excelência” (ALMEIDA, 2011).

Ademais, Aduino Cidreira adquiriu prestígio e respeito na cidade e ingressou em entidades representativas como a Maçonaria e o Rotary Clube. Contudo não foi possível localizar mais elementos sobre seu mandato como vereador e militante da Ação Integralista Brasileira, seja no Museu Histórico ou na literatura sobre a cidade. Sobretudo, identificou-se que Aduino Cidreira foi eleito vereador e presidente da câmara nos anos de 1970-1971. Sobre os anos de 1930, somente duas menções foram encontradas a respeito do seu “passado verde”, a descrita anteriormente no que se refere ao posto de vereador (A Offensiva, n. 00264, p. 2, 21 ago. 1936), e a que coloca o seu nome no posto de chefe distrital de Rio Branco e chefe distrital de Jitaúna interinamente (A Offensiva, n. 00272, p. 13, 30 ago. 1936).

Outros militantes foram identificados e, semelhantemente, com poucas informações a respeito de sua atuação e seu passado com a AIB, gerando assim dúvida na caracterização. Como é o caso do nome de Firmo Moraes/Firmo Nunes de Moraes, que foi identificado em

duas situações. A primeira por meio do *Almanak Laemmert* (n. 00092, 1936), contudo sem a partícula de ligação “de”, nominado Firmo Nunes Moares e identificado como alfaiate. E a segunda, a figura de Firmo Nunes de Moraes, professor, político e influente nos círculos sociais da cidade, e que, em virtude desta, seu nome é emprestado a uma das praças da cidade de Jequié<sup>88</sup>. A segunda opção parece a mais acertada, visto a identificação de seu nome no arquivo do Fundo Polícia Política do Estado da Bahia – APEB (1936 a 1964), a qual identifica o professor Firmo Nunes de Moraes como chefe integralista local do ano de 1935. No que se refere ao processo de estruturação do núcleo de Jequié em 1936, a nota do **A Offensiva**, diário oficial do integralismo do Rio de Janeiro, a fim de caracterizar como estavam estruturadas as secretárias de outros municípios, identifica as chefias integralistas de Jequié, bem como as secretárias que assumiram:

Secretário de Gabinete, Fernando Osmundo Silva; Secretário Municipal de Organização Política, José Moreira Alves (Interinamente); Secretário Municipal de Propaganda, Renato Brito Menezes; Secretário Municipal de Estudos, dr. Oswaldo D. de Freitas; Secretário Municipal de Cultura Artística, dr. Jaldo Reis; Secretário Municipal de Finanças, Nicanor C. Oliveira; Chefe distrital de Baixão, Gedeão Pinheiro Brito; Chefe distrital de Rio Branco, Adalto Cidreira; Chefe Distrital de Jitauna, Aduato Cidreira (Interinamente); Chefe Distrital de Itaibó, Francisco Waldomiro Santos; Chefe Distrital de Aiquara, Aparicio Farias Galvão; Chefe Municipal de Itagi, Ademar Pinto. (A Offensiva, p. 13, 30 ago. 1936).

Na constituição das frentes do Movimento em Jequié, identificou-se o padrão anteposto, ou seja, jovens, com alguma formação acadêmica e, nesse caso, professores, descendentes de europeus, advogados e/ou pessoas influentes na sociedade local. A exemplo disto, os advogados Dr. Jaldo Reis, com a S.M. de cultura artística, e o descendente de italianos Dr. Oswaldo Dattoli de Freitas, com o posto de secretário de estudos integralistas (*Almanak Laemmert*, 1935). O chefe integralista local, Dr. Antônio Coimbra Espinheira, também era advogado e descendente de portugueses. Além de militante integralista, gozava de respeito na cidade e, de acordo Araújo (1997), chegou a ser intendente de Jequié após o levante de 10 de novembro de 1937, contudo permaneceu no cargo por pouco tempo. Antônio Espinheira fez parte da Academia de Letras de Jequié (ALJ) e foi colocado como delegado regional da 6ª Região da AIB-BA. Sobre os demais integralistas citados, identificou-se que Nicanor Carmo Oliveira, que atuou como secretário Municipal de Finanças da AIB, e era funcionário da Agência do Banco do Brasil na cidade (O Imparcial, n. 01555, p. 3, 28 dez. 1935; O Imparcial, Rio de Janeiro, n. 00996, p. 12,

---

<sup>88</sup> Praça Professor Firmo Nunes de Moraes, Campo do América, Jequié – BA. CEP 45203128.

24 ago. 1938). Alguns nomes não puderam ser identificados, como é o caso de Gedeão Pinheiro Brito, José Moreira Alves, Fernando Osmundo Silva, Apparicio Farias Galvão, Ademar Pinto, Francisco Waldomiro Santos.

Haja vista a escassez de documentos e informações sobre os militantes do sigma, dos nomes acima mencionados apenas dois nomes detêm duas ou mais informações a respeito de seu passado, sendo Dr. Antônio Coimbra Espinheira e Aduino Cidreira. Entretanto, em nenhuma das fontes consultadas que não fossem diretamente ligadas ao movimento integralista, ou seja, a bibliografia local, o Museu Histórico de Jequié João Carlos Borges (MHJCB), *blogs* entre outros, pontua-se o passado integralista dos dois. Ao contrário, como mencionado anteriormente, o jornalista e radialista Aduino Cidreira, foi identificado como anarquista e Antônio Coimbra Espinheira aparece vinculado ao Partido Republicano Democrata (PSD). Cabe ressaltar que o Museu Histórico de Jequié é o único museu da cidade e, de acordo com o catálogo e inventário do MHJCB (2017), a iniciativa de criação parte dos jornalistas Henrique Meira e Aduino Cidreira, que iniciam o trabalho de coleta de material.

Tal elemento chamou atenção e podem ser analisadas pelo campo da memória, isto no que se refere a não existência, ou do estado conservação das fontes do período analisado. A ausência de documentos que demarcassem período, relaciona-se com ativação ou não ativação da memória, assim, afirma Le Goff (1990) de fato, o que sobrevive não é o conjunto daquilo que existiu, mas uma escolha efetuada quer pelas forças que operam no desenvolvimento temporal do mundo, ou pelos que se dedicam a ciência do tempo que passa. Lembrar ou não lembrar nesse caso implícita nos movimentos preservacionistas que sinalizassem o Movimento.

Tal elemento acaba gerando assim um desconhecimento geral, como identificado no processo de pesquisa. Uma vez que, os jornais e demais fontes encontradas no MHJCB tratavam-se de edições esparsas, incompletas ou em mau estado de conservação, salvo a fotografia do Bar Fascista e a edição do jornal **Jequié** em que pontua a visita de Plínio Salgado ao município em 1949. Esta ausência de documentos atua como fator determinante no processo de (re)construção da memória política e social da cidade, demarcando não somente a memória do caso específico do integralismo do qual trata-se aqui neste estudo, mas essencialmente sobre as vivências do período, dos personagens que marcaram e poderiam ser lembrados, de uma seara de elementos que poderiam estar presentes no enredo local e não estão.

Cabe aqui elencar a noção que se tem dos documentos na construção das memórias. Jacques Le Goff (1990) pontua que o “documento não é inócuo. É antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver”. Para



ele, o documento, ainda que possa ser talvez esquecido, “continua a ser manipulado, ainda que pelo silêncio”. As implicações da ausência, do silêncio, relativas ao documento atuam diretamente em consonância com a memória que se tem do fato, do período, e dos personagens que ali atuaram. Ou seja, estamos falando não somente da memória individual, mas sobretudo da memória social constituída.

Ao pensarmos por meio de tais pressupostos, analisar a memória social constituída na cidade de Jequié e interpretar os caminhos do passado remonta não somente à organização de memórias individuais, mas singularmente à memória dos grupos que ali marcara presença. Como insinua Maurice Halbwachs (1999), toda memória é dotada de seletividade e, sobretudo, atua num processo de “negociação” a fim de conciliar as memórias coletivas e as memórias individuais. Nesse sentido, o historiador Paolo Rossi (2010, p. 28) compreende que “A memória faz com que os dados caibam em esquemas conceituais”, assim, ela “reconfigura sempre o passado tendo por base as exigências do presente”. Nesse sentido, se ela atua condicionada às necessidades do tempo, e tal afastamento do passado atua como diluidor das lembranças, compreende-se que, na passagem do tempo, em determinado momento, elas estejam apagadas ou completamente esquecidas.

Outrossim, para além das relações da memória e dos documentos, mais um elemento presente nas relações da cidade de Jequié com a Ação Integralista Brasileira foi identificado. Assim como no município de Ilhéus e Itabuna, em Jequié constatou-se a ligação de elementos do sigma com a Igreja Católica. A ligação dos militantes integralistas com o catolicismo é um fato pontuado por Josênio Parente (1986) e, ainda que numa escala muito menor, também foi identificada nas cidades baianas. Se o movimento se propagava por meio do trinômio “Deus, Pátria e Família”, não obstante conquistaria partidários à causa do sigma. Um dos militantes de alto cargo do movimento integralista na cidade de Jequié, Dr. Ramiro Evragio Soeiro, era atuante no meio católico, visto que era secretário da Sociedade São Vicente de Paula (SSVP). Tal Sociedade constituía-se numa instituição filantrópica e tinha como “feição principal a prática da caridade, particularmente distribuída às crianças e a pobreza” (Laemert, n. B00070, p. 192, 1914). Supõe-se que, pela aproximação de Ramiro Soeiro e outras lideranças da Sociedade, tenham-se desenvolvido enlances com o integralismo. Tal suposição funda-se parte por ter-se identificado que a grande maioria das lideranças da SSVP eram católicos, elementos distintos da sociedade, sendo doutores, advogados, bacharéis, basicamente o perfil integralista local.

Ademais, sobre a atuação do movimento integralista no ano de 1936 na cidade de Jequié, esta, pela posição geográfica e condições de comunicação especiais com diversos municípios,

ficou sendo a sede da 6ª Região Provincial, com a jurisdição sobre os seguintes municípios: Rio Novo (Ipiaú), Boa Nova, Poções, Conquista, Itambé, Encruzilhada, Jaguaquara, Itaquara e Maracás (A Offensiva, p. 13, 30 ago. 1936). As perseguições aos militantes da AIB recrudesceram a partir do segundo semestre de 1936, mais especificamente em setembro, quando o governador Juracy Magalhães determina o fechamento de todos os núcleos integralistas no estado, bem como dos núcleos escolares. De acordo o jornal **A Offensiva**, a cidade de Jequié foi identificada como uma das cidades baianas com mais instituições de ensino do sigma. A carta enviada em agosto de 1936 pelo núcleo municipal da Ação Integralista Brasileira de Jequié foi publicada pelo órgão oficial do movimento, onde elenca todas as escolas do município e distritos. As escolas do núcleo integralista de Jequié eram vistas com sucesso pela chefia provincial, ainda que tais escolas não seguissem o mesmo padrão, sendo por vezes locais improvisados e/ou cedidos pelos integralistas locais. Este ponto merece atenção e será discorrido no terceiro capítulo, que pautará as ações educativas desenvolvidas pela Ação Integralista Brasileira na capital e interior da Bahia, bem como as ações relativas aos cuidados com corpo.

No que se refere ao ordenamento de Juracy Magalhães, este procedeu pela identificação de que a AIB estaria tramando atividades subversivas que ameaçariam o PSD e as instâncias de poder do governador estadual. Os nomes de alguns integralistas de Jequié foram identificados como suspeitos<sup>89</sup>, sendo os chefes integralistas locais, Fernando Humberto de Souza, o qual esteve à frente no primeiro semestre de 1935, e Firmo Nunes de Moraes, que esteve na chefia no segundo semestre do mesmo ano. Como pontua Ferreira (2009), este foi o ápice da repressão do integralismo por parte do governador. No mesmo mês, juntamente com o fichamento dos integralistas Jequieenses ocorre a prisão do chefe provincial Joaquim Araújo Lima, e na madrugada de 3 de setembro; em diligências a polícia aprende documentos e matérias de propaganda na sede provincial. Devido ao embate entre a polícia e a AIB, um integralista é morto em Maragogipe.

A morte de Fernando Andrade fora levada à chefia nacional da AIB, sendo o militante do sigma elevado a mártir da causa integralista (O Imparcial, 7 out. 1936; A Razão, 10 out. 1937). A celeuma em torno do fechamento dos núcleos da AIB gerou repercussão nacional, levando um dos líderes da AIB do Ceará, o deputado Jeovah Motta, a protestar em discurso inflamado na Câmara Federal. Como pontua a autora, o mesmo havia sido enviado a Bahia para acompanhar a situação dos núcleos e dos integralistas presos. Em contrapartida, na assembleia

---

<sup>89</sup> APEB – Fundo Polícia Política do Estado da Bahia (Dossiê/Processo), 1936 a 1964.

Legislativa, a atitude de Juracy Magalhães fora elogiada e vista como demonstração de firmeza no combate ao integralismo.

Como descreve Ferreira (2009), com relação aos acusados e presos no mês de setembro, os sigmas acusados no Art. 21º foram presos e processados pelo Tribunal de Segurança Nacional ficando cinco meses detidos na Bahia e posteriormente transferidos para o Rio de Janeiro no início de 1937, onde tiveram ordem de soltura no mês de março para responderem o processo em liberdade. Quanto à grande maioria, esta não ficou detida por muito tempo. Todavia, o processo englobou vários nomes do alto escalão de chefia integralista, civis e altas patentes militares que foram acusados de tramarem planos subversivos. Como exemplo dos civis temos Nelson Oliveira (Itabuna), Melciades Ponciano Jaqueira (Salvador). Quanto aos militares, o tenente-coronel José Aureliano Alves, major José Francisco Amorin, capitão Manoel Adolpho Santos entre outros (O Imparcial, 20 mar. 1937).

A retomada das atividades integralistas se deu no mesmo ano, no mês de julho, e logo após a retomada intensificaram-se os processos de propaganda partidária visando as eleições de 1938, com a fundação de novos núcleos e subnúcleos. O aumento de participação, visto a organização de passeatas, participação em desfiles e reuniões doutrinárias, demarcam a retomada. Com o golpe de 10 de novembro de 1937, algumas prefeituras foram ocupadas por integralistas, como é o caso de Jequié, onde o Dr. Antônio Coimbra Espinheira assume a intendência, porém permanece pouco tempo, assumindo Juvenal Carneiro em seguida (ARAÚJO, 1997). Como mencionado, logo após o golpe de Getúlio Vargas, ficam proscritos todos os partidos políticos, perdendo a AIB o prestígio que almejava ter com o apoio ao político.

É interessante notar a força ideológica que o integralismo alcançou e exerceu no interior do estado e a representatividade de Plínio Salgado para com uma parcela da classe média, pois, mesmo após o fim da AIB e pós era Vargas, o seu idealizador, por meio do Partido de Representação Popular (PRP), ainda conseguia força para promover os seus ideários. Um exemplo disso é sua visita à Bahia em 1949. Um ano antes das eleições presidenciais, ainda que não concorrendo ao posto, sua visita tinha intuito de reforçar os laços com seus correligionários. A visita ao estado tinha como itinerário as cidades interioranas que representaram as principais forças nos tempos áureos da Ação Integralista Brasileira. Destarte, a sua passagem pelas cidades de Jequié, Rio Novo (atual Ipiaú), Poções, Vitória da Conquista, Ilhéus, Itabuna, Cachoeira, Serrinha e Tucano demarcam a sua vinda. Na ocasião, de sua passagem pela cidade sol, o jornal **Jequié** em 16 de abril de 1949:

### A Estada de Plínio Salgado em Jequié

Chegou a nossa cidade, no dia nove do mês em curso o Sr. Plínio Salgado, presidente do diretório Nacional do Partido de Representação Popular, grande líder católico e festejado escritor. *Teve entrada triunfante na cidade*, às 14 horas, com sua bandeira, sendo recebido por grande número de correligionários e pessoas do povo, subindo aos ares girandolas de foguete, hospedando-se na residência do sr. Nelson Ribeiro, a praça Matriz. [...] A noite o Cine Teatro Jequié, *com sua lotação de 1.600 cadeiras, ficou literalmente repleto de todas as classes, sem distinção de cor partidária. Todas queriam ouvir a palavra do vibrante orador*. No palco, formada a mesa, pelo presidente do diretório Estadual, ficou a mesa constituída do Drs. Prefeito Municipal, Delegado Regional, Vereadores, presidente do diretório local, Dr. Durval Mota, representações dos núcleos de Mundo Novo, Poções e seus distritos do P.S.D e da imprensa local. [...] Feito silêncio, levanta-se e ocupa o microfone o Sr. Plínio Salgado que, em feliz oração durou duas horas e quinze minutos, *fez a apologia do seu partido, desde a criação do integralismo*, pormenorizando os fatos até então desconhecidos, de grande maioria do nosso povo ligado a implantação do Estado Novo. [...] Ao terminar o vibrante orador e consagrado escritor patricio, que disse “*não vinha fazer campanha política ou pedir votos*”, *foi freneticamente aplaudido pela grande assistência*. Em seguida, todos de pé, cantaram o hino nacional sendo encerrada a sessão. (Jequié, p. 2-4, 16 abr. 1949, grifo nosso).

O número de assistentes, bem como a ausência de repressão populacional durante sua oratória e a atenção do jornal são elementos que merecem atenção. Haver pessoas que não abandonaram as raízes ideológicas do movimento e presença de numerosa assistência ressalta, em certa medida, a expressão que o movimento teve para realidade local. Visto que, mesmo após a extinção da AIB e o exílio de Plínio Salgado, esse ainda conseguiu angariar representação não somente por meio de suas ações políticas da década passada. O jornal dedicou duas páginas à notícia e pontuou também que a visita de Plínio Salgado contou com a participação do seio católico, no qual “No dia seguinte, às 9 horas, houve concorrida missa em ação de graças na Matriz local, bastante concorrida”. Apesar de declarar que sua visita não tinha a intenção de angariar votos, o político visitou a sede do seu partido na praça Luiz Viana, acompanhado de sua comitiva, onde discursou juntamente com seus correligionários.

Realizou também um comício na praça Rui Barbosa, na tarde do dia nove em que ele e os seus expuseram as diretrizes do seu partido e, além disso, demarcou seu combate ao comunismo “apelando para os bons brasileiros, para se congregarem contra o perigo vermelho, que ameaça nosso País”. Conforme o periódico, Salgado cativou a atenção e “comoveu a muita gente, prendendo o auditório, que vibrava de entusiasmo”. O jornal ainda pontuou sua opinião sobre Plínio Salgado, dizendo não haver dúvidas que o orador era um predestinado “dotado de grande amor pátrio e ardoroso defensor do Brasil”. Todavia, ao final expôs que era um órgão independente e que, apesar de não comungar com as diretrizes do partido populista, não poderia

deixar de pôr em relevo o seu “ardor patriótico”, sendo ele “uma das maiores reservas morais da política contemporânea, no Brasil.”

Nas linhas que se seguem serão discutidas a repercussão do movimento integralista na cidade vizinha Conquista. A cidade também abrigou o movimento e, ainda que numa repercussão menor, conseguiu instalar núcleos e abrir uma escola integralista, a qual teve apoio de literários. O seu combate ocorreu, entretanto, desenvolveu uma relação mais branda em certa medida, visto que, com o recrudescimento das repressões, teve seus núcleos fechados e críticas desenvolvidas pela mídia jornalística local. Um ponto que merece atenção é a relação de Juvenal de Oliveira, militante integralista que se elegera vereador na cidade de Poções, que entretanto foi preso pela causa integralista e mudou-se para a cidade de Conquista tornando-se uma das maiores referências ideológicas de Plínio Salgado no sudoeste baiano. As relações políticas entre os dois transformaram-se em amizade, como demonstram as correspondências trocadas mesmo após o término da vigência legal da AIB, a qual perdura com a sua filiação ao Partido de Representação Popular (PRP).

### **3.3 Vitória da Conquista e sua política<sup>90</sup>**

Na Bahia, assim como em outras regiões brasileiras, a Primeira e Segunda República foram marcadas por uma realidade política caracterizada por relações de poder, mandonismo e coronelismo. Estes elementos de poder privado influenciaram a burocracia estatal, com membros das elites locais ocupando a maior parte das instâncias de poder e responsabilidades administrativas regionais (PANG, 1979). Assim como caracterizado em Ilhéus, Itabuna e Jequié, em Vitória da Conquista o coronelismo foi resultado das transformações sociais concretas que ocorreram a partir do processo de colonização e povoamento da cidade.

Grupos de parentelas liderados por coronéis promoviam um mandonismo local e, conseqüentemente, permitiam que as oligarquias tradicionais mantivessem seu domínio sobre poder político. Esta cultura política empregava laços de parentela para assegurar a perpetuação do poder e influência na cidade; esse processo foi caracterizado como “endogamia

---

<sup>90</sup> A cidade de Vitória da Conquista até o fim do ano de 1943 era chamada somente de Conquista, contudo, após a Lei Estadual nº 141, seu nome é modificado. Antes era nominada “Imperial Vila da Vitória”, entretanto, após adquirir o posto de cidade com o Ato de 1º de julho de 1891, passou a chamar-se Conquista. A mudança de 1943 se deu pela determinação do Conselho de Geografia ao apresentar ao presidente da República o trabalho de divisão territorial, por essa razão a mudança ocorreu em: “mais de 200 cidades brasileiras que apresentavam nomes iguais” (O Combate, p. 1, 13 dez. 1943). A cidade de Conquista -MG manteve o nome por ser mais antiga, e a cidade baiana registrou-se por Vitória da Conquista. Para este trabalho, ao nos referirmos à cidade baiana no período estudado, optaremos somente por Conquista, nome utilizado à época.

Conquistense” (MEDEIROS, 2002; IVO, 2004, OLIVEIRA, 2005). Desse modo, a liberdade política de participação e decisão nos órgãos consultivos e deliberativos da administração local em Vitória da Conquista, durante o século XIX e os primeiros anos do século XX, foi controlada por uma minoria historicamente representada na Câmara, polícia, justiça e intendência. Essa minoria refletia o universo político vivenciado pelos dirigentes da política nacional, que se tornavam parte do imaginário da sociedade (IVO, 2004).

Cabe aqui destacar o impacto da imprensa na localidade e, em específico, as duas primeiras décadas do século XX em Conquista, período correspondente também ao de governabilidade de J. J. Seabra<sup>91</sup>. As querelas locais eram influenciadas pelos embates entre duas frentes políticas, resultadas dessa endogamia, que eram denominados Peduros e Meletes e que disputavam o poder local. Nessa realidade complexa de disputas políticas e dominação, as famílias se encontravam comprometidas com esses processos ao redor. A governança local nessas duas décadas teve como estandarte o líder carismático José Fernandes de Oliveira Gugé, que governou a cidade de 1911 a 1915, contudo sua influência política durou até 1918, via de seu falecimento. Sua partida foi o início da escalada que culminaria com um conflito armado no ano seguinte entre duas frentes rivais que surgiram do mesmo tronco familiar e procuravam controlar o poder municipal (SOUZA, 1999).

De acordo Ruy Medeiros (2009)<sup>92</sup>, o conflito entre Meletes e Peduros ocorreu em de janeiro de 1919. Compreendiam-se Peduros os partidários do Cel. Gugé, ligados ao partido situacionista, enquanto os “Meletes” seguiam o Cel. Emiliano Moreira de Andrade, mais conhecido por Maneca Moreira. Meletes e Peduros entraram em luta pelo poder local. Meneca Moreira era parente do Cel. Gugé, entretanto, em busca de mais espaço nas instâncias do poder local, apoiou o seu inimigo político Pompílio Nunes de Oliveira. Destacar essa passagem histórica se faz importante, pois, assim como ocorrera mais tarde em 1930, a imprensa daquela época era bastante agressiva e cobria tais conflitos provocando embates entre os homens considerados de letras e de poder. Segundo Oliveira (2005), ela se tornou um importante meio de articulação do poder, sendo responsável pela disseminação dos debates políticos na cidade. Assim, jornalistas – muitas vezes advogados, escritores ou professores – defendiam ou se opunham à política situacionista. Por outro lado, sua produção estava demasiadamente

---

<sup>91</sup> José Joaquim Seabra foi um jurista e político brasileiro, governou a Bahia por duas vezes (1912-1916 e 1920-1924), entretanto o período conhecido como “seabrismo” estendeu-se por 12 anos, isso devido a eleição para governador do seu aliado político Antônio Muniz Sodré de Aragão (1916-1920).

<sup>92</sup> A saber, o artigo de Ruy Medeiros (2009) intitulado “Política, família e educação em Vitória da Conquista na primeira metade do século XX” versa sobre o conflito político ocorrido nas duas primeiras décadas, bem como caracteriza melhor os personagens envolvidos, isso a fim de estudar a história da educação no município.

influenciada pelo financiamento das elites locais que, por esse motivo, controlavam sua publicação.

Cabe ressaltar que, a respeito da produção bibliográfica no que se refere a história local, esta vem numa crescente e detém uma significativa produção depois da primeira metade do século XX, indo desde sua constituição, da sua política, educação e de seus mitos fundadores. A bibliografia abarca historiadores e memorialistas como Tranquilino Leovigildo Torres (1996)<sup>93</sup>, que é pioneiro e escreve **O Município da Vitória**, uma corografia datando o final do século XIX, Aníbal Lopes Viana (1985), que publica em duas edições a **Revista histórica de Vitória da Conquista**, José Mozart Tanajura (1992) com **História de Conquista: uma Crônica da cidade**; e autores e pesquisadores como Belarmino Souza (1990; 2020), Ruy Herman A. Medeiros (1996; 1999; 2013) e Isnara Pereira Ivo (2004), que abordam não somente a passagem dos anos e suas figuras mais importantes, como também o processo de formação social e suas disputas locais durante o século XX.

Contudo um período que detém pouca atenção é a década de 1930 e, especialmente, acerca da presença da extrema direita na cidade. Trabalhos como a tese de doutoramento de Belarmino de Jesus Souza (2010), **Uma polis sertaneja, fora do eixo e fora do centro: imprensa e memória nas disputas políticas em Vitória da Conquista (1962-1992)**, apenas aponta alguns elementos dos anos trinta. Os trabalhos de Souza e Magalhães (2014; 2015), assim como os autores supracitados, apenas citam alguns elementos do integralismo. Dessa forma, tal lacuna nos permite algumas possíveis indagações para o campo da memória: a pouca produção sobre as questões e personagens pela bibliografia sobre a AIB na cidade seria uma possibilidade de apagamento dessa memória indesejada? Ou ainda: a presença do Movimento Integralista na cidade não gerou considerável impacto, causando assim o não interesse no aprofundamento das questões concernentes? Esses são questionamentos que estiveram presentes no desenvolvimento das análises sobre a ação política e ideológica do movimento na realidade local de Conquista.

A vida política de Vitória da Conquista, bem como a cidade e sua constituição, é traçada por autores como Isnara Pereira Ivo (2004), Belarmino de Jesus Souza (2005), Torres (1996) e Ruy Medeiros (2013), os quais delineiam o perfil político que imperou desde o final do século XIX e vigorou até os anos de 1930. A realidade da política baiana, o coronelismo e os processos de poder e em Conquista predominou os processos de endogamia conquistense. Após a

---

<sup>93</sup> O texto original é datado no final do século XIX, e publicado em partes no Jornal **A Notícia** no início do século XX. Posteriormente foi reeditado e publicado pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia em 1996. (MEDEIROS, 2013, p. 61).

Revolução de 1930, o conflito entre esses grupos se intensificou ainda mais devido à influência da interventoria Juracy Magalhães, que detinha grande poder na região.

Outro elemento de ligação entre o cenário político e a formação econômica local está no imbricamento com a rede periódica. Os jornais que merecem atenção são o **Avante** e o **O Combate** e o **a Luta**, periódicos importantes que contaram com uma força jovem e letrada muito grande. A seguir, estas relações serão demonstradas, pontua-se que boa parte dos colaboradores dos jornais, desde os seus fundadores, redatores e colaboradores, detém este perfil. Sendo escritores, advogados, professores e poetas que contribuíram significativamente não só com a opinião expressa em suas linhas, como também atuaram de forma ativa nos círculos políticos em cargos de chefia de partidos ou concorrendo a pleitos municipais.

### 3.3.1 O jornal e a política: o combate, avante e o a luta

Segundo Mozart Tanajura (1992)<sup>94</sup>, Jeremias Macario Oliveira (2005) e Cabral e Magalhães (2009), **O Combate**, “Jornal Independente e Noticioso”<sup>95</sup>, foi fundado em 11 de agosto 1929 por Laudionor de Andrade Brasil<sup>96</sup> e manteve-se em circulação até maio de 1964. Contou com Flaviano Dantas<sup>97</sup> em sua redação até o ano de 1936, contudo deixando-a por ocasião de sua morte em 21 de abril do mesmo ano. O jornal teve a contribuição de professores, poetas, literatos, e figuras importantes para a cidade que desenvolveram um papel político importante, a exemplo de Euclides Dantas<sup>98</sup>, Camillo de Jesus Lima<sup>99</sup>, Padre Palmeira<sup>100</sup>, Mario

---

<sup>94</sup> A obra **História de Conquista**: crônica de uma cidade (TANAJURA, 1992) constitui-se como um dos três importantes referencias no que se refere à história conquistense. As outras duas são dois volumes escritos por Aníbal Lopes Viana (1982) da **Revista Histórica de Conquista**.

<sup>95</sup> O jornal o combate denominava-se como um “Jornal independente e noticioso”, e empreende-se que a alcunha de “noticioso” (utilizado por ele mesmo) expressa o sentido de fornecer um número variados de notícias e não um confronto aos demais periódicos, visto que outro jornal da cidade, o **A Luta**, denominava-se “Semanário independente, literário e noticioso”.

<sup>96</sup> Empreendedor, professor, redator, escritor, e político influente na cidade.

<sup>97</sup> Escritor e redator do jornal **O Combate**.

<sup>98</sup> Euclides Abelardo de Souza Dantas nasceu em Salvador em 3 de setembro de 1888. Chegou a Conquista em 1909. Foi poeta, redator e um dos professores mais influentes de Vitória da Conquista. No meio educacional, fundou o Colégio Brasil e depois o Educandário Sertanejo. O professor, apesar de não ter diploma em pedagogia, lecionou, dirigiu colégios e ajudou a modernizar os métodos de ensino local, sendo um dos mais notáveis contribuintes em três décadas para a educação conquistense.

<sup>99</sup> Professor, escritor e poeta. Atuou no campo da política por meio do jornal **O Combate**. E, de acordo com Mozart Tanajura (1992), ao lado de Laudionor Brasil e Euclides Dantas, forma a trio de representação máxima do intelectual sertanejo e da poesia conquistense.

<sup>100</sup> Padre e professor. Uma das figuras de destaque no âmbito educacional no município.



Padre<sup>101</sup>, Clóvis Lima<sup>102</sup>, Aníbal Viana<sup>103</sup>, Erathóstenes Menezes<sup>104</sup> Orlando Leite<sup>105</sup> e Nilton Gonçalves<sup>106</sup>, entre outros. Posteriormente, em 5 de maio de 1936 (O Combate, p. 1, 5 mai. 1936), Clovis Lima<sup>107</sup> e Camillo de Jesus Lima assumem a redação do jornal, no entanto no ano de 1937 somente Camilo de Jesus assina. Tais figuras contribuíram significativamente no âmbito político e educacional no município e, por meio do jornal, manifestaram apoio ou repudiaram a doutrina integralista.

O jornal **O Combate** pareceu tentar abrigar uma certa imparcialidade em algum momento da sua linha editorial ao exibir as duas vertentes de fora do estado de maior rivalidade. Notas sobre o comunismo, como “Belezas do Comunismo” (O Combate, p. 3, 18 ago. 1935),<sup>108</sup> na qual retrata o movimento comunista, ou “Fructos do Comunismo” (O Combate, 28 abr. 1935; 16 jun. 1935), na qual ataca o movimento e relata o número de pessoas quem vem aderindo à ideologia. As notas integralistas também seguem essa tendência, a exemplo de “Integralistas em defesa da ordem” (O Combate, 8 dez. 1935).<sup>109</sup> Contudo, devido aos combates e perseguições nacionais e estaduais ao comunismo, o periódico passou a adotar uma forma mais incisiva no combate aos vermelhos. A priori, supôs-se que tal ação advinha da filiação política do seu proprietário, Laudionor de A. Brasil, este veiculado ao PSD.

Contudo, ao investigar sobre Laudionor de Andrade Brasil<sup>110</sup>, nos informa Tanajura (1992) e Souza e Magalhães (2013) que político foi uma figura ambígua e, apesar de não ser comunista/socialista, defendia uma sociedade igualitária sem a exploração dos mais pobres; e, por ser professor, acreditava num caminho por meio da educação. Dessa forma, crê-se que a tolerância aos movimentos era pautada pelos moldes supracitados. No que se refere à trajetória de Laudionor Andrade Brasil, esta foi marcada não só pela vida política, todavia essencialmente pela vida literária. Sobre isso, em 1938 funda-se a Ala de Letras de Conquista pelos intelectuais locais; a classe foi composta por professores, advogados e jornalistas.

---

<sup>101</sup> Professor, escritor, político e empreendedor do ramo de laticínios. Um dos primeiros milicianos do sigma em Conquista e atuou apoiando a o integralismo por meio da educação.

<sup>102</sup> Escritor e redator do jornal **O Combate**.

<sup>103</sup> Escritor e memorialista conquistense.

<sup>104</sup> Escritor e poeta.

<sup>105</sup> Escritor. Também foi diretor do periódico em questão.

<sup>106</sup> Advogado, poeta e professor.

<sup>107</sup> Escritor e redator d’**O Combate**.

<sup>108</sup> A Nota em questão faz menção aos possíveis efeitos sociais que poderiam ser alcançados por meio da ideologia. Outro exemplo são notas explicativas sobre o comunismo (O Combate, p. 3, 18 ago. 1935).

<sup>109</sup> A nota em questão ressalta a ordem como fator determinante para o Movimento. No jornal, integralistas publicavam poemas e ensaios formativos sobre a causa do sigma (O Combate, p. 3, 11 ago. 1936).

<sup>110</sup> Nasceu em Conquista em 13 de fevereiro de 1901 e faleceu em 14 de março de 1950. Filho de Manoel da Silva Brasil e Henriqueta de Andrade Brasil. De acordo com Tanajura (1992), foi um dos poetas mais celebres de Conquista, sendo alcunhado “o poeta da liberdade e do sagrado direito da justiça”, desenvolveu significativa representação política influenciando a opinião popular também por meio do seu periódico **O Combate**.

Os nomes de Clóvis Lima, Euclides Dantas<sup>111</sup>, Mário Padre, Camillo de Jesus Lima e do professor e político Laudionor Brasil compunham esse movimento importante para a cidade. A importância da Ala se mediu não só por proporcionar a produção e divulgação de ideias, mas também por estreitar os laços literários com outros intelectuais a âmbito regional. Assim, marcaram-se fortemente pelo cidadão político e social de Conquista e têm em Laudionor Brasil e Camillo de Jesus Lima seus principais expoentes. Sendo esses o proprietário e o colunista do jornal **O Combate**, respectivamente. No que se refere à sua vida política, como mencionado, Laudionor Brasil filou-se à junta local do PSD e elegeu-se vereador no ano de 1936.

No tocante ao jornal **O Combate** e sua linha editorial, este apresentava um conteúdo variado, noticiando o cotidiano local e regional, bem como nacional e internacional. Havia a coluna esportivas, educacional. Em toda edição, marcou-se por reservar uma sessão para poemas dos literatos locais e contribuidores do periódico. Sendo assim, **O Combate** fica demarcado como um jornal de forte expressão poética e política. Contudo, não era o único periódico a se expressar politicamente. Outro jornal que demarca a década de 1930 é o jornal **Avante**, o qual teve o jornalista Bruno Bacelar de Oliveira<sup>112</sup> como seu diretor e redator.

De acordo com Aníbal Viana (1982), Mozart Tanajura (1992) e Luís Fernandes (2011) o “Semanário independente e corajoso”, como intitulava-se o **Avante**, tem sua primeira edição em 27 de maio e a última em novembro de 1933. O periódico lutava contra o poder político dominante defendendo a população sertaneja em favor de uma política de esclarecimento, priorizando a liberdade e a justiça. Formou dupla com o jornal **O Combate**, sendo os veículos mais expressivos no período descrito. Sobre o jornalista Bruno Bacelar, foi um dos críticos mais ferrenhos à ideologia de Plínio Salgado em Conquista, ao qual expos suas críticas não somente por meio de seu periódico<sup>113</sup>.

Sua militância política se faz perceber nos anos 1930, resultando em sua prisão em 1932 em Salvador após a Revolução Constitucionalista de São Paulo, assim como do ataque ao seu jornal. O jornalista, ao retornar à sua terra, teve seu jornal incendiado na noite de 3 de novembro de 1933. No ano de 1935, é um dos principais representantes locais da Concentração Autonomista da Bahia, ao lado do Dr. Régis Pacheco.<sup>114</sup> Apontar esses jornalistas e seus

---

<sup>111</sup> Escritor, redator e pessoa influente na cidade.

<sup>112</sup> Filho de José de Nunes Bacelar e Mariana Fagundes Bacelar de Oliveira, Bruno Bacelar de Oliveira nasceu em Conquista aos 21 de dezembro de 1899. E de acordo Mozart Tanajura (1992), foi o primeiro historiador de Conquista, sendo também jornalista e político. Na cidade, seu nome esteve veiculado à Concentração Autonomista da Bahia, sendo um dos líderes do diretório juntamente com Dr. Régis Pacheco (O Combate, p. 1, 22 dez. 1935).

<sup>113</sup> No artigo “Plínio o Vendilhão”, o jornalista Bruno Bacelar pontua críticas ao político. (O Combate, 23 jul. 1943).

<sup>114</sup> Luís Régis Pacheco Pereira, natural de Salvador, nasceu em 25 de novembro de 1895. Foi um médico, escritor e político baiano de relevo e seu percurso político inicial é demarcado ao assumir a prefeitura da cidade de

periódicos se faz importante à medida que parte da opinião política era formada por seus veículos e, assim, o caminho da inserção política da Ação Integralista Brasileira perpassa por suas páginas. Como apontado, o contexto político local de Conquista era dominado pelo coronelismo e por relações de parentela, a denominada de “endogamia Conquistense”. Os partidos tradicionais e as principais alianças eram feitas por essa via, sendo essa a maior parcela do eleitorado local. Nesse sentido, a inserção dos partidos políticos perpassa por esses caminhos. Não obstante, a entrada de um partido político de fora do estado teria algum tipo de resistência. Contudo a imprensa, a princípio, tratou amistosamente o movimento integralista, seja pela curiosidade, seja, mais à frente, pelo combate ao comunismo ou pelo discurso conservador e transformador da realidade social por meio do seu projeto de “revolução cultural”. Tais elementos, juntamente com a divulgação nas páginas d’**O Combate**, fez com que a ideologia de Plínio Salgado viesse se inserir em Conquista.

O jornal já anunciava a inserção do AIB na cidade desde os primeiros meses de 1935, entretanto tem sua abertura oficial datada somente em junho de 1935. O núcleo manteve-se atuante na cidade, abriu um núcleo escolar e, com a tomada de poder de Getúlio Vargas em 1937, a cidade tem um prefeito integralista de forma interina em 1937-1938. Nomes importantes para a cidade assumiram uma postura favorável ao movimento por um período e/ou simpatizaram com ele. A seguir, será traçado o caminho de inserção da Ação Integralista Brasileira na cidade de Conquista e destacar-se-ão as principais figuras que apoiaram a causa do sigma ou combateram.

### 3.3.2 Conquista e os camisas verdes

Os primeiros passos para a inserção do integralismo em Conquista datam de 31 de março de 1935, segundo o periódico **O Combate**. Em nota, nos informa o jornal que, apesar da abertura do núcleo ter ocorrido somente em junho, no mês de março, Ivan Dantas Freire<sup>115</sup>, que viria a ser um dos chefes integralistas do município, esteve na capital e, após contato com os

---

Conquista entre os anos de 1937 a 1945. Nomeado pelo interventor Landolfo Alves de Almeida, governou por um longo período e fez mudanças substanciais para a realidade local, indo desde a saúde à infraestrutura e mobilidade urbana e saneamento básico. O Dr. Régis Pacheco atuou por meio da medicina, e da filantropia, assim como desenvolveu (...) o que lhe rendeu alianças com a elites econômicas e políticas, ajudando-o a crescer em poder e influência. Posteriormente se elegeu deputado federal quatro vezes (1946, 1959, 1963 e 1967) e governador da Bahia no ano de 1950. (TANAJURA, 1992; CHAVES 2013; OLIVEIRA, 2017).

<sup>115</sup> Contador do Banco Econômico – a primeira agência bancária de Conquista – e um dos principais líderes locais do integralismo nos anos 1930. Pouca informação foi localizada a seu respeito, acerca de seu nascimento e se era natural de Conquista ou não.

ideais de Plínio Salgado e de seus pensadores, anunciou a instalação de um núcleo da Ação Integralista Brasileira na cidade:

### **A CAMISA VERDE E OS DISTINCTIVOS INTEGRALISTAS / O INTEGRALISMO EM CONQUISTA**

Vindo da Capital do estado já se encontra o nosso disticto amigo snr. Ivan Freire, competente contador do Banco Economico da Bahia nesta praça. Na visita com que nos distinguiu, o sr. Ivan Freire, que é, hoje, um dos entusiastas da Acção Nacional Integralista, dissenos que em breve será creado nesta cidade um Nucleo Integralista, para o que espera contar com grande numero de adeptos das ideias hoje profundamente espalhadas no Brasil pelo srs. Plinio Salgado, Gustavo Barroso e outros. (*O Combate*, p. 5, 31 mar. 1935).

No mês de maio, em seu processo de construção, o núcleo conquistense da AIB tem a sua primeira sessão, ficando esta, marcada pela presença de figuras importantes para a cidade, como o professor Mario Padre e Euclides Dantas, assim como empresários locais, advogados, entre outros nomes de relevo social à época. Segundo a nota, a reunião “findou-se entusiasticamente com três anauês”<sup>116</sup>, a saudação do movimento integralista. A nota de 19 de maio de 1935 d’**O Combate**, apresentada a seguir, mostra como sucedeu-se a reunião:

#### **Um Núcleo Integralista em Conquista**

Realizou-se a primeira sessão da A.I.B aqui. A associação dos “camisas-verdes” que se acha propagada pelo paiz inteiro, manifestou-se afinal, também nesta cidade. [...] As 20 horas, achando-se a sala ocupada por elementos das nossas classes sociaes, vendo-se no palco bem ornamentada mesa, cuja presidência, como era natural, fora tomada pelo socio coordenador sr. Ivan Freire, foi se aberta a sessão pelo mesmo que em seguida leu bem elaborado discurso, onde dizia dos ideias integralistas e dos motivos que o levaram a esposar a doutrina, a qual, espera, conquistará numerosos proselytas nesta zona. Falou depois o sr. Adson Silva, mostrando-se em toda a sua longa e substanciosa oração, um decidido adepto da doutrina integralista. [...] Seguiu se na tribuna o Professor Mario Padre que leu uma bem aceptalhada oração. A pedido do presidente da mesa, usa ainda a palavra o ilustre advogado, dr. Adriano Bernardes mostrando-se como o Prof. Euclides Dantas, um sincero admirador desse singular movimento sociológico que conta no Paiz para mais de quatrocentos mil associados, estendendo o orador a sua admiração, em especial aos criadores dessa doutrina a srs. Plinio Salgado e Gustavo Barroso,

---

<sup>116</sup> A saudação feita pelos camisas-verdes de Conquista denota ou a presença de mais de 30 pessoas na reunião inicial ou ainda um certo desconhecimento dos preceitos integralistas. No Art. 55.º, escreve-se que o brado de Anauê só será dado em lugares públicos quando houver mais de 30 pessoas, e provocado pela maior autoridade em graduação e/ou delegado ficando reservado o brado de três anauês somente ao chefe nacional, ou para homenageá-lo em reuniões. Para outras autoridades era vedado o uso de um, ou dois “Anauês”, seguindo-se do braço erguido. (op.cit).

mas declarando-se ainda um convicto da superioridade do systema liberal democrático. (*O Combate*, p. 4, 19 mai. 1935).

Esta reunião inicial é importante não somente por demonstrar que a formação do núcleo já apresentava as características de ordem do movimento, como a leitura da doutrina e os anuês ao fim desta, mas sobretudo por demarcar alguns personagens conquistenses importantes. Pontua-se a presença dos professores Adson Silva e Mario Padre, já inscritos nas fileiras do sigma. O professor Mario Padre era um pequeno empresário do ramo de laticínios da cidade, no entanto, sua maior contribuição para a cidade é no campo da educação. Inclusive, crê-se que sua aproximação à ideologia de Plínio Salgado se dá por esta via.

Mario Padre era professor e comprometido com a modernização e valorização da educação conquistense, sendo crítico severo dos processos pedagógicos vigentes. Por meio do jornal **O Combate**, teceu críticas a este respeito e, como pontua Rocha e Magalhães (2013), expressou uma posição modernista relacionando conceitos da Escola Nova<sup>117</sup>. Sobre Adson Silva, além de militante da causa integralista, era professor no Colégio Marcelino Mendes, colégio particular localizado na Rua 2 de Julho, e crê-se que sua aproximação ao movimento se dá pelos mesmos motivos de Mário Padre (*Almanak Laemmert*, 1936).

Marcou presença Euclides Abelardo de Souza Dantas<sup>118</sup>, professor, escritor e um dos mais celebres educadores conquistenses. Euclides Dantas fundou o Colégio Brasil e, depois, o Educandário Sertanejo e, como pontua Mozart Tanajura (1992), fez muito pela educação da cidade, sendo um dos grandes nomes da pedagogia conquistense. No tocante à sua presença na reunião do sigma, o professor Euclides Dantas expressa “que embora manifestando se admirador do integralismo, deixara estabelecido que continua ainda integrado na liberal democracia”, além mostrar simpatia às ideias singulares de Plínio Salgado e de seus pensadores, o professor deixa claro a sua posição política.

Ademais, crê-se que sua presença na reunião tenha se dado pela aproximação aos professores e demais presentes. Seja por curiosidade, vista a novidade para a cidade, a presença

---

<sup>117</sup> A Escola Nova foi um movimento organizado no fim do século XIX por educadores europeus e norte-americanos que propunha uma reformulação das necessidades de ensino na infância, defendendo a liberdade e questionando a passividade dos métodos tradicionais.

<sup>118</sup> Euclides Dantas, como é popularmente conhecido, nasceu em Salvador no dia 3 de setembro de 1888 e chegou à Conquista no ano de 1909. Chegou à cidade com a missão de ensinar os filhos do fazendeiro Virgílio Ferraz de Oliveira na Fazenda Ouriçanga, fundando sua primeira escola. Anos mais tarde, quando residente na cidade, funda o Colégio Brasil e, depois, o Educandário Sertanejo. O professor tem seu nome lembrado, sendo homenageado na cidade por meio da Rua Euclides Dantas (Centro) e do Instituto Educacional Euclides Dantas (Recreio). (TANAJURA, 1992).

de Euclides Dantas, assim como a do Dr. Adriano Bernardes<sup>119</sup>, advogado e pessoa de prestígio local, fica demarcada. Contudo, não encontrando em notas posteriores a inclusão destes nas fileiras do sigma, diferentemente como pontuado, dos professores Adson Silva e Mário Padre, que advogaram em favor da educação e do integralismo local.

No que se refere à oficialização do movimento na cidade, esta deu-se somente após a vinda da “bandeira”<sup>120</sup> que estava em Jequié na ocasião da abertura do núcleo na cidade circunvizinha. A segunda reunião foi realizada no dia 9 de junho no Cine Castro Alves, e como nos informa a nota d’**O Combate**, o chefe integralista municipal Ivan Freire expôs a finalidade do integralismo e foi incisivo ao atacar os “acomodaticios” para que não fossem indiferentes “a derrocada da verdadeira democracia brasileira” (O Combate, p. 4, 16 jun. 1935), com o intuito de incentivar a adesão ao movimento. A reunião contou ainda com uma explicação acerca da ideologia comunista e, em contrapartida, uma doutrinação com os preceitos integralistas, uma explicação de seus símbolos e ritos, essa feita por parte da professora Maria José Carvalho<sup>121</sup>. Após fala final o convite para inscrição no movimento foi feito pelo chefe municipal Ivan Freire aos presentes, e viera a sua mesa realizar a inscrição senhoras e senhores, **figuras distintas da cidade**, totalizando 17 pessoas inscritas ao findar sessão.

Os símbolos e ritos integralistas são elemento de extrema importância para a Ação Integralista Brasileira e foram discutidos por Rosa Maria Cavalari (1992) pois foram entendidos como uma das estratégias de padronização e unificação da doutrina de Plínio Salgado por criarem “a mística do Movimento”, sendo uma importante estratégia de permanência nas fileiras do sigma. Para a autora, estes elementos representavam para o ordenamento da AIB uma dupla função: a de unificação e de arregimentação.

Portanto, por meio dos protocolos e rituais, dispostos na **Enciclopédia do Integralismo**, eram função dos militantes não só conhecer a legislação, como também se submeter ao ordenamento sem discuti-lo, tarefa dada não somente as lideranças, porém a todo integralista

---

<sup>119</sup> Adriano Bernardes foi advogado e político conquistense e, nos anos 1930, esteve como uma das lideranças locais da Concentração Autonomista da Bahia, chefiada pelo Dr. Régis Pacheco.

<sup>120</sup> Cabe pontuar novamente com mais precisão que o termo “levar a bandeira”, ao qual era utilizado para dar nome as caravanas feitas por integralistas a fim de promover o sigma. Segundo Maio (2003), a concepção subjacente às bandeiras sugeria um novo processo de “conquista” ideológica e interiorização do projeto político integralista em âmbito nacional, no contexto do surgimento de slogans como a “marcha para o oeste” e a necessidade de conhecer o “Brasil real”, ideias essas formuladas por intelectuais como Euclides da Cunha, Oliveira Viana e Alberto Torres (MAIO, 2003, p. 42). Pode inferir-se também a respeito da existência de uma bandeira física, pois a criação de um Núcleo integralista só poderia ser concretizada por meio da bandeira física. Como consta o Art. 93º da Orgânica da AIB, onde para a abertura de um núcleo eram necessárias uma bandeira nacional e uma integralista no ato de sua abertura. Enciclopédia do Integralismo XI – A Orgânica da AIB, p. 98.

<sup>121</sup> Maria José Carvalho, não era natural de Conquista. No entanto, foi professora e poetisa na cidade de Conquista na primeira metade do século XX. Identificada também como uma das colaboradoras do jornal **O Combate**. (p. 4, 14 abr. 1935).

que seriam “obrigados a conhecer, cumprir e fazer cumprir os presentes Protocolos e Rituais em todos os seus pormenores” (ENCICLOPEDIA, p. 76). Nestas regras nada ficava excluído, sendo o integralista controlado por essa legislação por meio de normas específicas até para batizados, falecimento e casamentos. Tais padrões estavam além da padronização de uniforme e discurso, pontuavam regras de conduta das quais o integralista deveria ser exemplo máximo de virtude e comportamento moral. Dessa forma, o integralista deveria fruir numa vida simples e desapegada aos bens materiais, no entanto tal desapego não deveria levar o militante a agir com parcimônia com relação ao movimento, ficando este obrigado a pagar a “Taxa do Sigma” (CAVALARI, 1992).

Nesse sentido, em texto para o jornal **O Combate** (11 ago. 1936), o professor Mário Padre, atesta tais elementos por meio do “juramento Integralista”. Retrata também as críticas que os militantes locais vinham recebendo devido à obediência cega ao movimento, levando os militantes a serem chamados de “escravos de Plínio Salgado”. Em suas palavras, vias de ser um movimento tão importante e que deseja implantar um novo regime na Pátria, “era necessário mesmo que o Chefe exigisse, dos seus companheiros um juramento solene” e que se não fosse assim “Na hora ‘H’, na hora precisa, muitos fugiriam, pois, o compromisso entre nós nada vale”. Sobre a não obediência, se ocorresse, caso os militantes discutissem e não acatassem as regras do Movimento “estabeleceriam a confusão e afinal a queda do movimento”.

O professor pontua ainda que o chefe está abaixo da ideia integralista “Deus, Pátria e Família”, e menciona o livro **A doutrina do Sigma** (1935) para atestar que os integralistas deveriam pensar mais na doutrina do que no próprio chefe, e que esta ação “É uma abdicação de liberdade, é uma humilhação humana, é uma renúncia à personalidade acompanhar um só porque ele é grande guerreiro, um padrão honorabilidade [...]” e que os integralistas tinham consciência de que “seguir um homem sem motivos ideológicos, é uma indignidade”. Ademais, ao fim da nota, Mário Padre ataca os liberais:

### “Juramento Integralista”

[...] E o mais interessante é que muitos os “liberais” que nos chamam de subservientes, escravos, vivem seguros às rédeas do Major Fulano ou do Cel. Ciclano. Votam as cegas, em quem eles ordenam. Eles que mandam em sua vontade. Não, os integralistas não acompanham homens e sim a uma ideia. Os homens desaparecem, morrem, a ideia não morre. Os integralistas sambem o que estão fazendo. Muitos liberais se espantam como nosso juramento. Acham “pesado”. E eles em parte tem razão, porque a disciplina e a obediência, é cousa que não se conhece dentro da Liberal Democracia. Nela todos mandam e ninguém obedece. É o que não se dá dentro do integralismo. O Integralista tem orgulho em obedecer às ordens de seus superiores hierarchicos. O integralista faz o que seus chefes lhes ordenam. E é com essa ordem e disciplina que o poderoso exercito dos “Camisas-verdes”, tendo a frente o grande chefe Plínio Salgado, marcha, a passos largos para a vitória. —  
**Mario Padre.** (O combate, 11 ago. 1936).

A postura disciplinada e irrequieta do professor Mario Padre lhe rende a remoção para Jitaúna, à época distrito de Jequié, em 1936, como será visto mais à frente. Se ao militante integralista cabia obedecer, prostrados e obedientes estavam os sigmas de Conquista. O professor Mario Padre e alguns militantes do núcleo de Conquista, em 5 de outubro de 1935, estiveram atentos quando da realização de uma conferência do Dr. Fernando Schmidt. Este era membro do departamento de provincial de propaganda e encontrou o salão Castro Alves cheio, tendo sido acolhido com aplausos a cada palavra dita, como informa a nota d’**O Combate** (p. 3, 6 out. 1935). Ao vir à Conquista, a função de Fernando Schmidt era de fiscalização, promoção e arregimentação de um maior número de militantes para o movimento na localidade. A presença de lideranças do núcleo da capital e da chefia nacional vindo aos mais distantes recônditos era comum à AIB. Tendo em vista que, no caso específico baiano, o integralismo teve considerável força em cidades do interior, a visita dessas lideranças se fazia frequente.

O oposto também ocorrera, a exemplo da realização, no mês de novembro, do Congresso Integralista da Bahia. Assim, os integralistas conquistenses foram ao encontro do chefe nacional Plínio Salgado em Salvador (*O Imparcial*, p. 8, n. 0027520, nov. 1935; *A ETC*, p. 21, n. 00229). Noticiado por **O Combate**, estiveram presentes o chefe municipal Ivan Freire, o farmacêutico Joaquim Fróes, o professor Mario Padre e o professor Ernesto Dantas,<sup>122</sup> entre outros membros do núcleo do município, como nos informa o jornal:

<sup>122</sup> Segundo Tanajura (1992), Ernesto Dantas Barbosa é filho do professor Manoel Barbosa e nasceu em Caetité. Mudou-se para Conquista ao final do século XIX. Seguiu os passos do pai e, na Fazenda Jequitibá, fundou uma escola elementar e uma filarmônica. Considerado como um dos primeiros homens de letra de Conquista, o professor e escritor colaborou com diversos jornais locais, entre eles o **A Conquista**, **A Palavra** e foi redator do **A Notícia**. De acordo com o autor, era extremamente culto e dominava os mais diversos assuntos, indo da astronomia, geografia, história até a música. Como tradutor, traduziu para o vernáculo textos em inglês, francês,



## CONGRESSO INTEGRALISTA

Chegaram sexta-feira passada, da capital do Estado, onde foram tomar parte no Congresso Integralista ali realizado, os nosso distintos amigos, snr. Ivan Freire, Chefe Municipal do Nucleo Integralista desta Cidade pharm. Joaquim Fróes de Cayres Castro, e snrs. Prof. Mario Padre, Agenor Souza, Isaac Ribeiro e Ernesto Dantas.

No próximo numero daremos mais ampla nota sobre o Congresso Integralista, conforme informações dadas ao O COMBATE pelo chefe Municipal snr. Ivan Freire. (O Combate, p. 4, 20 nov. 1935).

Um ponto interessante no que se refere ao chefe municipal do núcleo do sigma conquistense é que o jornal **O Combate** nomeia Ivan Dantas Freire em suas notas para o cargo. No que se refere à literatura local, os memorialistas Aníbal Viana (1982) e Mozart Tanajura (1992) apontam o farmacêutico Joaquim Fróes de Cayres como chefe municipal do núcleo integralista, não fazendo nenhuma menção ao nome de Ivan Freire, sendo esse um dado conflitante sobre a chefia integralista de Conquista. É possível supor que os integralistas dividiram a chefia em detrimento do jogo político estadual e municipal tão recorrente no período, ficando Ivan Dantas Freire com a chefia nos anos de 1935-1936 e Joaquim Fróes com a chefia até a dissolução do movimento. Na descrição dos chefes integralistas (Anexo I), uma lista elaborada por Ferreira (2009) pontua Ivan Freire, assim como notas dos jornais **O Imparcial**, **O Combate** e **A Offensiva** nomeiam o contador do Banco Econômico como chefe integralista no ano de 1935-36. Como pontuado, na bibliografia local o nome Ivan Freire não é citado nem em 1935 nem nos anos seguintes, ganhando notoriedade o nome de Joaquim Fróes de Castro.

No que se refere a Joaquim Fróes de Cayres Castro, era farmacêutico, proprietário da Pharmacia Nossa Senhora da Vitória e foi um dos fundadores da Casa de Misericórdia de Conquista<sup>123</sup>. No âmbito político, foi membro atuante do conselho municipal desde nos anos de 1927 até os anos de 1930<sup>124</sup>. Conforme descreveu o memorialista Mozart Tanajura (1992), Joaquim Fróes era “amigo da pobreza” e por meio de sua farmácia, os mais necessitados foram beneficiados, sendo “portador de um caráter ilibado, padrão de sinceridade e retidão no

---

italiano, espanhol e latim. Como escritor, consta em sua bibliografia os livros: **Traços Crassos**; a comédia de costumes sertanejos **Vésperas Eleitorais** e **Officinas d’O Sertão** — Conquista, em 1924.

<sup>123</sup> A Santa Casa de Misericórdia de Conquista era destinada a atender à população mais necessitada e desenvolver funções de assistência social, como assistir os enfermos e prover alimentação. Contava com benfeitores que auxiliavam na sua manutenção. No de 1936 em Conquista, teve o farmacêutico Joaquim Fróes como diretor. Para o ano de 1937, ficou assim instituída a direção: Provedor, Crescencio Silveira; para Vice-provedor, Joaquim Fróes de Castro Caires; Dr. Adriano Bernardes Batista, secretário; Antônio Alves Nascimento, tesoureiro; Dr. Mário Batista Marques, procurador geral. A comissão de contas ficou a cargo do integralista Ivan Freire e Ramiro Santos e Paulino Fonseca (O Combate, 12 dez. 1937).

<sup>124</sup> Atas Municipais de Vitória da Conquista, 1927-1930.

cumprimento de seus deveres”. Joaquim Fróes filiou-se à AIB e ao Partido de Representação Popular (PRP) e foi presidente do partido local até seu falecimento. O militante integralista se candidatou a vereador em 1936, porém não se elegeu. Pontua Tanajura (1992) e Durval Lemos (2012) que Joaquim Fróes de Cayres foi chefe municipal do Núcleo Integralista no ano de 1936 e 1937 e assume a prefeitura de Conquista em vias da tomada de poder de Getúlio Vargas, sendo nomeado no dia 20 de novembro de 1937. Governou de 21 de novembro 1937 a 30 de maio de 1938, quando dia quatro do mês de junho, como consta em ata de posse,<sup>125</sup> assume em seu lugar o Dr. Régis Pacheco. Seu nome é lembrado e emprestado a uma das ruas da cidade de Vitória da Conquista, localizado no bairro Alto do Maron.

Sobre Ivan Dantas Freire, pouca informação foi obtida a seu respeito, sabendo-se apenas que era contador do Banco Econômico da Bahia em Conquista (O Combate, 31 mar. 1935), amigo de Joaquim da Silva Hortélio Filho, este fazendeiro, bancário e gerente da mesma instituição. Foi um dos primeiros entusiastas do integralismo na cidade, nome presente nas páginas d’**O Combate** (O Combate, p. 5, 31 mar. 1935; p. 4, 19 mai. 1935; p. 3, 16 jun. 1935; p. 4, 6 out. 1935; p. 4, 15 dez. 1935; p. 3, 31 out. 1937) como elemento distinto e de força. Contudo seu nome não é mencionado pelos memorialistas locais.

O professor Ernesto Dantas também é identificado como sendo do núcleo integralista local, como demarcado por **O Combate**, entretanto, a bibliografia local não faz menção a este dado. O Professor Ernesto Dantas foi um importante literato local, sendo nomeado por Tanajura (1992) como um dos primeiros homens de letra de Conquista; o professor, tradutor e escritor colaborou com diversos jornais locais, entre eles o **A Conquista**, **A Palavra**, sendo também redator d’**A Notícia**. A presença de uma figura de relevo social como a do professor Ernesto Dantas demonstra um bom trabalho de arregimentação do núcleo local e que, não sendo o mais numeroso, contou com pessoas importantes para a realidade local. O nome do professor também é lembrado, sendo empregado em uma das ruas da cidade localizada no centro.

Outros integralistas de Conquista foram identificados quando divulgada a lista de vereadores para as eleições de 1936 Assim, o chefe integralista Ivan Freire pontua os nomes de sigmas e suas profissões: Joaquim Hortélio da Silva Filho, fazendeiro e bancário; Joaquim Fróes de Castro Cayres, farmacêutico; Rodrigo Leite, negociante; Dr. Theodulo Alves dos Santos, lavrador; Pedro Otacílio Figueiredo, fazendeiro; Agenor Souza, negociante; Orlando Paiva, bancário; Gilberto Vianna, Empregado da Delegacia de Terras; Manoel Souza, comerciário; Júlio Ribeiro Martins, fazendeiro; Demócrito Faria, artista (O Combate, 22 dez. 1935). É

---

<sup>125</sup> Documento disponível no Arquivo Público Municipal de Vitória da Conquista. Ata de Posse — Prefeitura Municipal de Conquista (1938).

necessário salientar que o processo de pesquisa e análise a fim de descortinar a passagem destes elementos pelo movimento foi um exercício árduo, não sendo possível obter muitas informações sobre os militantes nos arquivos locais.

Nesse sentido, seguindo os exemplos dos militantes e chefias das cidades de Ilhéus, Itabuna, Salvador e Jequié, observou-se que o perfil dos inscritos na AIB Conquista tem nas principais lideranças pessoas com alguma formação acadêmica, sendo professores, literatos e advogados. Quanto à idade, estes não eram tão jovens como fora localizado no município de Jequié. Na realidade de Conquista, os principais militantes eram comerciários, fazendeiros, bancários, escritores etc. A literatura local, apesar de grande densidade de informações sobre a cidade e a política nos finais do século XIX e nas duas décadas iniciais do século XX, assim como nos anos 1940, pouco discorre sobre a década de 1930 e/ou sobre a presença da AIB na cidade, fato que foi identificado semelhante no caso de Jequié. Entretanto, diferentemente da cidade vizinha, onde o integralismo obteve considerável força, elegendo dois vereadores e tendo uma massiva inserção de núcleos escolas na sede e distritos, infere-se que o movimento integralista não obtivera tanta força em Conquista, sobretudo pela força constituída pelos dois maiores partidos que rivalizavam localmente. Um desses partidos era a Concentração Autonomista, que tinha como principais representantes o Dr. Régis Pacheco (que viria a ser posteriormente uma das figuras políticas mais proeminentes em Vitória da Conquista), Dr. Adriano Bernardes e o jornalista Bruno Bacelar. E sendo o seu opositor o Partido Social Democrático (PSD), representado por Cel. Cassiano Fernandes dos Santos e Laudionor Brasil (diretor-fundador d'**O Combate**). Os integralistas não conseguiram representação na câmara, ficando o pleito municipal de 1936 dividido entre as duas frentes que elegeram seis vereadores cada, tendo o PSD conseguindo eleger para prefeito Florentino Mendes.

Apesar de não obter considerável força política, as reuniões continuaram ocorrer, e o movimento passou a ter como núcleo sede de suas reuniões doutrinárias o prédio na praça 9 de novembro, prédio que viria a ser futuramente o Colégio Conquistense (*O Combate*, 11 abr. 1937). O movimento também conseguiu abrir um subnúcleo em Santa Cecília. No ano de 1936 ocorre a inauguração da escola noturna integralista, e esta movimentou um debate no periódico. Em coluna escrita em 19 de abril, Camillo de Jesus Lima, importante literato local e redator d'**O combate**, apesar de não ser integralista, defende a criação da escola e retrata que esse é um “empreendimento verdadeiramente nobre” e um ato “digno de louvor” por parte do núcleo integralista de Conquista. A escola integralista ajudava mais de 100 crianças pobres do município que não podiam comprar uniformes ou pagar as escolas públicas a fim de livrarem-se da “treva do analfabetismo”:

### A Escola Nocturna do Nucleo Integralista

Eu não sei de cousa que mais pena me cause do que o progredir de uma infância condenada á noite do analfabetismo. [...]

As creanças pobres de Conquista, aquelas que não podem comprar uniformes para frequentar as escolas publicas e que não podem pagar aulas, ja não estão, como estavam, condenadas a' treva do analfabetismo: O Nucleo Integralista desta cidade, num festo digno de louvor, sustenta, não sem alguns sacrificios, uma aula noturna, frequentada por mais de cem creanças pobres [...]

Almas que eram inteiramente alheias a seara bendita da alfabetização, já as creanças do povo, armadas com a carta de A.B.C. hoje, prometem enfrentar como denodo a hidra cruel da noite eterna [...]

Eu não sou integralista. Não poderiam vir de fontes menos suspeitas estas palavras de aplauso a um empreendimento verdadeiramente nobre. Moços de nossas melhores famílias, almas cheias de fé e entusiasmo, disseminam o alfabeto naquele estabelecimento de ensino, fazendo assim á Pátria, o beneficio de que ela mais carece.

Essas almas caridosas que, arcando com despesas e trabalhos, conservam a Escola Noturna para os desvalidos de fortuna [...]. (O Combate, p 1-4, 19 abr. 1936).

Camillo de Jesus Lima salienta ainda na nota que as 100 crianças assistidas pelo Núcleo Escolar Integralista não integram as estatísticas do censo educacional realizado no município. O jornal **O Combate** relata o pedido do governo por meio do Serviço de Estatística Nacional para realização de censo educacional no município, e pontuou-se que mais de 200 crianças estavam matriculadas no Grupo Escolar Barão de Macaúbas, que havia inaugurado seu prédio no dia 18 de janeiro (O Combate, n. 2, p. 1, 22 jan. 1936). Outros 180 alunos cursavam escolas particulares, 300 cursavam escolas públicas, chegando a quase 700 crianças e adolescentes de 6 a 14 anos cursando escolas primárias.

O município, segundo a nota, tinha uma população de cerca de 60.000 mil habitantes e cerca de 6.000 crianças em idade escolar, sendo que, dessas, se acreditava que mais de 5.000 crianças “não viriam receber as luzes da instrução”. Tal dado, demonstra que o Núcleo Escolar Integralista representava uma parcela importante de contribuição, no entanto não fora incluída no censo. Outro ponto interessante é sobre o Escola Barão de Macaúbas, a nota d'**O Combate** (n. 21, p. 1, 22 jan. 1936) noticiou a inauguração do seu prédio. Em seu texto, um dos oradores presentes na solenidade incentiva as mães a mandarem seus filhos para escola a fim de livrá-los futuramente do abismo comunista:

### Inauguração do Prédio das Escolas Reunidas

No dia do 18 do corrente as 17 horas, com a comparecimento do dr. Manoel Novaes, illustre deputado federal, autoridades municipais e policiais, professorado [...] foi inaugurado o Predio das Escolas Reunidas Barão de Macaubas.

Falou pois, o Dr. Crescencio Antunes da Silvera, honrado representante desta zona na Câmara Estadual, cuja eloquente oração também enaltecendo a bela realização da Communa, foi repassada decandentes verberações contra o negregado credo bolchevista, e cheia de formosas concitações á nossa sociedade, ás mães de família em especial, para mandarem os filhos a escola, afim de evitar que, por falta de alphabetização, eles sejam illudidos, do futuro, pelos ambiciosos que pululam no paiz e pretendem arroja-lo no abysmo comunista. (O Combate, n. 21, p. 1, 22 jan. 1936).

O temor da tal “ameaça comunista” passeava pelas páginas do jornal **O Combate**, chegando a haver na cidade a criação de uma liga anticomunista. No mesmo ano de inauguração da escola cria-se a “Liga Anticomunista conquistense” (O Combate, p. 3, 22 nov. 1936). A instituição tinha como intuito combater qualquer tipo de insurreição vermelha na cidade, e tal temor se estendia às instituições de ensino. Antônio Porto, professor e militante integralista, escreve sobre o núcleo escolar do sigma e diz que a escola integralista se destaca das outras escolas do município não somente por ensinar, mas “porque tem o ideal nobre” e porque “ensina as crianças que nunca souberam o que significava as palavras — Escola, Pátria” e que por meio da escola integralista de Conquista encontrou o seu “fio de Ariadne” (O Combate, 23 ago. 1936).

Tais elemento atuam no sentido de “livrar” as crianças do terror comunista. O professor pontua também sobre o oferecimento de material por parte da escola e diz: “E as fardas que não podem comprar? damos-lhe! E os livros? A mesma coisa” assim “a Escola integralista venceu todas as barreiras” (O Combate, 23 ago. 1936). Observa-se o emprego dos discursos, no processo de inserção do Núcleo. A criação de um inimigo em comum. Pontua-se do mesmo modo aqui o papel assistencialista que a Escola integralista de Conquista se encarregaria, sobretudo emprega-se a ideia de que o processo de educação integralista seria o “Salvador da Pátria”, que trabalharia na criação de uma sociedade Conquistense, que lutaria contra este inimigo. E aos pais, conscientes, deveriam temer, contudo, que por meio do integralismo as barreiras estariam vencidas.

Com o recrudescimento do combate aos integralistas no ano de 1936 por parte do governo estadual, alguns integralistas sofrem represália devido ao seu discurso na cidade de Conquista. Um deles foi o professor Mario Padre, um dos atuantes militantes da causa integralista local que foi removido para Jitaúna (distrito de Jequié à época) devido à sua atuação e propaganda. A pedido do prefeito municipal Florentino Mendes junto ao governador do estado, a remoção tinha como intuito limitar o alcance da ideologia integralista em Conquista, afastando um de seus militantes mais ferrenhos.

Em resposta, Mario Padre, por meio de coluna n' **O Combate** diz: “Fui removido porque sou integralista e não tenho parado, um só momento, de fazer a propaganda da grande causa que abracei” (O Combate, 11 ago. 1936). O professor já contava com sua remoção, no entanto esperava que fosse removido para um lugar onde não houvesse integralismo. Dessa forma: “Se Jitaúna não tivesse núcleo, eu lá estaria fazendo propaganda do Integralismo” e se assim fosse “prestaria um grande benefício ao movimento que abracei, fazendo propaganda e conseguindo mais prosélitos para as suas fileiras” (O Combate, 11 ago. 1936). Mario padre na nota em resposta, pontua que se recusa a ir embora de Conquista:

### **A Minha Remoção**

[...] Ficarei aqui mesmo em Conquista, onde o Integralismo necessita dos meus trabalhos. O “camisa-verde” não teme as perseguições. Quando prestamos nosso juramento já ficamos preparados para defendermo-nos das cutiladas de nossos inimigos.

Eu sou moço. Conto com 24 anos de idade. Posso viver independente dos empregos públicos e posso dar toda a energia ao ideal que abracei.

O Integralista não sabe curvar sua coluna vertebral diante de nenhum chefe político e por isso, precisa viver mesmo muito longe delle. (O combate, 11 ago. 1936).

Mario Padre, apesar da notícia da remoção, mostrou-se exultante, vide postura de todo integralista ideologizado, e disse que “as perseguições o animavam extraordinariamente!”. E falou ainda que, por esse motivo, se dava por satisfeito por entender que havia prestado “algum trabalho ao Integralismo ao ponto de ser removido para um lugar distante” (O combate, 11 ago. 1936). Com sua recusa a ir para Jitaúna, o professor ainda continuou a fazer promoção e doutrinação integralista na cidade. O professor, por meio d' **O Combate**, escreve sobre a campanha “Mais Um”. A campanha era uma ação de Plínio Salgado a fim de conseguir mais adeptos para o movimento. Mario padre diz que “ainda que a notícia de tal campanha só tenha chegado com 15 dias de atraso o núcleo de Conquista conseguira um grande número de inscritos” (O Combate, 6 set. 1936), demonstrando assim seu trabalho continuava sendo feito. No mesmo dia, o periódico anexa a notícia de que o núcleo integralista local havia sido fechado, sendo proibido o uso de camisa verde e dos distintivos do movimento, assim como ocorrera na capital do estado.

A ordem de fechamento, como mencionado na sessão anterior, partia da acusação de subversão dos integralistas baianos que atuariam por meio da “Intentona Verde” que aconteceria no dia 7 de setembro com apoio de alguns oficiais militares. No entanto, previamente identificado pela segurança pública o plano não veio a se concretizar. Com efeito,

além dos integralistas indiciados, os núcleos baianos foram fechados. Atitude que desagradou os sigmas de Conquista, gerando um ataque contra a redação do jornal **A Luta**.

O periódico **A Luta**, de direção de Luiz Gonzaga Bastos<sup>126</sup> ou Lugoba, como era conhecido, era partidário de Deraldo Mendes e do então governador Juracy Magalhães e, por vezes, publicava notas em apoio ao PSD, como também atuou no combate ao integralismo (A Luta, 23 jul. 1936; 13 ago. 1936; 30 set. 1936; 20 jun. 1937). Sobre o ocorrido no 7 de setembro, por meio do periódico, Luiz Gonzaga relatou que foi cumprindo o dever de noticiar que publicara tais notícias, o que desagradou alguns militantes, gerando ataques diretos ao diretor do periódico. A pedido da justiça, Luiz Gonzaga foi orientado a não divulgar os nomes dos integralistas envolvidos nos ataques, e que não fossem culpados “os integralistas de Conquista em sua totalidade, como responsáveis pelos atos infelizes de meia dúzia de fanáticos” (A Luta, 16 set. 1936).

O advogado e diretor do jornal pontua ainda que a cidade inteira condenou tais demonstrações de violência e que estas são “uma prova insofismável que o fascio brasileiro é o mesmo fascio italiano e alemão, como as mesmas formas absurdas, os mesmos monstruosos processos de opressão e violência” e que tal regime importado não pode servir para o povo de Conquista. No que se refere ao núcleo local, apesar das atitudes dos militantes, de acordo com o periódico, o fechamento ocorreu sem algum tipo de violência ou confronto com a polícia, não sendo encontrado também qualquer material de caráter subversivo ou de propaganda no local.

A postura de Luiz Gonzaga era firme contra a ideologia de Plínio e o comunismo. Na ocasião da Convenção dos Municípios do Sudoeste, realizada em Jequié em agosto de 1937, convenção esta que contou com a presença de Juracy Magalhães, o advogado se expressou mais uma vez condenando as duas ideologias. Essa postura esteve com os demais oradores presentes, os quais “ocuparam-se detalhadamente da ‘peste verde’, mostrando os perigos e os dissabores que aguardam o Brasil no caso do domínio da quadrilha de Benito Mussolini”; e pontuando os políticos ali presente que, após as ações subversivas, “Demonstraram os integralistas que são tão nocivos quanto os comunistas.” (A Luta, 26 ago. 1937).

Com os núcleos integralistas fechados em todo estado da Bahia, as ações dos militantes de Conquista cessaram até a reabertura do núcleo integralista local no dia 29 de maio (O Combate, 4 jul. 1937). Na tentativa de combate as ações integralistas locais, as duas maiores

---

<sup>126</sup> Luiz Gonzaga era advogado e diretor-redator do periódico **A luta**. O advogado foi também um político importante em Conquista, sendo secretário municipal em 1936 e 1937. Por meio do seu periódico, expressou-se politicamente contra o comunismo e integralismo, sendo partidário ao PSD e de um de seus líderes locais. Seu jornal **A Luta** teve seu primeiro exemplar circulando em 30 de maio de 1936 e o seu último exemplar publicado após o golpe de 10 novembro de 1937 que implanta o Estado Novo.

frentes políticas, o PSD e Concentração Autonomista, chegaram a organizar um “Comício contra extremismos”. A ideia tinha como intenção lutar pela integridade política de Conquista denunciando o integralismo e o comunismo, no entanto o comício não ocorreu (A Luta, 5 set. 1937). Com o retorno das atividades integralista de Conquista, o jornal **A Luta** publicou uma nota sobre uma agressão causada por integralistas a Abdias Nathan, um negociante do município inscrito como integralista local pelo subnúcleo de Santa Cecília. Os agressores foram identificados, e em nota, Abdias relata seu temor e engano ao se filiar ao integralismo: “Fichei-me integralista, afirma queixoso, pensando ser o mesmo salvador de Deus, Pátria e Família, sem saber que o que pretendem é derramar e beber o honrado sangue brasileiro” (A Luta, 10 out. 1937); o negociante deixou suas queixas por escritos e pediu o afastamento das fileiras do sigma.

Os integralistas de Conquista ainda sentiram um gostinho de poder no segundo semestre de 1937, quando Joaquim Fróes assume a prefeitura local em decorrência do golpe de Getúlio em 10 de novembro. Joaquim Fróes assume em 10 de novembro, sendo nomeado no dia 20 daquele mês pelo interventor General Antônio Dantas. O fim do seu mandato ocorreu no dia 30 de maio de 1938. Joaquim Fróes escolhe para secretário o professor Mario Padre, que havia se recusado a deixar o município (O Combate, 12 dez. 1937). As ações de governança do integralista foram significativas, pontuando-se o calçamento da praça 9 de novembro, onde construiu um pequeno jardim, e a reinstalação da iluminação pública (luz elétrica) (VIANNA, 1985).

Os integralistas deixam a prefeitura em 1938, quando assume o Dr. Regis Pacheco. Contudo a ideologia de Plínio Salgado e seu desejo de mudança nacional ainda permaneceram com alguns de seus correligionários. Como relembra Durval Lemos Menezes (2012), apesar de extinta a Ação Integralista Brasileira, muitos seguidores locais ainda continuaram fieis até o golpe Militar de 1964. Um desses aliados é Juvenal de Oliveira, que mantém fortes ligações com as ideias de Plínio Salgado até o fim de sua vida. Juvenal de Oliveira<sup>127</sup> foi um advogado e militante integralista atuante no município de Poções que se elegeu vereador lá por meio de grande propaganda em 1936.

Juvenal de Oliveira em seu caminho enquanto vereador, teceu diversas críticas ao poder local ao identificar nepotismo. Na ocasião, o filho do prefeito iria assumir a câmara municipal da cidade no período e uma de suas críticas fora publicada pelo jornal da capital em 1936, onde

---

<sup>127</sup> Militante integralista, advogado e filho de Inocêncio Oliveira e Maria José de Oliveira, nasceu em 20 de abril de 1901 na cidade de Guanambi. Um dos poucos remanescentes da ideologia de Salgado em Conquista, filiado ao PRP, atuou incansavelmente pelas causas de Plínio Salgado desenvolvendo grande amizade com o político.



expressa uma incompatibilidade no processo de gestão municipal (O Imparcial, 28 de jul, 1936). A trajetória governamental na cidade foi marcada por grande propaganda integralista e virulência no discurso, não sem motivo, sofreu os percalços de sua militância, onde alegou perseguição pública. Sua intensa propaganda veio a resultar em sua prisão naquele ano. Em liberdade, deixou a cidade de Poções em 1937-1938 e veio para o município de Conquista, onde se estabeleceu mantendo igualmente o ardor político. Quando das vindas de Plínio Salgado à Bahia em 1949 e 1955, o político detém função importante de auxílio nos trâmites de sua passagem por algumas cidades baianas.

Com o integralismo execrado com a instituição do Estado Novo, Plínio Salgado deixa o país em 1939, exilando-se em Portugal e retornando somente após 1945. Contudo, o período de exílio político é pontuado por Gilberto Calil (2001), Marcos Quadros (2011) e Leandro Pereira Gonçalves (2018) como um intenso processo de reorganização ideológica no qual o líder integralista planejou estratégias para o retorno a sua vida política no Brasil. Nesse processo, reforça o seu catolicismo tradicionalista, publica alguns livros, como **A Vida de Jesus, A Aliança do Sim e do Não**, e, nesse sentido, tenta criar uma nova roupagem para a formação do Partido de Representação Popular (PRP), deixando de lado a concepção de “Estado Integral” e pontuando uma espécie de “democracia cristã” atrelada a uma ideia “antifascista” da doutrina integralista.

Antes da estruturação a nível nacional do PRP e da vinda de Plínio Salgado à Bahia, as forças políticas de Conquista realizaram um comício que tinha como intuito combater qualquer resquício do integralismo que houvesse na cidade. Para isso, figuras políticas locais, a exemplo de Camilo de Jesus Lima, iniciam tal campanha. Em nota de 16 de julho 1945, **O Combate** relata o ocorrido:

#### **Campanha de Combate ao Integralismo**

Um comício das forças políticas locais de combate e repulsa ao credo verde

Elementos destacados anti-fascistas e anti-nazistas desta cidade empreenderam, a exemplo do que se vem fazendo em todo Brasil, uma campanha de combate e repulsa ao Integralismo que tenta arregimentar-se e conseguir registro como partido. Tem sido várias as atividades dos antinazistas de conquista [sic]. Transmitiram os mesmos um longo telegrama ao sr. Presidente da República, solicitando que não fosse consentido o registro do Integralismo como partido político. E, no domingo ultimo, realizou-se um grande comício à praça 9 de novembro em que usaram a palavra varios oradores, num combate justo e louvável ao credo verde. (O Combate, 16 jul 1945).

O escritor Camilo de Jesus Lima, que nos anos 1930 atuou de forma branda com relação à ideologia integralista na cidade, chegando até a apoiar as iniciativas educativas do núcleo local, assume, entretanto, na década de 1940, uma postura totalmente diferente, a exemplo da sua participação no ato e sua inscrição no Movimento de Unificação dos Trabalhadores (MUT). É por meio deste movimento que se realiza o comício, e no telegrama anexado à notícia, o celebre escritor conquistense felicita aos demais organizadores, e diz que a cidade de “Conquista é inegavelmente a cidade mais democrática do sudoeste baiano” (O Combate, 16 julho 1945). Estas ações demarcam o cenário de Vitória da Conquista pós Estado Novo, ao qual apesar de inserido o movimento integralista, este não teve força significativa. Ainda assim, o movimento reformulado e estruturado com o Partido de Representação Popular (PRP), manteve alguns de seus seguidores.

Juvenal de Oliveira, ardoroso militante integralista, após se estabelecer em Vitória da Conquista em 1937, passa a atuar em prol da causa de Plínio Salgado. Desenvolve profunda amizade com o político e se torna o líder do PRP em Vitória da Conquista, sendo um dos principais articuladores do partido no interior do estado da Bahia. A troca de cartas entre os políticos é uma dessas indicações. Numa dessas cartas, em carta resposta à Juvenal de Oliveira, datada de 9 de maio de 1955, Plínio Salgado diz que cenário político descrito pelo seu correligionário “é animador”. No escrito, o advogado diz a Plínio Salgado: “não temos mais adversários aqui!”. Como relatado anteriormente, na cidade de Conquista o integralismo não teve êxito em eleger lideranças para a governança local na década de 1930, isso devido à força dos partidos existentes.

**Figura 3 - Juvenal de Oliveira, Advogado, político e Militante Integralista**



**Fonte: Acervo Prof. Ruy Medeiros.**

No entanto, a insistência e a lealdade política dos integralistas permaneceram até o desenvolvimento do PRP. Em resposta às afirmativas do líder do PRP em Vitória da Conquista, Plínio Salgado diz que “é preciso, porém não esmorecer e não adormecer sob os louros de tal triunfo. Temos que ganhar a eleição aí...” Plínio Salgado vem até Vitória da Conquista em 1955, para promoção de sua campanha à presidência e todo processo de organização e estruturação é feito por Juvenal de Oliveira. O contato e amizade desenvolvida permanece até a morte de Plínio Salgado. O advogado e militante integralista, em discurso no rádio de apoio aos candidatos da ARENA em Vitória da Conquista para o pleito de 15 de novembro de 1970, expressa mais uma vez sua trajetória enquanto militante de direita e diz:

A minha condição de revolucionário desde 1932, no combate aceso, através da palavra escrita e falada contra o comunismo ateu e materialista, e ainda na condição de adesista sincero e leal à Revolução salvadora de 1964, coerente com os meus princípios doutrinários, aguardei, em posição de sentido, a minha vez de falar ao povo desta terra e de modo especial, àqueles velhos companheiros de luta. (Transcrição do discurso – Juvenal de Oliveira, 15 de nov. 1970).

No discurso, pode-se observar que em Vitória da Conquista ainda haveria companheiros de luta assim como ele, demonstrando que, sua fala ainda poderia ter um certo impacto, porém desta vez em apoio a outro partido de direita. O desenvolvimento da Ação Integralista na cidade se deu de modo mais satisfatório por meio da educação que se será demonstrado no ultimo capítulo. Nas linhas a seguir, serão descritas de que forma se deu a atuação das proposições no campo da educação pelo movimento em cidades do interior. Ademais, pontuar-se-á de que forma se daria a revolução integralista, e de que modo a educação integralista, por meio da educação do homem por completo pretendia alcançar a tão sonhada revolução.

## 4 INTEGRALISMO E A EDUCAÇÃO DO CORPO

### 4.1 O integralismo, a educação e discurso do “homem integral”

“Aos homens de cultura e pensamento, à mocidade das escolas”, (...) O homem deve praticar sobre a terra as virtudes que o aperfeiçoam. O homem vale pelo trabalho, pelo sacrifício em favor da família, da pátria e da sociedade. Vale pelo estudo, pela inteligência, pela honestidade, pelo progresso nas ciências, nas artes, na capacidade técnica, tendo por fim o bem-estar da nação e o elevamento moral das pessoas.” (Manifesto de outubro de 1932, s.n, s.d.).

Em parte do círculo intelectual dos anos 1920 em que se pensavam o Brasil e seu cenário ideal, instituiu-se algumas crenças, dentre essas, a de que residia na educação a solução dos problemas nacionais, desse modo, alguns pensadores preenchidos de entusiasmo pela educação congregavam ideias de controle e modernização que tenderam a findar num nacionalismo exacerbado. Tal nacionalismo dominou parte da produção intelectual do período dimensionando demasiadamente o âmbito educacional.

Nesse sentido, se nos anos de 1920 ocorre uma reformulação política do campo educacional ao qual expressava-se num ambicioso projeto de reforma moral e intelectual, os anos 1930 atuam numa efervescência política que tendeu a reavivar e redimensionar tais elementos. As discussões em torno de uma constituição de educação integral têm sua intensificação nesse período e ganha um principal ativista, Ação Integralista Brasileira. Assim, pôr meio da ideologia integralista as reflexões sobre a educação reforçam o caráter de salvacionismo e esperança para o homem brasileiro. (CARVALHO, 1989; 2003; COELHO, 2005).

Ao mesmo tempo, o foco no corpo se intensifica nos mais diversos campos no início do novo século, chegando aos anos de 1930, com força no âmbito médico, militar, religioso, escolar e político. Portanto, a partir do entendimento e emprego dos discursos destes profissionais nos espaços em que atuaram, entendeu-se que o corpo precisava ser educado tanto física quanto moralmente, pois uma educação adequada viria a favorecer o desenvolvimento do espírito e também funcionaria como uma ferramenta útil a serviço do interesse nacional. Corpos fisicamente educados permitiriam o desenvolvimento das "mais altas faculdades morais" (LENHARO, 1986; SIMÕES & GOELLNER, 2012).

Nesse contexto, de acordo com Alcir Lenharo (1986) André Silva (2008) e Renata Simões & Silvana Goellner (2012) um senso de consciência social foi impresso na melhora física. A nova higiene física responsabilizou o indivíduo por desenvolver a consciência do bem-

estar coletivo, enquanto a Educação Física focou na formação de indivíduos equilibrados e autossuficientes. As teorias eugênicas, por outro lado, tentaram afirmar que, com a disciplina dos músculos, a disciplina da vontade melhoraria. Assim sendo, identifica-se a atuação de discursos eugênicos e higiênicos na área da saúde, pôr meio dos cuidados sanitários, nas escolas e no exército, por meio da Educação Física, da aptidão física, dos movimentos ginásticos, aplicando-os igualmente ao discurso eugênico.

Como pontua Edivaldo Góes Junior (2000) a discussão dos pressupostos higiênicos e eugênicos passou por algumas fases, havendo mudanças significativas no pensamento que se tinha em relação ao corpo principalmente entre os de 1920 e 1930. Os higienistas brasileiros inspirados no modelo europeu, introduzem várias normas em vários setores da vida humana, para não dizer todos, com o intuito de aprimorar a saúde coletiva e individual da nação. Assim sendo, no discurso empregava-se desde campanhas de vacinação, na urbanização das cidades, bem como, na industrialização e educação, sendo este o principal mote, como citado anteriormente. De acordo com o autor, o movimento higienista abarcou uma frente ampla, tendo em seu escopo várias posições políticas — partindo da esquerda à direita — ou os mais variados mecanismos de intervenção, indo a caminhos extremos como à regulamentação do casamento, esterilização, segregação, pontos de tendência e caráter eugênico.

Com efeito, na década de 1930 a AIB identifica tais elementos e os incorpora em sua concepção de educação afim de chegar ao seu objetivo, o “Homem integral”. A busca de uma educação que compreendesse o homem como “um todo” tendo como fim a constituição de um “homem-integral” via-se por meio de uma educação que privilegiasse também a dimensão corporal que resultaria na criação de um “ser elevado” para a constituição de uma nação forte. É por meio dessa via que Plínio Salgado e sua ideologia se relacionavam com os esportes, a educação física e o corpo.

Pontua-se que a epigrafe se refere ao Manifesto de Outubro, e é por meio dele que Plínio Salgado expressa em sua primeira página o que viria a propagar e inscrever como elemento norteador de sua sistemática educacional, ao qual segundo ele resumia-se num único pensamento “o da educação integral para o homem integral”. (SALGADO, 1959, p.9) O integralismo para chegar a sua tão sonhada revolução propunha levar a sério o seu projeto educativo para a constituição desse “Homem integral”. Salgado entendia que a tal revolução partia da revolução do espírito onde não se deveria excluir nenhuma parte, o homem deveria ser tomado no conjunto de sua personalidade:

Nós integralistas, tomamos o homem na sua realidade material, intelectual e moral, e por isso, repudiamos tanto a utopia liberalista como a utopia socialista. A liberal-democracia pretende criar o monstro sem estomago. O socialismo marxista pretende criar o monstro que só possui o estomago e o sexo. Em contraposição ao místico liberal e ao molusco marxista, nós afirmamos o homem-integral. (SALGADO, 1933).

Observa-se que mesmo com todo o aparato e viés político Plínio Salgado não considerava a AIB como partido político a princípio, e sim movimento cultural, entretanto, viera a se tornar partido em 1935. Como pontua Cavalari (1999), Salgado ao falar sobre seu movimento vangloriava-se em este ter um pensamento diferente e dizia não estar interessado na conquista imediata e efêmera do poder, diferentemente de outros partidos que em sua visão só almejava poder pelo poder. O líder ideológico do integralismo afirmava que tinha como objetivo primordial construir uma nova Nação e que a revolução espiritual que seu movimento tanto almeja levaria tempo para acontecer e que os frutos dela só seriam colhidos pelas futuras gerações, assim sendo, paralela a ela o integralismo faria a revolução cultural. Por esse motivo, de acordo com Salgado (1933) teriam duas revoluções, sendo uma revolução subjetiva e outra objetiva. Tais revoluções amparavam-se no processo de “conscientização” da população e tinha como elementos primordiais o entendimento da cultura, e a passagem do povo pelo processo de educação integralista, mais precisamente a ideologização.

Corroborando com Cavalari (1999), se faz necessário compreender o que Plínio Salgado considerava como cultura para traçar os delineamentos do seu processo de educação e ideologização. Como relata a autora, ainda que o termo não apareça explicitado, é possível inferir o que seria identificado como cultura. Na visão do Movimento, seria o domínio de saberes ligados à filosofia, ciência, literatura e a arte, assim sendo, aqueles que o possuíam ficariam encarregados de sua transmissão, as chamadas “elites”.

Miguel Reale um dos ideólogos do integralismo afirma por meio da Enciclopédia do Integralismo que “O problema educacional exige uma solução uniforme para todo o Brasil”, e que tal educação não deveria abrir mão de oferecer “a cultura às massas populares”. Para ele, o movimento compreende a função educacional da escola, e que esta, mais do que simplesmente executar um processo de alfabetização, devia proporcionar às massas populares o acesso ao que o movimento denominava como “cultura”, pois o desenvolvimento da industrial e econômico exigiria ampla instrução profissional.<sup>128</sup>

---

<sup>128</sup> Enciclopédia do Integralismo, Miguel Reale, Et. Al, p. 44-45. / O livro faz parte de uma coletânea com dez volumes e pontua o pensamento integralista em suas variadas vertentes. O volume em questão é o V – Estudos e Depoimentos e conta com escritos de diversos autores integralistas.

Postas tais questões, como um país tão vasto e com diferenças culturais tão latentes poderia se adequar a um processo tão abrasivo? Não se adaptaria. No entanto, por meio de seu discurso de transformação social a ideologia integralista conseguiu alcançar ainda uma parcela da população baiana e a imprimir o seu projeto de “homem integral”, e “sociedade integral”. Contudo, quais características deviam possuir esse homem integral? De que forma a AIB iria promover esse processo de ensino e revolução cultural e espiritual? A quem seria destinada essa função?

Para compreensão de cada passo que o Movimento pretendia dar o militante contava com a *Enciclopédia do Integralismo*. Assim, afim de servir de manual, num destes escritos de Plínio Salgado afirma que para o integralismo, o homem é uma dualidade consubstancial exprimindo-se numa unidade substancial, assim o homem não é apenas corpo, nem apenas espírito, mas as duas coisas, intimamente ligadas.<sup>129</sup> Como pontuado, a Ação Integralista entendia que o papel da Educação, seria “dar ao homem os meios para que seu projeto se efetive”.

Já no que compete a destinação dessa função, o escritor em seu livro **Psicologia da Revolução**, assim como, na **Enciclopédia do Integralismo**, diz que tal tarefa caberia as elites intelectuais, fazendo assim trabalho de doutrinar as massas integralistas, afim de esclarecer à consciência pública sobre os grandes problemas sociais e políticos encarados pela AIB. Os estudos a serem realizados por esta “elite” compunham as seguintes disciplinas: a) Teoria do Estado; b) História do Estado; c) Organização Nacional corporativa; d) Filosofia Social; e) Filosofia da Pedagogia.<sup>130</sup>

Na segunda edição de 1937 de “A Doutrina do Sigma” Plínio Salgado escreve que a AIB transformaria as milícias em escolas de educação e cultura *physica* e que suas finalidades estão expressas em seus estatutos. A AIB funcionava como partido político e viria a funcionar também como centro de estudos de educação moral, *physica* e cívica. As secretarias eram divididas e juntamente as secretarias de doutrina, cultura artística, educação e Cultura *physica*, englobava os departamentos de atletismo, ginastica entre outras manifestações corporais (SALGADO, 1937).

No que se refere a realidade baiana, a implementação do projeto de “homem integral” e “educação integral”, aparecem com ênfase em jornais e revistas da capital e também do interior, onde passam a incluir em suas linhas editoriais tais discursos. No caso específico da Bahia, o jornal **O Imparcial**, como citado nos capítulos anteriores, era um braço do integralismo,

---

<sup>129</sup> Enciclopédia do Integralismo IX, O integralismo e a Educação, 1958, p.150.

<sup>130</sup> Idem. p. 151-152.



contudo, as notas de outro meio impresso chamam a atenção, este a revista a *Etc.* As notas da revista captaram a atenção por retratar o movimento numa perspectiva mais fluída e apontar os discursos de cuidados com o corpo e homem integral bem antes das publicações em maior volume do jornal **O Imparcial**. Em uma dessas notas da revista *A ETC*, em texto escrito por Lourenço Ferreira Reis<sup>131</sup> que se estende por duas páginas enuncia “Qual seria a finalidade do homem para o integralismo?”:

**Figura 4 – Lypolysin – Jornal “A ETC”, 15 de julho de 1934 (Ed. 00240, p.29-30).**

damente alguns dos belos traços próprios de cada uma.

Conversando sempre aos “cochichos”, não houve durante o tempo da apreciada diversão, quem pudessem perceber, nem de leve, “o que os roseos lábios das duas irmãs exprimentam.

Já, no rumo de casa, a de olhos, indagava da gentil irmã: — mas, afinal, não gostastes de nenhum dos três?

— Sim. Cada qual o mais simpático... mas, um é pouco, dois é bom; três é demais...

NILO.

O corpo bem proporcionado denunciar capacidade física e presença de movimentos. Quem quiser alcançar este estado invejável de saúde e alegria use

**Lypolysin**

**A finalidade do homem e o Integralismo**  
por Lourenço FERREIRA REIS

O homem não é apenas um índice biológico, disse Plínio Salgado. É um ser complexo, com aspirações na terra, como corpo, e aspirações no infinito, como scintilha de Luz Eterna. Este conceito anti-materialista, vem reforçar a idéia de que o homem não é a peça-de-machina concebida por Karl Marx, subordinada ao ritmo da força inicial que a impulsiona. O homem é um ente autônomo, de dignidade própria e personalidade sociologicamente definida.

A doutrina Integralista, vanguardeira do espiritualismo, considera o homem como um ser pensante e raciocinador, apto a contribuir para a existência da harmonia social, que é a condição *sine qua non* da felicidade de cada indivíduo. O homem deve aceitar com dignidade e por espontânea vontade, a disciplina e a hierarquia. Deste modo é que serão evitadas as lutas intestinas, verdadeiro desrespeito à autoridade suprema da Pátria.

Não é lícito também considerar o homem como um ser de finalidade sobrenatural, porque si assim fôra, cada um se abstrairia na sua vida interior e contemplativa derrocando, por consequência, a sociedade.

Isto nos demonstra que o homem deve ser um ente de dupla aspiração, como dissemos acima citando Plínio Salgado; um ser em que o espírito sempre forte, supprime as faltas da matéria, mantendo o equilíbrio necessário ao

(Continua adiante)

**Padaria S. Miguel**  
de ISOLINO CENCON TRIGO

Especialidades em Pães, Massas finas, Conservas, etc.

Rua Santo Antonio da Mouraria, 10

Telephone, Central 5001

**BÁHIA**

Parte da citação feita por Lourenço F. Reis no jornal refere-se ao livro de Plínio Salgado **O que é integralismo** de 1933, o escrito integralista é importante para o movimento pois dá apontamentos para o iniciante na ideologia do Sigma. No restante da citação do livro, Plínio Salgado elucida sua compreensão do homem na sociedade e diz que a pretensão do integralismo era realizar as seguintes constituições, sendo por primeiro: O homem integral; em seguida, A sociedade integral; após, a Nação Integral; e por fim, a Humanidade Integral”.<sup>132</sup> Para este feito, o homem deveria objetivar o seu “superior destino de aperfeiçoamento”, assim sendo, Plínio Salgado diz que a concepção integralista do mundo considera o homem somando todas as suas expressões e tendências. Para instituir símbolos e caracterizar seu desejo ufanista traz uma representação para sua doutrina e insere o sinal sigma ( $\Sigma$ ), adotado nos uniformes dos

<sup>131</sup> Advogado, escritor e membro da AIB – Salvador.

<sup>132</sup> SALGADO, Plínio. *O que é integralismo*, Editora das Américas, 1933, p. 20.

“camisas-verdes” e na bandeira do movimento. O sigma indica na matemática o símbolo do cálculo integral, sendo essa a preocupação do movimento, somar tudo.

Ademais, sobre a nota da revista “A *Etc*” é interessante observar ao lado, um anúncio sobre um medicamento, tal anúncio ilustra dois homens, com estruturas corporais diferentes, um acima do peso e outro magro, com a seguinte legenda: “O corpo bem proporcionado denuncia capacidade física e presteza de movimentos. Quem quiser alcançar este estado invejável de saúde e alegria use ‘Lipolisim’”. Observou-se que tal anúncio esteve presente em outras notas com que tratavam o assunto corpo, integralismo, e homem integral, bem como, foram encontradas outras notas semelhantes na revista. (*Etc*, 30 de abril de 1935 (Ed. 00256) p.28; 13 de junho de 1935 (Ed. 00261) p.3; 14 de junho de 1935 (Ed. 00261) p.9. 31 de julho de 1934(Ed. 00241) As notas variaram, desde a impressão do discurso “Deus, Pátria e Família”, englobando a disciplina, educação corporal, como também, poesias de exaltação ao Movimento integralista e a figura de Plínio Salgado.

Para que possamos analisar melhor, se faz necessário compreender a gênese da revista e em que contexto ela se insere na realidade soteropolitana. A “*Etc*” tem sua primeira publicação em 9 de julho de 1927, sendo de propriedade e direção de Júlio de Carvalho<sup>133</sup>, e tendo como redator chefe Dr. Álvaro Macedo.<sup>134</sup> Em sua linha editorial, assumia uma postura reacionária e conservadora, e era publicada quinzenalmente, passando em 1928 para publicações semanais. A revista dispunha de conteúdos variados e exibia as legendas: “Políticas”, “Questões Sociais” “Atualidades”, “Letras e Artes” em suas páginas iniciais (*Etc*, 19 de julho de 1935, Ed. 00264, p. 1). No ano de 1930, empresário Júlio de Carvalho apoia a candidatura de Júlio Prestes, e segundo Waldomiro Santana (1986), a revista inicialmente dedicou-se a assuntos políticos e econômicos, entretanto, mudou seu caráter em 1932 para **Revista de Cultura e Mundanidades**, abarcando uma série de assuntos sem esquecer-se de sua veia política. Em janeiro de 1934, a *Etc* passa a defender o integralismo e as ideias de Plínio Salgado, não obstante, a revista também publicara vários artigos da Academia dos Rebeldes<sup>135</sup> antes de assumir intenso apoio ao integralismo.

<sup>133</sup> Empresário baiano, farmacêutico e diretor da revista *ETC*. (*Etc*, 21 de julho de 1930, p.14).

<sup>134</sup> Alvaro Guimarães de Macedo foi um advogado, jornalista baiano e redator chefe da revista a *Etc* nos anos de 1927-1930. A revista ainda contava com outros redatores, sendo eles: Jonatas Milhomens (escritor), João Cordeiro (escritor e contador), e como gerente da revista Fernando V. Santos (*A Etc*, 9 de julho de 1930, p.2).

<sup>135</sup> De acordo com Luís Rossi (2007) a Academia dos Rebeldes foi fundada nos dois últimos anos da década de 1920, em Salvador, capital do estado da Bahia, a Academia dos Rebeldes envolveu jovens membros da elite local, todos querendo se destacar na prática literária. Os participantes tinham entre 16 e 28 anos e incluíam: Édison Carneiro (1912-1972), Jorge Amado (1912-2001), Aydano do Couto Ferraz (1914-1985), Clóvis Amorim (1912-1970), João Cordeiro (1905- 1938), José Alves Ribeiro (1900-1968), Walter da Silveira (1915-1970) e o último "líder espiritual" do grupo sendo o único integrante com idade superior a 30 anos, Pinheiro Viegas (1865) -1937.

Observou-se que o espaço cedido ao Movimento foi aumentando gradativamente ao longo dos anos, em decorrência também de parte de seus colaboradores serem universitários e partidários do sigma. Com o espaço aumentado, a revista chegou a ter numa mesma edição, num total de sete publicações, cinco terem relação direta ou indireta com o Movimento Integralista, sendo escritos dos líderes do alto escalão do movimento, como Plínio Salgado e Gustavo Barroso, ou artigos, poemas ao seu respeito, esses de autoria de escritores filiados a AIB-BA. A edição em questão, é datada de 14 de junho de 1935, onde estão inclusos os textos dos camisas verdes e reflexões concernentes a disciplina e educação. Em sua capa, a *Etc* estampa o título **Ninguém tem o direito de ser inútil**, texto em que ataca veementemente o regime político da época e abarca reações enérgicas e os elementos presentes no discurso integralista, sendo o patriotismo, a moral e a disciplina como pontos norteadores para a salvação da Pátria. (*Etc*, 14 de junho de 1935).

Em nota de edição anterior, a de 9 de junho de 1935, a revista *Etc* elenca alguns artigos relacionados ao Movimento, como o poema de Nicanor Carvalho intitulado “Borboletas”. O poema em questão utiliza como metáfora a borboleta para discorrer sobre o cenário brasileiro, este, caótico e que para a solução deste, compreende Plínio Salgado como o agente transformador da realidade social. Como pontuado anteriormente, Nicanor Carvalho era estudante de direito e responsável pela organização da milícia estudantil universitária. Ademais, outra nota que chama atenção está mais adiante no mesmo volume. O título **Disciplina e Educação**, no texto sem identificação de autoria, diz que “o país carece de instrução e disciplina” e relata que a causa fundamental tem sido “As concessões delirantes do liberalismo” que atrasam o progresso. Mais adiante, o texto diz:

### **Disciplina e educação**

Os homens variam, em todos os tempos, porque são dominados pela inteligência, cuja mobilidade obedece aos imperativos da evolução da vida. (...) Nas ciências, nas letras na política, os videntes inovadores, tem de ser jovens iniciados do estudo ou pesquisadores solitários, sem ligações com as correntes convencionais, adversas necessariamente, as teorias ainda não experimentadas.

Tal nosso caso, com a campanha integralista que já empolga a nação e cuja marcha não há força humana capaz de operar.

*Disciplina e educação, os dois fatores principais, pela respectiva ausência, da decadência do regime liberal democrático.*

*Disciplina e educação, as bases mestras sobre que se assenta a doutrina integralista.* (*Etc*, 14 de jun de 1935, p. 9) [grifo do autor]

O discurso emitido pela revista endossa o desejo da doutrina integralista e encontra lugar em parte da juventude baiana intelectual, inferindo que estas seriam as forças necessárias para impulsionar a campanha integralista. Como descrito no Capítulo I, e mencionado anteriormente, o integralismo na capital encontrou no meio universitário baiano seu ponto inicial de promoção e difusão. O emprego do apelo educacional e disciplinador manifestado pela revista entra em consonância com a atenção sobre o corpo que estava em voga em vários setores. Relacionado a saúde e cuidados com o corpo é colocado ao lado do texto o anúncio de “ODOL”, marca de creme dental, podendo ou não apresentar correlação.

No que se refere a educação, Gois Junior (2013) ressalta o papel da Educação física e da revista **Educação Physica**, que aturam nesse sentido, de promoção de uma “educação integral” considerando a disciplina um elemento indissociável no processo de desenvolvimento da revolução integralista. Segundo o Monitor Integralista (1937) a Ação Integralista Brasileira oferecia um centro de Estudos e de Educação Moral, Cívica e Física que trabalhava na divulgação dos princípios filosóficos do movimento por meio de conferências, revistas, jornais e folhetos.

Seus cursos tinham como foco “esclarecer os espíritos, fortalecendo as ideias e os sentimentos de “Deus, Pátria e Família”, honra individual, disciplina e ordem e incluía cursos de Educação Física, atletismo e ginástica. Nesse sentido, o aporte de Hollanda Loyola como aponta Simões & Goellner (2012) foi de suma importância no que se refere à Educação física, a educação dos corpos e a Ação Integralista Brasileira. O renomado e influente teórico da Educação Física (editor e diretor do primeiro periódico específico da área) atuou na redação de artigos sobre Educação Física e esportes, que eram também veiculados ao jornal **A Offensiva**, periódico de notícias e utilizado pelos quadros da AIB para a divulgação e transmissão da doutrina integralista.

Assim sendo, a AIB além de Plínio Salgado, dispunha de pensadores e teóricos que compartilhavam e davam sustentação as suas ideias (SALGADO, 1937; CORBISIER, 1959; DIAS, 1959; PENNA, 1959; SALGADO, 1959). De maneira que, Educação Física e os esportes atuando no cuidado e desenvolvimento do corpo, seriam elementos importantes para a ideologia na constituição e formação do “homem-integral”, bem como no aprimoramento de várias dimensões do corpo, princípios caros ao movimento. Como aponta Simões & Goellner (2012) tal pressuposto partia de uma perspectiva que visava que a educação integral deveria evitar a “unilateralidade dos sistemas educacionais”. Essa ideia permeava a produção intelectual integralista seja diretamente, inscrita nos manuais, enciclopédias, ou indiretamente, nos textos de cunho ideológicos dos jornais e revistas. Dessa maneira, a face econômica, social, política,

religiosa, física, científicas e artística, deveriam ser indissociáveis, atuando assim numa formação pedagógica de doutrinação completa, em que o militante estaria física, moral e intelectualmente preparado.

Nesse sentido, os núcleos da capital do estado da Bahia estavam alinhados aos ideais do Chefe, e para o cumprimento dos desígnios, formou-se na capital a Secretaria Distrital de Educação Moral e Physica. As ações de educação corporal, por meio do oferecimento dos mais variados esportes e englobando atividades de lazer para os camisas verde do estado ocorreram entre os anos de 1935 e 1937 e para divulgação contaram com o apoio da imprensa. Um dos primeiros eventos publicados pela imprensa foi a notícia de junho de 1935 do jornal **O Imparcial** onde reuniram-se cerca de 400 integralistas afim de promover a ideia integralista de nação forte e corpo educado:

#### **Movimento Integralista**

“A concentração esportiva no campo da Liberdade”

O dia de hontem foi de grande entusiasmo para os integralistas, que realizaram uma concentração esportiva no campo de exercícios phisicos do Nucleo da Liberdade. Pela manhã, foi a parada dos plinianos. Eles sahiram á rua garbosamente, como soldados de um exercito juvenil. Tinham o aprumo dos milicianos, apresentando excellente organização. A formatura dos plinianos deixou a melhor impressão. A concentração esportiva do campo da Liberdade, que se realizou á tarde, teve muita ordem e muito entusiasmo. Promovida pela Secretária Districtal de Educação Moral e Physica, constou essa concentração provas athleticas e jogos esportivos. *Cerca de quatrocentos integralistas se reuniram naquele Nucléo, dirigindo-se todos ao campo, que apresentava bello aspecto da ordem e da disciplina*, obtidas pela exacta compreensão que têm, da Patria os camisas verdes. Elles estavam ali com esse pensamento de formar o Brasil novo e forte, que que nasce na ideia integral. A concentração esportiva do Campo da Liberdade foi uma tarde de grande entusiasmo para os camisas verdes dalli. (O Imparcial, 17 de jun. 1935, Ed. 01364, p.8) [grifo nosso].

Os “camisas-verdes” baianos produziam festivais esportivos e de lazer, que atuavam no sentido de dar cartaz a organização do Movimento, por meio da demonstração da disciplina corporal dos militantes. Ademais, os festivais, cerimoniais e passeatas públicas serviam para dar visibilidade a AIB gerando assim sua promoção. É importante salientar novamente que o pensamento de regenerar e melhorar a raça não estava exclusivamente empregado aos discursos da Ação integralista, o campo da saúde e do esporte estavam sintonizados. Nota-se ao longo do material analisado que tais elementos foram centrais, e o desenvolvimento de atividades esportivas na capital seguiu o fluxo de alinhamento da ideia integralista de corpo educado, enquanto no interior intensificou-se o processo de abertura de escolas.

Nesse sentido, após a criação de sua secretaria mais uma ação esportiva foi promovida pelo núcleo integralista, o evento fora anunciado como “Grandioso Festival Integralista”, e contou com uma série de esportes, como atletismo, futebol, luta greco-romana, boxe e, desta vez elencou um elemento que merece atenção, este a capoeira. A nota de 18 de julho de 1935 pontua como viria a ser o festival:

### **Grandioso Festival Integralista**

Promovido pelo núcleo Integralista da Liberdade está sendo organizado um festival que terá lugar no campo da Estrada da Liberdade, antigo Tupinamba, no próximo domingo 21. Para esta tarde esportiva, grande tem sido os esforços dos camisas-verdes para o seu abrilhantamento

E o seguinte programa será realizado: 1º) Corrida de resistência; 2º) Corrida de velocidade; 3º) Segundos quadros dos clubes Helenico e Tupinambá; 4º) Luta de box entre Waldemar Abbuo e Jesus Domingues. A preliminar desta luta será entre (...) Cruz e Raphael Salles. 5º) Luta romana entre os lutadores Ramos Cruz e João Santos; 6º) Demonstração de Capoeira; 7º) Partida de football entre o rigoroso conjunto do Hellenico e Tupinambá. O quadro do Tupinambá será de integralistas. (O Imparcial, 18 de jul. 1935, Ed. 01394, p. 3).

Como aponta Malvano (1996), por meio do esporte, pretendia-se regenerar moral e fisicamente a raça, destarte, se a destreza, a boa forma física, rapidez e eficiência estavam na base do mito esportivo, esperava-se que tais elementos fossem constitutivos do jovem integralista. É em meio as demais atividades a aparece a luta baiana, o que gerou curiosidade. Elemento constituinte da realidade baiana, que na década passada havia enfrentado uma série de perseguições por parte da polícia, do poder público baiano e, que ainda no início dos 1930 era marginalizada. Não obstante, de que maneira se dá a inserção da capoeira nos círculos da Ação Integralista?

Passível de análise, pode-se inferir que a luta baiana estaria atuando no sentido de aproximação do Movimento político, de fora do estado, com a realidade baiana. Cabe situar temporalmente que a capoeira nos anos de 1930 ainda se encontrava em processo de descriminalização, sendo uma manifestação perseguida e vigiada policialmente, inscrita no código penal desde de 1890 e deixando-o apenas no ano de 1942. A capoeiragem passa a ganhar um certo espaço a partir da ousadia de Mestre Bimba, e segundo Renato Ortiz (2001) e Adriana Dias (2015) outros elementos que atuaram nesse sentido, foram: interesse em práticas culturais negras no meio universitário, o apoio de intelectuais e a tendencia de pensamento nacionalista do Estado.

Ademais, conforme expressa a literatura a ocupação de outros espaços por meio da expertise de Mestre Bimba em suas conquistas políticas, qual permite o encontro com outras esferas sociais, como pontua Renato Vieira (1995, p. 130) “recodificando os rituais nos moldes do ambiente político da época”. Em seu intento de levar a Capoeira Regional para todos os segmentos da sociedade, Mestre Bimba sobe ao ringue, realiza desafios enfrentando os principais lutadores da época e, vai a outros estados com seus capoeiristas afim de promover a sua Luta Regional (VIEIRA, 1995, ABREU, 1999; SODRÉ, 2002, CAMPOS, 2006, 2009; OLIVEIRA, 2021).

Vários festivais esportivos são realizados pelo Núcleo Integralista da capital até o fim do ano de 1935 (O Imparcial, 27 de set. 1935, Ed. 01464, p.7; 12 de out. 1935, Ed. 01479, p.3; 10 de nov. 1935, ed. 01508, p.1) onde a presença da ginastica, das lutas, do futebol, bem como, a utilização de jogos populares afim de incentivar atividades de lazer e promover o Movimento foram identificadas. No entanto, chamou-nos atenção a capoeira que marca presença nos festivais realizados pelos Núcleos da capital. No ano seguinte, em 26 de abril de 1936 ocorre outro “Festival Esportivo” do Núcleo da Liberdade, onde o Mestre Bimba, juntamente com seus alunos fariam novamente “demonstrações de Luta Regional”:

**O FESTIVAL ESPORTIVO DE HOJE NO CAMPO – “23 DE ABRIL”  
DO NUCLEO DA LIBERDADE – “BIMBA” FARA  
DEMONSTRAÇÕES DE LUTA REGIONAL**

Realiza-se hoje, no campo “23 de Abril”, do Núcleo da Liberdade, um festival esportivo, que promete grande concorrência. Haverá um disputado “cabo de guerra”, entre as turmas da Penha e da Liberdade, ao qual o chefe deste núcleo onde fornecerá um brinde a turma vencedora.

Mestre “Bimba” tomará parte nos jogos esportivos, juntamente com seus discípulos, em grande demonstração de luta regional. Bater-se-ão em luta livre os pesos-pesados Justo Calazans e Idelfonso Souza.

A Entrada é absolutamente grátis. (O Imparcial, 26 de abr. de 1936).

Ao investigar a figura do Mestre Bimba e qual seria sua relação com o movimento, não foi identificada a sua inscrição nas fileiras do sigma, levando a crer que sua presença nos Festivais tenha sido puramente estratégica, afim de divulgar a Capoeira Regional. Segundo Hélio Campos (2009), discursões a respeito da capoeira e de seu valor são ventiladas no meio acadêmico, englobando as mais variadas classes estudantis, meio esse onde grande parte dos militantes integralistas se encontravam também.

De acordo com Costa (2009) por meio de entrevistas colhidas com outros mestres, alunos do Mestre Bimba, escreve a respeito deste processo de ocupação dos espaços por meio

da luta e, entende não ter havido formalmente uma política de expansão da Capoeira Regional. No que tange às estratégias utilizadas por Bimba, afim de promover a Capoeira Regional, elenca alguns exemplos além do já mencionados, como: as apresentações em universidades e demais instituições de ensino, criação de uma academia (escola de capoeira), criação do grupo folclórico para shows, contato com órgãos de turismo do estado da Bahia, e grande aproximação com a classe média, branca e letrada e os estudantes universitários. E como observado os festivais integralistas também entraram na seara do Mestre Bimba.

Segundo o mesmo autor, é possível compreender que Mestre Bimba tinha uma política “inconsciente” de expansão da Capoeira Regional, ainda que não detivesse educação formal, “suficientemente embasada que o possibilitasse traçar estratégias e objetivos claros, sistematizados, os quais iam acontecendo no seu cotidiano”, permeava os espaços e dizia: “quero meus alunos ensinando capoeira no mundo inteiro”. Nesse sentido, em decorrência de tais elementos compreende-se que talvez a posição de Mestre Bimba nos círculos da AIB tenha sido meramente estratégica afim de promover a expansão da Capoeira Regional, sendo este apenas mais dos vários lugares de exposição da Luta Regional. Em contrapartida, como observado a AIB enxerga possibilidades na união afim de estabelecer familiaridade com os elementos locais.

Com efeito, no dia 3 de agosto de 1936, ocorreu mais um festival realizado por um dos núcleos integralistas da capital, denominado “Festa Esportiva de Brotas”. A realização do Núcleo Integralista de Brotas contou com o enfrentamento entre núcleos nas atividades esportivas: cabo de guerra (Penha x Mares; St. Antônio x Brotas), corrida de 100 metros; Salto em Altura; corrida de resistência (400m); e futebol (Brotas x Liberdade). Contudo, a nota do **O Imparcial** chama a atenção por englobar mais uma vez a capoeira, e na situação em questão, “A capoeira executada por turmas integralistas, será dirigida pelo conhecido Mestre Bimba”. É interessante pontuar a participação dos militantes na luta e não somente a sua observação, e por meio disso inferir mais um elemento que pode exemplificar o porquê da inserção da capoeira nos núcleos integralistas. Autores como Abreu (1999), Campos (2006) e Cunha et al. (2014) inferem não somente por meio da aceitação da capoeira no meio universitário, mas sobretudo por meio da inserção de Bimba nos desafios a outros estilos de luta, como luta-livre, boxe, catch-can, jiu-jitsu “A pratica ganha apelo quando o capoeirista passa a ser visto como um brasileiro que lutava contra um adversário de outra nação”, evidenciando assim o nacionalismo, sendo estimulado por meio dos jornais locais. Talvez, esses sejam alguns dos motivos que expliquem a inserção da luta nos círculos do Movimento.



A realização dos festivais supracitados acontece após a inauguração da sede provincial da Secretária de Educação Moral, Cívica e Physica — SEMCP (O Imparcial, 9 de mai. 1936) demonstrando que o Movimento da capital estava em consonância com os desígnios da Doutrina, alinhando as ações às normas. Para a compreensão do que se refere mais esse mecanismo de normativo de controle educacional, a SEMCP de acordo com a Enciclopédia do Integralismo IX, atuaria no sentido de formação do indivíduo, sendo o espectro da educação esportiva “responsável por difundir a pratica esportiva como meio eugênico de preparação do físico criança e como meio de aproximação de todos os plínianos”. A secretária pontua o caráter eugênico do Movimento, e cabe-nos elencar o que foi observado na Bahia no processo de pesquisa.

Iniciada na Europa, esteve em voga nos finais do século XIX e anos iniciais do século XX, a eugenia, desenvolvida por Francis Galton, com forte apelo racista constitui-se como um conjunto de ideias e práticas relacionadas ao "aperfeiçoamento da raça humana". Essa proposição alcançou vários espaços na sociedade e, mesmo após ser questionada como ciência, continuou a ser usada por muito tempo como justificativa para práticas discriminatórias e racistas. No Brasil, ela se desenvolveu associada ao movimento sanitarista e ganhou destaque nas primeiras décadas do século XX como uma solução para a situação do país, esta, vista como "atrasada", mesmo tempo, seus pressupostos forneciam uma explicação e direcionavam um caminho de superação da realidade (MACIEL, 1990).

Com elementos irrealis, e pressupostos totalitários promoviam o embate ao livre arbítrio, e encontraram lugar no solo brasileiro, ganharam apoio de elementos da área médica, bem como da área política. A integração dessas teorias não fica restrita ao campo das ideias, mas seus livros e manuais encontram lugar juntamente ao processo educacional integralista. A AIB, integra os pressupostos eugênicos em sua filosofia e se propõe a ensinar e promover tais discursos, reforçando-os através da educação e aproximando da pratica esportiva.

Na realidade baiana, dois meses antes da inauguração da sede da SEMCP um artigo publicado pelo jornal **A Offensiva** do Rio de Janeiro e republicado pelo jornal **O Imparcial** (16 de mar, 1936, p.2) intitulado **A Eugenia e o Integralismo**, discute as principais relações da corrente teórica racista com o movimento político, o artigo tem como principal interlocutor o Dr. Renato Kehl,<sup>136</sup> este denominado “pai da eugenia” brasileira. No que tange o artigo, tratou-

---

<sup>136</sup> O médico e escritor Renato Kehl foi o principal articulador das teorias Eugênicas no Brasil, fundou a Sociedade Eugênica de São Paulo (1918), o Boletim de Eugenia (1929) e a Comissão Brasileira de Eugenia (1931). Com profícua obra no início do século XX, promoveu a teoria acreditando que esta seria “uma escola para a formação de caráter e defesa da espécie”. Dentre as sanções que propagava com intuito de melhoramento racial estavam: Proibição matrimonial e seleção genitores; testes mentais em crianças; segregação dos deficientes; regulação de

se de uma entrevista com o médico e trouxe os subtítulos: “Homem brasileiro do futuro”; “Cursos de Eugenia nos Núcleos Integralistas”; “O Programa desses cursos”; “A Eugenia no programa integralista”; “a Palavra de ordem do Chefe”. A seguir, é possível identificar o que viria a ser ensinado, bem como, é possível verificar sua posição perante a inserção das teorias nos quadros integralistas:

### “A Eugenia e o Integralismo”

Eugenia no programa integralista/ O Programa desses cursos

(...) Sim, combato a mestiçagem, não quero com isso dizer que o que se processou em nosso país seja irremediavelmente prejudicial. Entendo que tanto quanto possível, essa mestiçagem deve ser pelo menos orientada em sentido eugênico. (...) Fiquei muito satisfeito em verificar que o programa integralista inclui a eugenia em um de seus capítulos. Nem se poderia compreender que deixasse de assim o fazer, uma vez que a doutrina integralista não poderia descuidar do homem, como elemento fundamental para uma política integral de regeneração. (...)

O programa dos cursos elementares a serem organizados, dentro da doutrina integralista, poderá, por exemplo, constar dos seguintes temas: a hereditariedade e o meio, o cruzamento e a imigração; o casamento, como base para o melhoramento eugênico do homem brasileiro; como pode ser ministrado o ensino da eugenia nas escolas elementares e secundárias; a formação da consciência eugênica individual e coletiva, isto é, consciência da responsabilidade relativamente a procriação.

O integralismo, com toda a certeza tomará a peito essa grande campanha da formação do homem futuro do Brasil (...). (O Imparcial, 16 de mar. 1936, p.2).

Renato Kehl demonstra felicidade ao saber que a AIB engloba em seu processo político os preceitos eugênicos para a construção do “Homem brasileiro do futuro”, ou o dito “homem integral”. Na Bahia, para esse processo de melhoramento, os núcleos da capital e do interior se empenharam em alinhar as estratégias de educação, seja a educação pelo corpo, como cuidados com a higiene, a inserção da Educação Física nas grades curriculares ou na promoção dos festivais esportivos e de lazer. Em 3 de julho de 1936 ocorre na capital comemorações em recordação a 1923, onde saem as ruas milicianas do sigma, com a presença de escolas e corporações, nas praças, ruas e colégios. O dia fica marcado pela demonstração de ordem dos integralistas da capital e do seu trabalho de para a formação dos centros físicos. A Figura 5, publicada pelo jornal **A Offensiva** elucida este elemento:

---

imigração sob a base da superioridade; esterilização dos anormais e criminosos (SCHWARCZ, 1996; MACIEL, 1999).

**Figura 5 — Integralistas da 1ª e 2ª Escola Esportiva em forma, Salvador -BA (A Offensiva, jun. 1936).**



Nesse sentido, como mais um elemento para a uma melhor gerencia das questões relativas à educação do corpo é anunciado em 28 de julho de 1936 a criação do Núcleo de Educação Física Universitária, ao qual seria responsável por proporcionar “uma capacidade de ação para ordem e disciplina”. Na nota é expressado que esperava-se construir uma Academia esportiva para abrigar “cerca de 400 estudantes em forma, alinhados em seus uniformes ginásticos” (O Imparcial, 28 de jul. 1936).

O integralismo em seu processo de inserção e formação ideológica no estado da Bahia também destinou esforços a inserir todo militante integralista, a presença da mulher no movimento, por meio da ala feminina integralista, ao qual inseriu a educação e a educação física, ginastica nos programas são exemplos. Através do Departamento Provincial Feminino, identificou-se não somente o caráter assistencialista — O departamento feminino foi atuante nas fortes chuvas que afetaram a cidades no ano de 1935 (*O Imparcial*, 7 de mai. 1935, p.18), mas, sobretudo por meio da inserção da Educação Física em seus quadros.

Em nota publicada no mês de outubro, intitulada “Educação Física das Mulheres”, discute o que a Educação Física poderia realizar em benefício da mulher integralista:

### A Educação Física das Mulheres

O que a gynastica pode realizar, em benefício da beleza feminina

(...) A educação física deve desenvolver na mulher um sistema muscular fino, mas forte e elástico, evitando as acumulações adiposas que debilitam os tecidos (...) deve procurar o equilíbrio orgânico e funcional. Com o exercício physico moderado, as fuçções femininas melhoram consideravelmente: desaparecem os estados congestativos do organismo; atenuam-se as dores menstruaes e diminuem os estados de intoxicação e oscilações nervosas.

A gynastica para as mulheres deve ser suave, moderada e graduada, por natureza dos seus sistemas cardíaco e respiratório não lhes permite suportar um exercício intenso (...). (O Imparcial, 11 de out. 1936).

Aqui a análise, pelas próprias limitações do trabalho não se aprofundam nas questões relativas à gênero, contudo, cabem elencar de que maneira se dava o emprego da Educação Física e da ginastica para a ala feminina integralista. Questões de seu tempo, a observar-se nos discursos e suas limitações, bem como, em qual contexto a Educação Física deveria ser aplicada. Um dos contextos refere-se particularmente a ideia de realçar a feminilidade e a beleza feminina. Para o integralismo, “a mulher bela” deveria ser “O equilíbrio perfeito entre as funções espirituais e corporais”. Na nota ressalta-se que “as poucas mulheres que praticam exercícios físicos perdem sua feminilidade”, na análise do Movimento isso era devido ao emprego dos protocolos mais pesados ao “rythmo da educação physica do sexo masculino”, mais adiante questiona-se “Mas como conseguir tudo isso?”. De acordo com os protocolos, a Educação física atuaria “Mediante uma gynastica inteligente e logica, que realize a coordenação muscular e nervosa, por meio de exercícios simetricos do corpo e correção de atitudes defeituosas”.

Para o Movimento imperava o caráter de diferenciação entre os gêneros, onde para a ala feminina as secretarias e Enciclopédia do Integralismo (1958) teciam algumas determinações, todas elas baseadas nos cuidados do corpo com enfoque para gestação e cuidado do lar. Assim, a prática da Educação Física para a mulher ficava restrita ao viés do belo ou da saúde. Maria Rosa Cavalari (1999) e Simões (2012) discorrem acerca deste papel secundário deixado a mulher a cargo das atividades ditas “da natureza feminina”, as quais limitavam-se as práticas que não atrapalhassem sua função procriadora. Desse modo, a mulher deveria estar preparada fisicamente para gerar e intelectual e moralmente preparada para transmitir aos seus filhos a

doutrina do Sigma. Para esse fim, poderia e deveria participar dos cursos oferecidos pelo movimento. No mais, cabia a ela participar da campanha de arregimentação de novos adeptos e das atividades de ação social, promovendo bazares, campanhas de natal, de alimento, participando dos serviços nos lactários, nas enfermarias e nas escolas integralistas.

Nesse interim, se faz necessário pontuar as escolas integralistas e sua inserção em solo baiano. Do mesmo modo, localizar como se deu esse processo de abertura de instituições, os números e os procedimentos educativos aplicados afim de controle e doutrinação do militante. Cabe lembrar que o processo de vigilância e fechamento de núcleos integralistas tem seu ápice no segundo semestre de 1936. Com o crescimento exponencial da AIB no interior do estado, medidas são tomadas pelo governo estadual na pessoa de Juracy Magalhães. A vigilância policial, o fechamento de núcleos integralistas e núcleos escolares, assim como, a proibição da utilização de camisas verdes e insígnias do partido foram algumas das medidas encontradas pelo governo estadual para conter os sigmas e sua política de nociva e ultranacionalista, seja na capital ou no interior.

Nesse sentido, como já demonstrado, tinha papel central a educação para o movimento e isto expresso desde o manifesto de outubro, por meio da **Enciclopédia do Integralismo IX** demonstrada não somente por meio da publicação de livros doutrinários, mas sobretudo pela massificação de tais ideais. Através dos jornais e revistas publicadas entre os anos de 1932 e 1937 e, também em produções posteriores fica a evidente preocupação dos seus ideólogos sobre o campo da educação. Como remontado, o pensamento do sigma quer nos aspectos gerais do problema, ou em seus fundamentos filosóficos a sua objetivação técnica poderia resumir-se apenas em uma orientação de tal pensamento que seria “O da educação integral para o homem integral (CAVALARI, 1999, p.12).

Assim sendo, as escolas integralistas tinham a função não somente de fornecer o aporte estudantil de matérias básicas, ou o processo de alfabetização, mas sobretudo, tinham a intenção de cumprir a formação ideológica, promover o patriotismo “e engrandecimento da Nação por meio do desenvolvimento do exército verde”. Pretensiosamente, as políticas de Plínio Salgado com os seus mais variados mecanismos de controle tentavam se inserir nas realidades de cada estado, adaptando-se sem perder o seu foco, e administrando consciências sobre qual seria o seu plano mor.

No que se refere a realidade do nordeste, mais especificamente no interior do estado da Bahia, como observado anteriormente, os núcleos integralistas conseguiram promover-se e espalhar-se até os recônditos mais distantes do interior baiano por meio das bandeiras, com o auxílio dos jornais e com grande ardor de seus agentes. Consequentemente, levou a grande

promoção de núcleos escolares e a inserção dos seus militantes auxiliando e inserindo a população local nessas escolas. Algumas cidades do interior tiveram êxito em inserir a educação integralista e acabaram por se tornarem exemplos para a alta cúpula do Movimento, como é o caso do município de Jequié.

Não obstante, foi representativa em número de núcleos escolares, em especial pela inserção de grande número de crianças e adolescentes em processo de alfabetização, assim como sua inserção até os distritos locais. Cabe salientar, no que se refere a estrutura dessas escolas, assim como identificado igualmente por Cavalari (1999) que estes espaços eram em sua maior parte lugares improvisados e, muitas das vezes cedidos por integralistas em prol da causa do sigma.

A partir do final de 1935 e início de 1936, as ações de fechamento dos núcleos são noticiadas com muita indignação nos veículos impressa, demonstrando a insatisfação de parte dos líderes e militantes integralistas. Observou-se no caso da Bahia que as reclamações mais revoltosas, se baseavam em dois pontos, sendo o primeiro, por meio de um discurso de comoção usando artifícios como, a “manutenção da educação para os mais necessitados”. E o segundo, por meio alegação de atitudes de violência policial. O jornal **O Imparcial** elenca a notícia de fechamento dos núcleos escolares de Santa Inês, Jequiriçá e Jequié:

**Figura 6 — Cerca de 100 estudantes em forma frente ao Núcleo Escolar Integralista, Santa Inês -BA (O Imparcial, 27 Dez, 1935, p.1).**



No que se refere ao primeiro ponto levantado acima, de acordo com a nota, dez escolas foram fechadas no interior da Bahia ao final de 1935, sendo, mais de oito escolas integralistas fechadas somente em Jequié, uma em Jequiçá e outra em Santa Inês, contabilizando “cerca de 500 crianças privadas de frequentá-las”. Nesse sentido, constatou-se mais um elemento que perpassa quase toda a narrativa Integralista ao veicular notas jornalísticas, sendo o caráter de exagero ou supervalorização dos feitos ou danos sofridos. Esse elemento era utilizado exaustivamente pelo movimento afim de gerar propaganda e comoção. Corroborando, Cavalari (1999, p.86) elucida ao relacionar os discursos de Plínio Salgado, um desses exemplos, é onde ele diz estimar que somente no ano de 1933 estariam fechados cerca de um milhão de integralistas, espalhados pelos mais de 3.000 Núcleos, onde chegavam boletins semanais e quinzenais com números semelhantes.

Já no que compete ao segundo ponto, este gerava uma celeuma, os integralistas povoavam os jornais com os relatos de violência e força policial. Um exemplo disso é um telegrama remetido ao chefe integralista da Bahia, bem como à Chefia Nacional. O vereador integralista de Poções, Juvenal de Oliveira relata ao jornal as virulências da polícia contra os integralistas da cidade. De acordo com o então vereador, após recrudescerem as perseguições, estas “com espancamentos e prisões de integralistas indefesos” os integralistas locais foram obrigados a realizarem “a assinatura de declarações publicas de desistência da inscrição no glorioso Movimento do Sigma. O chefe encontra-se ausente e ameaçado de prisão”. A nota fora

veiculada ao jornal do Rio de Janeiro, o *A Offensiva*, principal porta voz integralista (*A Offensiva*, 29 de setembro de 1936, ed. 00297, p.1).

Outras notas foram encontradas evidenciando os dois discursos, a comoção, ou a supervalorização: “O Interior Baiano Sob Terror” (*O Imparcial*, 18 de fev. 1936, p.3); “Aviso da Proibição de Jornais da AIB” (*O Imparcial*, 21 de fev. 1936, p.1); “A Violência da Polícia em Poções” (*O Imparcial*, 24 de mar. 1936); “Vereador Integralista em Maragogipe impedido de ir a sessão da câmara” (*O Imparcial*, 9 de jun. 1936, p.3); Tucano, Mil inscritos nas fileiras (*O Imparcial*, 29 de ago. 1936). No município de Rio Novo fora proibido qualquer tipo de insígnia integralista, e assim os integralistas iam por meio do jornal pedir a reabertura dos Núcleos de reunião e escolares.

Para haver a expansão da ideologia integralista e o pleno desenvolvimento das atividades educacionais, seus núcleos precisariam estar funcionando e seguindo as determinações da chefia nacional, visto que o Movimento primariamente se considerava um “movimento de caráter educacional” e transformador da realidade nacional por meio da sua “Revolução Cultural”. Para este fim, o núcleo escolar que mais se aproximou dos moldes normativos de educação no período foi a “Escola Caetano Spinelli” da cidade de Jequié que contava com cerca de **220 alunos** matriculados em sua rede, segundo informação do correio oficial da AIB, o jornal *A Offensiva* (30, de ago. 1936). Os outros distritos que compunham a rede de núcleos escolares de Jequié eram: a Escola do distrito de Rio Branco com **28 alunos**; Jitaúna (hoje cidade, à época distrito de Jequié) com uma escola com **29 alunos**; Itaibó, um núcleo escolar com **19 alunos**; Aiquara (distrito à época) duas escolas com **58 alunos**; Itagi (distrito à época) escola com **65 alunos**. Tais números para a diretoria do AIB nacional eram digno de louvor e demonstravam a força que o integralismo havia alcançado no interior baiano. Abaixo, foto da “Escola Caetano Spinelli”, considerado um dos núcleos escolares mais organizados do interior do estado:



Figura 7 — Núcleo Escolar "Caetano Spinelli", em Jequié – BA (A Offensiva, 30 de ago. 1936).



No ano de 1936, um dos núcleos escolares de Jequié contou com o professor Mário Padre, este, professor e militante integralista da cidade de Conquista ao qual atuou por um curto período no núcleo escolar de Jitaúna. O professor havia se recusado a deixar o município, visto que sua remoção fora motivada por sua forte campanha integralista na cidade de Conquista (O Combate, 11 ago. 1936). Como pontado por Cabral & Magalhães (2009) o professor Mário Padre era grande crítico dos métodos tradicionais de ensino e assumindo posição modernista expressou a grande importância na modificação pedagógica do país, onde enaltece os novos métodos de ensino, seja pela tendência da Escola Nova (introduzindo aspectos da psicologia, sociologia e antropologia) ou pelo ensino integralista ao qual identificava tal renovação. Em seus artigos publicados no jornal **O Combate**, cita autores escolanovistas como: Froebel, Montessori, Pestalozzi, Fernando Azevedo, Lourenço Filho, Aníbal Bruno e Anísio Teixeira, enxergando que as possibilidades de renovação da escola nova e que esta seja pela “preocupação com materiais didáticos modernos, e a estrutura escolar”, tinha para este integralista um dos pontos fundamentais que era a escola primária, para ele a “base de todo progresso”. (O Combate, 11 de ago. 1935).

Em decorrência da posição geográfica e condições de comunicação especiais de comunicação com diversos municípios a cidade de Jequié ficou sendo a sede da 6ª Região

Provincial, com a jurisdição sobre os seguintes municípios: Rio Novo (Ipiaú), Boa Nova, Poções, Conquista (atual Vit. da Conquista), Itambé, Encruzilhada, Jaguaquara, Itaquara e Maracás. Ainda que não tivesse sido nomeado o Governador Regional, a escolha da cidade para o cargo foi pautada também pela representação política conquistada no município:

“A Ação Integralista Brasileira conta, nesta cidade, com dois representantes na câmara Municipal, dos quais foram eleitos pelas eleições realizadas em 12 do corrente. São os seguintes vereadores: Domingos Rodrigues Graça e Jasson Valverde de Magalhães; para suplente Vital Pereira de Olinda; 2º suplente, Homero Ribeiro. Inicialmente, são estas as informações que podemos fornecer a realização do grande jornal de nosso país e porta-voz da grande Revolução Cultural e extensão geográfica do mundo. Com os meus sinceros protestos de estima e respeito. Pelo Bem do Brasil, Anauê! — José Moreira Alves, Secretário Interino da S.M.O.P. (A Offensiva, 30 de agos. 1936, ed. 00272, p.13).

Esses núcleos escolares destinavam-se as pessoas de classes mais baixas e atuavam no processo de alfabetização, e conseqüentemente desenvolviam no processo de formação a formação ideológica. Como aponta Rosa Maria Cavalari (1999, p.73) era por meio desse processo que os integralistas “Pretendiam educar, gratuitamente, operários, integralistas ou não, esquecidos por essa gente burguesa e os filhos de operários oprimidos pela burguesia reacionária, que não permitem que os pobres estudem.”. Assim, o Monitor Integralista, na edição de 07 de maio de 1937, informava a existência de “3.000 escolas de alfabetização e ensino profissionalizante” em funcionamento em núcleos provinciais, número exagerado ou não, tais escolas estavam espalhadas, nos municípios e distritais em todo o país, mostrando esse ser esse um ponto fundamental da estratégia de expansão do movimento. Em relação à Bahia, elencou-se na **Tabela 1** acerca da inserção de alguns núcleos escolares tomando como referências as menções realizadas em jornais, livros e trabalhos:

**Tabela 1: Escolas Integralistas Baianas citadas por Costa (1981), Cavalari (1999) e Ferreira (2009, p. 96-97) e periódicos analisados.**

Escolas	Cidades
Escola do Núcleo de São Felipe	São Felipe
Escola do Núcleo de Rio Novo	Rio Novo (Ipiaú)

Escola do Núcleo de Jequié	Jequié
Escola do Núcleo de Rio Branco	Jequié
Escola do Núcleo de Itabuna	Itabuna
Escola “Caetano Spinelli”	Salvador
Escola Dan Nunes Maia	Núcleo Distrital de Pontal (Ilhéus)
Escola Integralista Gustavo Barroso	Ilhéus
Escola Edgar Silva	Núcleo Distrital de São Bento (Salvador)
Escola São Bento	Núcleo Distrital da Penha (Salvador)
Escola do Núcleo de Jequiriçá	Jequiriçá
Escola do Núcleo de Conquista	Conquista (Vitória da Conquista)
Escola do Núcleo de Barra do Rocha	Barra do Rocha (Distrito de Rio Novo)
Escola do Núcleo de Tucano	Tucano
Escola do Núcleo de Feira de Sant’Ana	Feira de Santana
Escola do Núcleo de Santa Ignez	Santa Inês
Escola de Alfabetização Alberto Moura	Alagoinhas
Escola do Núcleo de Poções	Poções
Escola “Caetano Spinelli”	Stº Antonio de Jesus
Escola do Núcleo de Maragogipe	Maragogipe

Estas escolas por vezes improvisadas, sendo em espaços cedidos por integralistas, ou em suas próprias sedes, e como apontado por Cavalari (1999) as vezes resumia-se a uma sala, contudo eram encaradas como algo de grande louvor para os integralistas. A perspectiva de ensino enxergada pelos integralistas passava inicialmente pelo fornecimento da alfabetização, destinada aos mais pobres, integralistas, operários, filhos de integralistas ou não. Como foi possível localizar, apesar do Movimento pregar que suas ações de obra cultural eram “sem cor política”, após o processo de alfabetização, os alunos com a leitura e a escrita estavam prontos para serem inseridos na doutrina integralista, como aponta Cavalari(1999) e demonstrado através do jornal **A Ofensiva** que “Em lugar das crianças frequentarem escolas ateias, sem técnica profissional e com moldes comunistas, onde Deus se oculta aos pequeninos, agora procuram o ensino gratuito da escola integralista” (A Ofensiva, 11 de set. 1936, p.9). Tal pensamento estava presente em toda rede integralista, no interior, o numero de escolas era um exemplo de obediência ao movimento.

Certa feita, os processos educacionais na cidade de Jequié eram bem vistos pela Chefia Nacional tendo relevância em seus jornais oficiais, a exemplo do **A Ofensiva**, vias da inserção de vários núcleos escolares. Em consonância, as milicias Integralistas de Jequié estiveram inseridas nesse processo de formação e arregimentação em prol da educação integralista e se empenhavam em manter uma participação efetiva nos processos de mudança nacional indo até os recônditos mais distantes afim de levar a palavra do Sigma.

Quando o fim de agosto e início de setembro, as diligências para fechamento dos núcleos integralistas se iniciam. Em 4 de setembro de 1936, o jornal **O Imparcial** noticia a invasão policial a Sede Provincial Integralista, ao qual aprende fichário, material de propaganda, e derruba a fachada. Nos Núcleos distritais ações semelhantes acontecem. As prisões dos integralistas foram feitas na madrugada, através da ordem do governador do Estado que instalou inquérito afim de apurar conjecturado plano dos Integralistas. O Plano recebeu a alcunha de “Intentona verde” e tinha como fim derrubar o governador. Da ação foram presos vinte e dois integralistas que foram levados ao Tribunal de Segurança Nacional no Rio de Janeiro para serem julgados.

Em Maragogipe, a repressão policial chegou a provocar a morte um integralista num tiroteio, o sr. Fernando Andrade, que mais tarde ficaria conhecido como um dos mártires da causa integralista (*O Imparcial*, 5 de set. 1936). No mesmo mês o jornal **O Imparcial**, que não vinha sendo imparcial, lança nota onde nega ser órgão oficial do integralismo e que o acolhimento ao integralismo se deu porque “julgamos ser esse um movimento fracamente nacionalista, puramente brasileiro desenvolvido(...)”. No interior, em Jequiiricá, Francisco Vila Sobrinho recebeu três tiros (*O Imparcial*, 19 de set. 1936). Em 4 de novembro a polícia encontra “arquivos comunistas” no Posto Indígena, contendo panfletos, livros sobre a Rússia, boletins, entre outros documentos. A informação parecia falsa, por conta da comunidade onde foram encontrados, contudo Lins (2007) aponta como verdadeira. Apesar dos núcleos Integralistas estarem com as atividades suspensas, o jornal **O Imparcial** ainda veicula a propaganda do creme dental “Sigma”, bem como artigos de Plínio Salgado (*O Imparcial*, 08 de nov. 1936; 11 de nov. 1936).

Após o Golpe do Estado Novo, vários integralistas assumem o poder nas cidades. No que se refere as cidades de Ilhéus e Itabuna, estas sofreram intervenção depois da chegada do Tenente Coronel Augusto Maynard quando munido de tropas armadas fechou a saída das cidades. Por estarem alinhados as convicções políticas do governador Juracy Magalhães, os prefeitos de Ilhéus e Itabuna foram depostos. Como efeito, Raimundo do Amaral Pacheco assumiu em Ilhéus e José Nunes de Aquino assumiu em Itabuna, ambos integralistas. O Tenente Arsênio Alves de Souza assumiu como Delegado Regional, na mesma data, lembrando que ele havia sido preso por envolvimento na “Intentona Verde”, e ao assumir declara “combate ao comunismo e manutenção da ordem e a posse dos novos prefeitos e autoridades” (LINS, 2007).

Segundo Lins (2007) nas comemorações do dia da Bandeira, a Ação Integralista Brasileira realizara passeata, contando com os camisas verdes locais e dos distritos adjacentes. Na ocasião, houve desfile cívico com a participação dos colégios locais, do batalhão do Tiro de

Guerra. Entretanto, com o decreto de 02 de dezembro de 1937 Getúlio Vargas dissolve as instancias contrarias, ficando assim proscritos todos os partidos políticos, e sendo considerado crime o uso de uniformes, insígnias e bandeiras partidárias. Identificou-se após esse período que todas redes de ensino integralistas foram fechadas no interior, não encontrando mais referencias ao ensino integralista nas cidades analisadas. Contudo, seus remanescentes ainda permaneceram, alguns resistiram até o surgimento do PRP, no entanto, a força e a influência da militância não eram mais as mesmas.

## 5 CONCLUSÃO

O presente estudo nos permitiu adentrar a seara do Integralismo na Bahia, explorando diferentes aspectos dessa ideologia que ganhou visibilidade e espaço no cenário político do estado da década de 1930. Foi possível examinarmos como esse movimento político se enraizou na capital baiana, encontrando abrigo no meio universitário e gerando repercussão jornalística. O envolvimento das instituições acadêmicas e a cobertura midiática revelaram a penetração do Integralismo na sociedade baiana com aderência da classe média, e com alguma instrução. Explorando o campo da memória, ao analisar documentos, jornais e revistas integralistas com base nos pressupostos teóricos, nos possibilitou uma compreensão mais profunda das interações e intenções por trás dessas matérias, que através de sua ideal de renovação repercutia nos mais jovens ativando a sede política seu desejo de transformação da realidade nacional tudo isso envolto no espectro de ideologização. Tais elementos promoveram um certo impacto e atuaram na construção da memória histórica do Movimento.

A ideologia Integralista se espraia para o interior do estado e adquire os mais diferentes matizes, sendo muito aceita em cidades, distritos, ou não aderindo à malha local. Nas cidades em que o processo de inserção para o Movimento é satisfatório constrói-se uma legião de militantes disciplinados. Isso, devotado aos processos educacionais e disciplinadores da ideologia. As querelas locais e o trabalho realizado pelos núcleos escolares e de formação, causam também uma movimentação na política do interior. Seja pela novidade, ou pela alta promessa empregada nos discursos de “Plano de Salvação da Nação”. Ao se inserirem nas cidades de Ilhéus e Itabuna contam com os embates acirrados dos “verdes” e “vermelhos”, tornando o ambiente das cidades irrequieto, e como pôde ser observado, com elementos ímpares a realidade do sul do estado baiano. Ao investigar o princípio da formação política da cidade de Jequié, identificou-se o papel desenvolvido pelas colônias estrangeiras na economia e política local. Em especial a presença italiana, ao qual foi possível localizar, ainda que mimeticamente, serviu como um vetor de aproximação com a ideologia integralista. Resulta este demonstrado seja pela eleição de vereadores ou pelo número expressivo de núcleos escolares.

A política local, com o coronelismo, o mandonismo influenciou nas dinâmicas políticas da cidade de Conquista, bem como o papel dos periódicos locais, a saber, **O Combate**, **Avante** e **A Luta**, ganham destaque na formação da opinião política. Os “Camisas Verdes”, aproximam-se dos círculos políticos com ênfase aos processos educacionais e ganham apoio de figuras proeminentes, estes, tornam-se admiradores, militantes, e outros mais tarde, após

conseguirem enxergar a verdade por trás do discurso integralista o combatem. Ainda assim, restaram aqueles que não cansaram e expressaram apoio a esta corrente até o fim de suas vidas.

Ao discutir as implicações da ideologia integralista para a educação e sua promoção do discurso de "homem integral" e "sociedade integral", uma pequena parcela aceita tais elementos, todavia, contestou-se tal projeto como é caso observado por meio dos jornais das cidades analisadas. Entendendo a variedade cultural brasileira, e que tal elemento é parte do povo brasileiro, um projeto uniformizador não haveria possibilidade de funcionar por um longo período. A presença do Mestre Bimba mostrou-se como elemento surpresa abrindo margem para investigações futuras a respeito de sua real intencionalidade ao participar de tais eventos, por hora é possível inferir que sua inserção tenha se dado meramente como ferramenta de promoção para capoeira regional, todavia, compreende-se que esta ação o faz ciente dos encargos. Apesar do uso de todas as possibilidades de inserção de sua ideologia, seja manifestada por meio da educação, incluindo a Educação Física, ginástica e lazer/recreação por meio discursos de transformação presentes nos manuais e livros integralistas, o tempo se mostrou como o principal revelador das intencionalidades da ideologia.

A força da militância e dos processos de mobilização ideológica causaram danos a realidade local, ora pacífica. Passeatas, ataques a bomba, violência em praça pública, enfrentamento à polícia e aos poderes constitutivos e, conseqüentemente, mortes. Todos esses eventos noticiados através dos periódicos. O jornal, fonte cara a essa pesquisa atua nos processos inscrição dos vestígios, ora do presente, com um grande desejo de futuro. No contexto específico que estamos examinando, os jornais desempenham um papel crucial no jogo da memória coletiva, onde o esquecimento e o silêncio são fundamentais para criar narrativas que se encaixem na história, mas não necessariamente na memória. Os personagens, atuantes no processo de construção das narrativas podem não ser como eram. Assim, desvendar e/ou analisar são ferramentas indispensáveis para a compreensão das memórias, coletivas e individuais. Mais que necessário, é entender os riscos do não conhecimento ou do esquecimento de tal passado. Não atoa há pouco, tais ideias reapareceram, não com o mesmo empenho ideológico, mas, ainda assim deixando sequelas e utilizando aquele discutido trinômio: "Deus, Pátria e Família".

Destarte, este estudo oferece uma breve compreensão do Integralismo na Bahia, destacando sua influência em diferentes regiões do estado, sua relação com a política local, a mídia e a educação. A análise da memória e das produções acadêmicas contribui para uma visão mais completa desse movimento político, suas motivações e sua marca, ainda que não vista na

história da Bahia. As discussões não se enceram neste estudo, havendo questões que carecem de análise mais acurada necessitando de estudos posteriores.



## REFERÊNCIAS

ABREU, Frederico José de. **Bimba é bamba**: a capoeira no ringue. Salvador: Instituto Jair Moura, 1999.

ALMEIDA, Judson Pereira. **A Rádio Bahiana de Jequié Memória dos 50 anos da ZYH 472**. Orientador: José Carlos Silveira Duarte. 2011. 101 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo) – Universidade Estadual do Sudoeste, Vitória da Conquista, 2011.

ALVES NETA, Amélia Saback. **Os verdes às portas do sertão**: doutrina e ação política dos integralistas na Bahia (1932-1945). Orientador: Paulo Santos Silva. 2012. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2012.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A Itália no Nordeste**. Torino: Fondazione Giovanni Agnelli; Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 1992.

ARAÚJO MEDEIROS, Ruy Hermann de. Política, família e educação em Vitória da Conquista na primeira metade do século XX. **Revista HISTEDBR**, [S. l.], v. 9, n. 36, p. 115-123, 2009.

ARAÚJO NETO, Álvaro Souza de. **Os Camisas-Verdes Na Região Cacaueira**: Atuação Integralista No Sul Da Bahia (1934 – 1938). Orientador: Paulo Santos Silva. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em História Regional e Local), Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2016.

AZEVEDO, Thales Olympio Góes de. **Italianos na Bahia e outros temas**. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia; Secretaria de Cultura, 1989.

BAHIA. **Anuário estatístico da Bahia**. Anno de 1935. Salvador: Directoria do Serviço de Estatística do Estado, 1936. Disponível em: <https://archive.org/details/anuario1935ba/page/n3/mode/2up?view=theater>. Acesso em: 1 abr. de 2023.

BATISTA, Alexandre Blank. **“Mentores da nacionalidade”**: a apropriação das obras de Euclides da Cunha, Alberto Torres e Farias Brito por Plínio Salgado. Orientadora: Carla Simone Rodeghero. 2006. 171 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERTONHA, Joao Fabio. A máquina simbólica do Integralismo: Propaganda e controle político no Brasil dos anos 30. **História e Perspectivas**, [S. l.], n. 7, p. 87-110, 1992.

BERTONHA, João Fábio. Plínio Salgado (1895-1975). Fascismo e autoritarismo no Brasil do Século XX. **Coimbra**: Universidade de Coimbra; Coimbra University, 2020.

CABRAL, Maria Cristina Nunes; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. O ideal Modernizador da Educação em Vitória da Conquista-Ba entre as décadas de 1930 a 1950. *In*: SEMINÁRIO

NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS “HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL”, 8. 2009. **Anais** [...] Campinas/SP: HISTEDBR, 2009.

CAMPOS, Helio José Bastos Carneiro de. **Capoeira Regional: a escola de mestre Bimba**. 2006.

CAMPOS, Helio. **Capoeira regional: a escola de Mestre Bimba**. EdUFBA, 2009.

CALDEIRA, João Ricardo de Castro. **Integralismo e política regional: a ação integralista no Maranhão (1933-1937)**. São Paulo: Annablume, 1999.

CALIL, Gilberto Grassi. **O integralismo no pós-guerra: a formação do PRP, 1945-1950**. Porto Alegre: EdPUCRS, 2001.

CAMPOS, Maria José. **Versões modernistas da democracia racial em movimento: estudo sobre as trajetórias e as obras de Menotti Del Picchia e Cassiano Ricardo até 1945**. Orientadora: Lilia Katri Moritz Schwarcz. 2007. 371 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. Nem Rothschild Nem Trotsky. O pensamento anti-semita de Gustavo Barroso. **Revista de História**, [S. l.], n. 129-131, p. 279-281, 1994.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a república**. São Paulo: Brasiliense, p. 1924-1931, 1989.

CARVALHO, Maria Marta Chagas de. **Modelos pedagógicos, práticas culturais e forma escolar: proposta de estudos sobre a história da escola primária no Brasil (1750-1940)**. In: CARVALHO, Maria Marta Chagas de. *A escola e a república e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

CARVALHO, Philippe Murillo Santana de. **Trabalhadores, associativismo e política no sul da Bahia (Ilhéus e Itabuna, 1918-1934)**. Orientador: Carlos Zacarias F. de Sena Júnior. 2015. 294 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

CAVALARI, Rosa Maria Feiteiro. Integralismo: ideologia e organização de um partido de massa no Brasil. **Educação: Teoria e Prática**, [S. l.], v. 7, n. 12/13, p. 62, 1999. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/107269>. Acesso em: 22 fev. 2023.

CHASIN, José. **O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo hiper-tardio**. São Paulo: EdCiências Humanas, 1978.

CHAUÍ, Marilena. **Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira. Ideologia e mobilização popular** In: CHAUÍ, Marilena; FRANCO, Maria Silvia Carvalho. *Ideologia e Mobilização Popular*. São Paulo: Paz e Terra/CEDEC, 1978. pp. 17-149.

COELHO, Lúcia Martha Coimbra da Costa. Educação Integral e Integralismo: Fontes impressas e história(s). **Acervo**, [S. l.], v. 18, n. 1-2, p. 83-94, 30 nov. 2011.

<https://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/186/186>. Acesso em: 10 mai. 2023.

DA CUNHA, Igor Márcio Corrêa Fernandes et al. **Capoeira: a memória social construída por meio do corpo**. Movimento, p. 735-755, 2014.

FARIA CRUZ, Heloisa de. **São Paulo em papel e tinta: periodismo e vida urbana, 1890-1915**. São Paulo: EDUC; FAPESB, 2000.

FERREIRA, Laís Mônica Reis. **Integralismo na Bahia: gênero, educação e assistência social em O Imparcial: 1933-1937**. Salvador: EDUFBA, 2009.

FONTES, José Raimundo. **A Bahia de todos os trabalhadores: Classe Operária, Sindicato e Política. (1930-1947)**. Orientador: Osvaldo Luís Angel Coggiola. 1997. 166 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

GARCEZ, Angelina Nobre Rolim; DE FREITAS, Antonio Fernando Guerreiro. **Bahia cacauera: um estudo de história recente**. Salvador: UFBA, 1979. (Estudos baianos; n. 11).

GERTZ, René. **Os Teuto-Brasileiros e o Integralismo no Rio Grande do Sul**. Contribuição para a interpretação de um fenômeno político controvertido. Porto Alegre: UFRGS, 1977.

GONÇALVES, Leandro Pereira *et al.* **Entre Brasil e Portugal: trajetória e pensamento de Plínio Salgado e a influência do conservadorismo português**. Orientadora: Maria Izilda Santos de Matos. 2012. 669 f. Tese (Doutorado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

GONÇALVES, Leandro Pereira; NETO, Odilon Caldeira. **O fascismo em camisas verdes: do integralismo ao neointegralismo**. Rio de Janeiro: EdFGV, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice, 1990.

HEINE, Maria Luiza. **IME: o sonho de Eusínio Lavigne 1939-1999: 60 anos de história**. Ilhéus: Editus, 2000.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão *et al.* Campinas: EdUNICAMP, 1990.

LENHARO, Alcir. **Sacralização da política**. Campinas: Papyrus, 1986.

LINS, Marcelo da Silva. **Os vermelhos nas terras do cacau: a presença comunista no sul da Bahia (1935-1936)**. Orientador: Muniz Gonçalves Ferreira. 2007. 255 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

MAGALHÃES, Juracy. **Minhas memórias provisórias**: depoimento prestado ao CPDOC. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. (Retratos do Brasil, v. 157).

MAIO, Marcos Chor; CYTRYNOWICZ, Roney. Ação Integralista Brasileira: um movimento fascista no Brasil (1932-1938). *In*: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Org.). **O Brasil republicano**: o tempo do nacional-estatismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp. 39-61.

MACIEL, Maria Eunice de Souza. A eugenia no Brasil. Anos 90: **revista do Programa de Pós-Graduação em História**. Porto Alegre. N. 11 (jul. 1999), p. 121-143, 1999.

MARCUSE, Herbert. La agresividad sociedade industrial avanzada, Madrid: Alianza Editorial, 1971.

[https://www.academia.edu/52733289/Marcuse\\_Herbert\\_1971\\_La\\_agresividad\\_en\\_la\\_sociedad\\_industrial\\_avanzada](https://www.academia.edu/52733289/Marcuse_Herbert_1971_La_agresividad_en_la_sociedad_industrial_avanzada). Acesso em 29 ago. 2023.

NETO, Odilon Caldeira. Neointegralismo e as direitas brasileiras: entre aproximações e distanciamentos. **Locus: Revista de História**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 147-165, 2012.

OLIVEIRA, Jeremias Macário de. **A imprensa e o coronelismo no sertão do sudoeste**. Vitória da Conquista: editado pelo autor, 2005.

OLIVEIRA, Lucas *et al.* Futebol sim, mas não só: a presença das lutas em periódicos da cidade de Salvador (1912–1935). **Cadernos de História**, v. 22, n. 37, p. 280-295, 2021.

OLIVEIRA, Rodrigo Santos de. **A evolução dos estudos sobre o integralismo**. Estudos Ibero-Americanos, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 118-138, 2010.

PADILHA, Leonardo Ayres. Origens do integralismo em debate: pensando a biografia de Plínio Salgado. 2007. p. 26-42. *In*: Giselda Brito Silva (Org.). **Estudos do Integralismo no Brasil**. Recife: EdUFRPE, 2007.

PARENTE, Josênio. **Os camisas verdes no poder**. Fortaleza: EdUFC, 1986.

PRIMO, Jacira Cristina Santos. **Nas Fileiras do Sigma**: os integralistas e a política brasileira na década de 30. Orientador: Antonio Luigi Negro. 2013. 195 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

SAMPAIO, Consuelo Novais. **O poder legislativo da Bahia**: Primeira República (1889-1930). Salvador: Gráfica da Assembléia Legislativa, 1992.

SENA JUNIOR, Carlos Zacarias Figueirôa de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas e os dilemas da União Nacional na revolução (im) possível-1936-1948. 2007.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. **Capítulos de história dos comunistas no Brasil**. EDUFBA, 2016.

SENA JÚNIOR, Carlos Zacarias de. **Os impasses da estratégia**: os comunistas, o antifacismo, e a revolução burguesa no Brasil: 1936-1948. Brasil, 2022.

SANTOS, Milton. Zona do cacau: introdução ao estudo geográfico. 1957.

SCHMIDT, Patrícia *et al.* **Plínio Salgado**: o discurso integralista, a revolução espiritual e a ressurreição da nação. Orientador: Artur Cesar Isaia. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SILVA CAMPOS, João da. **Crônica da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Brasília: Ministério de Educação e Cultura; Conselho Federal de Cultura, 1981.

SIMÕES, Renata Duarte; GOELLNER, Silvana Vilodre. **A educação do corpo para o “soldado integral”, “forte de físico, culto de cérebro e grande de alma”**. Motriz: Revista de Educação Física, [S. l.], v. 18, p. 327-337, 2012.

SKIDMORE, Thomas. **Brasil**: de Getulio a Castelo Branco (1930-1964). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SOUZA, Daniela Moura Rocha de; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. A megera está rondando... Camillo de Jesus Lima um professor intelectual em Vitória da Conquista-BA no primeiro governo de Vargas (1930-1945). **Revista HISTEDBR**, [S. l.], v. 15, n. 61, p. 306-321, 2015.

SOUZA, Daniela Moura Rocha de; MAGALHÃES, Livia Diana Rocha. Não fazem mal as musas aos... Alfaiates: um professor intelectual em Vitória da Conquista-Ba – o caso de Laudionor de Andrade Brasil. **Revista HISTEDBR**, [S. l.], v. 13, n. 51, p. 80-91, 2013.

SOUZA, Daniela Moura Rocha de; Magalhães, Livia Diana Rocha; Bittencourt Santos Casimiro, Ana Palmira. As Notícias sobre a educação em Vitória da Conquista-Ba: Entre Os Anos 1930 E 1945. **Colóquio Do Museu Pedagógico**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 53-59, 2014.

SODRÉ, Muniz. **Mestre Bimba: corpo de mandinga**. Rio de Janeiro: Manati, 2002

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista**: crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: PMVC; Brasil Artes, 1992.

TORRES, Tranquilino. **O município da Vitória. Série Memória Conquistense. Vol. 2**. Vitória da Conquista: Museu Regional de Vitória da Conquista; Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 1996.

TRINDADE, Héglio. **Integralismo**: o fascismo brasileiro na década de 30. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto Felisberto. **Ideologia curupira**: análise do discurso integralista. São Paulo: Brasiliense, 1979.

VIANA, Aníbal Lopes. **Revista Histórica de Conquista**. Vitória da Conquista: “O Jornal de Conquista”, 1982. (2 volumes).

VIANNA, Marly de Almeida G. **O PCB, a ANL e as insurreições de novembro de 1935**. O Brasil republicano, v. 2, p. 63-105, 2003.

VIEIRA, Luís Renato. **O jogo de capoeira**. Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

## OBRAS INTEGRALISTAS

BARROSO, Gustavo. **A palavra e o pensamento integralista**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1935.

BARROSO, Gustavo. **O que o integralista deve saber**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1935b.

CAMARA, Pe. Helder *et al.* **Enciclopédia do Integralismo IX — Estudos e depoimentos**. 1958.

PAUPÉRIO, A. Machado e MOREIRA, J. Rocha. **Introdução ao Integralismo**. Rio de Janeiro: Record, 1935.

REALE, Miguel *et al.* **Enciclopédia do Integralismo V — Estudos e depoimentos**, 1958.

SACERDOS. **O Homem Integral e o Estado Integral** (Introdução a filosofia política de Plínio Salgado). Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1957.

SALGADO, Plínio. **A quarta humanidade**. Rio de Janeiro: Schmidt 1934.

SALGADO, Plínio. **Despertemos a Nação!** Rio de Janeiro: José Olympio, 1935.

SALGADO, Plínio. **Enciclopédia do Integralismo IX — A Orgânica da Ação Integralista II**. 1959.

SALGADO, Plínio. **Manifesto de 7 Outubro de 1932**. Diretrizes Integralistas. Rio de Janeiro: Secretaria Nacional de Doutrina e estudos, 1932.

SALGADO, Plínio. **O que é Integralismo**. Rio de Janeiro: Schmidt 1933

SALGADO, Plínio. **A doutrina do sigma**. Rio de Janeiro: Schmidt, 1937.

SALGADO, Plínio. **Espírito da burguesia**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1951.

SALGADO, Plínio. **O integralismo na vida brasileira**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1959.

SALGADO, Plínio. **Primeiro, Cristo!** São Paulo: Voz do Oeste, 1979.

SALGADO, Plínio. **Psicologia da revolução**. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1953.

## **FONTES**

### **Arquivos Pesquisados**

- Arquivo Nacional (AN).
- Arquivo Municipal de Vitória da Conquista (AMVC).
- Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).
- Arquivo Público do Estado da Bahia (APEB) unidade da Fundação Pedro Calmon (FPC).
- Centro de Documentação e Memória da Universidade Estadual Paulista (CEDEM-UNESP).
- Centro de Documentação da Universidade Estadual de Santa Cruz (CEDOC-UESC).
- Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea da Fundação Getúlio Vargas (CPDOC-FGV).

### **Documentos consultados**

- Atas Municipais de Vitória da Conquista. 1927-1941.
- Almanak Laemmert: Administrativo, Mercantil e Industrial (RJ). 1891 a 1940
- Fundo Polícia Política do Estado da Bahia (AGCRJ). Adicionar à área de transferência. BR BAAPEB CEV-REC-017; Dossiê/Processo. 1935 a 1964

## JORNAIS CONSULTADOS

### *O Combate* — Vitória da Conquista

- Analisou-se os impressos dos anos de 1934-1944  
O material foi analisado por meio do Arquivo Público municipal e acervo pessoal do Prof. Ruy Medeiros

### *Avante* — Vitória da Conquista

- Analisou-se os impressos dos anos de 1931-1933  
O material foi analisado por meio do acervo pessoal do Prof. Ruy Medeiros

### *Correio de Ilhéus* — Ilhéus

- Analisou-se os impressos dos anos de 1931-1933  
O material foi analisado por meio CEDOC – UESC

### *Diário da Tarde* — Ilhéus

- Analisou-se os impressos dos anos de 1933-1937  
O material foi analisado por meio CEDOC – UESC

### *A ETC* — Salvador

- Analisou-se os impressos dos anos de 1929-1935  
O material foi analisado por meio da Hemeroteca Digital

### *O Imparcial* — Salvador

- Analisou-se os impressos digitalizados do ano 1935 por meio da Hemeroteca Digital e os anos de 1936-1937 via APEB — FPC

### *A Tribuna e Jornal Jequié* — Jequié

- Por não haver impressos que pudessem completar um ano editorial foram obtidas apenas algumas notas esparsas da década de 1930 até os anos de 1963 o material encontra-se disponível no Museu Histórico de Jequié — João Carlos Borges (MHJCB)

### *A Offensiva* — Rio de Janeiro

- Analisou-se os impressos digitalizados do ano 1935 por meio da Hemeroteca Digital e os anos de 1936 por meio da Hemeroteca Digital